
Reina Marisol Troca Pereira
Universidade da Beira Interior

ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ
(*Sobre Fenómenos Inacreditáveis*)

Paléfato. Heraclito. *Anonymus*

Portugal 2016

Parentibus meis optimis

ἄπανθ' ὁ μακρὸς κἀναρίθμητος χρόνος
φύει τ' ἄδηλα καὶ φανέντα κρύπτεται:
κούκ ἔστ' ἄελπτον οὐδέν

(S. Aj. 646-648)

"Tudo o longo e incomensurável tempo retira da
escuridão e esconde o que estava alumiado. Por
consequente, não há nada que não deva esperar-se."

ÍNDICE GERAL

NOTA DE AGRADECIMENTO

PROLEGÓMENOS

NOTA LIMINAR

INTRÓITO

Considerações sobre o mito no panorama helénico

PARADOXOGRAFIA

Apreciações Gerais

a. Paléfato

Dados Biográficos

A obra

Prefácio

Manuscritos e Edições

Tradução: Περὶ Ἀπίστων, *Sobre Contos Inacreditáveis*

b. Heraclito Paradoxógrafo

Dados Biográficos

A obra

Manuscritos e Edições

Tradução: Περὶ Ἀπίστων, *Sobre Contos Inacreditáveis*

c. *Excerpta Vaticana*

A obra

Manuscritos e Edições

Tradução: Περὶ Ἀπίστων, *Sobre Contos Inacreditáveis*

REFLEXÕES CONTRASTIVAS

Bibliografia

Índice Onomástico

Índice Temático

NOTA DE AGRADECIMENTO

Servem estas linhas para gravar o devido reconhecimento a todos quantos inspiraram e aconselharam o presente trabalho e estimulam outros mais.

Aos leitores, agradece-se a selecção da obra, desejando-se momentos de imaginação, esclarecimento e lazer.

Coimbra, 18 de Abril de 2015

NOTA LIMINAR

No presente trabalho, as abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina são as de Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press, e Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press.

As publicações periódicas são referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*.

As obras em consideração sob o título *Peri Apiston* são referidas, quando necessário, como *PA*, distinguindo-se com informação do autor em causa (A = *Anonymus*; H = Heraclito; P = Paléfato).

Os nomes próprios (antropónimos e topónimos) seguem, sempre que possível, Gonçalves, R. (1966), *Vocabulário da Língua Portuguesa*, 1-2, Coimbra, Coimbra Editora.

PROLEGÓMENOS

Disponibilizam-se, inicialmente, neste estudo, aspectos contextualizadores do âmbito do mito e da tradição mitológica, para, seguidamente, se apresentar, de forma sumária, a paradoxografia. Do rol de autores com obra ainda presente na actualidade, a atenção do presente trabalho recai sobre três paradoxógrafos, a saber, Paléfato, Heraclito e um autor anónimo tardio, catalogado como *Anonymus*. Visa-se, por conseguinte, tecer algumas considerações respeitantes ao título que une os três vultos citados distantes entre si no tempo, através de outras tantas obras - *Περὶ ἀπίστων*. Assim, Paléfato, actualmente, numa versão resumida de 52 histórias; Heraclito, com 39 capítulos; e o escritor anónimo tardio (Anónimo Vaticano), com 23 capítulos, mas apenas 14 de racionalização mitológica. O princípio constante nestas obras reúne-as sob uma mesma égide racionalizadora.

Dispostas informações sobre cada um dos autores do género paradoxográfico em apreço e efectuados os comentários sobre cada uma das obras, seguem-se as traduções das mesmas, com notas esclarecedoras.

Constam, por fim, uma listagem de bibliografia citada e alguns índices facilitadores.

Intróito

Considerações sobre o Mito no Panorama Helénico¹.

O conceito de ‘mito’ engloba tanto de esclarecedor como de enigmático² e apazível³.

Não raro, já na Antiguidade, o mito compunha um dos factores da dicotomia ‘mito / razão’. Com efeito, surgia na obra de diversos autores, mormente enquanto confabulação imaginária falsa (cf. ψευδής, ‘falso’) distinta da razão (λόγος⁴, no sentido

¹ Cf., para notas mais alargadas, o estudo *A Ditadura de Eros*, apresentado por R. Troca Pereira, no ano de 2013, a título de pós-Doutoramento, na Universidade de Coimbra.

² Cf. Plu. 8.8.3:

τούτους Ἑλλήνων ἐγὼ τοῖς λόγοις ἀρχόμενος μὲν τῆς συγγραφῆς εὐηθείας ἔνεμον πλέον, ἐς δὲ τὰ Ἀρκάδων προεληλυθὼς πρόνοιαν περὶ αὐτῶν τοιάνδε ἐλάμβανον: Ἑλλήνων τοὺς νομιζομένους σοφοὺς δι’ αἰνιγμάτων πάλαι καὶ οὐκ ἐκ τοῦ εὐθέως λέγειν τοὺς λόγους.

"Quando comecei a escrever a minha história, estava inclinado a considerar estas lendas como absurdas, mas, ao chegar à Arcádia, ganhei um maior apreço por elas, que é este: nos antigos tempos, os que eram considerados sábios entre os Gregos expunham os seus dizeres não de forma directa, mas por enigmas."

Do ponto de vista etimológico, o objecto de estudo da mitologia, o μῦθος, ‘mito’, relaciona-se com a raiz *mu-*, recorrente em línguas de várias culturas (e.g. hindu), nas quais denunciava sons animalescos ou inarticulados, onomatopoeicamente conservados, em termos como *mugire*, ‘mugir’. Em grego, contudo, denota um qualquer dito ou afirmação, adquirindo assim um cariz articulado, embora também manifeste o seu inverso, ou seja, a ausência de verbalização humana e um sentido místico, relacionado com a celebração de mistérios e rituais. Isso mesmo constata-se em formas, tais como μύω, ‘estar com os olhos ou a boca cerrados’; μύστης, ‘iniciado nos mistérios’; μυστήριον, ‘mistério religioso’. Vd. Lang 2007; Kahler 1946: 2; Samson 1989: 57-86; Douglas 1953.

³ Cf. o mito como o mais agradável método de expor um assunto, à semelhança do que expressa Platão (*Prt.*320c): δοκεῖ τοίνυν μοι, ἔφη, χαριέστερον εἶναι μῦθον ὑμῖν λέγειν, "Parece-me, disse ele, que a maneira mais agradável é eu contar-lhe uma fábula". Considere-se λόγος, enquanto discurso, surgindo epitetado com o adjectivo μαλακός, ‘agradável’ (cf. Parm. fr. 1.15Diels), e apenso à finalidade de πείθειν, ‘convencer’, ou até de ἀπατάειν, ‘enganar’ (cf. Thgn. 253-254: αὐτὰρ ἐγὼν ὀλίγησ παρὰ σεῦ οὐ τυγχάνω αἰδοῦς, | ἀλλ’ ὥσπερ μικρὸν παιδα λόγοις μ’ ἀπατᾶς, "Eu, todavia, encontro pouca reverência da tua parte, mas com palavras enganaste-me como se fosse uma pequena criança"). Neste sentido, *mythos* afasta-se de ‘história’ e de ‘realidade’, conforme denota Tucídides (1.22.4):

καὶ ἐς μὲν ἀκρόασιν ἴσως τὸ μὴ μυθῶδες αὐτῶν ἀτερπέστερον φανεῖται: ὅσοι δὲ βουλήσονται τῶν τε γενομένων τὸ σαφὲς σκοπεῖν καὶ τῶν μελλόντων ποτὲ αὐθις κατὰ τὸ ἀνθρώπινον τοιούτων καὶ παραπλησιῶν ἔσεσθαι, ὠφέλιμα κρίνειν αὐτὰ ἀρκούντως ἔξει. κτῆμά τε ἐς αἰεὶ μᾶλλον ἢ ἀγώνισμα ἐς τὸ παραχρήμα ἀκούειν ζύγκειται.

"Ouvir a história pesquisada, pois nela não serão inseridas fábulas, não será provavelmente agradável. Mas quanto àquele que desejar olhar para a verdade do passado e do que se espera que, em conformidade com a ordem das coisas humanas, venha a acontecer, ficarei satisfeito que reconheça o benefício do que aqui escrevi. E encontra-se compilada, mais para que seja um legado eterno, do que um prémio de composição que é ouvido e esquecido."

⁴ A propósito da divinização de Λόγος, vd. Techert 1927. Considere-se a evolução semântica deste último termo, ao longo dos séculos. Assim, desde a denotação dos actos de fala/narração, ao nexos de 'pensamento' (Heraclit. fr. 115 Diels: ψυχῆς ἔστι λόγος ἑαυτὸν αὐξῶν, "o pensamento é próprio da alma,

fixado sobretudo a partir do séc. V a.C. Cf. Pl. *Prt.* 320c. Vd. Arist. *Metaph.* 1009a6, relativamente ao *logos* de Protágoras - ὁ Πρωταγόρου λόγος⁵. Consequentemente, escritores como Xenófanes (B 11DK) e Platão (R.377e-383c)⁶ revelam a necessidade de distinguir entre a obra mitológica dos poetas e a verdadeira (cf. ἀλήθεια, ‘verdade’, embora não necessariamente real, ἔτυμος) ‘razão’⁷. Não obstante, Platão⁸, à semelhança

que se automultiplica") ou ‘conhecimento comum’ (ὁ κοινός), por oposição a ‘uma sabedoria própria’ (ἰδία φρόνησις. Cf. Heraclit. fr. 2 Diels) e à capacidade de expor argumentos de forma racional. Cf. a aceção latina de *ratio*.

⁵ Vd. Detienne 2007. Cf. Pl. *R.* 378e-379a, a propósito da demarcação das funções de poeta, associado ao mito; e de estadista, associado ao *logos*:

ὁ Ἀδεϊμαντε, οὐκ ἐσμὲν ποιηταὶ ἐγὼ τε καὶ σὺ ἐν τῷ παρόντι, ἀλλ’ οἰκισταὶ πόλεως: οἰκισταῖς δὲ τοὺς μὲν τύπους προσήκει εἰδέναι ἐν οἷς δεῖ μυθολογεῖν τοὺς ποιητάς, παρ’ οὓς ἐὰν ποιῶσιν οὐκ ἐπιτρεπτόν, οὐ μὴν αὐτοῖς γε ποιητέον μύθους.

"Ademante, nem eu, nem tu somos poetas, mas antes fundadores de um estado: e aos fundadores compete conhecer os padrões em que os poetas devem compor os seus mitos, não devendo desviar-se deles; mas aos fundadores do estado não cumpre compor fábulas [mitos]."

⁶ Cf., outrossim, Pl. *Phd.* 61b, a propósito da distinção entre ‘mito’ (μῦθος) e ‘discurso’ (λόγος), devendo a primeira categoria ser composta por poetas. Vide Platão (*Grg.* 523a): ἄκουε δὴ, φασί, μάλα καλοῦ λόγου, ὃν σὺ μὲν ἠγήσῃ μῦθον, ὡς ἐγὼ οἶμαι, ἐγὼ δὲ λόγον: ὡς ἀληθῆ γὰρ ὄντα σοὶ λέξω ἃ μέλλω λέγειν. "Escuta, como dizem, uma bela história, que perceberás como uma fábula, conforme presumo; mas já eu, como um relato factual, pois o que estou para dizer-te pretendo oferecer como verdade".

⁷ Cf. Crates integra o mito no âmbito do πλάσμα, afastando-o da história - ἱστορία (fr. 18 Mette: μῦθος δὲ πραγμάτων ἀγενήτων καὶ ψευδῶν ἔκθεσις, "o mito é uma representação do que não sucedeu e das coisas falsas"). Vd. Asmis 1992; Broggiato 2001. Observe-se Pl. *R.* 377d: Ἡσίοδος τε, εἶπον, καὶ Ὅμηρος ἡμῖν ἐλεγέτην καὶ οἱ ἄλλοι ποιηταί. οὗτοι γὰρ που μύθους τοῖς ἀνθρώποις ψευδεῖς συντιθέντες ἔλεγον τε καὶ λέγουσι. "Isso, disse, Hesíodo, Homero e outros poetas afins referiram. Estes, julgo, compuseram histórias falsas, que contavam e ainda contam aos Homens.". Cf., similarmente, D.Chr. 11.27: οὐτε οὖν τὰ περὶ τὴν ἄρπαγὴν τῆς Ἑλένης Ὅμηρος εἶρηκεν ἐκ τοῦ εὐθέος οὐδὲ παρρησίαν ἄγων ἐπ’ αὐτοῖς οὔτε τὰ περὶ τῆς ἀλώσεως τῆς πόλεως. καίτοι γὰρ, ὡς ἔφην, ἀνδριότατος ὢν ὑποκατεκλίνετο καὶ ἠττάτο, ὅτι ἦδει τὰναντία λέγων τοῖς οὔσι καὶ τὸ κεφάλαιον, "Ora, Homero não fora directo nem franco ao falar da abdução de Helena ou da queda de Tróia. É que, com toda a audácia que eu disse que ele tinha, ele, ainda assim, hesitou e enfraqueceu, pois sabia estar a contar o inverso da verdade e a falsificar a parte essencial da sua matéria." Cf. Hecat. fr. 1 *FGrHist*: τάδε γράφω ὡς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι: οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοὶ τε καὶ γελοῖοι, ὡς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν. "Escrevo o que considero ser a verdade, pois os Gregos têm muitas histórias que, na minha opinião, são absurdas". Considere-se, outrossim, Is. 11.38 (cf. 5.109):

ἀλλὰ γὰρ οὐδὲν σοὶ τῆς ἀληθείας ἐμέλησεν, ἀλλὰ ταῖς τῶν ποιητῶν βλασφημίαις ἐπηκολούθησας, οἷ δεινότερα μὲν πεποηκότας καὶ πεπονθότας ἀποφαίνουσι τοὺς ἐκ τῶν ἀθανάτων γεγονότας ἢ τοὺς ἐκ τῶν ἀνθρώπων τῶν ἀνοσιωτάτων, τοιούτους δὲ λόγους περὶ αὐτῶν τῶν θεῶν εἰρήκασιν, οἷους οὐδεὶς ἂν περὶ τῶν ἐχθρῶν εἰπεῖν τολμήσειεν,

"Mas, na realidade, não tiveste nenhum cuidado com a verdade; pelo contrário, seguiste as calúnias dos poetas, que afirmam que os descendentes dos imortais efectuaram e sofreram coisas mais atroz do que quaisquer outras executadas ou sofridas pela descendência dos mais ímpios mortais; poetas esses que relataram, a propósito dos próprios deuses, histórias mais escandalosas do que alguém ousaria contar acerca dos seus inimigos".

Ainda no mesmo sentido, contrastando ‘mito’, enquanto ficcionalidade, com a factualidade, Plu. *De gloria Atheniensium* 348a-b:

ἀλλ’ ὅτι μὲν ἡ ποιητικὴ περὶ μυθοποιίαν ἐστὶ καὶ Πλάτων εἶρηκεν. ὁ δὲ μῦθος εἶναι βούλεται λόγος ψευδῆς ἐοικώς ἀληθινῷ· διὸ καὶ πολὺ τῶν ἔργων ἀφέστηκεν, εἰ λόγος μὲν ἔργου, καὶ λόγου δὲ μῦθος εἰκὼν καὶ εἰδωλόν ἐστι.

"Que a poesia tem a ver com a composição de assuntos mitológicos, também Platão já tinha afirmado. Ora, um mito pretende ser uma história falsa, parecendo ser verdadeira. Assim, encontra-se bastante afastado dos factos reais, se uma história não é mais do que um cenário e uma imagem do sucedido, e um mito um cenário e uma imagem de uma história."

Vd. Woodbury 1967, 1969; Nestle 1940.

de outros filósofos, como Parmênides, Xenófanes ou Heraclito, não erradicava necessariamente os mitos das suas obras, apesar de, em teoria, a noção de mito se opor a ciência, história, razão/pensamento lógico (Heraclit. fr. 115 Diels), argumentação e filosofia⁹, contudo não de uma forma absoluta¹⁰. O uso que tais figuras faziam desse material, aplicando-o criticamente à exposição filosófica e servindo-se, quer da autoridade reconhecida aos poetas, quer de uma linguagem mais inteligível para um público acostumado com os mitos, é que os demarcaria dos poetas, na sua generalidade, e de usos tradicionais, lendários, populares e ornamentais¹¹.

Ora, mito e factualidade não constituem duas esferas totalmente apartadas e incompatíveis. Com efeito, os mitos foram-se afirmando também, progressivamente, numa lógica de exegese racionalista, tanto como alegóricos¹², metafóricos¹³ e explicativos, muitas vezes numa vertente cosmogónica e até meteorológica¹⁴, presente em autores, desde Homero¹⁵ e Hesíodo¹⁶ (vd. Xenoph., fr.11 Diels¹⁷. Cf. Sol. fr. 21

⁸ São exemplos, na obra platónica, analogias, como a da caverna (*R.* 514a–517a); idealizações, a exemplo da cidade ideal (*R.* 420c2); e também mitos, quer para denotar os contos de Sócrates-personagem (*Phdr.* 237a9, 241e8), quer na sua versão tradicional, designadamente Fáeton (*Ti.* 22c7), Giges (*R.* 359d–360b), Crono (φῆμη, ‘narração’ in *Lg.* 713c), Amazonas (*Lg.* 804e). Se uns eram modificados (*R.* 414b–415d), outros primavam pela inovação (e.g. *R.* 614a–621d; *Ti.* 21e–26d; *Phd.* 107c–115a; *Grg.* 523a–527a; cf. ἀκοή, ‘rumor’ in *Phdr.* 246a–249d, 274c–275e; *Lg.* 903b–905b; *Smp.* 189d–193d).

⁹ Cf. Xenófanes (B 11 DK) e Platão (*Phd.* 61b ; *R.* 377e–383c aos poetas. Cf. Sol. fr. 29 W; Arist. *Metaph.* 983a. Vd. Brisson 1998; Dillon 2004; Janka — Schäfer 2002; Frutiger 1976; Partenie 2009.

¹⁰ Veja-se, no contexto latino, Plauto entre a falsidade reflectida pelo mito e a sua proficiência. Cf. Grant 1962.

¹¹ Vd. Morgan 2000; Poser 1979; Buxton 1999.

¹² Cf. *Pl. R.* 378d: καὶ θεομαχίας ὅσας Ὅμηρος πεποιήκεν οὐ παραδεκτέον εἰς τὴν πόλιν, οὐτ’ ἐν ὑπονοίαις πεποιημένας οὔτε ἄνευ ὑπονοιῶν. ὁ γὰρ νέος οὐχ οἶός τε κρίνειν ὅτι τε ὑπόνοια καὶ ὁ μὴ, "e as batalhas dos deuses, no metro de Homero, são coisas que não podemos admitir na nossa cidade, quer tenham uma base alegórica, quer não. Com efeito, os jovens não são capazes de distinguir o que é e o que não é alegoria". Cf. Olymp. *Vit. Pl.* 29–30. Vd. Buffière 1956. A recontextualização alegórica dos mitos, inserindo-os em contexto, segue uma prática comum do século IV a.C. Vd. Hunter 2012: 84.

¹³ Cf. autores como Estrabão, de lugares/figuras adscritos pela mitologia para o périplo de Ulisses. Considerem-se, a título exemplificativo, segundo Mertz, a ilha de Circe, para o território conhecido actualmente por ilha da Madeira; as Sirenes, para as ilhas de Hispaniola e Cuba; os Ciclopes, para formações vulcânicas. Vd. Dienner in Mertz 1964: 12, donde:

"But for the first time it is revealed in the following pages that the *Odyssey* is laid in an actual setting of reality. The places and geographic and marine features are identifiable today. Cyclops is a volcano. The eight winds of antiquity are to be encountered around the Aeolian Islands above Sicily. The place where night and day exchange places is the Strait of Gibraltar. Circe's island is in the circling ocean river - the Gulf Stream - in the Atlantic. Scylla and Charybdis are clear across the Atlantic, well recognized features in the North American coast and all these are now identifiable".

¹⁴ Vd. Valk 2000; Girardot 1976; Müller 1881. Cf. Max Müller, sobre o mito, em Stone 2002.

¹⁵ Cf. Questão(ões) Homérica(s). Sobre a temática, a começar pela própria existência física de Homero, cf. Nagy 1996; Jensen 1980; Mertz 1964; Burgess 2003; Luce 1975; Gorra 1887: 242–243.

¹⁶ Autores há que pretendem garantir a veracidade da versão contemplada nos mitos que retratam, ou pelo menos admitir a coexistência de alguma verdade, o que justificaria a utilização do mito no plano educativo, precedendo a introdução da ginástica (e.g. *Pl. R.* 377a). Aliás, diziam as Musas do Hélicon aos pastores que sabiam revelar falsidades como se de verdades se tratassem, mas que também eram capazes de pronunciar verdades (Hes. *Th.* 26–28: «ποιομένες ἄγραυλοι, κάκ’ ἐλέγχεα, γαστέρες οἶον, | ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα, | ἴδμεν δ’ , εὐτ’ ἐθέλωμεν, ἀληθέα γηρύσασθαι», "«Pastores dos

Diehl); quer em vários princípios filosóficos¹⁸; como também enquanto forma de linguagem; conexão ritual¹⁹; estruturas (cf. mitemas)²⁰ e modelos de práticas

campos, vergonhosas figuras, com estômago apenas, sabemos dizer muitas falsidades, como se fossem verdadeiras, mas sabemos, quando queremos, proferir verdades»). Depreende-se que, se os poetas invocavam as filhas de Zeus para que inspirassem as suas composições, as quais comportavam mitos, estes não poderão resumir-se unicamente a meras invenções, totalmente alheadas de qualquer facticidade. Veja-se, outrossim, o Filósofo da Academia (*Phdr.* 243a) ao parecer denotar uma diferenciação evolutiva do trabalho apresentado por Homero, face a Estesícoro (fr. 32 Bergk), que, contrariamente ao primeiro (οὐκ ἠγνόησεν ὡσπερ Ὅμηρος, "ele não desconhecia, como Homero"), sabia como fazer uso das funções retóricas e argumentativas do mito, bem como da poesia enquanto método de purificação, para reparar, na sua palinódia, uma falta mitológica perpetrada (ἀμαρτάνειν περὶ μυθολογίαν, "cometer uma falta, no que respeita à mitologia"). Cf. o afastamento de Estesícoro da versão do mito presente na épica dita homérica, enveredando por uma linha de pensamento recuperada, ainda que com menos frequência, na tragédia. Desse modo, retratava-se, no jogo retórico que servia os seus propósitos, relativamente à forma blasfema como representara Helena e, assim, recuperava a sua visão: ἀλλ' ἅτε μουσικὸς ὦν ἔγνω τὴν αἰτίαν, καὶ ποιεῖ εὐθὺς— «οὐκ ἔστ' ἔτυμος λόγος οὔτος, | οὐδ' ἔβας ἐν νηυσὶν εὐσέλμοις, | οὐδ' ἴκεο Πέργαμα Τροίας», "mas, uma vez que era instruído, compõe, de imediato, um poema: «Esse dito não é verdadeiro: não seguiste com os navios multirremes, nem chegaste às muralhas de Tróia»". O termo λόγος surge, neste passo, enquanto 'discurso', separado da veracidade.

¹⁷ Vd., no mesmo sentido, Hecateu, um λογοποιός, isto é, 'prosador', capaz de compilar e 'enumerar' muitas 'histórias' (λόγοι) dos Gregos, que classifica pejorativamente (fr. 1 *FGrHist*). O mister do λογοποιός ('prosador') diferia daquele que dependia do ποιητής ('poeta'), ainda que o mito não se resume a uma versão distinta, mais ou menos afastada da historicidade, como assegura Isócrates (5.109). Ao primeiro, competiria reportar λόγοι, o mesmo é dizer, uma tradição exposta por determinadas figuras, emanada de uma experiência social cristalizada, mas sem que se confunda com os contos populares e lendários, rituais, lendas, sagas ou folclore, embora possua também carácter lúdico e didáctico. Ao segundo, caberia conceber e perpetrar μῦθοι, isto é, histórias confabuladas, dignas de crença.

¹⁸ Vd. Cornford 1912.

¹⁹ Mito e ritual mostram tratar-se de duas realidades distintas entre si, que, de certo modo, se complementam, embora sem se confundirem, já que o mito é λεγόμενον ("o que é dito"), e o ritual δρόμενον ("o que é feito"), conforme têm vindo a atestar diversos autores. Vd. Schlesier 1992; Henrichs 2003; Kowalzig 2007; Fenn 2001: 120-132; Burkert 1979. Cf., na Antiguidade, Anaxag. fr. 7 Diels: οὔτε λόγοις οὔτε ἔργοις. Restará, porém, estipular qual das duas vertentes determina e explica a outra. De toda a forma, a consideração do mito enquanto linguagem passível de articular-se com os rituais não deveria distanciar-se da religião, a qual se expressa por palavras. Porém, mais do que procurar ritualismo nos mitos, há que atender, de igual forma, à sua função social. Vd. Segal 1998. Consequentemente, a associação entre mitos, religião (cf. orfismo, com uma ligação muito próxima do mito a um culto), festivais e rituais parece também evidente. Vd. Guthrie 1955; Kirk 1973: 11. Afinal, os rituais configuram a vertente prática da crença religiosa e partem da experiência repetida de certas situações, para apresentar uma sequência cristalizada de actos, no intuito de dar sequência a uma lógica *do ut des*, que marca a relação entre deuses e homens, apesar de alguns estudiosos se preocuparem em demonstrar que grande parte dos mitos se encontrava separada de rituais. Cf. Boas 1916: 565 sq. Ainda assim, vários são os mitos com origem ritual, a começar pelos mitos da criação da épica babilónica de *Enuma Elish*, que viriam a influenciar Hesíodo, onde se conta o modo como Marduk viria a derrotar o monstro Tiamat e, a partir do seu corpo já morto, criou a terra e o céu. Para uma interpretação etiológica do mito, todavia, convém apresentar o mito como αἰτία, ou seja, como causa de determinado ritual, instituição ou facto.

²⁰ O carácter estruturante dos mitos proporciona a sua análise como um sistema linguístico, composto de unidades menores, a que se atribui a denominação de 'mitemas', cuja combinação produz significações distintas. Assim, podem encontrar-se paralelos em mitos da Antiguidade, como os que denotam os amores entre Acôncio e Cidipe, por um lado, ou Hermócares de Atenas e Ctésila de Ceos. Por conseguinte, compete ter presente que nem as ideias nem as estruturas detêm autoria. Poderão, pois, utilizar-se os mesmos mitemas e aplicá-los a diversas figuras e situações, sem que tal constitua plágio. Na realidade, ao compararem vários mitos de diferentes culturas, estruturalistas como Propp e Lévi-Strauss depararam-se, quer com uma estrutura bipartida, característica da mente humana, quer com padrões estruturais recorrentes (motifemas), que Burkert aventava em número de cinco. Deste modo, explicam-se aproximações, na estrutura, de mitos como no caso de Gilgamesh e no de Ulisses, bem como a recorrência de motivos em diferentes mitos, como o sacrifício altruísta de jovens em benefício da πόλις, de que Ifigénia, Políxena, Macária, Mólpis de Élide, entre outros, constituem modelo; ou a (re)utilização

comportamentais²¹. Eis, a título exemplificativo, Xenófanés, filósofo do século VI a.C., com apontamentos críticos face aos politeísmo (frs. 23-26 Diels) e às representações antropomórficas dos deuses (frs. 14-16 Diels)²²; Hecateu (cf. fr. 1a Jacoby). De considerar também, a respeito, Teágenes (século VI a.C.), acerca dos deuses enquanto autoridades alegóricas de qualidades e (ou) elementos naturais. Outrossim, nos séculos VI/V a.C., Acusilau, Ferecides, Helânico, até, seguidamente, o evemerismo desenvolvido no séc. IV a.C., considerando os deuses como reproduções de figuras com existência histórica, reverenciadas pelos seus feitos.

Em termos gerais, no panorama grego reflectido em obras literárias depreende-se que o ser humano não se encontra subjugado por mitos, na dimensão determinista ditada pela esfera divina, mas antes a existência do mito numa vertente utilitarista. De facto, através de histórias, do maravilhoso/fantástico e de heróis epónimos criam-se arquétipos perenes passíveis de modificar-se ao serviço dos usos pretendidos²³.

de personagens com o estatuto de figuras epónimas ou de figuras tipológicas, como as que povoam as cenas da Comédia Nova. Vd. Lévi-Strauss 1955, 1962; Csapo 2005: 222; Segal 1996; Detienne 1980; Gordon 1981; Burkert 1979.

²¹ Considerando a vertente paradigmática presente no material mitológico, estudiosos houve que empreenderam análises psicanalíticas de certos mitos, estabelecendo, a partir deles, determinados padrões comportamentais (e.g. complexo de Édipo, analisado por Freud, a partir da obra *Rei Édipo*, de Sófocles). Vd. Jung — *et al.* 1968; Schneiderman 1981; Walker 2001. Enquanto projecções de um inconsciente colectivo, tradicional e arquétipo, constituíam uma herança que pode servir como exemplo e explicar costumes, crenças sociais, instituições, práticas. Por outro lado, o mito revela impulsos e comportamentos instintivos mentais e sociais reprimidos. Vd. Rank — Richter — Lieberman 2004 XII; Carroll 2009. O material onírico apresenta-se, assim, como expressão de desejos contidos, com uma simbologia similar à dos mitos, que constituiria objecto dos estudos de autores como Freud e Jung. A propósito dos mitos enquanto material simbólico, vd. Altizer — *et al.* 1962: 122. Cf., a respeito da percepção do Homem enquanto *animal symbolicum*, ‘animal simbólico’, Cassirer 1994; Creuzer 1836; Girardot 2008.

²² De facto, a tradição apresenta versões distintas, pois, se os autores acima contemplados defendem a concepção das divindades pelos homens, outros há que apresentam a criação humana como decorrente de divindades, designadamente Prometeu, ou até mesmo da ira de Zeus (Cf. Hes. *Op.* 109-201; Pl. *Smp.* 189d-193e); e moldada a partir do barro (Xenoph. fr. 8-10), à imagem e semelhança dos deuses. Cf. sofistas, sobretudo a partir da segunda metade do século V a.C. Cf. Winiarczyk 2013: 47.

²³ Considerem-se distintas versões sobre mitos, desenvolvidas por diversos autores e até em várias obras de um mesmo escritor, consoante aspectos como época; lugar; finalidade. Vd., a título demonstrativo, Pi. *P.* 11, sobre o mito dos Atridas. Afinal, Píndaro fora um poeta acolhido na corte do tirano Hierão de Siracusa. Outra hipótese seria uma reminiscência de uma antiga tirania de Tebas (cf. Th. 3.62.3). Também em alternativa, quiçá a interpretação do mito prende-se com uma possível alegoria da terceira Guerra Messénica (464-459 a.C. entre Messénia e Esparta. Cf. Paus. 3.1.4-5, 3.2.6, 3.3.1-5, 3.7.4-6, 3.11.8, 3.13.1-2). Neste entendimento, Agamémnon correspondia, na sua ascensão e queda, à vitória e derrota do general espartano, Pausânias; Clitemnestra, aos periecos; Orestes, aos hilotas; Pilades, aos aliados (dórios). Para correspondências distintas, vd. Mezger 1866, para quem Clitemnestra corresponde a Pausânias; Agamémnon a Mardónio, que depôs todos os tiranos (cf. Hdt. 6.43.3); Egisto a Atenas; Ifigénia a Leónidas. Numa contextualização política do poema, entendia-se uma mensagem de vingança justificada de Tebas, derrotada por Atenas. Eis que uma apresentação positiva da figura de Orestes, epítetado de lacedemónio (Λάκωνος), na medida em que haveria de ser rei de Esparta (cf. Paus. 2.18.6: Ὀρέστης Λακεδαιμονίων), se apresentava fulcral, sobretudo perante uma audiência tebana que ouvia a ode. Sobre uma ligação de Orestes a Tebas, deverá notar-se um fragmento deveras corrompido, de autoria incerta, ainda que atribuído a Corina (*PMG* 690), autora de datação controversa. De toda a forma, a presença do título ΟΡΕΣΤΑΣ, juntamente com a referência χορὸς ἀν’ ἐπάπουλον, mais adiante, sugere

tratar-se de um poema composto para um público tebano, donde o ponto de contacto com a undécima ode de Píndaro. Pelo texto de Píndaro e de Corina, depreende-se a existência de uma conexão de Orestes com Tebas, o que justificava o interesse que a alusão do seu mito tinha para os tebanos. Vd. West 1990; Pòrtulas Ambròs 2005: 79-80, n.45; Coppola 1931. Assim se explicam divergências na tradição mitológica.

Paradoxografia

Apreciações Gerais

A obra *Περὶ ἀπίστων*, *Sobre Fenómenos Inacreditáveis*, enquanto produto de paradoxografia, configura um espaço de compromisso entre mito e razão (cf. παραδοξολογέω, ‘contar maravilhas’).

Considerando o espólio literário da Antiguidade Grega disponível na actualidade, o testemunho mais vetusto com o termo ‘paradoxógrafo’ pertence ao bizantino Tzetzes (*H.* 2.151), denotando Antémio de Trales: Ἀνθέμιος μὲν πρότιστον, ὁ παραδοξογράφος. Uma sumária observação linguística permite, desde logo, posicionar o campo semântico da literatura do maravilhoso - παράδοξος (‘incrível’, ‘inesperado’, ‘contra a δόξα maioritária’) - παραδοξολογία (vd. Aeschin. 72.14; Plb. 3.47), παραδοξολογέω (vd. Str.13.4.5; D.S.1.69), no oposto a ἔνδοξος (‘esperado’. Cf. Pl. *R.* 472a). Em termos semânticos, o género serve-se de termos como: θαῦμα (‘assombro’), θαῦμα, θαυμάσιος, θαυμαστός, θαυμαστός, παράδοξος, ἄπιστος (‘incrível’. Cf. lat. *Mirabilia/Admiranda*), ἴδιος (‘peculiar’), τερατώδης, (τέρας/*monstrum*); περιττός; ἄξιος (vd. θέης ἄξιος, λόγου ἄξιος, μνήμης ἄξιος).

Os autores desse género²⁴ criado no séc. III a.C. assumem-se²⁵ como fontes segundas, o mesmo equivale a afirmar, compiladores de aspectos alheios alegadamente

²⁴ Mesmo não se inscrevendo em retratos literários pertencentes a um género, a tradição conserva descrições assombrosas, a partir de fenómenos naturais, os quais, faltando interpretação racionalista, criavam espaço para admitir recontos fantásticos. Cf. Archil. fr. D74, a propósito do eclipse solar de 648 a.C.:

χρημάτων ἄελπτον οὐδέν ἐστιν οὐδ’ ἀπώμοτον
οὐδὲ θαυμάσιον, ἐπειδὴ Ζεὺς πατήρ Ὀλυμπίων
ἐκ μεσαμβρίας ἔθηκε νύκτ’, ἀποκρύψας φάος
ἡλίου λάμποντος, λυγρὸν δ’ ἦλθ’ ἐπ’ ἀνθρώπους δέος.
ἐκ δὲ τοῦ καὶ πιστὰ πάντα κάπιελπτα γίνεται
ἀνδράσιν· μηδεὶς ἔθ’ ὑμέων εἰσορέων θαυμαζέτω
μηδ’ ἐὰν δελφῖσι θῆρες ἀνταμείψωνται νομὸν
ἐνάλιον, καὶ σφιν θαλάσσης ἠχέεντα κύματα
φίλτερ’ ἠπείρου γένηται, τοῖσι δ’ ὑλέειν ὄρος.

“Nada pode deixar de esperar-se, nada pode afirmar-se ser impossível, nem ter-se como assombroso, depois que Zeus, divindade dos Olímpicos, a partir do meio-dia fez noite, ocultando a luz do sol que brilhava, e o terror abateu-se sobre os mortais. Depois disso, tudo é credível e expectável para os homens: que ninguém se surpreenda se vir os animais terrestres a relacionarem-se com os golfinhos e o reino marinho, nem que as grandes ondas do mar se lhes mostrem mais caras do que a terra firme, enquanto estes preferem os bosques da montanha.”

²⁵ Vd. Jacob 1983; Schepens — Delcroix 1996. Cf. o trabalho dos pseudógrafos (cf. Antig. *Mir.* 60: καὶ πεπειραται ἐξηγητικώτερον ἢ ιστορικώτερον ἐν ἐκάστοις ἀναστρέφεισθαι. “e tenta tratar-se cada caso de um modo mais explicativo do que descritivo”), segundo Apolónio 6.7.3-4: λέγεται δὲ περὶ αὐτοῦ καὶ ἄλλα τινὰ παράδοξα. ἡμεῖς δὲ μὴ βουλόμενοι μεταγραφῶν ἔργον ποιεῖν αὐτοῦ τὸν λόγον καταπαύσομεν. “Contam-se dele [Pitágoras] outras coisas extraordinárias. Porém nós, como não tencionamos fazer trabalho de copistas, poremos fim ao seu relato.” Cf. συναγωγή, ‘recompilação’. Vd.

vivenciados e reportados por outros (donde o recurso a formas declarativas como φησί, φασί, λέγει, λέγεται), trabalho que se inscreve no âmbito dos catálogos, ditos e *anedoctas* alexandrinistas, recolhidos no Período Helenístico. O trabalho destes autores demonstra preocupação em agir sobre as fontes selecionadas, de modo a garantir o efeito de surpresa. Como tal, a eliminação de pormenores das fontes originais considerados supérfluos (*viz.* esquematização); a omissão de notas críticas, que possam comprometer a credibilidade das informações; a supressão de explicações dos fenómenos. Claro está que a sua tarefa não se encontra, ainda assim, totalmente desprovida de subjectividade, desde logo existente no material e fontes selecionados²⁶.

Na Antiguidade, a paradoxografia contou com diversos autores, muitos dos quais votados ao anonimato ou velados na pseudoepigrafia²⁷, cujas obras, na sua maioria, se perderam, tendo chegado a sua notícia através de fragmentos e (ou) informação de forma indirecta, em manuscritos medievais.

São vários os momentos possíveis de demarcar numa análise da paradoxografia da Antiguidade. Posicionam-se, no rol de origens e antecedentes da paradoxografia, a tradição conservada nas obras ditas homéricas e em Hesíodo, afinal considerados no limiar da moral divina (cf. Xenoph. fr.11 Diels). Contribuem também para o desenvolvimento do género a colonização grega desenvolvida no Mediterrâneo, c. VIII a.C. e a historiografia jónia²⁸. No respeitante ao género propriamente dito, importa julgar, em primeiro lugar, o século III a. C.; depois, o período dos séculos III/II a. C.; também os séculos II/I a.C.; e ainda o Período Imperial (27 a.C. – 565 d.C.).

Assim, na origem, Éforo de Cime²⁹ - séc. IV a.C. (e.g. Ἐφίππος, *Ephippos*); Teopompo de Quios - séc. IV a.C. (e.g. Θαυμάσια, *Thaumasia*); Teofrasto - séc. IV/III a.C. (e.g. Περὶ τῶν ἀθρόως φαινομένων ζώων, *Sobre animais que aparecem em*

Antig. Mir. 26, a propósito do seu trabalho de ἐκλογή, ‘selecção’, sobre Ἀριστοτέλους συναγωγῆς, *Recompilação de Aristóteles* – vd. Arist. HA 9. Ora, a distinção entre ambos os termos parece ter-se dissipado, pois, apesar de referir a sua obra como ἐκλογή, o título constante no manuscrito *Pal. Gr.* 398 assume-se como συναγωγή.

²⁶ Regra geral, são várias as fontes consideradas pelo paradoxógrafo.

²⁷ Cf. [Ps.-Arist.], Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων, *De mirabilibus auscultationibus*; *Paradoxographus Florentinus* 218 (43 *mirabilia*. Vd. códice *Laurentianus Graecus* LVI – séc. XIII/XIV); *Paradoxographus Vaticanus* 219 (cf. Isígono de Niceia?); *Paradoxographus Palatinus* 220 (21 *mirabilia*. Cf. *Vat. Pal. Gr.* 93 – séc. XIII; *Vat. Gr.* 96 – séc. XIII/XIV. Para os primeiros 8 episódios, *Vat. Pal. Lat.* 578; *Vat. Pal. Gr.* 134 – séc. XVI/XVI, *Vat. Pal. Gr.* 360 – séc. XV, *Vratislav. Rehdigeranus* – séc. XV). Vd. Meursius 1622; Vanotti 2007.

²⁸ Cf. cidades da Ásia Menor; os ataques de Dario; conhecimento de zonas geográficas distantes, como a Índia. Considerem-se, assim, historiadores a exemplo de Escílax de Carianda, Hecateu de Mileto, Janto da Lídia, Heródoto, Tucídides, Ctésias de Cnido (sobre Pérsia e Índia), Onesícrito, Nearco, Clitarco, Timeu, Antígono de Caristo, Filarco, Dúris de Samos.

²⁹ Vd. Suda ε3930, apresentando-o como autor sobre a questão troiana, inventor e autor de 15 livros de paradoxografia: Παραδόξων τῶν ἑκασταχοῦ βιβλία ιε’.

grupos); o φυσικός Estratão de Lâmpsaco - séc. IV/III a.C. (e.g. Περὶ τῶν ἀπορουμένων ζώων, *Acerca de animais cuja existência se questiona*; Περὶ τῶν μυθολογουμένων ζώων, *Sobre animais em mitos*); além de diversos outros.

Distingue-se um período de maior fulgor, no século III a.C., contando-se figuras como Calímaco de Cirene (e.g. Παραδόξων ἐκλογή/Θαυμάσια, *Seleção de Estranhos Eventos/Maravilhas*)³⁰; Antígono de Caristo (e.g. Θαυμάσια, *Maravilhas*; Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Compilação de Histórias Admiráveis*)³¹; Bolo de Mendes (e.g. Χειρόμηκτα, *Remédios Artificiais*); Filon de Heracleia (e.g. Περὶ θαυμασίων, *Sobre Maravilhas*); Filostéfano Cireneu (e.g. Περὶ παραδόξων ποταμῶν, *A respeito de Rios Maravilhosos*); Arquelaou de Quersoneso (e.g. Ἰδιοφυή, *Seres de natureza peculiar*; Περὶ τῶν θαυμασίων, *Epigrammata de mirabilibus*); Mirsilo (e.g. Λεσβιακά³², *Lesbiaka*); Μόνιμο (e.g. Θαυμασίων συναγωγή, *Colecção de Contos Fantásticos*); e a paradoxografia Alexandrina³³, em Período Helenístico.

Nos séculos III/II a.C., Apolόνιο de Rodes³⁴; Aristandro (e.g. Παράδοξα γεωργίας, *Campos Incríveis*; Ἱστορίαι θαυμάσιαι, *Recontos Maravilhosos*); Lisímaco (e.g. Θηβαικὰ παράδοξα, *Maravilhas Tebanas*); Ninfodoro; Pólemon (e.g. Περὶ ποταμῶν, *Sobre os Rios*; Περὶ τῶν ἐν Σικελίᾳ θαυμαζομένων ποταμῶν, *Acerca de Rios Fantásticos na Sicília*).

Atendendo aos séculos II/I a.C., Agatárquides (e.g. Τῶν κατὰ τὴν Ἀσίαν, *Acontecimentos da Ásia*; Τῶν κατὰ τὴν Εὐρώπην, *Acontecimentos da Europa*; Περὶ τῆς Ἐρυθρᾶς θαλάσσης, *Sobre o Mar Vermelho*; Ἐπιτομή τῶν συγγεγραφότων θαυμασίων, *Compêndio de Escritores de Maravilhas*; Περὶ ἀνέμων [ἀνθρώπων], *Sobre ventos*); Heraclides Lembo (e.g. Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Histórias Admiráveis*); Isígono (e.g. Ἄπιστα, *Coisas Inacreditáveis*); Nicolau Damasceno,

³⁰ É provável que Calímaco tenha organizado a primeira coleção de maravilhas/*paradoxa* (fr. 407-411 Pf.). Cf. Θαυμάτων τῶν εἰς ἅπασαν τὴν γῆν κατὰ τόπους ὄντων συναγωγή, obra paradoxográfica de Calímaco, perdida na sua versão original. A este respeito, Antígono, autor do século III a.C., dá conta de uma recolha selectiva das informações relativas a fenómenos de âmbito diverso (*viz.* mares, rios, lagos, fontes, roços, fogo, minerais, plantas, animais, em diversas zonas geográficas, designadamente Itália, Hélade, Líbia, Peloponeso, Trácia, Peloponeso, Ásia), apresentados por Calímaco: *Mir.* 129: Πεποίηται δέ τινα καὶ ὁ Κυρηναῖος Καλλίμαχος ἐκλογὴν τῶν παραδόξων, ἧς ἀναγράφομεν ὅσα ποτὲ ἡμῖν ἐφαίνετο εἶναι ἀκοῆς ἄξια. “Também o cirenaico Calímaco empreendeu uma selecção de fenómenos fora do normal, a partir da qual retirámos o que nos pareceu ser digno de escutar-se.” Cf., no mesmo sentido, Cláudio Eliano, Plínio, Estêvão de Bizâncio.

³¹ Vd. influência nítida de Ps. Arist. Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων, *Sobre os Prodigios Escutados*; Call. Θαυμάσια, *Maravilhas*.

³² Cf. Antígono e Plutarco.

³³ O género conta com uma contextualização histórica particular, de desenvolvimento científico, no Período Alexandrino.

³⁴ Cf. Ἀργοναυτικά, *Argonautas*; Γέγραφε Καρικὰ, *História de Cária*; Περὶ Ὀρφέως καὶ τῶν τελετῶν αὐτοῦ, *Sobre Orfeu e os seus ritos*.

Παραδόξων ἔθῶν συναγωγή, *Recolha de usos e costumes admiráveis*; Ἱστορία καθολική, *História Universal*; Ἐθῶν συναγωγή, *Compilação de Costumes*); Diófanos.

Quanto ao Período Imperial (27 a.C. – 565 d.C.)³⁵, registam-se nomes como os de Agatóstenes; Africano (e.g. Κεστοί, *Kestoi*); Alexandre (e.g. Θαυμασίων συναγωγή, *Colecção de Maravilhas*); Arístocles; Flégon de Trales (e.g. Ἐκφρασις Σικελίας, *Descrição da Sicília*; Περὶ τῶν ἐν Ῥώμῃ τόπων, *Topografia Romana*; Περὶ τῶν παρὰ Ῥωμαίους ἑορτῶν, *Sobre festividades dos Romanos*; Περὶ θαυμασίων, *Fenómenos Assombrosos*; Ἐπιτομὴ ὀλυμπιονικῶν, *Catálogo de Vencedores Olímpicos*; Περὶ μακροβίων, *Acerca de Vidas Longas*); Damáscio³⁶; Hierão; [Plutarco], séc. I/II d.C. (e.g. Περὶ ποταμῶν καὶ ὄρων ἑπωνυμίας καὶ τῶν ἐν αὐτοῖς εὕρισκομένων, *De fluviis*); Eliano (e.g. Περὶ ζῴων ιδιότητος, *Acerca de Características dos Animais*)³⁷; Luciano (e.g. Ἀληθῆ διηγήματα³⁸, *Histórias Verdadeiras*); Πρωτόγονος (e.g. Γεωγραφία τῆς οἰκουμένης, *Geografia* - esp. 1.6); Sotion; Τρόφιλος. Já na Era Cristã, o género manifesta continuidade, desenvolvendo-se também no panorama latino. Assim, entre os autores romanos³⁹, importa considerar *mirabilia* não raro associados a metamorfoses e colecções de αἰτία, reportados por vultos literários a exemplo de Lucrécio; Vitrúvio (cf. 8.3.4, 12, 14, 17); Ovídio (cf. *Met.* esp. 15); Séneca; Plínio (cf. *HN* 2.230)⁴⁰.

³⁵ Cf. Cláudio Eliano (séc. I d.C./II d.C.), Περὶ ζῴων ιδιότητος, *De Natura Animalium*; Antémio de Trales (séc. V d.C./VI d.C.), Περὶ παραδόξων μηχανημάτων, *Sobre máquinas fantásticas*; no séc. XI, Pselo, Περὶ παραδόξων ἀκουσμάτων, *Sobre maravilhas escutadas*.

³⁶ Cf. Phot. *Bibl.* 130:

Ἀνεγνώσθη Δαμασκίου λόγοι δ', ὃν ὁ μὲν πρῶτος ἐπιγραφὴν ἔχει περὶ παραδόξων ποιημάτων κεφάλαια τβ', ὁ δὲ δεῦτερος παραδόξων περὶ δαιμονίων διηγημάτων κεφάλαια νβ', ὁ δὲ τρίτος περὶ τῶν μετὰ θάνατον ἐπιφαινομένων ψυχῶν παραδόξων διηγημάτων κεφάλαια ξγ', ὁ δὲ τέταρτος καὶ παραδόξων φύσεων κεφάλαια ρε'. Ἐν οἷς ἄπασιν ἀδύνατά τε καὶ ἀπίθανα καὶ κακόπλαστα τερατολογήματα καὶ μωρὰ καὶ ὡς ἀληθῶς ἄξια τῆς ἀθεότητος καὶ δυσσεβείας Δαμασκίου, ὅς καὶ τοῦ φωτὸς τῆς εὐσεβείας τὸν κόσμον πληρώσαντος, αὐτὸς ὑπὸ βαθεῖ σκότῳ τῆς εἰδωλολατρίας ἐκάθευδε.

“Li uma obra de Damásio, em quatro livros, o primeiro dos quais, com 352 capítulos, intitulado *Acerca de Acontecimentos Incríveis*; o segundo, com 52 capítulos, *Acerca de Incríveis Recontos de Demónios*; o terceiro, com 63 capítulos, *Sobre Inacreditáveis histórias de Almas aparecidas após a Morte*; o quarto, com 105 capítulos, *Sobre Inacreditáveis Aspectos Naturais*. Continham todos recontos impossíveis, inacreditáveis, monstruosidades, feitos de insensatez, como se fossem verdades, dignos do homem ateu e ímpio que foi Damásio, o qual, quando a luz da piedade alumiaava o mundo, se escondeu sob a profunda treva da idolatria.”

³⁷ Importa distinguir de obras não paradoxográficas, como Plin. *HN*.

³⁸ Cf. Popescu 2009; Pinheiro – Perkins – Pervo 2012.

³⁹ Cf. Jones 2005: 13-16; Cameron *et al.* 2004; Hansen 1998.

⁴⁰ Considerem-se Schanz-Hosius 1979: 561; Pecere-Stramaglia 1996: 429; Petersson 1963: 351, a respeito da paradoxografia romana, regra geral incluída em produções de teor abrangente, de natureza histórica, geográfica, entre outras. Assim, as obras actualmente perdidas de Varrão, *Logistorici: Gallus Fundanius de Admirandis vel De Imaginibus de Forma Philosophiae* (Plin. *HN* 31.12); Cícero, sob o título *Admiranda, A Propósito de Maravilhas*; Muciano (Muc.), *Mirabilia*. Vd. Gabba 1981; Beagon 1992; Campbell 1991; Romm 1992, Ash 2007. Importa ponderar sobre as maravilhas de foro aquático referenciadas por diversos autores, que Plínio recorda. Eis, pois, as fontes de água quente, em Crannon, na Tessália, cuja temperatura se mantém por três dias (*HN* 31.17); águas onde nada flutua, segundo

O aproveitamento literário do maravilhoso e do fantástico que povoa a tradição mitológica da Antiguidade Clássica, contribuindo para o adensamento da dicotomia ‘logos-razão-ciência’/‘mito-falsidade-ficção’, expressa-se com maior fulgor no género paradoxográfico⁴¹. Devem, pois, considerar-se alguns factores marcantes do contexto social, que viriam a favorecer o fulgor literário de *topoi* fantásticos. Eis, então, por um lado, alguma falta de explicações facultadas pela ciência, nas mais diversas áreas⁴². Acumulavam-se outrossim novas realidades e experiências (e.g. espaços, rios, plantas, animais, pedras, meteorologia, etnografia) proporcionadas pelas conquistas de Alexandre Magno. Desta forma, recuperam-se alguns testemunhos antigos que são aproveitados, recontextualizados e reinventados pelo género da paradoxografia, assim como a apresentação estruturada de linhas de pensamento⁴³. À falta de outras

Ctésias, que as situa na Índia; ou Célio, que denota tal episódio no Lago Averno. Plínio acresce, no mesmo sentido, as águas do africano Lago Apuscidamo; também Ápion, a respeito da fonte de Plíntia (Sicília); de um lago em Média; do poço de Saturno. Varrão aduz o carácter venenoso de algumas dessas águas, a que se reconhecem por vezes capacidades portentosas (HN 31.18). Por fim (HN 31.19), Plínio menciona Ctésias, que dá conta de águas venenosas, na Arménia, onde habitam peixes negros, impróprios para consumo. O autor romano chama ainda a atenção para igual evidência no Lago das Ninfas (Lídia), na fonte Estige; o mesmo sucedendo em Cicros, na Trácia, segundo Teopompo; em Leôncio, a julgar por Lico; ou ainda, a crer em Varrão, no Monte Soracte. Refere ainda Plínio outras águas potenciadoras de capacidades.

⁴¹ Cf. Pajón Leyra 2011; Giannini 1964; Jacob 1983; Schepens — Delcroix 1996.

⁴² Vejam-se, a este propósito, afirmações como a seguinte – Arist. *Mete.* 339a: Ἐν οἷς τὰ μὲν ἀποροῦμεν, τῶν δὲ ἐφαπτόμεθα τινα τρόπον, “Nestes assuntos, alguns surpreendem-nos; porém, outros admitem a nossa explicação, em certa medida”. É, de facto, consistente, a investigação de Aristóteles e dos seus discípulos (cf. Escola do Liceu. Vd. Teofrasto, *Estratão de Lâmpsaco*, Agatárquides de Cnido, Nicolau de Damasco), em diversas áreas científicas, constituindo fontes para a paradoxografia, juntamente com Calímaco (*pinakes*), no âmbito da Biblioteca de Alexandria.

⁴³ Considere-se, para tanto, a influência de filósofos (e.g. estoicismo: Zenão, Antístenes); ἀνέκδοτα (factos pouco conhecidos, não publicados, não atribuídos); o pensamento de Evémero. Atenda-se à teoria racionalista de Evémero, no século IV a.C., ao referir os deuses enquanto divinização de heróis, após a sua morte. Cf., neste sentido, Evémero, Ἱερὰ ἀναγραφὴ, *Escrito Sagrado*. Considere-se Sísifo de Cós, a partir da obra de Díctis, Ἐφημερίς τοῦ Τρωικοῦ πολέμου (cf. *FGrHist* 49), autor evemerista, que, ao denotar os erros de Ulisses, apresenta o herói junto de Éolo, Circe e Calipso, mencionados como reis. Cf. Winiarczyk 2013: 140; Hawes 2014:137; Spyridakis 1968, a propósito do evemerismo. Vd., quer cidadãos comuns, como Menécrates, quer reis com hábito de elevar-se com títulos divinos (Clem. Al. *Protr.* 4.54.3: Καὶ οὐτὶ γε βασιλεῖς μόνον, ἀλλὰ καὶ ἰδιῶται θείας προσηγορίας σφᾶς αὐτοὺς ἐσέμνυνον, "Tanto reis como pessoas privadas exaltavam-se, intitulado-se a si mesmos deuses"). Similarmente, tentativas de nobilitação de pessoas e localidades através de uma linha genealógica de cariz mitológico. Assim, a circunstância de algumas famílias da nobreza se constituírem como descendentes de divindades/heróis, como as casas dos tantálidas (de Tântalo), estafilina (de Estáfilo), toante (de Toas), maronesa (de Máron), a dinastia de Ptolomeu, alegadamente descendente de Díónisos; ou ainda o historiador Hecateu, que postulava pertencer à décima geração de um ramo parental de proveniência mitológica, segundo relata Heródoto (2.143: πρότερον δὲ Ἑκαταίῳ τῷ λογοποιῷ ἐν Θήβῃσι γενεηλογήσαντί τε ἐωυτὸν καὶ ἀναδήσαντι τὴν πατριὴν ἐς ἑκκαίδεκατον θεὸν ἐποίησαν, "Hecateu, o historiador, esteve certa vez em Tebas, onde estabeleceu uma genealogia para si, a qual o dava como descendendo de um deus, na décima sexta geração"). Eis também a atitude de Hércules, condenado ao sacrifício, quando se encontrava no Egipto, mas, pelo facto de ter-se rebelado e matado a assistência, Heródoto (2.45) conclui que terá constituído motivo bastante para que os Egípcios não gostassem de efectuar sacrifícios, nem sequer de animais, salvo raras excepções. Em especial, os Mendésios mostravam-se avessos à chacina de cabras, até porque reconheciam nelas Pã, uma simbologia que explicava os actos públicos de bestialismo sexual, mantidos com mulheres (Hdt. 2.46). Vd. Burkert 1992

justificações de índole mais racional, vão-se acumulando opiniões, tornando difícil estabelecer limites entre verdade e ficção, sobretudo em época marcada por curiosidade, exotismo⁴⁴, preocupações, atrocidade, ditando elevada verosimilhança/plausibilidade (cf. ‘comum’, τὸ εἰκός; ‘plausível’, τὸ πιθανόν, face à ‘verdade’, ἀλήθεια) nas histórias apresentadas. Atitudes de racionalização de *mirabilia* (logografia) exprimem tentativas de contrapor novas interpretações/explicações⁴⁵/formas de conhecimento histórico-científicas (cf. alegorismo)⁴⁶ concomitantes às informações de plausibilidade tradicional (cf. εἰκός) contempladas na literatura paradoxográfica. Outras alas da racionalização podem contemplar também atitudes de evemerismo; alegoria e etimologia, no sentido de racionalizar figuras divinas; encontrar a ὑπόνοια do mito (Pl. R. 378d), ou seja, o subentendido do mito (ἀλληγορία); desfazer equívocos/confusões vocabulares⁴⁷. Ainda assim, tal não significa a abolição da mitologia⁴⁸, da sua proficiência e do seu cariz simbólico. Apenas se substitui uma explicação por outras.

96-99; Hocart 1998; Vaillant 1701 564-598. Cf., em Díctis de Creta (*Ephemeridos belli Trojani*) ou Dares da Frígia (*De Excidio Trojae Historia*), a questão da historicidade ou da ficcionalidade dos seus autores e dos eventos relatados. Vd. Winiarczyk 2013; Dowden 2006: 99-106; Langer 1926; Decharme 1904; Spyridakis 1968; Némethy 2010 [1889].

⁴⁴ A paradoxografia serve também para atenuar fronteiras de gosto e popularidade entre culturas, não obstante algumas resistências iniciais, vencidas por curiosidade e deleite Cf., neste sentido, Gell. 9.4:

De barbararum gentium prodigiosis miraculis; deque diris et exitiosis effascinationibus; atque inibi de feminis repente uersis in mares.

Cum e Graecia in Italiam rediremus et Brundisium iremus egressique e nauis in terram in portu illo inclito spatiaremur, quem Q. Ennius remotiore paulum, sed admodum scito uocabulo “praepetem” appellauit, fasces librorum uenialium expositos uidimus. Atque ego auide statim pergo ad libros. Erant autem isti omnes libri Graeci miraculorum fabularumque pleni, res inauditae, incredulae, scriptores ueteres non paruae auctoritatis: Aristaeus Proconnesius et Isigonus Nicaeensis et Ctesias et Onesicritus et Philostephanus et Hegesias; ipsa autem uolumina ex diutino situ squalebant et habitu aspectuque taetro erant. Accessi tamen percontatusque pretium sum et, adductus mira atque insperata uilitate, libros plurimos aere pauco emo eosque omnis duabus proximis noctibus cursim transeo.

“Acerda de algumas maravilhas encontradas entre Povos Bárbaros; e acerca de horríveis feitiços mortais; e também à súbita mudança de mulheres em homens.

Quando regressava da Grécia para Itália e cheguei a Brundisio, depois de desembarcar estava a andar pela zona mais famosa, que Quinto Ênio designou de *praepes* (‘propícia’). Ai vi feixes de livros expostos para venda e, de imediato, apressei-me até eles. Ora, todos esses livros estavam escritos em grego e encontravam cheios de contos fantásticos, de coisas inauditas, inacreditáveis. Contudo, os escritores eram antigos e de autoridade não diminuta: Aristaeus de Proconeso, Isigono de Niceia, Ctesias e Onesicrito, Filostéfano e Hegésias. Os volumes, contudo, mostravam-se sujos devido a longo descuido, em má condição e com mau aspecto. Ainda assim, aproximei-me e perguntei o seu preço. De seguida, levado pelo seu extraordinário e inesperado baixo preço, adquiri um grande número por uma módica quantia e galguei-os rapidamente nas duas noites seguintes.”

⁴⁵ Cf. Parm.

⁴⁶ Cf. Entendimento racionalizador do 'mito' enquanto erro/mal-entendido da história, corrigido por força da história, da geografia, entre outras disciplinas científicas.

⁴⁷ Cf. Hes., *Th.* 144-145, 197-199. No oposto, cf. Cic. *N.D.* 1.36-37, 3.39-40. Vd. P 7, 15, 20, 24. Cf. 1, 9, 19.

⁴⁸ O tratamento da Mitologia passou por várias fases. Desde logo, como um ramo da genealogia, historiografia ou filosofia. Assim Xenófanes, VI a.C.; Hecateu, final VI a.C., *Genealogias*; Teágenes de Régio, VI a.C., tratando os deuses como personificações de qualidades (cf. faltas também) ou elementos morais; Acusilau, Ferecides; Helânico. Numa segunda fase, o tratamento do mito de forma racionalista ou

Em termos gerais, a paradoxografia reflecte conexões de grande proximidade com a mitografia e até com outros géneros literários e outros domínios do saber, conjugando a novelística⁴⁹; literatura periégica⁵⁰; historiografia; filosofia; geografia; zoologia; botânica, entre outros. Na sua maioria, as áreas abrangidas situam-se no âmbito da natureza (sc. geografia; meteorologia; zoologia; orologia; etnografia⁵¹; hidrografia). A exploração do assombro assume contornos religiosos de milagre transversais a credos clássicos (e.g. curas medicinais; Asclépio)⁵² e ao paradigma judaico-cristão, ligando-se à hagiografia; recontos de *poltergeist*; superstições; magia⁵³ e monstrosidades⁵⁴.

pragmática (Evéméro. Cf. Palaeph., Heraclit.) e alegórica, pretendendo ver mais num mito do que a história parece aparentar à primeira vista; alterações motivadas por questões literárias e continuado por filósofos do final do século VI a.C. (Estesícoro, Xenófanes). Vd. Protágoras; Pródico de Ceos; filósofos estóicos, cínicos (método alegórico); Heródoto; Herodoro (método pragmático). Já no Período Helenístico, constata-se que os autores se limitam mormente a compilar, não a interpretar. Vd. Eratóstenes; Parténio; Cónon; Antonino Liberal; Higino; Ovídio.

⁴⁹ De facto, na época Bizantina, no século III, a paradoxografia influencia inclusivamente outros domínios, como a novela helenística.

⁵⁰ Cf. périplos diversos/literatura periégica (cf. exploradores, e.g. Píteas de Messala; Ninfodoro de Siracusa (Περὶ τῶν ἐν Συκελίᾳ θαυμαζομένων, *Sobre as Maravilhas na Sicília*; Περίπλοι, *Périplos*. Vd. África e Ásia. Cf. Ath. 6.88, 7.118, 13.55, 89; *schol. Od.* 12.301); Megástenes, Deímaco.

⁵¹ Cf. a possibilidade de encontrar algum relacionamento entre historiografia, na sua dimensão etnográfica; os estudos do Liceu (cf. Aristóteles; Teofrasto) e paradoxografia/*mirabilia*. Cf., enquanto antecedentes da paradoxografia, Heródoto de Halicarnasso (cf. Fehling. Vd. Hdt. 1.1: ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ βαρβάροισι, “esses grandiosos e maravilhosos feitos, alguns apresentados por Helenos, outros por Bárbaros”); Ctésias de Cnido. Cf. *anedocta histórica*: Valério Máximo, *Facta et dicta memorabilia*. Alguns autores procuram elaborar análises críticas, confrontando possíveis fontes utilizadas na constituição de obras paradoxográficas com opiniões distintas. *Vide*, neste sentido, Str. 3.5.7, referindo as opiniões de Posidónio; Artemidoro (cf. Artem. 4.47: καὶ ματαίας ὑπαγορεύει καὶ κενὰς τὰς ἐλπίδας, εἰ μὴ τι ἄρα τῶν μυθικῶν τούτων φυσικὴν ἐπιδέχοιτο τὴν ἐξήγησιν, “e implicam esperanças tolas e vazias, a menos que alguma parte destes mitos admitam uma explicação física”), a quem reputava maior autoridade (Str. 1.1.9); Políbio e Silano, a respeito de uma fonte de água, nas proximidades do templo de Hércules, em Gades. Cf. Plin. *HN* 2.100. Convém considerar, para a transmissão de textos significativos neste âmbito, a importância do Manuscrito do séc. IX (Bibl. Universidade de Heidelberg), *Palatinus Graecus* 398, que reúne, numa sequência temática, obras de alguns autores, cujas obras denotam alguma afinidade, designadamente, no tocante à periégica (fls. 11r-16v: Anónimo, *Periplus Ponti Euxini*; fls. 30v-40r: Flávio Arriano, *Periplus Ponti Euxini*; 40v-54v: fls. Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris Erythraei*; fls. 55r-56r: Hanão de Cartago, *Periplus*. Cf. fls. 56v-59v: Filo de Bizâncio, *De septem orbis spectaculis*); *mirabilia* (fls. 216r-236r: Flégon Traliano, *Mirabilia*; fls. 236v-243r: Apolónio, *Historiae mirabiles*; fls. 243v-261v: Antígono Carístio, *Historiarum mirabilium collectanea*); narrativas amatórias (fls. 173v-188v: Parténio, *Narrationes amatoriae*. Cf. ainda, de foro mitológico, fls. 189r-208v: Antonino Liberal, *Transformationum congeries*); epístolas (fls. 262r-282v: Hipócrates, *Epistulae*; fls. 283r-302r: Temístocles, *Epistulae*; fls. 302v-321v: Diógenes, *Epistulae*; fls. 322r-331r: Bruto, *Epistulae*); natureza, geografia e história (fls. 17r-30r: Flávio Arriano, *Kynegetikos*; fls. 60r-156v: *Chrestomathia ex libris geographicis Strabonis*; fls. 157r-173r: Ps. Plutarco, *De fluviorum et montium nominibus*; fls. 209r-215v: Hesíquio Milésio, *Res patriae Constandinopoleos*). Vd. Pajón Leyra 2009; Edelstein – Kidd 1988; Hächler 2013; Shannon 2013; Diller, 1952: 4-5.

⁵² Cf. Petsalis-Diomidis 2010: 153.

⁵³ Cf. Gager 1999. Vd. Pselo, 72-74: Παράδοξα δὲ ποιεῖν οἱ μὲν πολλοὶ βούλονται ἂν ἐκ μαγείας καὶ ἀπηγορευμένων τεχνῶν. σὺ δ' ἂν, εἰ βούλοιο καὶ τὸ σέβας φυλάττοις, καὶ ταῦτ' ἂν ποιήεις καὶ γελῶης ὡς ἦδιστα. “A maioria pretendia realizar coisas extraordinárias por meio da magia e de outras artes proibidas. Ora tu, se quisesses e preservasses a piedade, também as farias e haverias de rir-te do modo mais prazeroso.”

⁵⁴ Vd. Petron. 62, denotando os seus medos (*Qui mori timore nisi ego? [...] Vt larua intraui, paene animam ebullui, sudor mihi per bifurcum uolabat, oculi mortui, uix unquam refectus sum*. “Alguém

Admitem-se e aceitam-se, conseqüentemente, acontecimentos e fenômenos eventuais, quiçá mesmo determinações do destino/divinas, aparentemente inexplicáveis do ponto de vista científico/racional (e.g. Petron. 61, sobre os amores de Trimalquião e a morte proveitosa de Tarêncio).

O público deste exotismo de consumo/popular⁵⁵ encontrava-se de igual modo presente na literatura convival/de simpósio. Assim se comprova em Plutarco (séc. I/II d.C.), *Quaestiones conviviales*; Ateneu de Naucrácia (séc. II d.C.), *Δειπνοσοφισταί, Deipnosophistai*; Macróbio (séc. IV/V d.C.), *Saturnalia* 7 (cf., no séc. V a.C., Pl. *Symp.*; já no séc. II d.C., Gell. *Noctes Atticae*); além de um vasto número de testemunhos literários reduzidos a fragmentos⁵⁶, de autores na sua maioria confinados ao desconhecimento generalizado.

poderia estar mais morto de medo do que eu? [...] Entrei [em casa] como um cadáver e quase perdi a alma; o suor corria pelas minhas pernas, os meus olhos estavam mortiços; dificilmente poderia ser reavivado”), face ao comportamento do seu hóspede soldado, que considerou tratar-se de um lobisomem (*ego si mentior, genios vestros iratos habeam*, “que todos os teus anjos me punam, se estiver a mentir”). Na realidade, recontos relativos a fenômenos sobrenaturais (*poltergeist* – ‘espírito ruidoso’; aparições - εἶδωλον -(F)εἶδος, ‘forma’, εἶδω, ‘ver’, perf. οἶδα – subst. ὄψις; εἶδομαι, ‘parecer’; ψυχή, σκιά, ἴνδαλμα, φάσμα / φάντασμα. Cf. φάω, φαίνω, ‘ver’ / *monstrum, manes, umbra, effigies, simulacrum, imago*) contam-se na literatura Antiguidade, geralmente associados a reacções de espanto, superstição e covardice (cf. Thphr. *Char.* 16.1-2: ἀμέλει ἢ δεισιδαιμονία δόξειεν ἂν εἶναι δειλία πρὸς τὸ δαιμόνιον, “Por certo superstição pareceria covardice relativamente ao sobrenatural”). Importa ponderar, neste domínio, acerca de fraudes; remorso; justiça; religiosidade (cerimónias místicas/propiciatórias a entidades ctónicas - A. *Ch.* 1; funerais); crença na imortalidade da alma de feições antropomórficas (E. *Alc.* 1127-1132) – vd. orfismo, estoicismo (e.g. Pl. *Men.* 81b: φασὶ γὰρ τὴν ψυχὴν τοῦ ἀνθρώπου εἶναι ἀθάνατον, “diz-se que a alma é imortal”. Cf. Já antes, épica homérica, e.g. *Od.* 11.219-222); oráculos; sinais; experiências de quase-morte; sonhos (e.g. Verg. *A.* 2.270-279. Cf. espírito de Siqueu, *A.* 1.355), frequentemente interpretados como maus *omina*. Regra geral, as almas eram descritas como espíritos perturbados à procura de reparação (funeral, justiça), relatadas como tenebrosas sombras negras, com vestes pretas (Paus. 6.6.11), por vezes com marcas físicas (*Il.* 23.64). Outros casos reportados mencionam apenas sons (Paus. 1.32.4).

⁵⁵ Cf. neotéricos associados a Catulo, assumindo uma atitude crítica face à exuberância poética das grandes produções épicas da literatura grega, então desadequadas, em virtude da perda de independência territorial perante o poder de Roma. Vd., a título ilustrativo, Parténio. O Niceno apresenta uma colectânea de textos (Ἐρωτικὰ Παθήματα, *Sofrimentos de Amor*) criada, maioritariamente, a partir de outros autores, o que denota, desde logo, o gosto, a pertinência, o carácter actual, oportuno e transversal de uma tradição literária de *topoi* eróticos com traça mitológica. Destaca-se o didactismo / multifuncionalidade do projecto, evitando história com demasiados vínculos etiológicos e de difícil compreensão para o público romano, e assumidamente um material utilitário de consulta / apoio mnemónico a produções literárias de diversos géneros (e.g. épica, elegia). O referido autor da Nova Poesia vai assim ao encontro de uma alegada solicitação de Galo. De facto, *Erotika Pathemata* apresenta-se como um ὑπόμνημα (*breuiarium*). O ὑπόμνημα constitui uma forma de anotação peripatética seguida na poesia Helenística), sem preocupações literárias de relevo e assumidamente pragmático e instrumental.

⁵⁶ Cf., no século XII d.C., a lista de Tzetzes (*H.* 7.621-760, donde, entre outros: Escilax de Carianda (séc. VI/V a.C.), Περίπλους, *Périplos*; Ctésias, séc. V/IV a.C., Ἰνδικά, [*Histórias*] *Indianas*; Περσικά, [*Histórias*] *Persas*; Iâmbulo; Isígono; Regino; Alexandre; Agatóstenes; Antígono; Eudoxo; Hipóstrato; Protágoras; Ptolomeu; Acestorides; Zenótemis; Ferenico; Filostéfano; Adéspoto; Posidipo; Simias; Híeroacles; Apolodoro; Aulo Gélio.

a. Paléfato

Dados Biográficos.

Ainda que aludido por diversos autores antigos, as certezas relativamente a Paléfato radicam-se nas dúvidas generalizadas que se colocam. De facto, são poucas as informações respeitantes a Paléfato, quiçá filósofo peripatético ou eventualmente estóico, autor do século IV a.C., após Alexandre, o Grande.

O antropónimo Paléfato recolhe quatro entradas na Enciclopédia Bizantina *Suda*⁵⁷. Autor grego de *Περὶ ἀπίστων (ιστοριῶν)*⁵⁸, *De Incredilibus*, aparece mencionado em π70 da seguinte forma: Παλαίφατος, Πάριος ἢ Πριηνεύς, γεγωνῶς κατὰ Ἄρταξέρξην. Ἀπίστων βιβλία ε': Τρωικῶν βιβλία ε': τινὲς δὲ ταῦτα εἰς τὸν Ἀθηναῖον ἀναφέρουσι: πλὴν καὶ οὗτος ἔγραψε. “Paléfato, de Paros ou Pirene, viveu sob o governo de Artaxerxes⁵⁹. [Redigiu] *Coisas Incríveis* (5 livros); *Troica* (5 livros) – alguns atribuem-nos ao Ateniese, mas foi este quem os escreveu.”

Provavelmente Παλαίφατος será pseudónimo. Uma interpretação filológica transmite a noção de “o que conta histórias antigas”⁶⁰.

Paléfato manifestou cepticismo e aprimorou a racionalização⁶¹, na tradição de evemerismo, sobre alguns recontos mitológicos, compondo uma obra no âmbito da

⁵⁷ Cf. π69, relativamente ao poeta épico ateniense com o mesmo nome (Παλαίφατος, Ἀθήνησιν ἐποποιός), que viveu na época de Femónoe, profetisa de Delfos, que introduziu o hexâmetro (cf. Cristodoro, *AG* 2.1.36: Δάφνη μὲν πλοκαμῖδα Παλαίφατος ἔπρεπε μάντις | στεγνόμενος, δόκεεν δὲ χεῖν μαντώδεα φωνήν; π71 – Paléfato de Abidos, historiador (ιστορικός) amado (παιδικός) de Aristóteles, na segunda metade do século IV a.C., conforme reportado por Filo (de Heracleia? Vd. Παλαίφατος Ἀβυδηνός, autor de *Περὶ παραδόξου ιστορίας*); π72 – gramático, quiçá ateniense ou egípcio. Cf. Athen. 14.80, como a mais antiga alusão a Paléfato. Cf. citação de Téon, *Progymnasmata*, autor dos séculos I/II, em particular no tocante ao mito dos Centauros (1); dos cavalos de Diomedes (7); de Actéon (6); de Medeia (43). Cf. alusão a Hesíodo (41), Melisso e Lamisco (pref.).

⁵⁸ Cf. Heraclito Paradoxógrafo (c. séc. I/II d.C. Cf. Eust. 1504.55 Stallbaum, 1859.45 Stallbaum), enquanto autor de uma obra intitulada *Περὶ ἀπίστων*, sobrevivente no *Ms. Vat.* 305, séc. XIII/XIV: τέλος ἡρακλείτου περὶ ἀπίστων. Vd. Stern 2003.

⁵⁹ Cf. Artaxerxes III, soberano da Pérsia.

⁶⁰ D.L. 5.2.38, a respeito do nome Teofrasto, atribuído por Aristóteles: τοῦτον Τύρταμον λεγόμενον Θεόφραστον διὰ τὸ τῆς φράσεως θεσπέσιον Ἀριστοτέλης μετωνόμασεν, “Ele [Teofrasto] usava o nome Tirtamo, e foi Aristóteles que o denominou Teofrasto, em virtude do seu estilo gracioso”. Quiçá discípulo de Aristóteles. Vd. Festa 1902: XXXVI-XXXVII, n.9; Sanz Morales: 406. Por seu turno, Festa 1890: 34-41 identifica o autor de *PA* com o historiador mencionado no *Suda*, autor de obras como *Ciprias*, *Delias*, *Áticas* e *Arábia*, *Troianas* e de um título sobre fenómenos incríveis. Os restantes três elementos indicados corresponderiam a um único indivíduo, autor de histórias incríveis.

⁶¹ Cf. Gantz 1993: 27. Vd. Eust. 1382.47, no séc. XII, referindo-se por certo a uma versão mais completa da obra. Eis, pois, a racionalização do mito de Apolo e Posídon enquanto construtores das muralhas troianas (*Il.* 21.435-460). Assim, o rei troiano Laomedonte teria despendido o tesouro conservado nos templos de Apolo e Posídon na construção das muralhas. Cf. Holway 2011: 89.

recomposição do *topos* (género?) literário da paradoxografia⁶², destinado a retratar situações e (ou) objectos do fantástico e inacreditável. Mais do que um exercício de racionalização sobre matéria mitológica, retratam-se reminiscências historiográficas e etnográficas ainda presentes na população mais antiga, mas quase votadas ao esquecimento e à deturpação de generalizações tradicionalmente preservadas pelo fantástico mitológico.

A obra

A linha racionalista, cujo início na literatura sobrevivente destaca Paléfato⁶³, depara-se com críticas e ironização face às suas pretensões intelectualistas e historicistas⁶⁴, correspondendo ao lazer de literatas da época imperial. O escritor grego do século IV a.C. apresentou Παλαίφατος περὶ ἀπίστων (c. 320 a.C.), obra pouco mencionada por escritores pagãos (cf. Virg. *Ciris* 88: *docta Palaephatia testatur uoce papyrus*), em

⁶² Embora de início não constituísse um género literário autónomo, os esclarecimentos de teor paradoxográfico avançados apoiavam-se em reconhecidas obras que abordam ocorrências fora do usual, designadamente, Arist. *HA*; Plin. *HN*.

⁶³ Cf Hawes 2014: 7.

⁶⁴ Considerem-se, neste sentido, E. *Ba.* 242-245, a propósito da original teogonia dionisiaca, a partir da coxa de Zeus, onde foi depositado, após a divindade ter castigado a insolência da sua mãe, fulminando-a, 286-297, relativamente ao objectivo de Tirésias e Cadmo, no sentido de persuadir, através de argumentação (cf., linguisticamente, a semelhança entre 'garantia' - ὄμηρος - e 'coxa' - μηρός), Penteu a aceitar a introdução do culto de Diόνισος – episódio que a mitologia tradicional conserva como início das Bacantes.

καὶ καταγελάς νιν, ὡς ἐνεργάφη Διὸς
μηρῶ; διδάξω σ' ὡς καλῶς ἔχει τόδε.
ἐπεὶ νιν ἦρπασ' ἐκ πυρὸς κεραυνίου
Ζεὺς, ἐς δ' Ὀλυμπον βρέφος ἀνήγαγεν θεόν,
Ἥρα νιν ἦθελ' ἐκβαλεῖν ἀπ' οὐρανοῦ:
Ζεὺς δ' ἀντεμηχανήσαθ' οἷα δὴ θεός.
ρήξας μέρος τι τοῦ χθόν' ἐγκυκλουμένου
αἰθέρος, ἔθηκε τόνδ' ὄμηρον ἐκδιδούς,
Διόνυσον Ἥρας νεικέων: χρόνῳ δέ νιν
βροτοὶ ῥαφήναι φασιν ἐν μηρῶ Διός,
ὄνομα μεταστήσαντες, ὅτι θεᾶ θεός
Ἥρα ποθ' ὠμήρευσε, συνθέντες λόγον.

“Então tu ris-te dele, por ter sido cosido na coxa de Zeus? Vou ensinar-te que isto está bem: quando Zeus o resgatou das chamas e levou a criança como um deus para o Olimpo, Hera pretendeu retirá-lo do céu, porém Zeus, enquanto divindade, desejava algo distinto. Extraindo uma parte do ar que rodeia a terra, ofertou-o a Hera, como garantia de Diόνισος face à hostilidade dela. Todavia, com o tempo, os mortais afirmam que ele foi criado na coxa de Zeus, modificando a palavra [ὄμηρος, ‘garantia, refém’/ μηρός, ‘coxa’], já que a divindade serviu de refém à deusa Hera e elaboraram a história.”

Cf., similarmente, Pl. *Phdr.* 229c-230a, apresentando um diálogo entre Sócrates e Fedro.

cinco livros⁶⁵. A versão actual do artefacto narrativo⁶⁶, utilizado na aprendizagem académica da língua grega⁶⁷, reproduz apenas uma sùmula/epítome do original⁶⁸. A data de composição da obra redigida num grego quotidiano não reúne, contudo, consenso⁶⁹.

Comprova-se, pelo prólogo, que o objectivo de Paléfato é explicativo e não desconstrutivo, o mesmo equivale a julgar que o autor parte do princípio de que existiram ocorrências que originaram recontos sucessivamente deturpados. A constatação baseia-se no senso comum.

O autor disponibiliza duas versões do mesmo mito: uma tradicional, outra racionalizada⁷⁰. A estrutura escolhida segue uma introdução sumária, com a apresentação da mitologia tradicional, normalmente iniciada por 'contam que'/'diz-se que', *φασὶν ὡς, λέγεται ὡς*. A brevidade do reconto paradoxográfico⁷¹ denota, provavelmente, o conhecimento corrente. Depois de explicar o motivo pelo qual não merece receber crédito, segue-se o desígnio de prestar um esclarecimento racional/pragmático, isto é, uma versão alternativa, apresentada de maneira formular, assertando-se a causa que terá conduzido à génese da versão tradicional/popular. Por fim, a lógica tripartida desenhada apresenta o novo entendimento sobre o evento reportado sob 'linguagem mitológica', evitando, neste processo de dessacralização/secularização, colidir com crenças e reverências divinas⁷², ao racionalizar mitos de deuses⁷³. Termina, em muitas ocasiões, com a explicação de como se terá formado o mito⁷⁴.

⁶⁵ Quanto a Osmun 1956: 131, ao dar conta de cinco volumes, aceitando a versão presente em *Suda*. Vd. Eus., *Chronicon* 2 PG 19: 397, 402; Hieronym., *Interpretatio Chronicae Eusebii* PL 27: 274; Orósio, *Historiae* 1.13.

⁶⁶ Vd. Scodel 2014: 133-147.

⁶⁷ Cf. Fritsch 1789: XXVIII. Cf. XXXV: *Beneuolo lectori Martinus Brunnerus. Ex quo datum mihi negotium fuit, publice priuatimque ea curare, quae ad iuventutis patriae facilem in Graecis literis profectum pertinente [...] coepit inter alio set Palaephatus placere*. Vd. Ernesti 1816.

⁶⁸ Quiçá uma compilação bizantina, conjugando material de Paléfato e outro de Pseudo-Paléfato. Cf. Festa 1902: XLVIII-L. Considerem-se ainda aparentes inconsistências, designadamente, duas alusões a Céfalos (2, 5). Cf. Cavalos de Diomedes (7, 40)

⁶⁹ Vd. Schraeder 1894: entre Aristóteles e Téon; Wipprecht 1892: 29-45: entre Políbio (séc. II a.C.) e Téon. Cf. Críticas de Wilamowitz-Moellendorff 1895: 101 n. 184. Considere-se a obra *Troica*, de Paléfato, mencionada por Estrabão e Harpocrácion (séc. I/II).

⁷⁰ Vd. Scodel 2014: 126; Kim 2010: 73.

⁷¹ De um modo geral, não são ultrapassadas as 500 palavras, o que se coaduna com a selecção de mitos por certo conhecidos.

⁷² Na realidade, chega-se, em última instância, à conclusão de uma presença divina inevitável em todos os mitos. Cf., todavia, Guthrie 1955; Kirk 1973: 11. Consequentemente, a associação entre mitos, festivais e rituais parece também evidente.

⁷³ De facto, Paléfato não racionaliza mitos de deuses, neste processo, o que poderá denunciar alguma reverência pelas divindades, apenas tocando nas figuras mitológicas envolvidas nas histórias seleccionadas. Cf. uma suposta tendência de secularização, Sanz Morales 1999: 403.

⁷⁴ Considerem-se P 3, 4, 5, 6, 7, 15, 18, 20, 23, 26, 28, 29, 33, 36, 37, 38, 40, 42, 43.

Em termos gerais, a obra assume-se como um emblema da dicotomia mito/falsidade e lógica-razão/falsidade. Assim se apresentam interpretações sob uma outra lógica mais baseada em analogias e credibilidade, enquanto lições supostamente históricas, numa dicotomia elitista *mythos*-falsidade-tradição-canonização popular / *logos*-veracidade/plausibilidade-história/etnografia (literatura oral)⁷⁵. Linguisticamente, os termos utilizados para estabelecer o apartamento desses vectores passam, a título ilustrativo, por *εγὼ δὲ γινώσκω ὅτι, praeef.; δοκεῖ δέ μοι ταῦτα εἶναι, 33; ἐμοὶ δὲ δοκεῖ ἀμήχανον, 34*. Outrossim, por expressões adversativas similares, introduzidas por *δὲ* e *ἀλλά*, 'mas', com o sentido de 'mas a verdade é esta' (e.g. *τὸ δὲ [δ'] ἀληθὲς ἔχει ᾧδε, 1-2, 6-9, 23, 28, 30, 41-42; τὸ δὲ ἀληθὲς οὖν ἐστὶ τοῦτο, 3; [ἔχει οὖν] ἢ ἀλήθεια ᾧδε, 4, 18; ἐγένετο δέ τι τοιοῦτον, 5; ἢ δὲ ἀλήθεια [ἔχει ᾧδε] αὕτη, 10, 16, 20, 22; ἢ δὲ ἀλήθεια ἧδε, 45; τὸ [ἦν] δὲ ἀληθὲς τοιοῦτον, 13, 21; τὸ δὲ ἀληθὲς [ἔχει ᾧδε] οὕτως, 15, 19; ἦν δὲ τοιοῦτον, 24; [ἀλλ'] ἐγένετο [δέ] [τι] τοιόνδε τι, 26, 39, 40; ἔχει δὲ ᾧδε τὸ ἀληθὲς οὕτως, 27; ἐγένετο οὖν τοιοῦτόν τι, 31; ἐγένετο δέ τι οὖν τοιοῦτόν, 43*. Cf. anotações, como *μάταιον*, "ridículo", 4, 27, 38; *ἐστὶ δὲ εὐήθης*, "isto é uma tolice", 5; *τοῦτο δὲ ψευδές*, "isso é falso", 9, a título ilustrativo). As causas apontadas para repor a verdade (cf. plausibilidade) dos acontecimentos varia na introdução de cada fenómeno retratado (e.g. 37: *ἀλλ' ἦν τοῦτο*, "Eis como aconteceu"; 38: *ἦν οὖν τοιοῦτον*, "Eis o que sucedeu").

Sob o ponto de vista estrutural, a obra revela uma escrita simples e um estilo repetitivo, compondo-se de um prómio e do apreço explicativo de cinquenta e duas histórias mitológicas, que se distribuem por diversos grupos⁷⁶. Verifica-se, ademais, um certo agrupamento na sequência das histórias (e.g. 10-11, personagens incríveis; 13-14, figuras metamorfoseadas; personagens relacionadas com Hércules: 7, 18, 24, 32, 36-40, 44-45). As últimas sete histórias (46-52), desprovidas de um cunho racionalizador, todavia, afastam-se na metodologia seguida nas anteriores e não constam em todos os manuscritos, pelo que se julgam interpolações⁷⁷ ou adendas bizantinas presentes numa versão manuscrita singular, sem qualquer ligação temática ao precedente.

⁷⁵ Vd. Lincoln 1999; Hawes 2014.

⁷⁶ Condidere-se Osmun 1956: 133, a propósito de quatro categorias distintas. Assim, explicações metafóricas (18); explicações onomásticas (15 – e.g. Glauco: 25-27); explicações lógicas sobre *errores credulitatis* (8); explicações etimológicas (4). Stern 1996: 18 menciona aspectos onomásticos; expressões metafóricas mal entendidas; primeiros inventores; miscelânea. As entradas 46 a 52 suscitam discussão. Cf. Sanz Morales: 411-415.

⁷⁷ Vd. Hawes 2014: 38; Festa 1890:21; Wiprecht 1892:10; Schrader 1894: 3; Nestle 1942: 149.

Prefácio.

O autor do Prefácio, quiçá distinto do redactor da colectânea mitológica, terá sido, eventualmente, um indivíduo com conhecimentos filosóficos, que pretenderia dirigir-se a uma audiência culta⁷⁸. Embora o esforço retórico de racionalização (ἀνάσκειν)⁷⁹ já fizesse sentir-se noutros autores, Paléfato legitima/confere autoridade, em termos filosóficos, empíricos⁸⁰, historiográficos⁸¹, científicos, metodológicos e eleva o trabalho à condição de género.

O Prefácio estabelece duas posições face ao mito, distinguindo, por um lado, ouvintes crédulos e pouco científicos, que acreditam nas histórias tal qual lhes são apresentadas. No extremo oposto, com mais experiência e saber, os que não conferem factualidade aos mitos. Paléfato, todavia, afirma ainda uma terceira hipótese, transformando a questão num problema filosófico⁸². Parte do princípio icónico dos mitos (*nihil ex nihilo*)⁸³, cujo aparecimento tivera origem em factos históricos (histórias e factos/trabalhos – λόγος/ἔργα; nomes - ὀνόματα, transmitidos e conservados de forma deturpada pela repetição, uso e tempo. Tratar-se-ia, pois, de uma linguagem capaz de

⁷⁸ Vd. Santoni 2000: 18-19, 26; Festa 1890: 40; Santoni 1998/1999: 9-10.

⁷⁹ Cf. Téon, *Progymnasmata* 95.3-96.14. Vd. Heath 2002/2003.

⁸⁰ Cf. Plb. 12.25.

⁸¹ Paléfato associa o seu trabalho ao de um historiador, ao reportar as suas viagens e indagações. Cf. Hdt., sobre mal-entendidos (e.g. 1.110, 1.122), histórias consideradas, na generalidade, como impossíveis (vd. 1-5: episódios de Io, Europa, Medeia, Helena), racionalizações pouco credíveis (1-60, 1.8-12, 2.129-132), Acusilau de Argos, Hecateu de Mileto, Ferecides de Atenas, Helânico de Lesbos, Heródoto de Heracleia, historiadores com trabalho de racionalização, ainda assim, sem conseguir extrair toda a improbabilidade. Nestle 1942: 141; Wipprecht 1892: 39-41. Cf. História de Hércules e Cérbero, segundo Hecat. *F279* (cf. Paus. 3.25.5), substituindo o tradicional cão do Hades por um cobra venenosa. Helânico, *FGrHist* 4F28, a respeito da batalha entre Aquiles e o Rio Escamandro (*Il.* 21.211-382), sob uma interpretação naturalista. O herói escapara da subida do rio, subindo a uma árvore. Hdt. *FGrHist* 31F30 apresenta Prometeu como o rei acorrentado pelo povo necessitado, até à intervenção de Hércules.

⁸² Cf. Gorg. DK 82B3.

⁸³ Cf. *dictum* mediante o qual se algo já existiu no passado, continuaria a existir no presente. Logo, se na actualidade os monstros da paradoxografia não se encontram, o raciocínio lógico conduz à conclusão de que nunca terão existido. Todavia, cf. Hes. *Op.* 106-201; Empédocles fr. 375-380 KRS, a propósito do fluir dos tempos, tendo algumas realidades deixado de existir. Cf. Hesíodo contempla a sua audiência com um poema didáctico de estrutura narratológica, para cuja escrita obtivera inspiração das Musas do Hélicon, pelo que a obra poderá ser classificada também como uma epifania epistemológica, porquanto as Musas se mostram capazes de revelar os segredos do universo, i.e., a Verdade. Na realidade, o trabalho de racionalização dos mitos assumido por Paléfato não toma em consideração eventuais mudanças temporais, mas pretende interpretar as histórias mitológicas a partir do seu tempo presente, aplicando os resultados como se a sua validade fosse absoluta e alheia a quaisquer mudanças/evoluções. Considerem-se, para apoiar a sua versão, os discípulos de Empédocles arrolados: Melisso, DK 30B1-2 e a imutabilidade do ser. Cf. Pseudo-Aristóteles. Não obstante, falta a indicação de provas demonstráveis das indicações fornecidas pelos anciãos locais (cf. Arist. *EN* 1143b). Em termos práticos, a lição de Paléfato em pouco mais consiste do que na substituição de um dito por outro, ao qual atribui mais credibilidade, a considerar que as alegadas inquirições não serão apenas um instrumento retórico de credibilização (e.g. Parm., *Sobre a Natureza*; Pl. *Ti.* 20e-21e; Acus.).

preservar a memória de certos eventos, fazendo uso da imaginação e do fantástico e apelando para a descodificação, ultrapassando interpretações literais.

Manuscritos e Edições

Os manuscritos divulgam o texto *Περὶ Ἀπίστων*, redigido em grego corrente, sob dimensões distintas. Os códices de Paléfato distribuem-se por quatro grupos principais (A, B, Σ, E). Do *codicum archetipum*, dois grupos: B (k, l, x) e Ψ (dividido em S: y – do qual h, n; m, d; e A: p, v, i, a', [Φ - a partir do qual, u, E).

Assim, na primeira categoria (A) de *παλαιφάτου περὶ ἀπίστων ιστοριῶν*, contendo o prefácio e quarenta e sete capítulos, na ordem I. II., VI (início), IV (final), IX-LI: p – *Parisinus Gr. 2557* (séc. XV), V – *Vratislaviensis Rehdigeranus 22* (séc. XV), i – *Barberinianus I 97* (olim 374), séc. XV, J – *Matritensis 66* (séc. XV), Q – *Vaticanus-Palatinus Gr. 360*, subtítulo *τέλος παλαιφάτου περὶ ἀπίστων ιστοριῶν* (séc. XVI), t – *Musei Harleianus 5629* (séc. XV).

Grupo B, comportando prefácio e quarenta e três capítulos, ordenados da seguinte forma: I. II. VI-VIII. III. IV. IX-XXXIV. XXXVI. XXXVIII-XLVI. e omitindo o trigésimo quarto e o trigésimo sexto: L – *Laurentianus 60, 19* (séc. XIV), R – *Ravianus bibliothecae Berolinens. Reg. ms. Graec. Quart. nº 9* (K. Bobsen. *Philol.* XLII (1884| 285-308), séc. XV, o – *Venetus-Marcianus class. IX cod. 6* (séc. XV), O^a – *Baroccianus 125* (séc. XVI), O^b – *Baroccianus 72* (séc. XV), K – *Neapolitanus 139* (séc. XIII/XIV), N – *Vaticanus Gr. 1385* (séc. XV/XVI), S – *Venetus-Marcianus 490* (séc. XV), X – *Vaticanus Gr. 942* (séc. XIV), n – *Montepessulanus 422* (séc. XVI), q – *Parisinus Gr. 2720* (séc. XV/XVI), h – *Angelicus 54* (séc. XV/XVI).

Grupo Σ, contendo prefácio e 45 capítulos (I. II. VI-VIII. III. IV. IX-XI.): D – *Dresdensis Gr. D a35* (olim *mosquensis bibl. S. Synodi n. 239*), séc. XIII/XIV, M – *Mosquensis biblioth. S. Synodi* (séc. XIV), H – *Venetus-Marcianus 513* (séc. XIV?, XV?), n – *Parisinus Gr. 854* (séc. XIII), m – *Berolinensis-Phillipsianus 1611* (séc. XIV?, XVI?).

Grupo E, com 35 capítulos, na seguinte ordem: III. IV. IX. X. V. XI-XX. I. II. VI-VIII. CCI. XXIV-XXXVII.: P – *Vatican.-Palatinus Gr. 143* (séc. XV), l – *Parisinus Gr. 2551* (séc. XVI), C – *Cartabrigiensis Collegii S. Trinitatis 442*, sob o título *ἐκ τῶν τοῦ Παλαιφάτου περὶ ἀπίστων ιστοριῶν*, O^c – *Oxoniensis Bodleianus Misc. 104. Aauct. F.*

4. 5 (olim 2290), ἐκ τῶν τοῦ Παλαιφάτου περὶ ἀπίστων ἱστοριῶν ou com o subtítulo τέλος, θεοῦ χαριτι, r – *Parisinus Gr.* 2860 (séc. XV), Z – *Vem.-Marcianus* 509 (séc. XV): Ἐκ τῶν τοῦ Παλαιφάτου περὶ ἀπίστων ἱστοριῶν ἃς οἱ παλαοὶ ἀλληγορισθὶ ἐδόξαζον, com 34 capítulos, F – *Laurentianus* 56, 20 (séc. XV), e – *Augustan. Monacens.* 490 (séc. XV).

Outrossim, outros manuscritos com a obra integral ou parcial de Paléfato: *Voss. Misc.* 22 (séc. XVII), *Paris. Gr.* 3076; *Paris. Gr.* 3078; *Tollianus- Arundelianus*; *Palatinus Tollii*; *G. Codices Sylburgii (Codices Gruteri)*; *Codex Meibomii*; *S. Gottingens. Ms. philol.* 93a.

A *editio princeps*⁸⁴ de 1505, edição de Aldo, em Veneza, apresentou-se como *Aesopi et Gabriae fabulae, Phurnutus, Palaephatus* etc. Gr. Lat. *Editio princeps.* fol. *Venet. apud Aldum.* 1505. v. m. *Haec quae a plerisque pro prima Aesopi editione habetur, secundum tantum locum obtinet, sed omnino princeps est respectu aliorum auctorum in uno eodemque volumine editorum videlicet: Phurnuti, Palaephati, Heraclidis Pontici, Ori Apollonis. etc.* A obra reunia textos de diferentes autores⁸⁵. Seguir-se-iam P. Phasianinus (Basel, 1543); Martin Brunner (Upsala, 1663. Reed. Frankfort, 1685, 1686/1687); Thomas Gale, *Opuscula Mythologica* (Cambridge, 1670. Reed. Amsterdam, 1688); P. Pater (Frankfurt, 1685, 1687); S. Dresig (Leipzig, 1735. Cf. 1751); J. F. Fischer (Leipzig, seis edições 1761-1789); Friedrich Wipprecht, *Doctrinae Morales Ad Palaephati Incredibilia: Ex Fabularum Umbris, Ratione Pie, Iuste, Ad Sobrie Vivendi, sacra & profana Veritatis Luce, Omnibus Hominibus Demonstrantes* (Bircknerus, 1686); A. Westermann, ΜΥΘΟΓΡΑΦΟΙ. *Scriptores Poeticae Historiae Graeci* (Brunswick, 1843: 268-310); Johannes Schrader, *Palaephatea* (Berolini, R. Heinrich, 1894); N. Festa, *Palaephati Peri Apiston, Mythographi Graeci* 3.2 (Leipzig: Teubner, 1902).

Em latim, após a edição de Phasianinus, a de C. Tollius (Amsterdam, 1649), melhorada e reeditada por Brunner, Gale, Pater. A maioria das edições comportava

⁸⁴ Vd. Rewiczky 1794: 15. A primeira edição de uma obra de paradoxografia pertence a Guilielmus Xylander, que, no ano de 1568 publica uma adenda com Antonino Liberal; Flégon de Trales; Apolônio; Antígono de Caristo, posteriormente referidos como *Παραδοξογράφοι*, *Scriptores Rerum Mirabilium* (vd. Westermann, A. (1839), *Paradoxographoi: Scriptores rerum mirabilium graeci. Insunt (Aristotelis) Mirabiles auscultationes; Antigoni, Apollonii, Phlegontis Historiae mirabiles; Michaelis Pselli Lectiones mirabiles; reliquorum eiusdem generis scriptorum deperditorum fragmenta. Accedunt Phlegontis Macrobii et Olympiadum reliquiae et anonymi tractatus De mulieribus, etc.*, Brunsvigae, G. Westermann; Londini, Black et Armstrong.

⁸⁵ Vd. Fábulas de Esopo. Cf. Bábrio, *Fabulae Aesopeae*; Lúcio Aneu Cornuto, *De natura deorum*; Palaeph., *De incredibilibus*; Heraclid. *Allegoriae Homericae*; Horapo. *Hieroglyphica*; Aphth. *De fabula*; Philostr. *De fabula*; Hermog. *De fabula*.

apenas o texto de Paléfato. Exceptuam-se Gale, *Opuscula mythologica, ethica et physica: Græce & latine* (Heraclito, Anónimo, Furnuto, Salústio, Ocelo Lucano, Timeu Locro, Demófilo, Demócrates, Segundo, Sextio Pitagórico, Teofrasto, *Caracteres*, Fragmentos Pitagóricos, Heliodoro de Larissa, *Optica*), também Westerman, *Mythographi Graeci*: Cónon, Pseudo-Erastótenes. Cf. Westermann, G. (1839), *Paradoxografoi Scriptorum rerum mirabilium graeci. Insunt Aristotelis mirabiles auscultationes, Antigoni, Apolloni, Phlegontis historiae mirabiles. Michaelis Pselli lectiones mirabiles. Reliquorum eiusdem generis scriptorum deperditorum fragmenta accedunt Phlegontis Macrobiani et Olympiadum reliquiae et anonymi tractatus de mulleribus etc...*, Brunsvigae/Londini, sumtum fecit Georgius Westermann.

Pouco mencionado por autores clássicos gregos e romanos⁸⁶, o escrito paradoxográfico de Paléfato recolheu uma considerável aceitação e divulgação, justificando a multiplicação de manuscritos nos séculos XIII a XVI⁸⁷.

A edição seguida para a corrente tradução foi a de Festa, N. ed. (1902), *Palaephatus. De Incredilibus*, Lipsiae, Teubner: 3-72.

⁸⁶ Vd. Verg. *Ciris* 88: *Docta Palaepha(ph)(t)ia testatur voce papyrus [Pachynus / Parrhasius]*. Cf. Lyne 1978: 473 “como o douto Paquino atesta, através da voz da mulher de Paléfato.” Este estudioso considera *Palaepaphiae*, como alusão a uma escritora de cariz racionalizante, natural de Chipre, que terá considerado o mito de Cila, numa obra redigida num promontório da Sicília denominado Pachynus. Diels (Schrader 1894: 12), por seu turno, considera também *Palaepaphiae*, como equivalente a *Paphiae* (Afrodite/Vénus). Cf., no mesmo sentido, Ganzenmiiller 1956: 570 - *Docta palam Paphiae t. u. papyrus*. Considere-se, a propósito, o mito da castração do sátiro Órquis, incapaz de refrear o seu desejo sexual, ao atentar contra uma sacerdotisa num banquete dionisíaco. Das parcelas que tocavam o solo brotavam flores, que seriam apelidadas de orquídeas. Da porção correspondente à sua virilidade que atingiu as ondas do pélagos emanou uma entidade divina - Afrodite - Páfia (cf. Apollod. 3.14.3; Ov. *Met.* 10.243 sq.; Arnóbio, 6.22), porque junto de Pafos. O autor aludido em *Ciris* teria pretendido credibilizar a racionalização que empreende com a chancela da deusa por certo reverenciada em Paquino. Ellis 1894: 475-476 chama a atenção para a obra de Paléfato (ou quicá de Heródoto, sob o mesmo título), na medida em que de facto apresenta alguma reflexão sobre o mito de Cila. Ainda assim, mesmo tratando-se de Paléfato, poderia estar em causa uma outra obra que o autor tenha composto, a crer na informação dos Suidas. No comentário sobre *G.* 3.113, Probo menciona, a respeito do mito de Ericciónio: *ut palaephatus in libro áπιστων ait* (cf. Apollod. 3.14.6). Téon, o Sofista, *Progymnasmata* 6.12: ὄλον βιβλίον περὶ τῶν ἀπίστων ἐπιχραφόμενον. Cf. Tz. *H.* 9.273, 10.20. Pl. *Ep.* 7.350b. Vd. Vóssio 3.395.

⁸⁷ Cf. A presença de 27 histórias na antologia de provérbios iónia, de Miguel Apostólio (séc. XV).

SOBRE HISTÓRIAS INACREDITÁVEIS

Paléfato

Prefácio

1. Sobre os Centauros
2. Sobre Pasífae
3. Sobre os Espartanos
4. Sobre a Esfinge de Cadmeia
5. Sobre a Raposa Teumesia
6. Sobre Actéon
7. Sobre os cavalos de Diomedes
8. Sobre Niobe
9. Sobre Linceu
10. Sobre Ceneu
11. Sobre Cicno
12. Sobre Dédalo e Ícaro
13. Sobre Atalanta e Melânion
14. Sobre Calisto
15. Sobre Europa
16. Sobre o Cavalo de Madeira
17. Sobre Éolo
18. Sobre as Hespérides
19. Sobre Coto e Briareu
20. Sobre Cila
21. Sobre Dédalo
22. Sobre Fineu
23. Sobre Mestra
24. Sobre Gérion
25. Sobre Glauco, filho de Sísifo
26. Sobre Glauco, filho de Minos
27. Sobre Glauco do Mar
28. Sobre Belerofonte
29. Sobre os Cavalos de Pélops
30. Sobre Frixo e Hele
31. Sobre as Filhas de Fórcis
32. Sobre as Amazonas
33. Sobre Orfeu
34. Sobre Pandora
35. Sobre a Geração do Freixo
36. Sobre Hércules
37. Sobre o Monstro do Mar
38. Sobre a Hidra
39. Sobre Cérbero
40. Sobre Alceste
41. Sobre Zeto e Anfion
42. Sobre Io
43. Sobre Medeia
44. Sobre Ônfale
45. Sobre o corno de Amalteia
46. Pseudo-Paléfato: Sobre Jacinto
47. Pseudo-Paléfato: Sobre Mársias
48. Pseudo-Paléfato: Sobre Fâon
49. Pseudo-Paléfato: Sobre Ládon
50. Pseudo-Paléfato: Sobre Hera
51. Pseudo-Paléfato: Sobre Oríon, filho de Zeus, Posídon e Hermes
52. Pseudo-Paléfato: Sobre Fáeton

[Prefácio]

Eis a obra intitulada *Sobre Histórias Inacreditáveis*. Pois bem, as pessoas crédulas, não familiarizadas com a filosofia e com o conhecimento científico, dão crédito a tudo o que lhes dizem, enquanto as que são por natureza mais inteligentes e analíticas não acreditam que essas coisas tenham acontecido. Quanto a mim, julgo existir realidade por trás de todas as histórias, pois nomes isolados, sem histórias, dificilmente teriam surgido. Assim, ter-se-ão verificado eventos e depois histórias a seu respeito.

Ora, todas as figuras e formas físicas que se diz terem existido no passado, mas não existem agora, nunca existiram, pois tudo o que em algum momento veio a existir continua a existir agora e continuará a existir no futuro⁸⁸. Eu, de qualquer forma, estou constantemente a recomendar os autores Melisso⁸⁹ e Lamisco de Samos⁹⁰, por afirmarem “O que veio a existir no início existe e continuará a existir.” Contudo, os poetas e os prosadores adulteraram certos acontecimentos, transformando-os em algo mais incrível e impressionante, para que as pessoas ficassem entusiasmadas.

Ora, reconheço que tais fenómenos não podem ocorrer da forma que descreveram, mas também me apercebi deste facto: caso não tivessem ocorrido de todo, não teriam dado lugar a histórias. Fui a diversas regiões e indaguei às pessoas idosas o que lhes havia sido transmitido acerca de cada uma das histórias. Escrevo o que aprendi a partir delas⁹¹. Vi pessoalmente o que cada um dos lugares aparenta hoje e escrevi essas narrações, não como me foram contadas, mas depois que visitei e as investiguei pessoalmente.

⁸⁸ Cf. Ps.-Arist., Περὶ Μελίσσου, Ξενοφάνους καὶ Γοργίου, *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias*.

⁸⁹ Filósofo da Escola Eleática do séc. V a.C., natural de Samos.

⁹⁰ Cf. Pl. *Ep.* 7.350b; D.L. 3.22.

⁹¹ Cf., nesse sentido de valorização da factualidade e de aproximação racionalista, o filósofo Heraclito, fr. 55 Diels, ao manifestar a sua preferência pelo que pode ser confirmado: ὅσων ὄψις ἀκοῇ μάθησις, ταῦτα ἐγὼ προτιμέω, "Eu devo dar primazia ao que vejo, ouço e aprendo". Posteriormente, Platão (*R.* 529d) daria prosseguimento a esse percurso, fazendo depender a compreensão de teorias explicativas, bem como da interferência do λόγος, mas não do olhar, no seu sentido físico e material, isto na primeira ocasião em que o termo é utilizado com o sentido de ‘razão’: ἃ δὴ λόγῳ μὲν καὶ διανοίᾳ ληπτὰ, ὅφει δ’ οὐδ’ ἢ σὺ οἶει, "isso só pode ser apreendido através da razão e do pensamento, mas não pela vista".

1.

[Sobre os Centauros]

Conta-se que os Centauros eram feras que apresentavam, na sua generalidade, a forma de um cavalo, à exceção da cabeça, que tinha aspecto humano. Ora, para o caso de alguém acreditar que tal criatura existiu, trata-se de uma impossibilidade. As naturezas do cavalo e do homem não se combinam⁹², a sua alimentação não é a mesma e não é possível que o alimento do cavalo passe pela boca e garganta humanas. Ademais, se tivesse existido tal forma então, também existiria agora.

A verdade do assunto é esta⁹³: quando Ixíon governou a Tessália, uma horda de bois ficou desembestada, no Monte Pélion, tornando a passagem pelo resto da montanha também inultrapassável. Os bois desceram até zonas desabitadas e devastaram pomares e colheitas, juntamente com animais de carga. Então, Ixíon anunciou que, se alguém matasse os bois, ele dar-lhe-ia bastante dinheiro. Alguns homens de uma localidade na montanha chamada Nephele⁹⁴ tiveram a ideia de treinar cavalos para montar – no passado, as pessoas não tinham aprendido a montar a cavalo – apenas usavam carroças. Consequentemente, montaram os seus cavalos e partiram para onde estavam os bois, atacando a manada com lanças. Quando estavam a ser perseguidos pelos bois, os jovens afastavam-se, já que os seus cavalos eram mais lesto do que os bois. E quando os bois deixaram de perseguir, os homens rodearam-nos e arremessaram as lanças. Destruíram-nos dessa forma. A partir daí, os Centauros receberam o seu nome⁹⁵, uma vez que mataram os bois. Não tem nada a ver com a forma dos bois, já que não há nada que se

⁹² Cf. Lucr. 5.878-891, a propósito da impossibilidade de alguma vez terem existido criaturas híbridas, como os Centauros.

⁹³ Para a racionalização do mito dos Centauros (Hipocentauros), enquanto cavaleiros, vd. D.S. 4.70.1, contemplando a versão que dá conta dos Centauros criados por Ninfas, no Monte Pélion, e dos progenitores dos Hipocentauros, criaturas metade humanas, metade equinas (ἀνδρωθέντας δὲ καὶ μιγέντας ἵπποις), na sequência do relacionamento com éguas. Outra tradição concerne aos (Hipo)Centauros, filhos de Ixíon e Néfele. Vd. Heraclit 5; X. *Cyr.* 4.3.19-20, denotando a dificuldade de os Centauros poderem usufruir de muitas benesses criadas para os homens (ἀγαθῶν); Plin. *HN* 7.202 (7.81): *pugnare ex equo thessalos, qui centauri appellati sunt*. A versão de Paléfato, todavia, é rejeitada por outras fontes, a exemplo do autor tardio Tz. *H.* 7.10-48.

⁹⁴ Cf. νεφέλη: 'nuvem'.

⁹⁵ Cf. αὔρα: 'briza'. Vd. Eust. *II.* 1.268, a propósito do relacionamento de Ixíon com a Nuvem. Cf. Fulg. 2.14, sobre a etimologia de Centauro, a partir de *centum*: 'cem'. Considere-se Luc. *DDeor.*, acerca do engano de Ixíon por Zeus, que substituiu Hera, então desejada pelo insolente mortal, por uma nuvem, dando origem a Centauro(s). Vd. Pi. *P.* 2.21-48; D.S. 4.69.4-5; Apollod. *Epit.* 1.20, reportando os Centauros como filhos do arrogante Ixíon com a nuvem (νεφέλη δὲ ἐξ Ἴξίονος ἐγέννησε Κένταυρον.). Cf. Serv. *A.* 6.286.

assemelhe a bois nos Centauros e o seu aspecto seria de cavalos e humanos⁹⁶. E foi a partir do seu feito que tomaram a designação.

Ora, os Centauros receberam o seu dinheiro da parte de Ixíon e vangloriaram-se pelo que haviam realizado e pela sua riqueza. Ficaram arrogantes e cometeram muitos actos mesquinhos até contra o próprio Ixíon, que vivia na cidade agora designada Larissa – na ocasião, os que aí viviam eram chamados Lapitas. Quando os Lapitas os convidaram para um festim, os Centauros embriagaram-se e raptaram as mulheres. Colocando-as sobre os dorsos dos seus cavalos, partiram para a sua própria cidade. Depois disso, eles atacaram os Lapitas e decretaram-lhes guerra. Desceram até às planícies durante a noite e prepararam emboscadas. Ao nascer do dia, queimaram, pilharam e fugiram para as montanhas. Quando se encontravam a proceder dessa maneira, os que andavam no seu encalço, de longe, apenas conseguiram ver as partes traseiras dos cavalos e não as suas cabeças; assim como a parte superior dos homens, mas não as suas pernas. Ao contemplarem esta estranha visão, proferiram: “Os Centauros de Néfele estão a destruir-nos!” A partir desta imagem e desta afirmação elaborou-se o inacreditável mito de que um homem equino havia nascido de uma nuvem sobre a montanha.

⁹⁶ Informação não corroborada por fontes literárias tradicionais, como Homero ou Hesíodo. Acerca de comportamentos desarrazoados dos Ciclopes, em estado ébrio, vd. *Il.* 1.267-268, 2.742-744; *Od.* 21.295-394; Hes. *Sc.* 178-190; Apollod. *Epit.* 1.21, considerando o assassinato de Ceneu, após a sua transformação em homem.

2.

[Sobre Pasífae]

Conta-se um mito a respeito de Pasífae, mediante o qual se tinha apaixonado por um boi de pasto e que Dédalo construía uma vaca de madeira, em cujo interior colocou Pasífae e desta forma o boi conseguiu montar e acasalou com a mulher. Diz-se que ela engravidou e deu à luz um filho com o corpo de homem e cabeça de touro. Eu nego que isto tenha acontecido.

Antes de tudo, é impossível que um animal se relacione sexualmente com outro, se a fêmea não tiver uma vagina adequada aos genitais masculinos. Não é possível para um cão e um macaco ou para um lobo e uma hiena acasalarem uns com os outros. Nem mesmo um antílope consegue acasalar com um veado, pois pertencem a espécies diferentes. Mesmo que acasalassem entre si, não se consegue gerar descendência. Primeiramente, não acredito que um touro tenha acasalado com uma vaca de madeira, pois todos os quadrúpedes cheiram os genitais do animal antes de acasalarem com ele e apenas depois o montam⁹⁷. Ademais, a mulher não conseguiria suportar um boi em cima dela. De igual modo, uma mulher não poderia carregar um feto com cornos.

A verdade da questão é a seguinte: conta-se que Minos sofria de dores nos seus genitais e estava a ser tratado por Prócris⁹⁸, filha de Pandión, pelo valor do cachorro e do dardo <...> Céfalos⁹⁹. Durante este tempo, um jovem de extraordinária beleza trabalhava para Minos. O seu nome era Tauro¹⁰⁰. Pasífae desenvolveu uma paixão por ele, convenceu-o a dormir com ela e concebeu um filho. Minos contou o tempo a partir do qual ele começou a sentir dor nos seus genitais e apercebeu-se de que o filho não poderia ser seu, dado que ele não se tinha deitado com ela. Através de uma cuidadosa comparação, descobriu que a criança descendia de Tauro. Decidiu não matar o rapaz, porque o considerava um irmão dos seus filhos. Contudo, mandou-o para as montanhas, de modo a servir os pastores, quando crescesse. Porém, quando o jovem se tornou homem, não dava ouvidos aos pastores. Assim que Minos soube disto, ordenou que fosse preso e trazido de novo à cidade. Caso acedesse voluntariamente, viria sem ser atado; de outra forma, deveria ser amarrado. O jovem soube do que estava a passar-se e

⁹⁷ Cf. Apollod. 3.1.4; Hyg. *Fab.* 40. Vd. P 12.

⁹⁸ Vd. Apollod. 3.15.1.

⁹⁹ Cf. Hyg. *Fab.* 189.

¹⁰⁰ Ταῦρος: 'Touro'. Cf. P 15; Démon *FGrHist* 327F5; Philoch. *FGrHist* 328F17a (Plu. *Thes.* 16.1, 19.3-7); H 7.

retirou-se para as montanhas. Roubava gado e, dessa forma, sustentava-se. Minos enviou um grupo maior para capturá-lo, mas o rapaz escavou um buraco profundo e encerrou-se nele. Viveu aí o resto da sua vida. Costumavam atirar-lhe ovelhas e cabras e ele sobrevivia a alimentar-se delas. Quando Minos pretendia castigar alguém, mandava-o para ele, que se encontrava encarcerado no seu compartimento, e dessa forma a pessoa seria morta. Quando Minos capturou o seu inimigo Teseu, trouxe-o até ao palácio para ser morto. Ariadne, todavia, enviou antes uma espada para o interior da prisão e Teseu matou o ‘Minotauro’ com ela. <...> Eis a história tal como aconteceu, mas os poetas transformaram-na num mito¹⁰¹.

¹⁰¹ Cf. mito do Minotauro.

3.

[Sobre os Espartanos]

Uma história antiga reporta que Cadmo matou uma serpente; extraiu-lhe os dentes e dispôs-os como sementes¹⁰² na sua própria terra¹⁰³. De seguida, emergiram homens armados a partir do solo. Todavia, se isto fosse verdade, nenhum chefe militar mostraria algo mais, a não ser dentes de serpente – mesmo que não fosse noutras regiões, pelo menos na terra onde homens armados haviam recentemente emergido¹⁰⁴.

Contudo, o que verdadeiramente aconteceu foi o seguinte¹⁰⁵: Cadmo, fenício de nascimento, veio até Tebas, para concorrer pela posse do reino com o seu irmão Fénix. Na altura, o rei de Tebas era Drago, um filho de Ares. Drago dispunha das várias posses que os reis geralmente tinham – e em particular detinha alguns dentes de elefante.

Ora, Cadmo matou Drago e tornou-se rei. Seguidamente, os amigos de Drago decretaram-lhe guerra e os filhos de Drago também se juntaram nessa luta contra Cadmo. Mas quando se encontraram numa posição militar mais débil, os amigos de Drago tomaram as posses de Cadmo – entre as quais se encontravam os dentes de elefante, que tinham sido guardados num templo – e partiram com eles de volta para as suas terras. Uns foram numa direcção; outros, noutra; um grupo foi para a Ática; outros para o Peloponeso, ou para Fócida, ou para Lócride. A partir destes locais, prosseguiram com a campanha contra os Tebanos. Eram opositores valorosos, em virtude da linguagem comum que compartilhavam e do conhecimento do território que possuíam.

¹⁰² O *topos* da disposição de dentes na terra, a partir dos quais se elevam figuras humanas, conta-se também no mito de Jasão, na senda pelo velo de ouro, que o levaria à Cólquida. Cf. A.R. 3.1278-1407; Apollod. 1.9.23; Pherecyd. *FGrHist* 3F22, autores que ligam o mito tradicional de Cadmo ao dos Argonautas, reportando a divisão dos dentes do dragão de Tebas efectuada por Atena e Ares, entre Cadmo e Eetes. No que respeita a Cadmo, o dragão corresponderia à figura sagrada que guardava a fonte de Ares (Ismene).

¹⁰³ Considerem-se versões distintas em Stesich. fr. 195 *PMGF*; E. *Heracl.* 252-253, reportando o acto de semear a Atena ou Ares.

¹⁰⁴ A versão tradicional, que dá conta de homens armados a brotar do solo (σπαρτός, [ή], όν,: semeado; Σπαρτοί, οί: Espartanos. cf. σπείρω: ‘semeiar’.), dos quais, após lutas intestinas de raça, para as quais teria contribuído Cadmo de maneira astuta (cf. conselho de Medeia a Jasão, no sentido de perturbar a paz entre a raça armada), ao lançar pedras entre eles, restaram apenas os cinco fundadores das nobres famílias da recém-criada Tebas: Quíon, Udeu, Ctónio, Hiperenor, Peloro (ps.-Apollod. 3.4.1), apresenta-se em diversos autores, como E. *Ph.* 657-675, 939-941; Paus. 9.10.1; Apollod. 3.4.1; Hyg. *Fab.* 178. Hellenic. *FGrHist* 4F1b reporta a emersão de apenas cinco homens, não considerando a existência de luta entre eles. Cf. Apollod. 3.4.1; Paus. 9.5.1, 10.1. A versão latina de Ovídio denota a ausência de Cadmo da refrega ciclópica, a conselho de um deles (Ov. *Met.* 3.99-130).

¹⁰⁵ Cf. versões racionalizadoras de Andrócion *FGrHist* 324F60a-b; D.S. 19.53.4; H 19, para os quais os ‘Espartanos’ correspondiam às tropas de Cadmo, numa luta que opôs Fenícios a Beócios, recorrendo a emboscadas, o que fazia parecer, aos olhos do inimigo, que ‘brotavam da terra’.

Eis então o que os cidadãos de Tebas afirmaram depois que os amigos de Drago se apossaram dos dentes e partiram. “Cadmô causou-nos um grande mal, ao matar Drago. Existem agora muitos homens armados dispersos noutras terras, os quais nos decretam guerra – tudo isto provém dos dentes de Drago.” Este foi o verdadeiro acontecimento, a partir do qual o mito foi construído.

4.

[Sobre a Esfinge de Cadmeia]

Diz-se que a Esfinge¹⁰⁶ de Cadmeia era um monstro com o corpo de cão¹⁰⁷, a cabeça de uma mulher, asas de um pássaro e voz de um ser humano. Acomodou-se no Monte Fícion e entoava o seu enigma¹⁰⁸ a cada cidadão. Todo o homem incapaz de resolver o enigma era morto pela Esfinge; mas quando Édipo encontrou a resposta, a Esfinge atirou-se para a morte a partir da montanha¹⁰⁹.

Esta história é impossível de acreditar. Dificilmente poderia existir uma forma como a da Esfinge e é pueril imaginar que aqueles que não conseguiam resolver os enigmas eram devorados por ela. Por que razão os Cádmeos simplesmente não mataram a criatura com setas, em detrimento de ficarem parados a ver os concidadãos serem devorados como se fossem inimigos? Ridículo!

A verdadeira história é como se segue¹¹⁰: Cadmo chegou a Tebas com uma esposa Amazona¹¹¹, chamada Esfinge. Em Tebas, matou Drago e ficou com a propriedade e o reino de Drago para si – consequentemente, também com a irmã de Drago, chamada Harmonia. Quando Esfinge se apercebeu de que Cadmo estava para casar-se com outra mulher, convenceu alguns cidadãos de Tebas a partirem com ela. Apropriou-se da maior parte do dinheiro de Cadmo e levou também o veloz cão que Cadmo trouxera consigo para Tebas. Partiu com isto para o chamado Monte Fícion e, a partir daí, decretou guerra a Cadmo. Dispunha armadilhas, matava e arrebatava os que apanhava. Pois bem, a palavra cadmeia para ‘armadilha’ é ‘enigma’, pelo que as pessoas repetiam: “A feroz Esfinge aguarda-nos com o seu ‘enigma’. Posicionou-se na montanha e ‘devora-nos’.

¹⁰⁶ Cf. *schol.* Hes. *Th.* 326, a propósito da designação beócia: Φῖκα τὴν Σφίγγα λέγει. Vd. Hes. *Sc.* 33.

¹⁰⁷ Paléfato segue a versão de A. fr. 236 *TrGF*; S. *OT* 391, justificando, assim, a forma híbrida que se reconhecia à criatura: face de mulher; corpo de cão (a partir do cão que roubara de Cadmo); asas. Tradicionalmente, porém, a versão mais recorrente denotava a Esfinge com corpo de leão. Cf. Asclep. *FGrHist* 12F7b; Apollod. 3.5.8; Tz. *ad Lyc.* 7, nesta versão, a parte superior do corpo é de leão; a secção inferior, de homem; garras de abutre; asas de águia. Vd. representações em escultura, no Egipto, e.g. Esfinge de Gizé. Cf. Hdt. 2.175. Considere-se a versão mais corrente de esfinge grega, retratada como figura feminina, com a face de mulher; peito e patas de leão; asas de ave; cauda de serpente. Vd. *schol.* Ar. *Ra.* 1287; S. *OT* 391; P 7. Na arquitectura grega, surge frequentemente enquanto figura decorativa (cf. E. *El.* 471).

¹⁰⁸ Vd. S. *OT* 130-131, 391-394, para uma constatação.

¹⁰⁹ Vd. E. *Ph.* 806-811, 1019-1042; Asclep. *FGrHist* 12 F7b; D.S. 4.64.3-4; Apollod. 3.5.8. Cf. Hyg. *Fab.* 67. A descrição da morte da Esfinge, provavelmente tradicional, surge como uma novidade apresentada por Paléfato, que reconhece a divulgação deste conto.

¹¹⁰ Cf. esforços de racionalização da paradoxografia referente a este episódio, Phanod. *FGrHist* 325F5 bis; Paus. 9.26.2, acerca de versões distintas sobre a Esfinge.

¹¹¹ Detalhe de Paléfato.

Ninguém consegue resolver o ‘enigma’ e é impossível enfrentá-la. Ela não corre; ela voa – ela e o seu cão!”

Então Cadmo anunciou: daria uma grande quantidade de dinheiro ao homem que matasse Esfinge. Édipo, homem de Corinto, com conhecimento de assuntos militares e um cavalo veloz, chegou. Organizou tropas de Cádmeos, saiu durante a noite e preparou uma emboscada para ela: assim, resolveu o ‘enigma’ e matou Esfinge. O resto do mito constituiu-se a partir destes acontecimentos.

5.

[Sobre a Raposa Teumesia]

A história¹¹² aponta que a Raposa Teumesia se arrebatou e devorou os Cádmeos. Mas isto é uma tolice: não existe nenhum animal à face da terra capaz de enlevar-se e de levar um homem; e a raposa, em particular, é pequena e fraca.

Eis como se passou: Existia um tebano a quem as pessoas chamavam Raposa, pois era um tanto trapaceiro e superiorizava-se a todos os homens em esperteza. O rei de Tebas temia que o Raposa pudesse tentar um golpe, pelo que o expulsou da cidade. Porém, o Raposa reuniu um grande exército, incluindo mercenários e tomou o chamado Cume Teumeso. A partir daí avançou: pilhou a região e levou cativas tebanas. O povo haveria de dizer: “É Raposa – continua a vencer-nos e a escapar.”

Todavia, um ateniense de nome Céfalo chegou com um grande exército, para auxiliar os Tebanos. Atingiu o Raposa e expulsou o seu exército do Cume Teumeso. Depois estes eventos tornaram-se um mito.

¹¹² Cf. castigo para os Tebanos, por afastarem a linhagem de Cadmo do trono. Sobre a criatura enviada por Diónisos contra os Tebanos, Eratosth. *Cat.* 33; Apollod. 2.4.6-7; Paus. 9.19.1. Vd. Ant. Lib. 41.7-10, com base em Paléfato e acrescentando o nome de um general - Cão. Outrossim, Heracl. 30; Tz. *H.* 1.553-572. Vd. Ov. *Met.* 7.759-793.

6.

[Sobre Actéon]

Dizem que Actéon foi devorado pelos seus próprios cães. Porém, o conto é falso, pois um cão é muito afectuoso para com o seu dono e provedor. Ademais, os cães de caça, em particular, adulam toda a gente. Todavia, alguns afirmam que Ártemis metamorfoseou¹¹³ Actéon num veado, e que foi este cervo que os cães mataram. Ora, a mim parece-me que Ártemis¹¹⁴ pode fazer o que entender, mas não é verdade que um homem se tornou um veado; ou um veado, um homem. Foram os poetas que inventaram tais mitos, para quem os ouve não cometa actos ultrajantes contra a divindade.

A verdade é como se segue¹¹⁵: Actéon era um arcádio que gostava especialmente da actividade venatória. Mantinha sempre uma grande matilha e caçava nas montanhas com eles, descurando os seus próprios afazeres. Ora, todas as pessoas nessa época dependiam do seu próprio trabalho. Não tinham criados para fazer o trabalho e quem fosse o mais industrioso tornava-se o mais rico. Mas, no caso de Actéon, o seu gosto por caçar e a sua falta de atenção para com as suas próprias circunstâncias tornaram a sua vida um desperdício. Quando já não lhe restava nada, as pessoas disseram: “Pobre

¹¹³ As razões que conduziram à metamorfose variam. Cf. a insolência e impiedade de panfletárias do belo mancebo Actéon da Beócia. Não apenas se afirmava superior à deusa, na actividade venatória, como também assume uma atitude *voyeurista* face à deusa, similar a Cálidon (e.g. Callin. 5.107-118; Apollod. 3.4.4; Paus. 9.2.3. Cf., no contexto latino, Ov. *Met.* 3.138-252; Hyg. *Fab.* 180, 181). O despedaçamento de Actéon pelos seus cães permitia relacionar esta temática com o *topos* do 'desmembramento', (*dias*)*paragmos*: *Nunc tibi me posito uisam uelamine narres, | sit poteris narrare, licet!*, "agora irás narrar que me viste desnudada, vá, conta, se puderes!" (Ov. *Met.* 3.192-193) – terá referido a deusa, transformando-o de caçador em peça de caça dos seus cinquenta cães (e.g. Apollod. 3.4.4; Ov. *Met.* 3.131 sq.; Paus. 1.44.8, 9.2.3; Hyg. *Fab.* 181). De notar casos de insolência para com as divindades, no seu conjunto: metamorfose num grou, porque Gérana desprezava as divindades; Ajax dizia não necessitar da ajuda dos deuses; revelando grande insolência, Ícaro não atendeu às recomendações de seu pai Dédalo; Énoe, desprezava os deuses e em especial o culto de Ártemis e Hera. Vd. actos de insolência e autogloriação: Anquises (Afrodite); Mársias (Apolo); Miseno (melhor trompeteiro); Terambo (negligência do conselho de Pã); Salmoneu de Salmone (imitar Zeus); Acrísio, afirmando-se igual a Zeus; Êrito de Ecália, filho de Melaneu, excelente arqueiro, desafia Apolo. Também de salientar é o caso do par Alcione/Ceíce, que se diziam tão felizes no seu matrimónio como Zeus e Hera. Também Périfas, venerado como um deus em Ática, onde lhe ergueram um templo, qual Zeus. Notem-se também os pastores de Messápia, os quais avistaram as ninfas Epimélides a dançar. Desconhecendo a sua verdadeira identidade, fizeram troça delas e desafiaram-nas, dizendo que seriam capazes de dançar melhor do que elas. Note-se, além do mais, o orgulho desmedido de Gorgo, pela sua beleza, o que a levou a rivalizar com Atena; e, similarmente, Side, esposa de Orion, porque pretendeu competir com a beleza de Hera; Quíone, em termos de beleza, arrogava-se superior a Ártemis; Cassiopeia disputou a sua aparência com a de Hera e das Nereides; Níobe disputa com Leto a respeito da beleza dos seus filhos (cf. Aracne/Atena). No que respeita a colocar à prova a sabedoria divina, vejamos, a título de exemplo, a insolência de Licáon, ao colocar à prova Zeus. Cf. Tântalo; Comatas.

¹¹⁴ Considere-se Ártemis, cortejada por Actéon (D.S. 4.81.4-5).

¹¹⁵ Vd., no mesmo sentido, Anaximen. *FGrHist* 72F40.5; Fulg. 3.3. Cf. *Il.* 1.225.

Actéon, que foi devorado pelos seus cães caçadores.” Então, ainda hoje, se um homem é suficientemente infeliz ao ponto de perder toda a sua fortuna com prostitutas, temos o hábito de dizer que “foi devorado por ‘putas’.” E isto foi o que aconteceu com Actéon.

7.

[Sobre os cavalos de Diomedes]

Conta-se que os cavalos de Diomedes degustaram homens¹¹⁶. Ridículo! Os cavalos apreciam mais cevada e aveia do que carne humana¹¹⁷.

Eis a verdade: há muito tempo atrás, os homens faziam a sua vida com as suas próprias mãos e foi a sachar o solo que obtiveram comida e recursos em abundância. Todavia, um tal Diomedes preocupou-se com a criação de cavalos. O seu fascínio por eles chegou ao ponto de fazê-lo perder a sua propriedade: vendeu tudo o que tinha e desperdiçou-o na criação de cavalos. Então os seus amigos apelidaram os cavalos de “comedores de homens”, e foi assim que o mito começou.

¹¹⁶ Oitavo trabalho de Hércules, desenvolvido na Trácia. Vd. *E. Alc.* 494-496; *Ov. Met.* 9.194-196; *Hyg. Fab.* 30; *H* 31; *Apollod.* 2.5.8; *Tz. H.* 2.299-308. Cf. *D.S.* 4.15.3. Mediante esta fonte, Hércules matara Diomedes e, de seguida, lançou o seu corpo aos cavalos de raça extraordinariamente forte e comportamentos nada habituais.

¹¹⁷ Cf. Observação similar, por Hércules, *E. Alc.* 495.

8.

[Sobre Níobe]

Diz-se que Níobe¹¹⁸, uma mulher, se transformou em pedra, sobre o túmulo dos seus filhos. Quem quer que acredite que um ser humano se transformou em pedra, ou uma pedra num ser humano, é louco.

¹¹⁸ Reveladora do tipo de ancestrais que a precederam foi a figura de Níobe. O drama da sua existência chamou a atenção de diversos autores (cf. Pl. *R.* 380a; Arist. *Po.* 1456a), designadamente de Ésquilo e Sófocles, em tragédias actualmente perdidas, como *Niobe*, da autoria do primeiro, provavelmente incluída numa trilogia, a par de outras figuras femininas sujeitas a metamorfose (e.g. Calisto, Atalanta). Também a Sófocles se atribui um drama sob a designação de *Niobe*, remanescendo sob forma fragmentária. De início abençoada com uma vasta prole (εὐτεκνος), Níobe toma uma atitude hubristica, reveladora de um orgulho desmedido, qual Tântalo, face a Leto, ao vangloriar-se da superioridade da sua progénie. Consequentemente, Apolo e Ártemis matam-lhe a descendência – seis rapazes e outras tantas raparigas (*Il.* 24.603: δώδεκα), à excepção de Amiclas e Melibeia -, deixando-a insepulta por nove dias. O número de filhos atribuído a Níobe varia consoante os autores. A *Iliada* contava uma prole de doze (24.603: δώδεκα παῖδες). Já Apollod. 3.5.6 reportava a visão de Hesíodo – dez rapazes e dez raparigas. Porém, Ael. *VH* 12.36 menciona que Hesíodo atribuía a Niobe nove filhos e dez filhas. Os autores trágicos, por seu turno, avançam com o número de catorze descendentes. Vd. *schol.* E. *Ph.* 159, para informações respeitantes a outros autores, como Alcman (dezoito), Safo (seis) ou Heródoto (quatro), a título ilustrativo. A dura consciência que tomara do acto de *hybris* que havia cometido, como seria natural em qualquer mãe, vaidosa pelos filhos e vazia após a sua morte, fá-la preservar um silêncio exterior (cf. A. fr. 154a6-7 Radt: ἐφημένη τάφον | τέκνοις ἐπῶζει - ἢ τοῖς τεθνηκόσιν, "Sentou-se sobre o túmulo e lamentou os filhos mortos"), mas certamente um ruidoso confluír, no seu íntimo, de sentimentos extremos de culpa, remorso e perda. Desesperada, Níobe suicida-se, precipitando-se de um rochedo (*katapontismos*). Os momentos seguintes variam consoante a versão tebana ou lídia do mito (Parth. 33: Διαφόρως δὲ καὶ τοῖς πολλοῖς ἰστορεῖται καὶ τὰ Νιόβης, "A história de Níobe conheceu diferentes versões conforme as fontes"). O choro voluptuoso, normalmente associado a esta figura, reflectiria, desde logo, o seu pesar face ao mal que se abatia sobre a casa de Tântalo. Afinal, essa tradição de desaires poria também cobro ao casamento (A. fr. 154a5 Radt: ὁρᾶτε τοῦπι[τ]έρμιον γάμου. Cf. Plu. *De Musica* 15, a propósito de um péan composto por Píndaro relativo ao matrimónio de Níobe) a que Tântalo (nesta versão, seu pai) a havia condenado (A. fr. 154a Radt: ἢ δ' οὐδὲν εἰ μὴ πατέρ' ἀναστέ[ν]ειν ἔχει). E se o rito nupcial comportava notórias semelhanças com o de um funeral, o que seria ominoso, no caso de Níobe, constata, de igual modo, uma inversão, ao verificar-se a impossibilidade de a jovem permanecer no seu novo lar (cf. A. fr. 154a Radt: αὐθις] μὲν ἤξει δεῦρο Ταντάλου βία, | ἐπ' ἀγ]κόμιστρα τῆσδε καὶ πεφα[σ]μένος.), a julgar pelo que corrobora também a versão de Apolodoro (3.5.6: αὐτὴ δὲ Νιόβη Θήβας ἀπολιποῦσα πρὸς τὸν πατέρα Τάνταλον ἤκεν εἰς Σίπυλον, κάκει Διὶ εὐξαμένη τὴν μορφήν εἰς λίθον μετέβαλε "Mas a própria Níobe abandonou Tebas e foi para junto do pai Tântalo, em Sípilo"). O altar do seu matrimónio assumiria a forma de um túmulo de lamentações (cf. E. *Ph.* 159-160), sobre o qual deplorava o infortúnio da sua descendência (A. fr. 154a Radt: θρηνο]ῦσα τὴν πάλαιναν εὐμορφον φύην). Na cena esquiliana, apesar de a obra receber o seu nome, deverá ter permanecido demoradamente ausente de cena ou em silêncio, o que constituía uma forma de criar expectativa em torno da figura (Ar. *Ra.* 912-913: τὸ πρόσωπον οὐχὶ δειχνύς ... γρύζοντασ οὐδὲ τουτί), quiçá velada (θρηνο]ῦσα, no sentido de σκέπο]ῦσα. Cf. *anakalypteria*). A deploração extrema de Níobe conformava uma experiência de morte em vida (cf. Arist. *EN* 1148a), que encontraria prolongamento na sua metamorfose (e conseqüente imortalidade) em rocha. O motivo do rochedo surge novamente na família de Tântalo, denotando, simbolicamente, uma continuidade no relacionamento entre a impiedade e insolência humanas e uma esfera divina irada e justiceira. Combinar-se-ia assim o seu desejo de lamentar para todo o sempre tamanha dor, com a ânsia de pôr cobro ao sofrimento e atingir um estado de insensibilidade. Ademais, Níobe efectuará, na casa a que pertence, uma ponte entre uma herança comportamental do passado e erros futuros.

Porém, se a tradição acreditava na sua metamorfose em pedra (cf. *Il.* 24.617; quiçá na sequência do seu pedido a Zeus – Pherecyd. *FGrHist* 3F38; Apollod. 3.5.6. O seu sofrimento torna-se capaz de suscitar misericórdia divina, ao ponto de Zeus tornar tudo em pedra, para que ninguém incomodasse Níobe – *Il.* 24.611. Quiçá por misericórdia de Zeus, no monte Sípilo (*Il.* 24.602-620. Vd. Paus. 1.21.3, 8.2.7. Cf. Apollod. 3.5.6: καὶ χεῖται δάκρυα νύκτωρ καὶ μεθ' ἡμέραν τοῦ λίθου, "E aí [monte Sípilo], orando a

A verdade é assim: Quando os filhos de Níobe faleceram, alguém fez uma estátua de Níobe em pedra e colocou-a sobre o túmulo. Quem passava dizia: “Uma Níobe de pedra encontra-se sobre o túmulo. Nós mesmos a vimos.” De igual forma, pode afirmar-se actualmente: “Estive sentado junto ao brônzeo Hércules.”, ou “Estive em Hermes de mármore.” Ora, foi assim, mas Níobe não se transformou pessoalmente em pedra.

Zeus, foi transformada numa rocha e lágrimas fluíam noite e dia da pedra”), como punição pela afronta a Leto (cf. Nonn. *D.* 43.425: ἀκαχίζειν), Paléfato racionaliza a questão e apelida de loucos os que seguem essa versão (P 8: εὐήθης ἐστί). Considere-se, de forma mais extensa, Ov. *Met.* 6.146-312. Figura representativa de sofrimento silencioso eterno – Cic. *Tusc.* 3.63; Tz. *H.* 4.416-466; Hyg. *Fab.* 9. Cf. Battezzato 2003, a propósito de um possível aproveitamento da *Níobe* sofocleana, em Ov. *Met.* 6.146-312. Por seu turno, Kamerbeek 1978: 150 comenta a propósito da existência de uma similitude/paralelismo entre as figuras de Antígona e de Níobe (cf. S. *Ant.* 831). Vd. Carden 1974: 172.

9.

[Sobre Linceu]

Refere-se que Linceu conseguia ver¹¹⁹ até o que estava debaixo do solo¹²⁰. A afirmação é falsa; a verdade é como se segue¹²¹: Linceu foi o primeiro a escavar à procura de cobre, prata e outros metais desse género. Na sua procura por esses metais, ele levava fontes de luz, para debaixo de terra, onde as deixava enquanto trazia sacos de cobre e ferro para a superfície. As pessoas diziam: “Linceu vê até o que está debaixo da terra; desce e traz prata!”

¹¹⁹ A respeito da proverbial visão de Linceu, Ar. *Pl.* 210: βλέποντ' ἀποδείξω σ' ὀξύτερον τοῦ Λυγκέως, "tornar-te-ei com vista mais aguçada do que Linceu". Vd. Paus. 4.2.7 (cf. *Cypria* fr. 11 Allen; Pi. *N.* 10.61-63), sobre a sua capacidade de avistar Castor e Polideuces, seus inimigos, a partir do topo do Monte Tégeto.

¹²⁰ Cf. A. R. 1.153-155; Apollod. 3.10.3.

¹²¹ Cf., sem alusão às lâmpadas, Hyg. *Fab.* 14.13; Tz. *ad Lyc.* 553.

10.

[Sobre Ceneu]

Dizem que Ceneu¹²² era invulnerável¹²³. Todavia, é errado supor que um ser humano não pode ser ferido por aço.

A verdade é a que se segue¹²⁴: Ceneu era um tessálio que se superiorizou na arte militar e era um lutador habilidoso. Embora tenha participado em diversas batalhas, nunca ficou ferido, nem quando viu a morte ao lutar ao lado dos Lápitás, contra os Centauros. É que os Centauros, quando o tiveram na sua mira, apinharam um monte de terra sobre ele e assim morreu. E os Lápitás afirmaram, quando resgataram o seu corpo e descobriram que o seu físico não tinha sido ferido: “Não existiu nenhum Ceneu ferido ao longo da sua vida, nem na sua morte”.

¹²² A propósito da figura de Ceneu, importa considerar o *topos* da ambivalência sexual e da mudança de sexo, por vontade de Posídon, correspondendo aos desejos da sua jovem amada Cénis (Ceneu). Cf., no panorama da literatura clássica, Hes. fr. 87 MW; Apollod. *Epit.* 1.22: ὅτι Καϊνεὺς πρότερον ἦν γυνή, συνελθόντος δὲ αὐτῆ Ποσειδῶνος ἠτήσατο ἀνὴρ γενέσθαι ἄτρωτος: διὸ καὶ ἐν τῇ πρὸς Κενταύρους μάχῃ τραυμάτων καταφρονῶν πολλοὺς τῶν Κενταύρων ἀπόλεσεν, οἱ δὲ λοιποὶ, περιστάντες αὐτῷ, ἐλάταις τύπτοντες ἔχωσαν εἰς γῆν "Ceneu tinha sido inicialmente uma mulher, mas, depois que Posídon teve relações com ela tornou-se um homem invulnerável. Consequentemente, na luta com os Centauros, não fez caso das feridas e matou muitos Centauros. Contudo, os restantes rodearam-no e, acertando-o com abetos, enterraram-no no solo." Considerem-se, outrossim, Tirésias (metamorfose transitória); Hipermnestra, Sipretes (c. Ant. Lib. 17: Leucipo). Vd. H 3. No âmbito latino, e.g. Ov. *Met.* 12.189-209, 459-532; Hyg. *Fab.* 14.4.

¹²³ Cf. ἄτρωτος. A respeito da invulnerabilidade, vd. outros testemunhos, viz. A.R. 1.57-64; *schol.* II. 1.264; Luc. *Salt.* 57; Apostol. 4.19; P 11; no panorama latino, Verg. *A.* 6.448 sq.; Ov. *Met.* 12.459-532; Hyg. *Fab.* 14; Serv. *A.* 6.448.

¹²⁴ Cf., noutro sentido, H 3. Cf. Hyg. *Fab.* 14.4, a respeito da invulnerabilidade e da mudança de sexo. Considere-se que nem os deuses eram invulneráveis (cf. *Il.* 5.330-342).

11.

[Sobre Cicno]

A mesma história – que é invulnerável¹²⁵ – também se conta a respeito de Cicno de Colona¹²⁶. Era um guerreiro, habilidoso no combate, que morreu em Tróia, ferido por Aquiles com uma pedra – mas nem mesmo então ficou com um ferimento. Então as pessoas, quando viram o seu corpo, afirmaram: “Cicno era mesmo invulnerável.” É o mesmo comentário que as pessoas fazem hoje, a respeito dos atletas nos jogos, caso algum deles fique por derrotar – também estes são chamados ‘invulneráveis’.

O exemplo de Ajax, filho de Télamon, contradiz as histórias anteriores e confirma a minha interpretação. Na realidade, Ajax também era apelidado invulnerável, apesar de ter morrido de uma ferida auto-infligida por uma espada.

¹²⁵ Cf. ἄτρωτος. Vd. Pi. *O.* 2.82; *I.* 5.39; Arist. *Rh.* 1396b17); Ov. *Met.* 12.70-145, sobre a sua morte. Alguns autores limitavam a sua invulnerabilidade (e.g. S. *Poemenes* fr. 500 *TrGF*, limitada ao bronze e ao ferro; Tz. *ad Lyc.* 232, invulnerabilidade, à exceção da cabeça. Cf. Aquiles, invulnerável excepto no tendão, Fulg. 3.7. Também Ajax seria inatingível, à exceção da parte do corpo que a pele do leão de Nemeia não cobriu, *schol. Il.* 14.406a, 23.822. Cf. Pi. *I.* 6.42-49; Apollod. *Epit.* 3.31. Já Platão (*Smp.* 219e) limitava a sua resistência ao ferro. Cf. suicídio com a sua espada (S. *Aj.*).

¹²⁶ Cf. Str. 13.1.19.

12.

[Sobre Dédalo e Ícaro]

Diz-se que Minos aprisionou Dédalo¹²⁷ e o seu filho sob a mesma acusação. Dédalo, todavia, construiu asas que atou a si mesmo e ao seu filho e, juntamente com Ícaro, partiu a voar¹²⁸.

Contudo, é impossível pensar que um ser humano voou, mesmo com asas atadas. O que aconteceu foi isto¹²⁹: Dédalo estava na prisão; lançou-se e fez com que o seu filho também se atirasse a partir de uma janela; aterrou numa pequena embarcação e fugiu. Minos descobriu e enviou os seus barcos no seu encalço. Os fugitivos aperceberam-se de que estavam a ser perseguidos, mas o vento era forte e favorável – eles pareciam estar a voar.

Depois, quanto se encontravam a viajar pelo mar com vento sul a soprar a partir de Creta, o barco voltou-se. Dédalo chegou a terra a salvo, mas Ícaro morreu e foi a partir dele que o mar ficou a chamar-se Icário¹³⁰. O seu corpo foi lançado pelas ondas e o seu pai sepultou-o.

¹²⁷ Considere-se o engenho de Dédalo (cf. X. *Mem.* 4.2.33). A ele deve-se a forma de consumir a união de Pasífae com o touro (cf. P 2; D.S. 4.77). A respeito da participação de Ariadne para dotar Teseu da forma de sair do labirinto (Pherecyd. *FGrHist* 3F148; Verg. *A.* 6.28-30; Apollod. 1.9.12).

¹²⁸ Considere-se a forma tradicional do mito conservada na literatura tanto helénica como latina, de Str. 14.1.19; Verg. *A.* 6.14-33; Ov. *Met.* 8.183-235, *Ars* 2.21-96; Apollod. *Epit.* 1.12-13; Hyg. *Fab.* 40.

¹²⁹ Cf. D.S. 4.77.5-9; Paus. 9.11.4-5. Cf. Tz. *H.* 1.532-533.

¹³⁰ A queda e consequente morte de Ícaro deu nome ao mar Icário (cf. Str. 14.1.19). Já Dédalo terá chegado à Sicília (vd. Hdt. 1.170.1).

13.

[Sobre Atalanta e Melânion]

A história respeitante a Atalanta e Melânion¹³¹ refere-se ao facto de ele ter-se transformado num leão¹³² e ela numa leoa¹³³.

Porém, a verdade é estaz¹³⁴: enquanto Atalanta e Melânion tinham ido caçar, Melânion convenceu a jovem a dormir com ele. Dirigiram-se a uma gruta¹³⁵ para se relacionarem intimamente. Contudo, a gruta era o covil de um leão e de uma leoa que, ao ouvir vozes humanas, atirou-se a Atalanta e Melânion, matando-os. Mais tarde, quando o leão e a leoa apareceram, os companheiros de caça de Melânion avistaram-nos e imaginaram que Atalanta e Melânion se haviam transformado nos animais que estavam a ver. Apressaram-se a regressar à cidade e espalharam o boato de que aqueles dois se tinham transformado em leões.

¹³¹ Vd. Hipómenes.

¹³² Segundo *schol.* Theoc. 3.40, apenas o elemento masculino fora metamorfoseado.

¹³³ A versão de Nonn. *D.* 12.87-89 contempla somente a metamorfose de Atalanta.

¹³⁴ Cf., neste sentido, H 12.

¹³⁵ Considere-se a versão tradicional, que denota a metamorfose como castigo pela impiedade/insolência do casal, ao relacionar-se no altar divino (consagrado a Cíbele: *Ov. Met.* 10.560-707; *Serv. A.* 3.113; consagrado a Zeus: *Apollod.* 3.9.2; *Hyg. Fab.* 185).

14.

[Sobre Calisto]

A história a propósito de Calisto¹³⁶ passa por ter-se transformado em urso, quando estava a caçar. O que eu mantenho é que, durante a caçada, ela também encontrou um bosque de árvores, onde estava um urso e foi devorada. Os seus companheiros de caçada viram-na entrar no bosque, mas não a viram sair. Passaram a dizer que a jovem se tinha transformado num urso¹³⁷.

¹³⁶ Vd. Hes. fr. 163 MW; E. *Hel.* 375-380; Paus. 1.25.1, 8.3.6; Apollod. 3.8.2; Eratosth. *Cat.* 1; Tz. *ad Lyc.* 481. No contexto latino, vd. Ov. *Met.* 2.401-530, *Fast.* 2.155-192; Hyg. *Fab.* 176, 177; Serv. *G.* 1.138.

¹³⁷ De considerar a metamorfose de Calisto proposta por Zeus, para evitar o ciúme de Hera (Paus. 1.25.1. Cf. A. **Callisto*).

15.

[Sobre Europa]

Dizem que Europa¹³⁸, a filha de Fénix, foi levada pelo mar no dorso de um touro¹³⁹, desde Tiro até Creta. Mas, a meu ver, nem um boi, nem um cavalo atravessariam tão grande distância de água, nem uma jovem montaria o dorso de um touro selvagem. Quanto a Zeus, se ele quisesse que Europa fosse até Creta, teria encontrado uma melhor forma para ela viajar.

Eis a realidade. Existia um homem de Cnosso chamado Tauro, o qual se encontrava a combater na zona de Tiro. Acabou por levar um grande número de raparigas de Tiro, incluindo a filha do rei, Europa. Então as pessoas afirmaram: “O boi fugiu com Europa, a filha do rei.” Foi a partir disto que o mito foi criado.

¹³⁸ Europa, filha de Fénix (*Il.* 14.321). Cf. uma outra versão tradicional, que a dava como filha de Agenor: Paus. 25.7; *schol.* E. *Ph.* 5; *schol.* A.R. 2.178, 3.1185. Vd. Hyg. *Fab.* 178.

¹³⁹ Tentativas de racionalização não denotam a metamorfose de Zeus num touro, que teria abduzido a jovem. Referem antes a existência de um animal que a transportara até Zeus. Assim, A. *Cares*, fr. 99.1-3 *TrGF*; D.S. 5.78.1; Acus. *FGrHist* 2F29, referindo-se ao touro de Hércules. Paléfato não contempla, na sua racionalização o touro ou Zeus, mas inclui o desaparecimento de Europa no âmbito de dissídios entre Persas e Gregos (Cretenses), com a vitória destes últimos (cf. *Hdt.* 1.2).

16.

[Sobre o Cavalo de Madeira]

Conta-se que os príncipes aqueus no interior de um cavalo de madeira¹⁴⁰ saquearam Ílio. A história é um mito. A verdade é a seguinte¹⁴¹:

Os Aqueus construíram um cavalo de madeira com a dimensão dos portões da cidade de Tróia – suficientemente grande a ponto de ultrapassar a sua altura, donde não poder ser puxado para dentro. Então os seus chefes posicionaram-se numa ravina próxima da cidade (ainda hoje o local é chamado ‘o embuste dos Argivos’). Um desertor da armada argiva, de nome Sinon¹⁴², chegou-se junto aos Troianos e contou-lhes uma profecia: os Aqueus haviam de regressar, caso os Troianos não conseguissem introduzir o cavalo na sua cidade; mas se conseguissem, os Aqueus nunca iriam voltar. Quando os Troianos ouviram isto, derrubaram a muralha da sua cidade e colocaram o cavalo no seu interior. Contudo, quando estavam a celebrar, os Gregos atacaram-nos através do local onde a muralha havia sido destruída. Consequentemente, Ílion foi capturada.

¹⁴⁰ Cf. *Od.* 4.271-289, 8.492-515. Cf. Poemas do *Ciclo Épico*; Apollod. *Epit.* 5.14-21; Tryph. 57-541; Q.S. esp.12.25-13.59. Na literatura latina, Verg. *A.* 2.13-267; Hyg. *Fab.* 108.

¹⁴¹ Acerca de posições de racionalização, vd. Paus. 1.23.8; Plin. *HN* 7.202. Cf. as artimanhas gregas em *Dictis Cretense* 5.9-12 (cavalo de Minerva).

¹⁴² Cf. *schol. Lyc.* 344.

17.

[Sobre Éolo]

Éolo¹⁴³ era um homem, segundo dizem, senhor das rajadas de vento, o qual ofereceu a Ulisses os ventos encerrados numa bolsa de cabedal¹⁴⁴. Suponho que é óbvio para todos que isto dificilmente poderia suceder. É provável que Éolo fosse um astrónomo que informou Ulisses acerca das estações e das constelações que, ao aparecerem, suscitavam o sopro de determinados ventos.

Também contam que uma muralha de bronze¹⁴⁵ rodeava a sua cidade. Também isto é falso: eram hoplitas armados que ele tinha a guardar a sua cidade.

¹⁴³ Éolo, filho de Hípotes e Melanipe (cf. D.S. 4.67), ou quiçá de Posídon e Arne. Não confundir com Éolo da Tessália, filho de Heleno e da ninfa Orseis (Apollod. 1.7.3; *schol.* Pi. P. 4.190).

¹⁴⁴ Cf. *Od.* 10.1-76; D.S. 5.7.7; Apollod. *Epit.* 7.10-11; Str. 1.2.15. Vd., no contexto latino, *Ov. Met.* 14.223-232; *Hyg. Fab.* 125.6; *Plin. HN* 3.94, 7.203. Cf. Parth. 2.

¹⁴⁵ Vd. *Od.* 10.3-4.

18.

[Sobre as Hespérides]

Diz-se que as Hespérides eram mulheres que possuíam maçãs¹⁴⁶ douradas numa macieira; que a árvore era guardada por um dragão¹⁴⁷; e que Hércules guiou uma expedição para conseguir essas maçãs. Mas a verdade é a seguinte¹⁴⁸:

Existia um homem de Mileto chamado Héspero, o qual vivia na Cária e tinha duas filhas - as chamadas Hespérides. Héspero era dono de belas e felpudas ovelhas, do tipo das que ainda agora podem encontrar-se em Mileto¹⁴⁹. Por esta razão eram chamadas 'douradas', já que o ouro é o metal mais precioso e estas eram as melhores ovelhas. Os rebanhos também eram conhecidos como 'as meninas dos seus olhos'. Ora, Hércules¹⁵⁰ avistou as ovelhas a pastar ao longo da costa; cercou-as e colocou-as a bordo da sua embarcação, após matar o seu pastor, que se chamava Drago. Depois levou-as para a sua casa – nessa altura, o próprio Héspero já tinha morrido, mas as suas filhas ainda estavam vivas. Então as pessoas disseram: “Vimos as '*maçãs douradas*'”; Hércules levou-as das Hespérides, depois de ter matado o guardador Drago.” Daí o mito.

¹⁴⁶ Cf. μῆλον: maçã; ovelha.

¹⁴⁷ Cf. serpente, Hes. *Th.* 215-216.

¹⁴⁸ Cf. D.S. 4.26.2-4, 27.2; Tz. *H.* 2.376-378. Cf. H 20. Similarmente, interpreta μῆλον como 'ovelha'; o 'dourado' como epíteto de beleza; e o 'selvático Drago' como pastor.

¹⁴⁹ Tradicionalmente, o jardim das Hespérides localizava-se no extremo Oeste de África, ou no Norte.

¹⁵⁰ Cf. décimo segundo 'trabalho de Hércules': Levar as maçãs que haviam servido de presente de casamento de Gaia a Zeus e Hera, a Euristeu. Terá, para tanto, matado o dragão (Ládon) e colhido as maçãs. Vd. E. *Her.* 394-399; A. R. 4.1396-1449; Hyg. *Fab.* 30. Já autores como Apollod. 2.5.11; Paus. 5.18.4, 6.19.8 referem que Hércules teria incumbido Atlas de conseguir-lhe as maçãs, enquanto o herói segurava o céu.

19.

[Sobre Coto e Briareu]

É absurdo, não é, a história acerca de Coto e Briareu¹⁵¹ – que, apesar de serem homens, possuíam cem braços?¹⁵² Eis a verdade: a cidade onde viviam chamava-se ‘CemBraços’¹⁵³, em Caónia, agora designada como Oréstida. Tenho como certo que Coto e Briareu lutaram ao lado dos Olímpicos, na batalha contra os Titãs, pois esta região fica nas imediações do Monte Olimpo. Então as pessoas afirmaram: “Coto e Briareu, homens de Cembraços, vieram auxiliar os Olímpicos e afastaram os Titãs do Monte Olimpo.”

¹⁵¹ Também descendentes de Gaia e Úrano: (O)Briareu; Gi(g)es; Coto. Cf. *Il.* 1.403-404, sobre o tratamento divino, enquanto Briareu, e o seu nome Egéon, entre os humanos. Vd. *Hes. Th.* 817-819, como esposo de Cimopoleia, filha de Posídon. No Olimpo, conseguiria impedir o aprisionamento de Zeus, conforme pretendiam Hera e Posídon (*Il.* 1.399-406). Cf. irmãos Hecatonquiros, Apollod. 1.1.1. Outrossim, na literatura latina, *centimanus*: Verg. *A.* 10.565-568; Ov. *Tr.* 4.7.18, *Am.* 2.1.12.

¹⁵² Cf. *Hes. Th.* 147-153, 617-819.

¹⁵³ Ἐκατογχειρία.

20.

[Sobre Cila]

O que se diz acerca de Cila¹⁵⁴ é que ela era uma criatura que vivia em Tírrénia – uma mulher até ao umbigo, de onde brotavam cabeças de cães, e o resto do seu corpo era de cobra¹⁵⁵. Mas imaginar uma tal forma é absurdo. Eis a verdade¹⁵⁶: os Tirrenos possuíam navios que praticavam pirataria nas águas junto à Sicília e ao Golfo Iónico. Porém, particularmente rápido naquele tempo era um trirreme denominado Cila¹⁵⁷, que tinha uma imagem na sua proa¹⁵⁸. Era este trirreme que frequentemente perseguia os outros barcos e fazia deles um repasto. Existia, de facto, muita conversa a respeito. Numa dada ocasião, Ulisses escapou desse navio, com a ajuda de um forte vento favorável. Mais tarde, em Cercira, ele contou a Alcínoo a forma como foi perseguido e como escapou - e a aparência da embarcação. A partir disto, constituiu-se o mito.

¹⁵⁴ São duas as figuras que a tradição conserva com este nome, a saber, a filha de Niso e Mégara (ou Forcis ou Forbas: A. R. 4.827-831; Hes. fr. 262 MW), parricida, cortando o cabelo dourado da cabeça do seu pai, por amor a Minos (Apollod. 3.15.8). Cila correspondia, igualmente, a um nome de rochedo do Estreito de Messina (Vd. *Od.* 12.73; *Str.* 1.2.15-16. Cf. *Sal. Hist.* 4.27; *Ov. Met.* 14.73-74; *Serv. A.* 3.420), a par de Caríbdis, outra monstruosa criatura (*Tz. ad Lyc.* 650). Na óptica de diversos autores, fora uma bela rapariga objecto de metamorfoseamento: por Circe, invejosa de Glauco (*Ov. Met.* 13.732, 13.904-14.74; *Tib.* 3.4.89; *Hyg. Fab.* 199); por Anfitrite, invejosa de Posídon (*Tz. ad Lyc.* 45-46, 650; *Verg. Ciris* 70-76; *Serv. A.* 3.420). Para a versão tradicional, vd. *Od.* 12.85-126, 222-259; *Apollod. Epit.* 7.20-21; *schol. Od.* 12.85. Na literatura latina, e.g. *Verg. Ecl.* 6.74-77; *Ov. Ars* 1.331-332, 3.420-432; *Hyg. Fab.* 125.

¹⁵⁵ Aspecto físico somente conservado em Paléfato.

¹⁵⁶ Cf. versão de H 2, para quem Cila correspondia a uma prostituta que ‘devorou’ os companheiros de Ulisses.

¹⁵⁷ Para ‘Cila’ enquanto nome de navio, vd. *Verg. A.* 5.122.

¹⁵⁸ Cf. *Od.* 12.86.

21.

[Sobre Dédalo]

Diz-se que Dédalo fez estátuas¹⁵⁹ que andavam sozinhas¹⁶⁰. Porém, a mim parece-me impossível que uma estátua ande por si própria.

Eis a verdade¹⁶¹: escultores da época de Dédalo construíram estátuas com os pés unidos e as mãos de lado. Dédalo foi o primeiro a colocar um pé à frente do outro. Então as pessoas disseram: “Dédalo fez a sua estátua a andar e não a manter-se parada.” Ainda até hoje afirmamos “homens a lutar foram retratados”, ou “cavalos corredores”, ou “um navio arremessado numa tempestade”. Assim, com Dédalo, as pessoas disseram que ele fazia estátuas que andavam.

¹⁵⁹ Cf. Dédalo, epítetado de primeiro escultor, segundo Apollod. 3.15.8: *πρῶτος ἀγαλμάτων εὐρετής*, “o primeiro inventor de imagens”. Cf. *ἀνδριάς*: escultura com imagem humana; *ἄγαλμα*: imagem divina. A mestria de Dédalo parecia permitir-lhe uma ambivalência na produção de esculturas. *Vide* Apollod. 2.6.3; Tz. *H.* 1.19.536-541. Cf. *Kouros/Koure*, no Período Arcaico, e, anteriormente, estátuas egípcias. Vd. Boardman 1978; Stieber 2004.

¹⁶⁰ Vd. Pl. *Euthphr.* 11c, 15b, *Men.* 97d.

¹⁶¹ Cf. D.S. 4.76.2-3.

22.

[Sobre Fineu]

Conta-se esta história a respeito de Fineu: que as Hárpias¹⁶² roubaram a sua propriedade. Algumas pessoas pensam que estas eram criaturas aladas, que subtraíram o jantar de Fineu da sua mesa.

A verdade é esta¹⁶³: Fineu era o rei da Peónia. Quando envelheceu, a sua visão faltou-lhe¹⁶⁴ e os seus filhos morreram¹⁶⁵. As suas filhas Eráseia e Harpíria [...] ¹⁶⁶ delapidaram a sua propriedade. Então os cidadãos disseram: “Fineu! Que indivíduo desafortunado! São as suas filhas – essas ávidas Hárpias, que estão a delapidar a sua propriedade”. Mas os seus vizinhos Zetes e Cálais, filhos de Bóreas (a propósito, Bóreas era um homem, não um vento) sentiram pena dele e acorreram em seu auxílio. Expulsaram as suas filhas da cidade, recuperaram o dinheiro dele e designaram um dos Trácios para tomar conta disso.

¹⁶² Cf. ἀρπάζω: ‘levar’. Vd. A.R. 2.178-193; Apollod. 1.9.21. Cf. *Od.* 1.241, 14.371, 20.77; Hes. *Th.* 267-269.

¹⁶³ Cf. H 8 (Hárpias como prostitutas); Tz. *H.* 1.219-223.

¹⁶⁴ A cegueira poderá ter constituído um castigo de Hélio, por haver preferido uma vida longa à visão (Hes. fr. 157 MW; *schol.* A.R. 2.178-182b); ou de Zeus, por revelação do futuro (A.R. 2.180-184; Apollod. 1.9.21; Hyg. *Fab.* 19); ou pelo infanticídio/enceguecimento da sua prole (S. fr. 705 *TrGF*; Serv. *A.* 3.209); ou por ter indicado o caminho para a Cólquida a Frixo (Hes. fr. 254 MW), ou por mostrar o caminho para a Grécia aos filhos de Frixo, enfurecendo Eetes ou Posídon (cf. Apollod. 1.9.21).

¹⁶⁵ Infanticídio cometido por Fineu, S. fr. 705 *TrGF*; ou quiçá pela sua madrastra (Êurite), Asclep. *FGrHist* 12F31.

¹⁶⁶ Alusão em poucas fontes (Tz. *ad Lyc.* 166, *H.* 1.220).

23.

[Sobre Mestra]

Conta-se¹⁶⁷ que Mestra, filha de Erisícton¹⁶⁸, mudava de forma sempre que pretendia – é o absurdo que um ridículo mito reportaria. Será credível que da forma de rapariga ela se tornasse uma vaca e depois um cão ou uma ave?

A verdade é antes a seguinte¹⁶⁹: Erisícton era um Tessálio que desperdiçou o seu dinheiro e ficou pobre. Tinha uma filha de grande beleza, de nome Mestra, que se encontrava em idade de casar. Qualquer homem que a via, desejava-a. Ora, naquele tempo, os homens não cortejavam por dinheiro. Alguns deles apresentavam um dote de cavalos; outros, de vacas ou ovelhas, ou qualquer outra dádiva que Mestra desejasse. Quando os Tessálios se aperceberam de que as posses de Erisícton estavam a aumentar, disseram: “Isso é tudo Mestra, a vaca e também os outros animais do seu pai”. E foi assim que o mito se criou.

¹⁶⁷ Cf. Hes. fr. 43a 2-69 MW; Lyc. 1393-1396; Ov. *Met.* 8.738-878; Ant. Lib. 17.5.

¹⁶⁸ Erisícton (Éton). Cf. Call. *Cer.*

¹⁶⁹ Cf. Tz. *ad Lyc.* 1393.

24.

[Sobre Gérion]

Diz-se que Gérion tinha três cabeças. Mas é impossível que um corpo tenha três cabeças¹⁷⁰.

Eis como isto foi¹⁷¹: Na costa do Mar Negro existe uma cidade chamada Tricânio, onde Gérion vivia. Era famoso entre as pessoas da sua época, distinguindo-se pela sua riqueza, entre outras razões. Gérion tinha um grande acervo de gado. Hércules veio atrás deles¹⁷² e, quando Gérion ofereceu resistência, Hércules matou-o. As pessoas que viam o gado a ser levado ficaram estupefactas: a sua altura não era grande, mas em compensação eram compridos, da cabeça às ancas, de focinho achatado e sem chifres, com ossos grandes e compridos. Quem quer que perguntasse por eles recebia a seguinte resposta: “Hércules circundou estas vacas; eram propriedade do tricano Gérion.” A partir destas palavras, algumas pessoas ficaram com a ideia de que Gérion tinha três cabeças.

¹⁷⁰ Cf. A. *Ag.* 870; E. *HF* 423-424. Cf. Verg. *A.* 6.289; Ov. *Met.* 9.184-185; Paus. 5.19.1.

¹⁷¹ Vd. Racionalização: enquanto rei que governava três ilhas (*Serv. A.* 7.662); enquanto três irmãos que pensavam como um único (e.g. Isid., *Etymol.* 11.3.28); como Hércules perante a oposição dos três filhos de Crisaor (*Hes. Th.* 280; *Hyg. Fab.* 151).

¹⁷² Cf. décimo trabalho de Hércules (vd. *Hes. Th.* 287-294, 982-983; *Stesich. fr.* S7-S87 *PMGF*; *Apollod.* 2.5.10).

25.

[Sobre Glauco, filho de Sísifo]

Conta-se¹⁷³ que também Glauco foi devorado pelos seus próprios cavalos¹⁷⁴. Porém, o que não entendem é que Glauco foi um criador de cavalos, que despendeu grandes quantias monetárias nos seus cavalos e não prestou atenção aos seus assuntos pessoais – assim, ficou mal resolvido e a sua vida ficou reduzida a nada.

¹⁷³ A. **Glaucus Potnieus* (36-42a *TrGF*); Verg. *G.* 3.267-268; Ov. *Ib.* 555.

¹⁷⁴ Sobre a alimentação humana dos cavalos de Glauco, vd. Asclep. *FGrHist* 12F1. Acerca do comportamento dos cavalos, enquanto loucura instigada por Vénus, como punição de Glauco, avesso ao seu culto (e.g. Serv. *G.* 3.268. Cf. Str. 9.2.24; Paus. 6.20.19). Cf., outrossim, o *topos* de cavalos antropófagos na mitologia - Antó (Ant. Lib. 7), enquanto castigo divino por negligência de culto; Diomedes e o oitavo trabalho de Hércules; Clínis (Ant. Lib. 20), por castigo divino. Vd. Beo, *Ornitogonia*.

26.

[Sobre Glauco, filho de Mínos]

Eis um mito ridículo¹⁷⁵: Glauco morreu numa cuba de mel e, juntamente com ele, Mínos sepultou num túmulo um certo Poliido de Argos, filho de Cerano. Poliido avistou uma cobra a aplicar uma erva a outra cobra que tinha morrido e a trazê-la de novo à vida dessa maneira. Fez o mesmo a Glauco e assim também o ressuscitou. Todavia, é claro que é impossível trazer um morto de novo à vida, ou uma cobra, ou qualquer outro animal. O que sucedeu foi o que se segue.

Em virtude de ter bebido mel, Glauco perdeu controlo sobre as suas entranhas; a sua bÍlis ficou deveras perturbada e ele entrou em coma. Chegou uma quantidade de médicos, sempre desejosos de dinheiro – entre eles, Poliido. Glauco já havia perdido a consciência, mas Poliido sabia de uma erva útil que conhecera a partir de um médico chamado Drago. Com a ajuda desta erva, restaurou a saúde de Glauco. Em resultado disto, as pessoas disseram: “Glauco pereceu devido a algum mel, mas Poliido trouxe-o de novo à vida, com uma erva que conheceu a partir de Drago.” A partir disto, os mitógrafos elaboraram o mito.

¹⁷⁵ Vd. A. **Cressae* (fr. 116-120 *TrGF*); Apollod. 3.3.1 (todavia, cf. 3.10.3); Hyg. *Fab.* 136; Tz. *ad Lyc.* 811.

27.

[Sobre Glauco do Mar]

Conta-se¹⁷⁶ que este Glauco também se tornou imortal, após ingerir erva, e agora habita no mar. É extremamente absurdo julgar que apenas Glauco encontrou esta erva, ou que um ser humano ou qualquer outro tipo de animal poderia viver no mar. Nem mesmo os animais fluviais conseguem viver no mar, assim como animais do mar não conseguem viver num rio. A história é ridícula.

Aqui fica a verdade: Glauco era um pescador antedónio, que se superiorizava aos outros no mergulho. Numa certa ocasião, quando mergulhava no porto e os cidadãos estavam a olhar, ele submergiu e nadou até um outro local. Durante alguns dias, não foi visto pela família, nem por amigos. Mas quando tornou a mergulhar e nadou de volta, viram-no novamente e perguntaram: “Onde estiveste durante tantos dias?” Ao que Glauco respondeu: “No mar”. Ele também conservava peixe num reservatório e, quando havia uma tempestade e nenhum dos outros pescadores conseguia pescar, ele perguntava aos seus concidadãos que tipo de peixe pretendiam que lhes fosse trazido e, de seguida, trazia-lhes o que desejavam. Então passou a ser chamado 'Glauco do Mar', à semelhança de uma pessoa que vive nas montanhas e é um excelente caçador, o qual se designa, na actualidade, como 'Homem da Montanha'. Desta forma, Glauco, porque passou a maior parte do seu tempo no mar, ficou apelidado de 'Homem do Mar'. E foi do confronto com uma criatura do mar que morreu. Quando não regressou do mar, as pessoas começaram a repetir o mito de que então estava a viver aí e que passaria o resto da sua vida no mar.

¹⁷⁶ Cf. Pi. fr. 263 SM; Ov. *Met.* 13.904-965; Paus. 9.22.7; *schol.* E. *Or.* 364. Cf. H10.

28.

[Sobre Belerofonte]

Diz-se que Pégaso, um cavalo alado, transportou Belerofonte pelos ares. Contudo, parece-me que um cavalo dificilmente conseguiria fazer isso – nem mesmo com todas as asas nas costas. Ademais, caso tivesse existido alguma vez tal animal, continuaria a existir ainda hoje. Também se conta que esse Belerofonte matou Quimera¹⁷⁷ de Amisodaro¹⁷⁸ e que Quimera era “um leão, pela frente; uma serpente por trás; uma cabra no meio”¹⁷⁹. E há quem acredite que essa criatura existiu, tendo três cabeças e um corpo. Porém, é impossível para uma serpente, um leão e uma cabra partilharem a mesma comida e é absurdo imaginar um animal cuja natureza é mortal e conseguiria expelir fogo. Ademais, a qual das três cabeças o corpo obedeceria?

A verdade é a seguinte¹⁸⁰: Belerofonte era um nobre exilado de Corinto. Equipou um grande navio e fez ataques piratas, navegando e pilhando as zonas costeiras. O nome do navio era *Pégaso* – assim como hoje toda a embarcação tem um nome (e parece-me mais provável que o nome *Pégaso* tenha sido dado a um barco do que a um cavalo)¹⁸¹. Ora, um rei de nome Amisodaro vivia perto do rio Xanto, numa sublime montanha, na extremidade dos bosques de Talmissis. Para esta montanha há duas vias: uma em frente, a partir da direcção da cidade de Xanto; a outra por trás, desde a Cária. Quanto ao resto, os penhascos são íngremes e, no seu meio, existe um grande abismo no solo, a partir do qual se eleva fogo. O nome da montanha é Quimera. Ora, nessa altura, como referem os locais, um leão habitava no caminho da frente e uma cobra, no trajecto posterior. E estas duas criaturas provocavam grande mal a mateiros e pastores. Mas então chegou Belerofonte e lançou fogo à montanha. Os bosques de Telmissis arderam e as bestas foram destruídas. Então os locais disseram: “Belerofonte chegou com Pégaso e destruiu Quimera de Amisodaro.” A partir deste acontecimento, criou-se o mito.

¹⁷⁷ Vd. *Il.* 6.178-183; *Hes. Th.* 319-325, fr. 43a 81-87 MW; *Pi. O.* 13.63-92.

¹⁷⁸ Cf. *Il.* 16.328-329; *Apollod.* 2.3.1.

¹⁷⁹ Cf. *Il.* 6.181-182; *Hes. Th.* 323-324.

¹⁸⁰ Para racionalizações diferentes, vd. H 15; Tz. *ad Lyc.* 17.

¹⁸¹ Cf. *Hes. Th.* 280-285; *Apollod.* 2.4.2; *Pi. I.* 7.44-48; *Str.* 8.6.21; *Paus.* 9.31.3. Vd. *Hyg. Fab.* 57. Cf. racionalização de P 20, 28, 29. Cf. *Str.* 14.3.5; *Plu.* 247f- 248d. Vd. *Verg. A.* 5.114-123.

29.

[Sobre os Cavalos de Pélops]

A história¹⁸² conta que Pélops chegou à cidade de Pisa com cavalos alados¹⁸³, para cortejar Hipodamia, filha de Enómao. Aqui diria o mesmo que referi a respeito de Pégaso. Se Enómao soubesse que os cavalos de Pélops eram alados, nunca teria permitido que Pélops colocasse Hipodamia na sua carruagem. O que deveremos afirmar é o seguinte: que Pélops chegou a Pisa com uma embarcação; que a expressão “cavalos alados” se encontrava gravada na cabine, no seu convés; e que Pélops raptou Hipodamia e partiu.

O povo afirmou: “Pélops levou a filha de Enómao, no seu *Cavalos Alados* e voou.” Assim se formou o mito.

¹⁸² Cf. cavalos de Posídon - Pi. *O.* 1.41, 1.87; A.R. 1.752-758; Apollod. *Epit.* 2.4-9. Posídon facultaria um expediente similar ao que havia anteriormente utilizado no rapto de Pélops (cavalos alados - Note-se o equivalente de excelência em Ferenico, o equídeo de Hierão, e um corcel de ouro), permitindo-lhe vencer Enómao, desposar a sua filha Hipodamia, garantir descendência para assegurar a continuidade do poder e obter culto *post mortem*, pelo reconhecimento da sua *arete*. O elemento hípico tornou-se crucial e determinante na vida de Pélops, tanto que continuaria presente, denunciando um carácter comportamental, nos seus descendentes, donde o epíteto utilizado na cena euripídiana, "Atreu, criador de cavalos" - Ἀτρέος ἵπποβότα (E. *Or.* 1000). Assim como Pélops contava com a dádiva de Posídon, Enómao dispunha dos cavalos ofertados pelo pai, Ares. Deste modo, assiste-se a uma luta que opõe, tanto na esfera divina como humana, duas gerações. Enómao, que pretendia conservar para si a posse da filha, por outras palavras, o seu poder (motivado pela paixão, ou pelo desejo de evitar o oráculo nefasto), contava com o apoio de uma divindade mais recente. Pélops, por seu turno, representava uma geração mais nova, que procurava o poder, da mesma forma que o seu protector, pertencente a uma linhagem divina mais antiga, tencionava conservá-lo. Nesta luta, que reproduzia uma tendência agónica intrínseca à raça humana, Pélops fazia uso de um outro comportamento vetusto – o dolo. Embora o auxílio divino a Pélops seja consensual, versões há que lhe adicionam a intervenção de Mírtilo (cf. S. *El.* 509-511; E. *Or.* 888-892; Pherecyd. *schol.* S. *El.* 504). Se Enómao constituía um adversário político e familiar, Mírtilo também o era, por tratar-se de um concorrente. Ambas as mortes traduzir-se-iam, na realidade, numa única, se considerado Mírtilo como extensão do desejo sexual de Enómao relativamente à sua filha. Embora fosse um homem de branda coragem, já derrotado e subordinado como cocheiro a Enómao, apresentava a força da revolta, que o levava a considerar Pélops como o meio de expressar o seu desejo. Essa ambição facilitava a crença na promessa feita por Pélops de passar uma noite com Hipodamia, em troca da traição a Enómao (Paus. 8.14.11: Ἴπποδαμείας δὲ ἦρα μὲν καὶ αὐτὸς ὁ Μυρτίλος, ἐς δὲ τὸν ἀγῶνα ἀτόλμως ἔχων ὑπέϊκε καὶ ἠνιόχει τῷ Οἰνομάῳ, "O próprio Mírtilo também amava Hipodamia, mas, falhando-lhe a coragem, abandonou a competição e serviu Enómao como seu cocheiro").

¹⁸³ Cf. Paus. 5.17.7. Considere-se a carruagem de Pélops como o elemento alado, Apollod. *Epit.* 2.3.

30.

[Sobre Frixo e Hele]

Conta-se uma história acerca de Frixo – que um carneiro o alertou¹⁸⁴ para o facto de o seu pai se preparar para efectuar o sacrifício tanto dele, como a sua irmã. Então, juntamente com a sua irmã, subiu para o dorso do carneiro; percorreu o Mediterrâneo e chegou ao Mar Negro, completando toda a viagem em três ou quatro dias. Este último argumento é difícil de acreditar – que um carneiro nadou pelo mar mais rapidamente do que um barco, especialmente enquanto carregava duas pessoas e, suponho, comida e bebida para si mesmo e para eles, já que dificilmente poderiam aguentar sem comida por muito tempo. Então, diz-se que Frixo sacrificou o carneiro que o havia acautelado e salvado. Esfolou-o e deu o seu velo a Eetes, na altura, monarca da região, como dote pela sua filha. Considere-se o quão raros eram os couros naquela época, a ponto de um rei aceitar um velo como dote pela sua própria filha. Ou será que julgava a sua filha de tão pouca valia? Alguns que narram a história, para evitar o ridículo deste aspecto, insistem que o velo era dourado. Mas se o velo fosse realmente de ouro, não teria sido apropriado para um rei aceitá-lo de um estranho. Também se afirmou que fora por causa desse velo que Jasão partira a bordo da *Argo* com a princesa grega. Todavia, Frixo nunca seria tão ingrato a ponto de matar o animal que o tinha auxiliado, nem a *Argo* teria navegado atrás de um velo, mesmo que fosse feito de esmeraldas.

Eis a verdade: Atamante, filho de Éolo e neto de Heleno, era rei da Ftia. Tinha um administrador a tomar conta da sua propriedade e do seu reino, um homem que julgava merecedor de confiança, de nome Carneiro¹⁸⁵. Quando a mãe [de Frixo] morreu, [Atamante] entregou a soberania a Frixo, em virtude de ser o mais velho [dos seus filhos]. Mais tarde, Carneiro ouviu <...>¹⁸⁶. Não disse nada a Atamante, mas contou a Frixo, instando-o a partir da região. O próprio Carneiro equipou um barco: colocou a bordo todos os valores que Atamante possuía e encheu a embarcação com todos os seus bens e dinheiro. Entre estes encontrava-se a estátua dourada de tamanho real que uma mulher, de nome Velo¹⁸⁷, mãe de Mérops e filha do Sol, construía de si mesma, com a sua riqueza. Isto era, na realidade, uma substancial quantidade de ouro e gerou-se uma história acerca disso. Então Carneiro colocou estes itens juntamente com Frixo e Hele a

¹⁸⁴ Cf. Tz. *ad Lyc.* 22.

¹⁸⁵ Κριός. Cf. D.S. 4.47.5-6; H 24.

¹⁸⁶ Cf. Stern 1996: 62 [que a segunda mulher de Atamante estava a conspirar contra Frixo].

¹⁸⁷ Cf. Κῶς.

bordo da embarcação e partiu. Durante a viagem, Hele ficou doente e morreu (é a partir dela que o Helesponto ficou nomeado). Mas os restantes chegaram ao rio Fásis e estabeleceram-se aí. Frixo desposou a filha de Eetes, rei da Cólquida, dando como dote a estátua dourada de Velo. Mais tarde, quando Atamante morreu, Jasão navegou na *Argo*, atrás de Velo dourado – mas pouco provavelmente atrás do couro de um carneiro. E esta é a verdadeira história.

31.

[Sobre as Filhas de Fórcis]

A respeito das filhas de Fórcis, conta-se uma história ainda mais absurda: que Fórcis tinha três filhas que possuíam apenas um olho, que usavam à vez. A que estava a utilizá-lo colocava-o na sua testa e assim conseguia ver; então entregava-o a outra e assim, uma após a outra, todas conseguiam ver. Porém, Perseu aproximou-se furtivamente e ficou com o olho delas. Disse que não lho devolveria, a menos que lhe dissessem onde estava a Górgona. Por conseguinte, elas contaram-lhe. Depois, Perseu cortou a cabeça da Górgona e levou-a até à ilha de Serifos. Aí mostrou-a a Polidectes e transformou-o em pedra¹⁸⁸. Este último aspecto é particularmente ridículo – um homem ser petrificado ao olhar para a cabeça de um corpo. Pois qual poderia ser o poder de um corpo?

O que aconteceu foi o seguinte¹⁸⁹: Fórcis era um cérneo – por raça, estes são etiópios que vivem na ilha de Cerne¹⁹⁰, além dos Pilares de Hércules. Os terrenos que ocupam são líbios, ao longo do rio Anon, directamente a partir de Cartago; e são um povo rico. Ora, Fórcis foi rei das ilhas – são três -, além dos Pilares de Hércules¹⁹¹, e construiu uma estátua de ouro de Atena, com quatro cúbitos de altura. Deve notar-se que os Cérneos apelidam Atena de Górgona¹⁹²; da mesma forma que Ártemis é designada Bêndis¹⁹³, pelos Trácios, Dictina¹⁹⁴ pelos Cretenses, e Úpis¹⁹⁵ pelos Lacedemónios. Todavia, Fórcis morreu, antes de consagrar a estátua no templo. Sobreviveram-lhe as suas três filhas¹⁹⁶: Esteno, Eríale e Medusa. Estas não tinham desejo de casar, mas em vez disso distribuíram a propriedade do seu pai entre elas, de modo a que cada uma governasse sobre uma das três ilhas. Quanto à Górgona, decidiram não dedicá-la, nem dividi-la. Sucessivamente, cada uma conservou-a como se fosse o seu próprio tesouro. Antes de morrer, Fórcis tinha um companheiro nobre e as três filhas continuaram a tirar proveito dele para todos os assuntos – ele era, para todos os efeitos, o Olho¹⁹⁷ delas.

¹⁸⁸ Cf. Pi. *P.* 12.1-17; A. *Pr.* 794-797; Eratosth. *Cat.* 22; Apollod. 2.4.2-3. No âmbito latino, vd. Ov. *Met.* 4.774-777.

¹⁸⁹ Cf. H 13; Paus. 2.21.5.

¹⁹⁰ Cf. Plin. *HN* 6.198-199.

¹⁹¹ Cf. ‘Estreito de Gibraltar’.

¹⁹² Cf. cabeça da Górgona no escudo de Atena (*Il.* 5.741); quiçá no seu capacete (Apollod. 2.4.3)

¹⁹³ Cf. Hippon. 127 W.

¹⁹⁴ Cf. E. *Hipp.* 146.

¹⁹⁵ Cf. Call. *Dian.* 3.204.

¹⁹⁶ Vd. Hes. *Th.* 273: Pe(n)fredo e Énio. Pherocyd. *FGrHist* 3F junta Dino.

¹⁹⁷ Para ‘olho’, cf. Anfiarau (Pi. *O.* 6.16); ‘Olho’ do rei da Pérsia (Hdt. 1.114.2).

Ora Perseu, um exilado de Argos, andava a praticar actos de pirataria, com barcos e tropas ao longo da orla marítima. Quando descobriu que existia aí um reino – o qual também era rico em ouro e tinha poucos homens - nas mãos de mulheres, aproximou-se. Primeiramente, montou uma emboscada, na vizinhança, entre Cerne e Sarpedónia; então, quando o Olho velejava de uma para a outra, Perseu capturou-o. O Olho contou a Perseu que não havia nada que valesse a pena tirar às irmãs, à excepção da Górgona, e também revelou a quantidade de ouro que aí estava. Quanto às irmãs, quando o Olho não chegou, em conformidade com o acordado, reuniram-se e começaram a acusar-se entre si. Porém, cada uma delas negava estar a deter o Olho e todas começaram a indagar o que poderia ter acontecido. Nesse preciso momento, quando se encontravam todas juntas, Perseu navegou contra elas. Anunciou que detinha o Olho e que não o devolveria, a menos que lhe dissessem onde estava a Górgona. Ele acrescentou que iria matá-las, se não lhe contassem. Ora, Medusa recusou revelar, mas Esteno e Euríale fizeram-no. Perseu, conseqüentemente, matou Medusa e devolveu o Olho às duas irmãs.

Quando ficou com a Górgona, Peleu cortou-a em pedaços; depois, para conseguir que coubesse no seu trirreme, colocou a cabeça de Górgona sobre o navio e denominou-o *Górgona*. Navegando em redor, com o seu navio, espoliou o dinheiro dos insulares e matou os que se recusaram a entregar. Desta forma, acabou por navegar de encontro ao povo de Serifos e exigiu-lhes dinheiro. Por seu turno, eles pediram alguns dias, a fim de recolher o dinheiro. Mas em vez disso, trouxeram e reuniram pedras do tamanho de um homem no espaço do mercado e, de seguida, abandonaram a ilha de Serifos. Perseu voltou a navegar para aí para exigir o seu desejo, porém, quando chegou à praça, não encontrou pessoas, mas antes pedras de tamanho humano. Daí em diante, quando a população de alguma outra ilha não pagava o seu tributo, Perseu diria: “Tomem cuidado para não sofrerem o que o povo de Serifos sofreu – ao contemplarem a cabeça de Górgona, ficaram transformados em pedra”.

32.

[Sobre as Amazonas]

Tenho que referir isto a propósito das Amazonas: estas mulheres guerreiras¹⁹⁸ não eram mulheres, mas homens bárbaros, que costumavam vestir longas túnicas, como as mulheres trácias; armar o cabelo com bandas e fazer as barbas¹⁹⁹. Por este motivo, eram chamados de 'mulheres' pelos seus inimigos, mas as Amazonas, enquanto nação, eram boas a combater em guerras. Provavelmente, nunca houve um exército de mulheres, já que agora não há nenhum em qualquer lugar.

¹⁹⁸ Considerem-se as lutas das Amazonas, designadamente com Belerofonte (*Il.* 6.186; *Pi. O.* 13.87-89; *Apollod.* 2.3.2); Héracles – nono trabalho (*E. HF* 408-418; *A.R.* 2.966-969); Teseu (*A. Eu.* 685-690; *Hdt.* 9.27.4; *D.S.* 4.28; *Apollod. Epit.* 1.16-17; *Plu. Thes.* 26-27; *Paus.* 1.17.2); Aquiles (vd. *Q.S.* 1.18-61, 538-564; *Díctis Cretense* 4.2-3: morte de Pentésileia).

¹⁹⁹ A leitura de Festa acresce *ὡς καὶ νῦν οἱ ἴπατηριᾶται παραξίθοοι*, "como o povo de Patéria ainda fazem actualmente".

[Sobre Orfeu]

O mito a respeito de Orfeu²⁰⁰ também é falso: que animais quadrúpedes, objectos a arrastarem-se, aves e árvores o seguiam, quando ele tangia a sua cítara.

Eu julgo que se passava assim²⁰¹: algumas Bacantes em delírio desmembraram²⁰² umas ovelhas no Monte Piéria. Teriam feito muitas outras coisas no seu estado violento

²⁰⁰ Vd. Betegh 2004. Guthrie 1955 discute, na sua obra, se Orfeu terá ou não tido existência empírica, o que acarreta algumas considerações relativas à factualidade presente na mitologia e também às teses de evemerismo. Tomando por referência a tradição literária, Apollod. 1.9.25 menciona que Orfeu terá participado da expedição dos Argonautas, liderada por Jasão. Denota, ainda assim, alguma surpresa o *schol.* A.R. 1.23-25a, o que corrobora a consideração dos homens músicos na Antiguidade Grega como efeminados. Orfeu integrara a referida expedição enquanto *keleustes*, isto é, marcador do ritmo dos remadores e executor dos rituais religiosos. A sua força manifestar-se-ia aquando dos *agones* musicais que trava e vence com Quíron e as Sirenes. Inconformado por ter perdido Eurídice por duas vezes, Orfeu viria a banir as mulheres do seu coração (também por influência das Ménades) e a enveredar pelo homoerotismo. Terá, como tal, introduzido a pederastia na Trácia, como denota Ov. *Met.* 10.83-85.

Orfeu, ao procurar trazer de novo à vida a sua apaixonada Eurídice, torna-se um modelo comportamental para outras figuras literárias como Admeto, conforme reporta Eurípides (*Alc.* 357-362):

εἰ δ' Ὀρφέως μοι γλῶσσα καὶ μέλος παρῆν,
ὥστ' ἢ κόρην Δήμητρος ἢ κείνης πόσιν
ὕμνοισι κηλήσαντά σ' ἐξ Ἴαιδου λαβεῖν,
κατῆλθον ἄν, καὶ μ' οὔθ' ὁ Πλούτωνος κύων
οὔθ' οὔπι κόπη ψυχοπομπὸς ἄν Χάρων
ἔσχον, πρὶν ἐς φῶς σὸν καταστήσαι βίον.

"Se eu tivesse a fala e a canção de Orfeu, para encantar a filha de Deméter ou o seu senhor, e trazer-te de volta do Hades, desceria, e nem o cão de Plutão, nem Caronte, senhor das almas, poderiam evitar-me, até que eu te resgatasse para a luz da vida."

Imbuídos de um notória índole intrigante, determinados elementos que se adscvem ao orfismo revelam uma ligação muito próxima do mito a um culto. Com efeito, Orfeu, figura conectada com o misticismo e ligado a rituais, cultos e cerimónias em larga medida desconhecidas, 'enigmáticas' (αἰνιγματώδης) e até indecorosas, mostra-se igualmente notável pelas suas extraordinárias aptências musicais. Figura paradigmática entre a factualidade e a ficcionalidade, embora fosse tradicionalmente reportado como filho de uma Musa, ainda assim Orfeu aparece também referido como antecedente de Hesíodo (*Certamen* 313-318). De entre os vários autores que o recordam, Dionísio Sículo (4.25) considera não ter existido ninguém tão proeminente na música e na poesia, como esse trácio: οὔτος [Ὀρφέως] γὰρ ἦν υἱὸς μὲν Οἰάγρου, Θράξ δὲ τὸ γένος· παιδεία δὲ καὶ μελωδία καὶ ποιήσει πολὺ προέχων τῶν μνημονευομένων, "Ele [Orfeu] era filho de Eagro, trácio de nascimento, e em cultura, música e poesia ultrapassava em muito todos os homens de que eu tenho memória". Ademais, Aristófanes (*Ra.* 1030-1036) contempla Orfeu entre a 'nobre raça de poetas' (τῶν ποιητῶν οἱ γενναῖοι γεγέννηται), a par de Museu, Hesíodo e Homero. Certo é que Orfeu instituiu um modelo, a que o Papiro de Derveni (documento BM 74329) faz menção (col. 7.4.5). Considerem-se, ademais, o orfismo; a filosofia estóica, o pitagorismo e a sua inserção no paradigma judaico-cristão. Cf. E. *IA* 1211-1214, *Bacch.* 561-564; A.R. 1.26-31; Prop. 3.2.3-4; Ov. *Met.* 11.41-46; D.S. 4.25.2; Cónon 45.3; Apollod. 1.3.2; Eratosth. *Cat.* 24; Heraclit. 23.

²⁰¹ Cf. racionalização de Hor. *Ars* 391-393.

²⁰² Cf. a 'culpa ancestral' da humanidade e a disposição teofágica dos Titãs, num episódio místico, quicá tardio (note-se Onomácritos). Cf. Hdt. 6.5.3; Paus. 1.22.7, 8.31.3, 9.35.5), ao desmembrar (σπαραγμός) e devorar o corpo de Zagreu/Diónisos (Opp. *H.* 5.4-7. Vd. Pl. *Lg.* 701c; Procl. *in R.* 2.338; Olymp. *OF* 220). O mito de Zagreu/Diónisos reporta-se ao orfismo e à reavaliação do conceito da 'dívida fatal' de todos os humanos (E. *Alc.* 418-419, *Andr.* 1271-1272) como uma mudança de espaço e condição (Pl. *Men.* 81b: φασὶ γὰρ τὴν ψυχὴν τοῦ ἀνθρώπου εἶναι ἀθάνατον, καὶ τοτὲ μὲν τελευτῶν—ὃ δὲ ἀποθνήσκειν καλοῦσι—τοτὲ δὲ πάλιν γίνεσθαι, ἀπόλλυσθαι δ' οὐδέποτε. "Dizem que a alma do homem é imortal e

e depois terão seguido para a montanha e passado aí os seus dias. Enquanto permaneciam aí, os homens da cidade, temendo pelas suas mulheres e pelas suas filhas, procuraram Orfeu e pediram-lhe para pensar em alguma forma de conseguir fazê-las descer da montanha. Ele ofereceu sacrifícios a Diόνισος e conduziu as mulheres para baixo, tocando cítara. As mulheres desceram da montanha, segurando, pela primeira vez, talos de funcho e galhos de todas as espécies de árvores. Os pedaços de madeira pareceram um milagre para os homens que os viram nessa ocasião e disseram: “Orfeu traz sempre a floresta para o sopé da montanha, ao tocar a sua cítara!” A partir disto criou-se o mito.

que, numa dada altura, chega ao seu fim, o que é chamado de morte, e noutra nasce novamente, mas nunca morre.”) rumo à verdadeira 'vida', afastada das agruras do corpo - dor, velhice, doença e de uma existência evolutiva marcada por uma lógica de *πάθει μάθος*, "aprendizagem pelo sofrimento", A. *Ag.* 177 (cf. Pl. *Grg.* 493a: καὶ ἡμεῖς τῶι ὄντι ἴσως τέθναμεν· ἤδη γάρ του ἔγωγε καὶ ἤκουσα τῶν σοφῶν ὡς νῦν ἡμεῖς τέθναμεν καὶ τὸ μὲν σῶμά ἐστιν ἡμῖν σῆμα. "E na realidade, pode ser que estejamos mortos. De facto, ouvi um dos nossos sábios dizer que agora estamos mortos e o corpo é o nosso túmulo."; E. fr. 638 Kannicht: τίς δ' οἶδεν εἰ τὸ ζῆν μὲν ἐστι καταθεῖν, | τὸ καταθεῖν δὲ ζῆν κάτω νομίζεται, "Quem pode dizer se 'vida' é realmente 'morte', ou se 'morte' é, na realidade, 'vida?"; fr. 833 Kannicht: τίς δ' οἶδεν εἰ ζῆν τοῦθ' ὁ κέκληται θανεῖν, | τὸ ζῆν δὲ θνήσκειν ἐστί; "Quem sabe se aquilo a que se chama vida é morte, ou se, no mundo ctónico, a morte é vida?"), donde o retomar regenerado do ciclo - *OF* 463: βίος, θάνατος, βίος | ἀλήθεια | Διό(νυσος) Ὀρφικοί, "vida, morte, vida | verdade | Diόνισος"). Apollod. 1.3.2 referira que Orfeu criara os mistérios de Diόνισος, o que permite relacionar o mito de Zagreu com o da divindade e associá-lo ao seu culto. Vd., a propósito do mito de Zagreu e da sua antiguidade, Comparetti 1873; Rose 1936, sobre a consciência de uma falta original desde a época arcaica, baseando-se numa análise de Pl. fr.133 Bergk, a partir de Pl. *Men.* 81b-c; Linforth 1941: 330, 342-344; Bianchi 1966; Alderink 1981: 70-71; Flaumenhaft 1994: esp. 57-84; Brisson 1992, acerca da referência a uma alquimia alegórica da parte de Olimpíodoro. *Vide* Edmonds 1999; Bernabé 2002; Rudhardt 1992, 2002; Morford — Bos 2003: 315-357; Lenardon 2003: 293-294, 324, 362-363; Edmonds 2009. Cf. O despedaçamento ritual, o desmembramento de Diόνισος e o início dos mistérios Dionisiacos, por Orfeu, posteriormente desmembrado pelas Ménades, a julgar pelo escrito de Apollod. 1.3.2), o rito báquico e ao estado de *ἐνθουσιάζειν* e a sua crítica (e.g. pelos Citeus, Hdt. 4.79.3: Σκύθαι δὲ τοῦ βακχεύειν πέρι Ἑλλησι ὀνειδίζουσι: οὐ γὰρ φασὶ οἰκὸς εἶναι θεὸν ἐξευρίσκειν τοῦτον ὅστις μαίνεσθαι ἐνάγει ἀνθρώπους. "Mas os citas censuram os gregos por esta revelação báquica, dizendo não ser razoável colocar um deus a conduzir homens à loucura". Vd. Clem. Al. *Protr.* 5.17.2: Τὰ γὰρ Διονύσου μυστήρια τέλεον ἀπάνθρωπα, "Os mistérios de Diόνισος são absolutamente desumanos"). Vd. um outro exemplo do comportamento repetido dos Titãs, D.S. 4.6.1, a propósito do dilaceramento de Osiris.

34.

[Sobre Pandora]

A história relativa a Pandora é insuportável – que ela foi moldada a partir de terra e transmitiu a sua forma às outras²⁰³. Parece-me pouco provável.

Pandora foi uma mulher grega rica: sempre que saía para público, vestia-se a rigor e esfregava a sua face com um cosmético feito de terra²⁰⁴.

Foi ela que primeiramente descobriu como aplicar tais cosméticos na sua pele. Presentemente, muitas mulheres o fazem e nenhuma delas ganha renome, em virtude de a prática ser tão comum.

Foi isto que aconteceu, mas a história foi deturpada numa direcção impossível.

²⁰³ Sobre a origem tradicional de Pandora, vd. Hes. *Th.* 571-562, *Op.* 61-105; Apollod. 1.7.2; Hyg. *Fab.* 142. Cf. Pl. *Most.* E o uso e cosméticos por Filemácio.

²⁰⁴ Cf. Ar. *Ec.* 878, 929; Lys. 1.24.

[Sobre a Geração do Freixo]

Entre outras afirmações populares mal-interpretadas, fica esta: que a primeira geração de homens nasceu de freixos²⁰⁵. Todavia, parece-me impossível que seres humanos tenham provindo de madeira.

Na realidade, Freixo foi um homem e os freixos devem-lhe a sua designação, da mesma maneira que os Helenos receberam o seu nome a partir de Heleno e os (J)Iónios, a partir de Io. Mais tarde, toda a família morreu e o seu nome deixou de ser usado.

²⁰⁵ *Μελία: Fraxinus Ornus*. Cf. *Od.* 19.163; *Pl. Ap.* 34d, *R.* 544d; *Plu.* 608c; *Verg. A.* 8.315; *Juv.* 6.12. Corresponderia a raça emanada das cinzas à Idade do Bronze – *Hes. Op.* 145; *schol. Il.* 22.126; *Stat. Theb.* 4.279-281. Assim, a versão de *Hes. Op.* 109-201e as quatro idades na composição de *Ov. Met.* 1.89-150.

Platão, ao conferir aos deuses a constituição do Homem (*Prt.* 320c-d): ἦν γάρ ποτε χρόνος ὅτε θεοὶ μὲν ἦσαν, θνητὰ δὲ γένη οὐκ ἦν. ἐπειδὴ δὲ καὶ τούτοις χρόνος ἦλθεν εἰμαρμένως γενέσεως, τυποῦσιν αὐτὰ θεοὶ γῆς ἔνδον ἐκ γῆς καὶ πυρὸς μείζαντες καὶ τῶν ὅσα πυρὶ καὶ γῆ κεράννυται, "Em certa altura existiam apenas os deuses e nenhuma criaturas mortais. Mas quando chegou a altura de também esses serem criados, os deuses formaram-nos a partir da terra e do fogo e de várias misturas de ambos os elementos, no interior da terra"). Xenófanes pronunciara-se, com mais algum detalhe, havia já um século decorrido, acerca da matéria utilizada - barro e água (frs. 8-10: 8. ἐκ γαίης γὰρ πάντα, καὶ εἰς γῆν πάντα τελευτᾷ. 9. πάντες γὰρ γαίης τε καὶ ὕδατος ἐκγενόμεσθα. 10. γῆ καὶ ὕδωρ πάντ' ἐσθ' ὅσα γίνοντ' ἠδὲ φύονται. 8. "Todas as coisas provêm da terra e todas as coisas acabam tornando-se terra." | 9. "Todos proviemos da terra e da água." | 10. "Tudo o que nasce e cresce é terra e água."). Dando seguimento ao percurso gerador, atribui-se tradicionalmente a tarefa de moldagem das criaturas humanas, à imagem e semelhança dos deuses, a Prometeu. Surge, porém, o problema de saber ao certo até que ponto terá conseguido alcançar os seus propósitos. Com efeito, a dúvida ressalta perante o mesmo Xenófanes, contudente em delimitar ambos os planos, quando atesta uma divergência radical a todos os níveis, entre criador e criatura (DK B 23-24): εἰς θεὸς ἓν τε θεοῖσι καὶ ἀνθρώποισι μέγιστος, οὐ τι δέμας θνητοῖσιν ὁμοίος | οὐδὲ νόημα. οὐλος ὄρᾳ, οὐλος δὲ νοεῖ, οὐλος δὲ τ' ἀκούει, "Existe apenas um deus entre deuses e homens – o deus supremo, nada similar aos mortais em forma ou em pensamento". Algo serôdia fora igualmente a hipótese que relacionava os Titãs com a gênese da raça humana, após a fulminação titânica por Zeus e consequente expulsão do divino (cf. *Hes. Th.* 820: Τιτῆνας ἀπ' οὐρανοῦ ἐξέλασεν Ζεὺς, "Zeus retirou os Titãs do céu". Vd. *Pl. Leg.* 701b), conforme denota Opiano (*H.* 5.4-7):

ἀλλά τις ἀτρεκέως ἰκέλην μακάρεσσι γενέθλην, | ἀνθρώπους ἀνέφουσε, χερεῖονα δ' ὄπασεν ἀλκήν, | εἴτ' οὖν Ἰαπετοῖο γένος, πολυμητὰ Προμηθεύς, | ἀντωπὸν μακάρεσσι κάμεν γένος, ὕδατι γαῖαν | ζυνώσας [...] εἴτ' ἄρα καὶ λύθροιο θεωρρύτου ἐκγενόμεσθα | Τιτήνων·

"Alguém criou os homens para constituir uma raça similar aos deuses abençoados, embora lhes tenha dado uma força inferior - quer tenha sido o filho de Jápeto, Prometeu, de muitos artificios a criar o homem, à semelhança das divindades, misturando terra com água [...], quer tenhamos nascido do sangue divino que fluiu dos Titãs."

Mediante este princípio, o delito teofágico cometido pelos ímpios Titãs transmitir-se-ia, na forma de protótipo da culpa ancestral (*Pl. Men.* 81b: πονή παλαιή), às criaturas deles emanadas, pois, como refere Dio Crisóstomo (30), ὅτι τοῦ τῶν Τιτάνων αἵματος ἐσμὲν ἡμεῖς ἅπαντες οἱ ἄνθρωποι. ὡς οὖν ἐπείνων ἐχθρῶν ὄντων τοῖς θεοῖς καὶ πολεμησάντων, οὐδὲ ἡμεῖς φίλοι ἐσμὲν, "nós homens somos do sangue dos Titãs; e uma vez que eles são hostis para com os deuses, nós também não somos amigos destes últimos" (cf. *Paus.* 5.25.10; *Orph. H.* 37; *Lyc.* 1358 sq.). Cf. P 33. De facto, conforme uma tradição presente em fontes antigas e recuperada tardiamente, os humanos teriam surgido a partir da fuligem dos Titãs, fulminados por Zeus, em virtude de haverem feito um uso nefasto da liberdade (*Pl. Lg.* 701b), tendo enganado, matado, delapidado e degustado, quicá por influência da ciumenta Hera, alguma da carne de Zagreu (Diónisos), enquanto este se divertia, brincando (*OF* 320.xi B: ἐπὶ δ' ὁ Βάκχος εὐάσας πλη<γή><σ<ε>τα<ι> | τότε αἶμα καὶ πῦρ καὶ κόνις μιγῆσεται, "Baco, depois de ter celebrado as Bacanaís, seria abatido. Então, o sangue, o fogo e as cinzas misturaram-se.").

As gerações do Ferro e do Bronze também nunca existiram – isso também é uma loucura.

36.

[Sobre Hércules]

O mesmo aconteceu no caso de Hércules. O mito conta que ele tinha folhas no seu corpo²⁰⁶. [...] E então Filetes (não é certo que ele tenha sido um médico)²⁰⁷ ou que não tenha tido treino profissional – inventou a cauterização e curou Hércules. Foi a partir disto que se construiu o mito.

²⁰⁶ Cf. Paus. 2.31.10, a respeito da clava de Hércules, feita de oliveira.

²⁰⁷ Cf. *Palaiphatou Peri apistōn Palaephati de incredibilibus ad illustres Vratislauensis reip. scholarchas; et excellentissimos scholarum ibidem inspectores. Cum interpretatione Latina Cornelii Tollii, & annotationibus Martini Brunneri, denuo recensuit, & animaduersiones nouas hinc inde inspexit, vt & Doctrinas morales, genuinos it.* (1685): 171: Φυλλίτης. “Dicitur (de claua Herculis) quod per se folia babuerit. Scilicet Phyllites (fiofa claua) quoniam ea eius est proprietates, herba adpositus pullulabat.” Cf. *S. Ph.* 649, 698.

37.

[Sobre o Monstro do Mar]

Eis a história²⁰⁸ a propósito do Monstro²⁰⁹ do Mar: recorrentemente vinha de encontro aos Troianos; se lhe oferecessem jovens raparigas²¹⁰ para devorar, ele partia; caso contrário, devastaria a sua terra. Mas é fútil para os homens estabelecerem pactos com peixes. Poderá alguém deixar de aperceber-se disto?

Eis como aconteceu: certa vez, existiu um grande e poderoso rei com uma grande força naval, que mantinha sob a sua alçada todas as áreas costeiras da Ásia Menor. As pessoas da região pagavam-lhe uma taxa, que também designavam como seu tributo. Porém, naquela época, as pessoas usavam bens imóveis em vez de dinheiro, pelo que se ordenou que algumas cidades efectuassem os seus pagamentos com cavalos; outras com gado; e outras ainda com jovens donzelas. Ora, o nome desse rei era *Ketos*²¹¹, mas os povos não gregos da Ásia Menor chamavam-lhe *Ketos*²¹². Ele navegava de acordo com um calendário estipulado, para requerer o seu tributo. Se algum recusasse pagar, ele devastaria a região. Numa dada ocasião, ele chegou a Tróia no preciso momento em que Hércules apareceu com um exército de soldados gregos. Laomedonte, o rei troiano, contratou Hércules para auxiliar a sua cidade. Do outro lado, Ceto fez desembarcar as suas tropas dos seus navios e avançou a pé. Mas Hércules e Laomedonte²¹³, cada um com o seu exército, enfrentaram-no e destruíram-no. E foi a partir deste episódio que o mito se constituiu.

²⁰⁸ Cf. *Il.* 5.638-651, 20.144-148, 21.441-457; *Hellanic. FGrHist* 4F26b; *Lyc.* 33-37, 470-478; *Ov. Met.* 11.194-217; *D.S.* 4.42.1-7; *Apollod.* 2.5.9; *Tz. ad Lyc.* 34

²⁰⁹ Cf. *Il.* 20.147.

²¹⁰ Cf. *Hyg. Fab.* 89.

²¹¹ *Κητών*: 'monstro marinho'.

²¹² *Κήτος*, *cetus*.

²¹³ Sobre uma relação absolutamente distinta do relacionamento de Hércules com Laomedonte, vd. Dares da Frígia, *De Excidio Trojae Historia* (2-4). Cf. *Il.* 24.765-766; *Apollod. Epit.* 3.18-19. Importa, outrossim, verificar o seguimento noutros autores, como Dares da Frígia, *De Excidio Trojae Historia* que, embora o texto existente seja deveras sucinto, inicia a narração na geração anterior. No decurso da jornada para a Cólquida, Jasão e os Argonautas passariam pela Frígia, de onde foram expulsos compulsivamente pelo rei Laomedonte. Sentindo-se ultrajado, Hércules, acompanhado de outros heróis, atacou Tróia (na altura, Príamo encontrava-se ausente, na Frígia). Depois de aplicar uma grande mortandade, reuniu despojos e trouxe para a Grécia várias cativas, entre as quais Hesíone. Segue-se o envio de duas embaixadas troianas, no sentido de recuperar Hesíone. Foi aquando da segunda, chefiada por Páris, que se verificou um ataque aos Gregos, com a consequente apropriação de despojos e de cativas, das quais se destaca Helena. O episódio não é seguido por Dicitis, ainda que deva ponderar-se sobre 4.22. Considere-se também, na obra de Dicitis, *Ephemeris Belli Troiani. Efeméride da Guerra de Tróia*, o nome de Hércules, lembrado por Télefo, acerca de obras realizadas para os Gregos (2.5), mas sem referência a uma suposta intervenção nos relacionamentos entre a Hélade e Tróia, como apresenta Dares.

38.

[Sobre a Hidra]

O que se diz acerca da Lerna Hidra²¹⁴ é que se tratava de uma serpente com cinquenta cabeças²¹⁵ num único corpo e que, sempre que Hércules cortava uma das cabeças, cresciam sempre duas no seu lugar²¹⁶. O Caranguejo, segundo se diz, veio em auxílio da Hidra e, ao mesmo tempo – uma vez que o Caranguejo defendia a Hidra – Iolau surgiu em defesa de Hércules. Ora, se alguém acredita que alguma coisa disto aconteceu, é louco, pois tal ideia é ridícula. Como seria possível que, quando Hércules decepava uma cabeça, não fosse devorado, nem sofresse penas ditas pelas restantes cabeças? Eis o que aconteceu:

Lerno era monarca de um determinado território, que recebeu o seu nome a partir de si (Actualmente são os Argivos que têm controlo sobre este espaço; mas, naquela época, todos habitavam em terras separadas). No tempo em questão, as cidades de Argos, Micenas, Tirene e Lerna existiam e um rei estava encarregado de cada um dos territórios. Os reis de Argos e Tirene encontravam-se submetidos a Euristeu, o filho de Esténelo, do ramo genealógico de Perseu, pois controlava Micenas, que era a maior e a mais populosa cidade. Mas Lerno não aceitava sujeitar-se a ele e então seguiu-se uma guerra. Na entrada do seu domínio, Lerno tinha um robusto forte e cinquenta corajosos arqueiros guardavam-no. Estes subiam à sua torre sucessivamente, noite e dia. E o nome do forte era Hidra. Ora, Euristeu enviou Hércules para pilhar o forte e ele, juntamente com os seus homens, atacou os arqueiros na torre. Sempre que um arqueiro era atingido e caía, dois subiam à torre no seu lugar – o valor da primeira morte requeria dois por um. Então Lerno, extremamente pressionado por Hércules na batalha, contratou mercenários de Cária: o seu melhor combatente, de nome Caranguejo, veio até ele, com o seu exército, e juntos enfrentaram Hércules. Mas, rapidamente, o sobrinho de Hércules, Iolau, filho de Íficles, veio em auxílio de Hércules com um exército, desde Tebas. Ele aproximou-se e lançou fogo à torre, em Hidra, e, com a força combinada, Hércules aniquilou o seu inimigo, arrasou Hidra e destruiu o exército adversário.

²¹⁴ Segundo trabalho de Hércules, proporcionando-lhe, ademais, o veneno das suas setas (Paus. 2.37.4). Cf. Hes. *Th.* 313-318; E. *HF* 419-422, 1188, 1274-1275; D.S. 4.11.5-6; Apollod. 2.5.2; Paus. 2.37.4. Vd. *Ov. Met.* 9.69-74; *Hyg. Fab.* 30.

²¹⁵ O número de cabeças variava nos recontos tradicionais. Pausânias (2.37.4) julgava apenas uma cabeça. Pisandro de Camiro, por seu turno (fr. 2EGF), considera várias cabeças.

²¹⁶ Cf. ditado: *πρὸς δύο λέγεται οὐδ' ὁ Ἡρακλῆς οἶός τε εἶναι*, "conta-se que Hércules não vale por dois" Cf. Pl. *Phd.* 89c. Na realidade, Hércules necessitou do auxílio de Iolau. Cf. *Hellanic. FGrHist* 4F103.

Depois, as pessoas escreveram que Hidra era uma serpente e o mito formou-se.

39.

[Sobre Cérbero]

O que se diz acerca de Cérbero é que se tratava de um cão com três cabeças. Mas é óbvio que ganhou o epíteto 'tricéfalo'²¹⁷ a partir da cidade de Tricânio, tal como Gérion obteve: as pessoas diriam “que belo e grande cão Tricéfalo!” Também se afirma – mas a história é um mito – que Hércules trouxe Cérbero²¹⁸ do Hades²¹⁹.

Aqui está o que aconteceu²²⁰: Gérion tinha dois cães grandes e intrépidos para guardar o seu gado – um chamava-se Cérbero; o outro, Orto. Quanto a Orto, Hércules matou-o em Tricarenia²²¹, antes de levar o gado de Gérion; Cérbero, todavia, seguiu com as vacas. Ora, existia um certo micenense chamado Molosso, que pretendia o cão e pedia a Euristeu que lho vendesse. Mas Euristeu recusou e então Molosso convenceu os criadores de gado que o deixassem guardar o cão numa caverna em Ténaro²²², na Lacónia – aí, conforme havia sido sua intenção, proporcionou cabras a Cérbero, como alimento. Todavia, Euristeu enviou Hércules à procura do cão. E Hércules, depois de percorrer todo o Peloponeso, chegou ao local onde lhe indicaram que Cérbero estava. Desceu e trouxe o cão para fora da caverna. Ao que a população afirmou: “Hércules desceu pela caverna ao Hades e trouxe Cérbero”.

²¹⁷ Vd., neste sentido, S. *Tr.* 1098; Verg. *A.* 6.417-423. Hes. *Th.* 312 considerava cinquenta cabeças; Pi. fr. 249b SM refere cem.

²¹⁸ Cérbero não é nomeado na versão homérica.

²¹⁹ No final dos seus trabalhos, este episódio de Hércules consta em literatura vária, como *Il.* 8.366-368; *Od.* 11.623-626; Hes. *Th.* 310-312, 769-773; E. *HF* 23-25, 610-615, 1277; D.S. 4.26.1; *Ov. Met.* 7.408-415; *Apollod.* 2.5.12.

²²⁰ Cf., no mesmo sentido, Hecat. *FGrHist* 1F27. Cf. *Plu. Thes.* 31.4; *Serv. A.* 6.395; *Tz. H.* 2.406-410, 747-754.

²²¹ Cf. *Τρικαρηνία*.

²²² Entrada tradicional para o Hades. Cf. E. *HF* 23; *Paus.* 3.25.4-5.

40.

[Sobre Alceste]

O conto de Alceste²²³ provém da tragédia: quando Admeto se encontrava próximo da morte, Alceste ofereceu-se para morrer no seu lugar, mas Hércules resgatou-a de Tântato devido à piedade dela e restituiu-a a Admeto. Parece-me, no entanto, que ninguém pode trazer uma pessoa que morreu de novo à vida²²⁴.

O que sucedeu foi o seguinte²²⁵: Depois que as filhas de Pélias provocaram a sua morte, o seu filho Acasto perseguiu-as, com o intuito de matá-las, em retaliação pela morte do seu pai. Conseguiu apanhar todas as irmãs, mas Alceste escapara para Feras, onde vivia o seu primo Admeto. Ocupou o seu lugar à lareira enquanto suplicante, pelo que Admeto não pôde aceder às requisições de Acasto por ela. Por fim, Acasto reuniu um grande exército à volta da cidade e começou a devastar a cidade com fogo. Admeto fez uma excursão durante a noite, mas, por acaso, encontrou os chefes inimigos e foi capturado com vida. Acasto ameaçou matá-lo, caso recusasse entregar Alceste, ainda que ela fosse uma suplicante. Porém Alceste, quando se apercebeu de que Admeto estava prestes a perder a sua vida por causa dela, apareceu e entregou-se a Acasto, que, conseqüentemente, libertou Admeto e aprisionou Alceste. A partir de então as pessoas afirmaram: “Alceste demonstrou coragem; voluntariamente apresentou-se para a morte em prol de Admeto”. Mas note-se que isto não aconteceu da forma que o mito consideraria.

Quanto a Hércules, foi nesta altura que chegou a Feras com as éguas de Diomedes e, à sua chegada, foi recebido por Admeto. Contudo, Admeto continuava a chorar pelo infortúnio de Alceste, pelo que Hércules²²⁶, exasperado, preparou um ataque a Acasto e destruiu todo o seu exército. Distribuiu o espólio deste ataque pelas suas tropas, mas entregou Alceste a Admeto. O povo, então, disse que Hércules tinha aparecido e salvado Alceste de Tântato. Foi a partir destes acontecimentos assim que o mito foi construído.

²²³ E. *Alc.* Cf. A. *Eu.* 723-728

²²⁴ Cf. o mesmo *topos* no episódio 26.

²²⁵ Cf., em similar racionalização do mito, Tz. *H.* 2.785-842. Cf. Fulg. 1.22.

²²⁶ Pl. *Smp.* 179b substituí, no regresso de Alceste, do Hades, a figura de Hércules, pelos deuses. Cf. Apollod. 1.9.15, a propósito do contributo de Hércules e da versão Kore-Perséfone.

41.

[Sobre Zeto e Anfion]

Hesíodo²²⁷, entre outros²²⁸, denota que foi com uma lira que Zeto e Anfion construíram as muralhas de Tebas²²⁹. Algumas pessoas imaginam que isto significa que Zeto e Anfion tocaram as suas liras e as pedras assumiram espontaneamente a sua posição na muralha. Todavia, a verdade é como se segue.

Zeto e Anfion eram exímios tocadores de lira, os quais tangiam em troca de remuneração. Porém, as pessoas da sua época não usavam dinheiro. Em vez disso, Anfion e Zeto disseram a toda a gente que desejava ouvi-los que fossem trabalhar para as muralhas da cidade. As pedras não ouviram nem seguiram, mas foi com razão que as pessoas disseram que a muralha foi construída com uma lira.

²²⁷ Cf. Hes. fr. 182 MW.

²²⁸ Cf. *Od.* 11.260-265; E. **Antiop.*; A.R. 1.736-741; Apollod. 3.5.5. Vd. Paus. 9.5.8.

²²⁹ Cf. *mutatis mutandis*, Orfeu (P 33).

42.

[Sobre Io]

Conta-se que Io²³⁰ se transformou de mulher, numa vaca e que foi picada por um moscardo e viajou pelo mar, desde Argos ao Egípto. Mas custa a acreditar que ela era <...> e sem comida, por tantos dias. A verdade é como se segue²³¹:

Io era filha do rei de Argos. Os seus compatriotas honraram-na ao torná-la uma princesa da argiva Hera. Contudo, ela ficou grávida e, com receio do seu pai e dos cidadãos de Argos, fugiu da cidade. Os Argivos foram no encalço dela e teriam conseguido alcançá-la e aprisioná-la, se a tivessem encontrado em algum lugar. Diziam: “Ela está a pairar, como uma vaca aguilhoadada.” Acabou por entregar-se a alguns viajantes estrangeiros e pediu-lhes para a levarem para o Egípto. Quando aí chegou, deu à luz a sua criança. E foi assim que o mito se criou.

²³⁰ Cf. Hes. fr. 124 MW; A. *Supp.* 291-323, 538-579; Paus. 3.18.13; Apollod. 2.1.3; Ov. *Met.* 1.568-746.

²³¹ Cf. Hdt. 1.1.4 (versão persa), 1.5.2 (versão fenícia); Eufóron *FGrHist* 70F156.

43.

[Sobre Medeia]

Contam que Medeia tornava homens velhos de novo jovens²³², fervendo-os. Todavia, não existe nenhuma prova de que ela tenha alguma vez rejuvenescido alguém. E, se ela de facto ferveu alguém, certamente tê-lo-á matado.

Eis como foi²³³: Medeia foi a primeira que descobriu um corante vegetal²³⁴ vermelho e preto, com o qual fez com que homens velhos parecessem ter cabelo preto e ruivo, em vez de cinzento, pois ao usar este corante ela tornava os seus cabelos brancos em pretos e ruivos. <...> Também foi a primeira a descobrir que o banho a vapor era bom para os homens. Tratava no seu banho a vapor todos os que desejassem, mas não de forma explícita – temia que os médicos descobrissem. Também conseguia que aqueles que submetia ao seu banho promettessem não revelar o tratamento a ninguém. O nome que deu a este tratamento de vapor foi 'fervura'²³⁵.

Ora, os homens que colocou no seu banho de vapor tornaram-se mais ligeiros de pés e mais saudáveis. O resultado foi que os que viram os seus caldeirões e o seu fogo se convenceram de que ela estava a ferver pessoas. Além do mais, houve o caso do velho e enfraquecido Pélias, que morreu em resultado do banho a vapor. Foi a partir destes factos que nasceu o mito.

²³² Cf. rejuvenescimento de um carneiro (cf. D.S. 44.52.1-2; Ov. *Met.* 7.297-349; Apollod. 1.9.27; Paus. 8.11.2; Hyg. *Fab.* 24.3); do pai de Jasão (cf. *Nostoi* fr. 6 EGF); Jasão (e.g. Pherecyd., *FGrHist* 3F113); as aias de Díonisos. Cf. Ov. *Met.* 7.303.

²³³ Cf. racionalização (e.g. D.S. 4.51.1-5).

²³⁴ Cf. também Clem. Al. *Strom.* 363P.

²³⁵ Vd. *παρέψησις* (ἔψησις).

44.

[Sobre Ônfale]

Conta-se que Hércules foi escravizado por Ônfale²³⁶ – uma história absurda, uma vez que Hércules poderia ter sido senhor e mestre de Ônfale e de todas as suas posses <...>.

Aqui está o que aconteceu: Ônfale era filha de Iárdano, rei da Lídia. Ouviu falar do poderoso Hércules e fingiu apaixonar-se²³⁷ por ele. Hércules, por seu turno, quando se encontrou na presença de Ônfale, ficou apaixonado e teve um filho com ela. Ficou encantado com Ônfale e fez tudo o que ela pediu. Porém, as pessoas simples pensaram que ele era o escravo dela.

²³⁶ O tempo varia entre um e três anos de escravidão. Cf. *Il.* 2.730, *Od.* 21.22; *S. Tr.* 273; Apollod. 2.6.1 sq.).

²³⁷ Sobre a paixão por Hércules, no período ao serviço de Ônfale, e a respeito da sua descendência, vd. Apollod. 1.9.19, 2.6 sq.; *S. Tr.* 253; Luc. *DDeor.* 23 Macleod.

45.

[Sobre o corno de Amalteia]

Diz-se que Hércules²³⁸ levava consigo o corno de Amalteia²³⁹ para toda a parte e conseguia, através de preces, obter tudo o que pretendia.

Eis a verdade. Quando Hércules estava a viajar na Beócia, com o seu sobrinho Iolau, ficou hospedado numa certa estalagem em Téspias. Acontecia que o dono da estalagem era uma jovem muito bela chamada Amalteia. Hércules desenvolveu afecto por ela e aceitou a hospitalidade dela por um longo período de tempo. Mas Iolau ficou angustiado com a situação e decidiu roubar o dinheiro que Amalteia tinha ganhado na sua actividade, o qual guardava num corno. Com este dinheiro, Iolau adquiriu tudo o que queria para si e para Hércules.

Então, os seus companheiros viajantes disseram: “Hércules ficou com o corno de Amalteia e conseguiu tudo o que queria com ele”. A partir disto, criou-se o mito e os artistas que pintam Hércules pintam o corno de Amalteia junto dele.

²³⁸ No que toca a Hércules, obtivera tradicionalmente o corno de Amalteia a partir do deus-rio Aqueloo, então metamorfoseado num touro. Após uma luta pela mão de Dejanira em matrimónio, o herói privou o adversário de um dos seus chifres, cuja restituição trocou pela entrega do corno de Amalteia (Pi. fr. 240a SM; Apollod. 2.7.5. Cf. Ov. *Met.* 9.85-88, identificando o chifre de Aqueloo com a cornucópia).

²³⁹ Amalteia corresponde tradicionalmente à ama de Zeus, em Creta (cf. ἀμαλθεῖω. Vd. ἀμάλθακτος). Tratar-se-ia, segundo alguns autores, de uma cabra (e.g. Callim. *Jov.* 49; Hyg. *Astr.* 2.13). Para outros, porém, tratar-se-ia de uma ninfa, que alimentava Zeus com o leite de uma cabra (Eratosth. *Cat.* 13; Apollod. 2.7.5; Hyg. *Fab.* 139). Vd. ninfa, filha de Melisseu, irmã de Melissa (Ov. *Fast.* 5.115; Hyg. *Fab.* 139; Lact. *Div. Inst.* 1.22.19. Vd. Arat. 163. Considere-se Amalteia, acerca do nascimento tradicional de Zeus no Monte Parrásio (Callim. *Jov.* 7, 10) ou no Monte Liceu/Creta (Paus. 8.38.1). Inicialmente alimentado com leite da cabra Amalteia e com mel (Apollod. 1.1.6; Callim. *Jov.* 49; Athen. 11.70; Ov. *Fast.* 5.115).

[

46.

Sobre Jacinto

Jacinto²⁴⁰ era um belo jovem de Amiclas²⁴¹. Apolo viu-o; Zéfiro²⁴² também. Ambos deixaram-se tomar de amores pela sua beleza. Cada um deles competiu à sua maneira: Apolo lançou uma seta e Zéfiro soltou um sopro de vento. Do primeiro, havia músicas e doce prazer; do outro, pânico e confusão. O jovem inclinou-se para o deus, causou a inveja de Zéfiro – armou-o assim para o combate.

Mais tarde, Jacinto estava a exercitar-se e Zéfiro aplicou a sua vingança²⁴³ – era um disco que serviu para matar o jovem, arremessado pelo deus, mas desviado por Zéfiro. Jacinto morreu. Porém, Gaia²⁴⁴ não suportava o acontecimento sem memorial. Brotou uma flor no local do corpo do jovem e ficou com o seu nome²⁴⁵. Além disso, as pessoas diziam que a primeira letra desse nome está inscrita nas pétalas da flor²⁴⁶.

²⁴⁰ Cf. Hes. fr. 171 MW; Apollod. 1.3.3, 3.10.3; E. *Hel.* 1469-1475; Nic. *Th.* 902-906; Ov. *Met.* 10.162-219.

²⁴¹ Cf. filho de Amiclas, rei de Esparta (Apollod. 3.10.3; Paus. 3.1.3, 19.4). Para outros, porém, descenderia de Piero; para outros, de Ébalo, ou até de Eurotas (e.g. Luc. *DDeor.* 14 Macleod; Hyg. *Fab.* 271).

²⁴² Cf. versões que dão conta de Bóreas: Serv. *Ecl.* 3.63; 2º Mit. Vat 181.

²⁴³ Cf. Paus. 3.19.4-5; Luc. *DDeor.* 16 (14) Macleod; Nonn. *D.* 10.253-255.

²⁴⁴ 'Terra'.

²⁴⁵ Vd. AIAI, para denotar dor, ou quiçá o nome de Ajax (AIAS), de cujo sangue terá brotado (cf. *schol. Theoc.* 10.28. Cf. Ov. *Met.* 13.395 sq.

²⁴⁶ Cf. Philagr. *ad Verg. Ecl.* 3.63.

47.

Sobre Mársias

Mársias era um aldeão que se tornou músico da seguinte maneira: Atena não gostava do oboé²⁴⁷, pois roubava a sua beleza²⁴⁸: o seu reflexo numa fonte mostrou-lhe o efeito. Ela então deitou-o fora, num local onde o boieiro Mársias estava à espreita. Mársias apanhou-o e levou-o aos lábios. E o oboé soou através de um poder divino, para além da vontade do tocador. Todavia, Mársias julgava que o poder do oboé era a sua técnica: desafiou²⁴⁹ as Musas e também Apolo. Pouco desejava continuar a viver, disse, caso não conseguisse superiorizar o deus. Mas foi vencido na competição e, depois da sua derrota, foi esfolado. Eu mesmo vi o rio na Frígia denominado a partir dele. E os Frígios dizem que se erguia vapor a partir do sangue de Mársias.

²⁴⁷ Aulos. Cf. Pi. *P.* 12.6-8, 19-24

²⁴⁸ Apollod. 1.4.2; Hyg. *Fab.* 165; Fulg. 3.9. Cf. atitude similar, por motivos idênticos, levada a cabo por Alcibiades, ateniense do século V a.C. (Plu. *Ale.* 2.4-6; Gell. 15.17).

²⁴⁹ Cf. Hdt. 7.26.3; X. *An.* 1.2.8; Arist. *Pol.* 8.6.8 (1341b3); D.S. 3.59.2-5; Ov. *Met.* 6.382-400; Paus. 1.24.1.

48.

Sobre Fáon

A vida de Fáon²⁵⁰ passava-se entre o seu barco e o mar – no exíguo estreito onde vivia. Ninguém tinha queixas contra Fáon: era justo e apenas cobrava daqueles que podiam pagar. Entre os habitantes de Lesbos havia admiração pelo seu carácter. Uma deusa (dizem, Afrodite)²⁵¹ deu a sua aprovação²⁵² a Fáon. Ela colocou um disfarce humano de mulher velha e perguntou a Fáon acerca da passagem. Ele rapidamente a transportou para a outra margem e não lhe pediu nenhum pagamento. O que fez a deusa? Conta-se que o metamorfoseou²⁵³ – recompensou o velho homem com beleza juvenil. Este é o mesmo Fáon que Safo²⁵⁴ amou – um amor que ela frequentemente cantou.

²⁵⁰ Cf. Sapph. fr. 211 LP.

²⁵¹ Vd. Afrodite, que teria dado um perfume a Fáon, apelativo às mulheres (Ael. *VH* 12.18; Serv. *A.* 3.279; Luc. *DMort.* 19.2.

²⁵² Cf. uma possível aproximação ao mito de Adónis, através de um relacionamento com Afrodite.

²⁵³ O conceito de metamorfose reflecte a mudança que se atesta na vida, com os naturais processos de transformação, entre o nascimento > crescimento > degeneração > morte, transformando a alteração temporal na intemporalidade, quando se trata de metamorfoses permanentes. Embora já atestado na épica dita homérica, chega a afigurar-se como um motivo recorrente no Período Helenístico. Interpretado como factual, o desenvolvimento científico justifica um enquadramento racionalizador envergado pela paradoxografia, mormente após o século IV a.C. O *topos*, ainda que de proveito clássico, adquire um especial fulgor quando entendido metaforicamente no panorama judaico-cristão, após o episódio da morte e ressurreição de Cristo (cf. Apuleio e a transmigração da alma, no âmbito do Pitagorismo e do Platonismo). Consequentemente, as metamorfoses passam a ser encaradas somente como frutos de imaginação pagã ou efeitos sobrenaturais de índole demoníaca, decorrentes da magia. Por último, nos últimos séculos, o desenvolvimento tecnológico aproximaria as metamorfoses da ficção científica (robôs, andróides, ciborgues). O *topos* serve de título a diversas obras, através do vocábulo linguisticamente tardio, utilizado sobretudo após o Império Romano (*post* 1533), μεταμόρφωσις: : μετά, 'mudança' - μορφή, 'forma'. Outra hipótese, com sentido similar de 'transformação', consiste na utilização de *heteroïoumena* (ἐτεροτούμενα). Em Paléfato não se pretende desenvolver a temática, mas antes racionalizar fenômenos de metamorfose conservados pela tradição mitológica. A exemplo disso, utiliza-se simplesmente, neste caso, a forma verbal de ἀμείβω: 'mudar'.

²⁵⁴ Acerca do relacionamento com Safo, que conduziria ao *katapontismos*, vd. Str. 10.2.9; Plin. *HN* 22.20; Verg. *A.* 3.279. Cf. P 49.

49.

Sobre Ládón

Gaia resolveu relacionar-se com o rio Ládón. Após consumir a relação, engravidou e deu à luz Dafne²⁵⁵. O Pítico Apolo apaixonou-se pela jovem e as suas palavras para ela eram as palavras de um apaixonado. Todavia, Dafne fizera votos de castidade: era necessária perseguição e foi usada perseguição.

Antes de ficar cansada com o voo, Dafne chamou pela mãe: “Coloca-me de novo no teu corpo; preserva-me como eu sempre fui.” Gaia agiu como ela pediu e conservou Dafne no seu interior. Porém, nesse lugar brotou logo uma planta. Apolo, no calor da sua paixão, atirou-se atrás da planta, sem capacidade para largar. As suas mãos apanharam-na; doravante enfeitou a cabeça com ela²⁵⁶. Dizem também que foi com a árvore Dafne que a trípode de Apolo sobre o abismo foi construída sobre a Beócia.

²⁵⁵ Cf. Parth. 15; Paus. 8.20.2-4, com alusão a Leucipo; Ov. *Met.* 1.452-567; *schol.* Verg. *Ecl.* 3.62; Philostr. *VA* 1.16; Hyg. *Fab.* 203; Lyc. 6, com variações.

²⁵⁶ Cf. 'coroa de louro'.

50.

Sobre Hera

Os Argivos acreditam que Hera é a sua divindade guardiã e, por essa razão, detêm um festival regular em sua honra²⁵⁷. O que se passa durante a celebração é o seguinte: há uma carruagem puxada por vacas brancas e, sobre a carruagem, a sacerdotisa de Hera, que assim vai para o templo e recinto sagrado, na periferia da cidade. Ora, numa determinada ocasião, chegou a altura da celebração, mas o ritual habitual não podia avançar, pois não existiam vacas à disposição. Porém, a sacerdotisa ultrapassou a dificuldade, porque era mãe de dois jovens que poderiam substituir as vacas da carruagem. Então a função das vacas foi executada pelos filhos da sacerdotisa.

²⁵⁷ Cf. Hdt. 1.31; Cic. *Tusc.* 1.47. Cf. versão de Hyg. *Fab.* 254. Para as suas estátuas, vd. Paus. 2.20.3.

51.

Sobre Oríon, filho de Zeus, Posídon e Hermes²⁵⁸

Hirieu, filho de Posídon e a filha de Atlas, Alcíone habitavam em Tânagra, na Beócia. Ele era o homem mais hospitaleiro e, numa dada ocasião, recebeu Zeus, Posídon e Hermes na sua casa. Depois que foram recebidos por ele e experimentaram a sua bondade, os deuses convidaram Hierieu a pedir-lhes o que desejava. Ora, Hirieu não tinha descendência e então pediu um filho. Conseqüentemente, os deuses pegaram no couro de um boi que tinha acabado de ser sacrificado e ejacularam para o seu interior. Disseram a Hirieu para enterrá-lo sob o solo e retirá-lo após dez meses. E assim, com a passagem do tempo, nasceu Úrio, chamado dessa forma porque os deuses “urinaram”²⁵⁹. Mais tarde, o seu nome foi mudado para Oríon, que se julgou ser mais feliz.

Certamente, Oríon foi caçar com Ártemis e tentou violá-la. A deusa, com ira, enviou um escorpião da terra, o qual o picou na anca e matou. Zeus, todavia, apiedou-se dele e colocou-o entre as estrelas²⁶⁰.

²⁵⁸ Cf. *Il.* 18.486; *Ov. Fast.* 5.493-544; *Hyg. Fab.* 195; *Serv. A.* 1.535; *Nonn. D.* 13.96-103.

²⁵⁹ Cf. οὐρέω: ‘soltar líquido’, sc. ‘urinar’ / ‘ejacular’ (cf. nascimento de Erictónio ἀπεσπέρμηθεν – *Apollod.* 3.14.6).

²⁶⁰ Cf. *Hes. fr.* 148a MW; *Arat.* 634-646; *Nic. Th.* 13-20.

52.

Sobre Fáeton

Fáeton²⁶¹, filho de Hélios, tinha um desejo inconsequente de conduzir a carruagem do seu pai. Com muitas súplicas chorosas, convenceu-o: subiu para a carruagem e começou a atizar os cavalos. Mas não sabia como manejar as rédeas. A tremer, sem conseguir manter o seu equilíbrio durante a viagem, saiu do curso, graças aos cavalos, à medida que os seus espíritos imprudentes os conduziam. Aproximou-se da terra, foi expelido da carruagem para dentro do rio Erídano e afogou-se. A maior parte do território circundante foi destruída pelo fogo.

]

²⁶¹ Cf. E. **Phaeth.* fr. 771-786 *TGF*; Pl. *Ti.* 22c; A.R. 4.595-611; Ov. *Met.* 1.750-2.400. Hélios acaba por ceder aos rogos do filho, levando a carruagem sem conhecimento do pai (cf. Luc. *DDeor.* 24 Macleod; Hyg. *Fab.* 152A; Nonn. *D.* 38.105-434; *schol. Od.* 17.208. Vd. castigo de Zeus a Fáeton. Cf. metamorfose de Fáeton e das suas irmãs (e.g. E. *Hipp.* 737; A.R. 4.598; Luc. *DDeor.* 25 Macleod; Hyg. *Fab.* 152, 154; Verg. *Ecl.* 6.62, *A.* 10.190.

b. Heraclito [padaroxógrafo]

Dados Biográficos

Desde logo, importa não confundir Heraclito paradoxógrafo com autores diferentes de outros períodos temporais, notáveis em áreas distintas, ainda que com o mesmo nome.

A informação mais recuada relativa a este escritor do século I/II pertence ao comentador bizantino Eustátio (*Od.* 4.450 = 1504.55 Stallbaum), que o situa no âmbito da abordagem de mitos, qual médico, capaz de curar uma doença generalizada, aqui denominada 'mito':

Ἐνταῦθα δὲ, προσθετέον εἰπεῖν, ὅτι καθάπερ ἐκεῖ τὸ τοῦ μύθου καχεκτοῦν εὗρέ τι θεράπευμα, οὕτω καὶ τὰ ἐκεῖσε παραπεπηγότα τέρατα τὸ πολυκέφαλον τὸ μυριόφθαλμον καὶ τὸ τῶν ἑκατογχείρων, ἔχουσι καὶ αὐτὰ τοὺς θεραπεύοντας. ὁποῖοί τινες, ὁ Παλαίφατος. ὁ Ἡράκλειτος οὐχὶ ὁ σκοτεινὸς ἀλλ' ἕτερός τις ὁ τοῖς ἀπίστοις προθέμενος ἐμφῆναι πίστιν.

"Então, deveria acrescentar-se que, assim como a doença do mito conseguiu a cura aí, assim também as monstruosidades se colocaram aí, com muitas cabeças, olhos sem conta e uma centena de mãos, tiveram os seus terapeutas. Por exemplo, houve Paléfato e Heraclito, não o 'obscuro'²⁶², mas outro que se dizia capaz de mostrar a credibilidade de histórias inacreditáveis."

A exegese racionalista de Heraclito inicia cada apontamento com a versão tradicional associada ao mito. O resultado, ainda assim, não contribui para exposições de tamanho exponencial, mas antes para textos sumários. Regra geral, assiste-se à desconstrução/'cura'²⁶³ do ἀπρεπής, 'implausível' (e.g. 19, 26); ἀδύνατον, 'impossível' (e.g. 4,5); ἀπίθανον, 'incrível'; ἀσαφές, 'incerto'; ψευδές, 'falso' (e.g. 5, 18, 36), presentes em cada um dos recontos. Os esclarecimentos disponibilizados passam, igualmente, no entender de Heraclito, por erradicar o risível (e.g. 7); o mal-entendido (e.g. 4, 10, 26); a confusão vocabular (e.g. 7, 19), dando primazia à verdade (ἀληθές: e.g. 15, 21, 23) e à credibilidade (εἰκός: e.g. 13, 18).

Em termos temáticos, constata-se a recorrência de certos mitos, dispersos ao longo da colectânea. Assim, Héracles (e.g. 18, 20, 21, 31, 33); Argonautas (e.g. 8, 17, 24); Perseu (e.g. 1, 9, 13, 27); Ulisses (e.g. 2, 11, 14, 16, 29, 32, 39).

²⁶² Vd. Heraclito, filósofo pré-Socrático.

²⁶³ Cf. ἡρακλείτου ἀνασκευὴ ἢ θεραπεία μύθων τῶν παρὰ φύσιν παραδεδομένων, *Recolha de Heraclito ou Terapia de mitos tradicionais contrários às leis da natureza* (περὶ ἀπίστων, *Histórias Incríveis*), título da obra, no *Manuscrito Vaticano Grego* 305.

Tratando-se de uma escrita simples, poderá ter sido utilizada para fins didáticos. Verifica-se, não obstante, a utilização considerável de termos abstractos, filosóficos (e.g. 2, 11, 16, 23. Cf. Φρόνιμος, αἴσθησις, λογισμός, δεισιδαιμονία, εὐσεβεῖν, ἀρέσκεια, εὐνοια, προσπάθεια, ἐπιθυμία, ἀλογιστως, ἡδονή, ὑπόληψις, ὑπολαμβάνω) e até de noções alegóricas (e.g. 6, 8, 11, 12, 17, 28).

Compõem o *corpus* de 39 histórias alguns mitos pouco conhecidos na actualidade, tais como Glauco do Mar - 10, Lâmia - 34.

Manuscritos e Edições

PA de Heraclito é um texto envolto num vazio contextual, porquanto surge preservado, sem quaisquer outras referências, num único manuscrito do séc. XIII (1254 / 1269) - *Codex Vaticanus 305* (V), pelo escriba Theophylactus Saponopoulus, Constantinopla(?), juntamente com Nicandro, *Theriaca*; Porfírio, *Quaestionum Homericarum ad Iliadem pertinentium reliquiae de Antro nympharum*; Anónimo, *de Incredibilibus*; Ps.-Heródoto, *de Vita Homeri*; Heraclito, *Allegoriae* (= *Quaestiones Homericae*). O nome do autor surge apenas no final, como τέλος ἡρακλείτου περὶ ἀπίστων, "Fim. *Histórias Inacreditáveis*, de Heraclito".

A *editio princeps* pertence a Allatius, L. (1641), *Excerpta uaria Graeca sophistorum et rhetorum*, Roma. De entre as várias edições subsequentes, destacam-se as de Gale, T. (1671), *Opuscula mythologica ethica et physica*: 75-96²⁶⁴; Westermann, A. (1843), *Mythographoi*: 313-320; Festa, N. (1902), *Mythographi Graeci*, 3.2, Teubner: 73-87, edição que foi utilizada para a tradução subsequente.

²⁶⁴ Cf. Outrossim *Marcianus Graecus* 613 (M), com os capítulos IV (Atalanta), XXIX (Proteu), s. XIII - *Homeri Batrachomyomachia et Odyssea cum scholiis*. Cf. Ramon 2008.

SOBRE HISTÓRIAS INACREDITÁVEIS

Heraclito

1. Acerca de Medusa
2. Acerca de Cila
3. Acerca de Ceneu
4. Acerca de Atlas
5. Acerca dos Centauros
6. Acerca de Tirésias
7. Acerca de Pasífae
8. Acerca das Hárpias
9. Acerca de Perseu
10. Acerca de Glauco do Mar
11. Acerca dos Ciclopes
12. Acerca de Atalanta, filha de Esqueneu e de Hipómenes
13. Acerca das filhas de Fórcis
14. Acerca das Sirenes
15. Acerca de Quimera
16. Acerca de Circe
17. Acerca dos Bois lançadores de Fogo
18. Acerca da Hidra
19. Acerca dos Espartanos
20. Acerca das Maçãs de Ouro
21. Acerca das Pessoas no Hades
22. Acerca de Fáeton
23. Acerca de Orfeu
24. Acerca de Hele e Frixo
25. Acerca de Pã e dos Sátiros
26. Acerca de Asclépio
27. Acerca do Capacete de Hades
28. Acerca de Bóreas e Oritia
29. Acerca de Proteu
30. Acerca de Cão e da Raposa
31. Acerca das éguas de Diomedes
32. Acerca de Calipso e Ulisses
33. Acerca de Cérbero
34. Acerca de Lâmia
35. Acerca de Procne, Filomela, [e Tereu]
36. Acerca das filhas do Sol
37. Acerca de Panóptico
38. Acerca de Endímion e Selene
39. Acerca do Gado do Sol

1.

Acerca de Medusa

Dizem que a Medusa²⁶⁵ tornava quem quer que olhasse para ela uma rocha e que, quando Perseu²⁶⁶ cortou a sua cabeça, saiu um cavalo alado.

Mas eis como foi²⁶⁷: Medusa era uma bela prostituta. Qualquer homem que a via, ficava admirado – petrificado, por assim dizer. Nós próprios dizemos: “Ele viu-a e tornou-se uma pedra.”

Todavia, quando Perseu chegou, Medusa apaixonou-se por ele: ela gastou todas as suas posses nele e arruinou a melhor época da sua vida. E quando perdeu isto – a sua juventude e as suas posses, sofreu uma má velhice, pois a cabeça é a coroa florescente da juventude, que foi o que Perseu lhe tirou.

2.

Acerca de Cila

Conta-se que Cila²⁶⁸ devorava os marinheiros que passavam. Porém, Cila era uma bela meretriz, que habitava numa ilha com os seus adutores glutões e pobres. Juntamente com estes, ela 'devoraria' os seus clientes e, entre eles, os companheiros de Ulisses. Contudo, com o próprio Ulisses, falhou: ele era demasiado sensível²⁶⁹.

3.

Acerca de Ceneu

Conta-se que Ceneu foi inicialmente uma mulher; que Posídon, mais tarde, o transformou em homem, que não podia ser ferido por bronze nem por ferro²⁷⁰.

²⁶⁵ Cf. Medusa, no escudo de Agamémnon, *Il.* 11.36-46. Vd. *Il.* 5.738-742. Cf. *Hes. Th.* 278-280.

²⁶⁶ Vd. *Apollod.* 2.4.2, 2.7.3, 3.10.3; *D.S.* 3.54, 6-55.

²⁶⁷ Cf. *P.* 31; *Paus.* 2.21.5.

²⁶⁸ Cf. *Th.* 4.24.5; *A.R.* 4.825-832.

²⁶⁹ *P.* 20. Cf. Cila enquanto promontório no estreito de Messina (*Str.* 1.2.15-16. Vd. *Sal. Hist.* 4.27; *Ov. Met.* 14.73-74; *Serv. A.* 3.420; *Tz. ad Lyc.* 46).

²⁷⁰ Vd. *Il.* 1.264; *Acus. FGrHist* 2F22.

Mas Ceneu²⁷¹, enquanto rapaz, foi amado por Posídon. Então, quando se tornou homem, a sua grandiosidade de espírito revelou-se. Ninguém conseguia superiorizar-se, nem conseguia mudá-lo com subornos de bronze ou de ferro, porquanto ouro e prata ainda não haviam sido descobertos.

4.

Acerca de Atlas

Tradicionalmente, Atlas carrega o céu nos seus ombros, o que é impossível, ainda que Atlas esteja sob o céu.

Atlas era um homem esperto, o primeiro a observar os princípios da astronomia²⁷². Previu tempestades e mudanças [nos ventos e nos nascimentos], bem como posicionamentos das estrelas, pelo que nasceu o mito de que ele carregava o cosmos sobre si.

5.

Acerca dos Centauros

Diz-se que, na zona do Monte Pélion e do Monte Fóloe existiam criaturas com dupla forma: acima dos flancos, tinham corpo de homens, mas todo o resto era equino. Porém, isto não é verdade²⁷³, porquanto é impossível duas criaturas diferentes unidas desta forma nascerem vivas ou crescerem. Mas antes, numa altura em que andar a cavalo era desconhecido, estes foram os primeiros a sentar-se sobre os seus cavalos. Eles destruíram e saquearam as planícies. E, para os que primeiramente os viram à distância, pareciam ser feitos de duas criaturas.

6.

Acerca de Tirésias

²⁷¹ Cf. P 10.

²⁷² Cf. Hdt. *FGrHist* 31F13, alegoricamente a suportar o conhecimento do plano celestial.

²⁷³ Cf. P 1; D.S. 4.70.1; X. *Cyr.* 4.3.19-20; Tz. *H.* 7.10.48.

Diz-se que Tirésias partilhou de ambas as naturezas: masculina e feminina. É o mesmo aspecto que descrevi no caso de Ceneu²⁷⁴.

7.

Acerca de Pasífae

Afirmam que Pasífae se apaixonou por um touro²⁷⁵. Contudo, não foi por um touro da manada, como muitos acreditam, e que a rainha ansiava por uma união sexual impossível de consumir é ridículo. Na realidade, foi um homem local, cujo nome era Tauro²⁷⁶. Para atender à sua paixão, Pasífae encontrou em Dédalo um cúmplice e, tendo engravidado, gerou [um filho] semelhante a Tauro. Estas pessoas apelidavam-no de filho de Minos, mas diziam que se parecia com Tauro. E, juntando os nomes, ficou a chamar-se Minotauro.

8.

Acerca das Hárpias

Segundo o mito tradicional, as Hárpias eram mulheres aladas, que costumavam subtrair o jantar de Fineu. Poderia supor-se que elas eram prostitutas²⁷⁷ que devoraram a propriedade de Fineu e partiram, deixando-o sem o mínimo de alimento. Mas a ter conseguido algo, elas voltavam sempre e 'devoraram-no' e depois partiam novamente, o que é típico das prostitutas.

9.

Acerca de Perseu

²⁷⁴ Cf. Ant. Lib. 17.4-5.

²⁷⁵ Vd. P 2, 15. Cf. Plu. *Thes.* 16.1, 19.3-7; Serv. *A.* 6.14

²⁷⁶ Ταῦρος: 'Touro'.

²⁷⁷ Cf. P 22, com racionalização distinta. Vd. Tz. *H.* 1.219-223; H 9, 14, 35. Cf. 17.

Conta-se que Hermes deu sandálias aladas a Perseu. Ora, Hermes²⁷⁸ foi o inventor do treino para a corrida a pé e foi aí que Perseu ganhou renome. As pessoas que o viam maravilhavam-se com a sua velocidade; diziam que ele tinha asas presas aos seus pés, tal como estamos habituados a dizer a respeito de corredores rápidos: “que ele voou”.

10.

Acerca de Glauco do Mar

Diz-se que Glauco foi um profeta do mar. Porém, Glauco²⁷⁹ viveu numa ilha e indicava sempre a todos os que velejavam por aí como deveriam fazer a sua viagem – prevendo-lhes o que iria acontecer.

11.

Acerca dos Ciclopes

Poderia supor-se que, em virtude de o Ciclope²⁸⁰ viver isolado, desconhecia as leis e confiava na sua força; que tinha apenas uma forma de percepção – a sua vista – e que nunca usara a razão para prever nada. O arguto Ulisses derrotou-o.

12.

Acerca de Atalanta, filha de Esqueneu e de Hipómenes

Conta-se que, na montanha, Atalanta e Hipómenes se transformaram em leões²⁸¹. Eis o que sucedeu: ao meio-dia, os dois entraram numa gruta, desejando estar juntos. Por acaso, existiam leões na gruta, que os devoraram. Mais tarde, quando as feras saíram,

²⁷⁸ Cf. evemerismo (D.S. 3.60.4. Cf. H 3, 9). O evemerismo desenvolvido no séc. IV a.C. não atribui à ascendência divina a nobilitação de famílias ou de cidades, mas considera os deuses como representações de figuras com existência histórica, reverenciados pelos seus feitos. Vd. Spyridakis 1968, a propósito do evemerismo; Murdock 2009: esp. 11. Cf. Corn. 20.18-20, 22.3-5, com Hermes enquanto *logos* mandado dos céus; e 'sandálias' como palavras aladas. Vd. Ps.-Plu. 126.

²⁷⁹ Cf. P 27. Cf. P 17; H 4.

²⁸⁰ Cf. *Alegorias Homéricas*, de Heraclito (70.4-5), enquanto alegoria de ‘roubo’ da razão (ὑποκλωπῶν). Vd. Pl. *Lg.* 680b, sobre o governo primitivo dos Ciclopes – δυναστεία. Cf. Str. 13.1.25, 1.2.9. Cf. Ciclopes enquanto habitantes de uma ilha circular (κυκλοτερῆ).

²⁸¹ Cf. P 13. Vd. Atalanta/Melânion e não Hipómenes.

Atalanta e Hipómenes não apareceram. Os que os aguardavam presumiram que se tinham transformado.

13.

Acerca das filhas de Fórcis

Pensa-se que as filhas de Fórcis²⁸² usavam um olho, recebendo-a à vez da anterior, para uso próprio. Provavelmente, seriam três mulheres cegas, que usavam um único guia para se deslocarem. [Os seus nomes eram Pefredo, Énio e Perso e guardavam as maçãs douradas.]

14.

Acerca das Sirenes

Conta-se que as Sirenes tinham uma dupla forma – com pernas de pássaros, mas [no restante] corpos de mulheres – e que destruíam os que passavam por elas. Mas as Sirenes era prostitutas, famosas por tocar instrumentos musicais²⁸³ e pelas suas vozes doces. Também eram muito bonitas e todo o homem que as visitava rapidamente encontrava a sua riqueza consumida. Dizia-se que tinham pernas de pássaros porque saíam rapidamente de perto daqueles a quem afundavam as posses.

15.

Acerca de Quimera

Homero descreve Quimera com as seguintes palavras: “Um leão na frente, um dragão por trás, no meio uma cabra.” A verdade seria a seguinte²⁸⁴: uma mulher que

²⁸² Cf. P 31.

²⁸³ Cf. Ps.-Plu. 147.

²⁸⁴ Cf. P 28; Plu. 248c; Str. 14.3.5; Serv. A. 6.288; Tz. *ad Lyc.* 17. Cf. *Anonymus, PA.*

governava nos seus territórios tinha dois irmãos a seu serviço, chamados Leo²⁸⁵ e Drago²⁸⁶. Ela quebrava contratos e matava hóspedes, pelo que Belerofonte a matou.

16.

Acerca de Circe

O mito que se apresentou dá conta de que Circe²⁸⁷ transformava homens com uma poção. Todavia, Circe era uma meretriz que enfeitiçava os seus clientes primeiramente com todo o tipo de agrados e levava-os a ficarem benevolentes para consigo. Mas quando a paixão por ela crescia, controlava-os através da sua luxúria, à medida que eram inconscientemente levados com os seus prazeres. Ulisses também conseguiu vencê-la.

17.

Acerca dos Bois lançadores de Fogo

Quem aceitaria a noção de que uma criatura mortal lançava fogo a partir de si mesma, já que o fogo é destrutivo para todas as coisas? Os touros²⁸⁸ eram selvagens e selváticos – rápidos a destruir tudo o que viam. E assim, no caso, o seu espírito destrutivo era comparado ao fogo.

18.

Acerca da Hidra

Conta-se que a Hidra²⁸⁹ era uma besta com muitas cabeças, mas isto não corresponde à verdade. Provavelmente, ela tinha uma grande prole que ficava junto da sua mãe e, tal como ela, matava quem quer que se aproximasse.

²⁸⁵ Λέων: 'Leão'.

²⁸⁶ Δράκων: 'Dragão'.

²⁸⁷ Cf. Heraclit. *All.* 72.2, 73.13; Ps.-Plu. 126.

²⁸⁸ Cf. P 28; Diod. 4.47.3.

²⁸⁹ Cf. P 38. Hidra como uma sofista de relevo (humor), Pl. *Euthd.* 297c.

19.

Acerca dos Espartanos

Quem acreditará que homens armados brotavam quando Cadmo²⁹⁰ espalhou os dentes de dragão? Cadmo tornou-se senhor da região e matou a criatura que causara a desolação da localidade. Reuniu aí pessoas que moravam longe, de forma dispersa. Estas, sendo armadas e como bestas selvagens, rapidamente entraram em combate umas com as outras, até que todos os indivíduos, à exceção de uns poucos, foram mortos.

20.

Acerca das Maçãs de Ouro

Conta-se que um dragão guardava as maçãs de ouro das Hespérides²⁹¹. Mas Drago²⁹² era um homem que acumulou muito ouro no cultivo de árvores de fruto. Ele foi perseguido por algumas mulheres elegantes, que enredaram a sua alma nas suas paixões luxuriosas e, para o futuro, adquiriram-no como escravo e guarda do seu jardim.

21.

Acerca das Pessoas no Hades

Diz-se que Hércules desceu <ao Hades> e subiu, trazendo Cérbero²⁹³ com ele e que Orfeu fez o mesmo com a sua esposa Eurídice. Mas a verdade é que, quando um indivíduo suportou uma longa e perigosa viagem ileso, se dizia que havia saído do Hades²⁹⁴. Ainda hoje, afirmamos que as pessoas que sobrevivem a grandes dificuldades ou a perigosas viagens ou doenças sérias foram resgatadas do Hades.

²⁹⁰ Cf. P 3.

²⁹¹ Cf. P 18; D.S. 4.26.2-4, 27.2; Serv. A. 4.484; Tz. H. 2.376-378. Vd. 'dourado' como sinónimo de excelência; Hdt. *FGrHist* 31F14, alegoricamente.

²⁹² Drago ou Draco. Cf. Δράκων: 'Dragão'.

²⁹³ Cf. P 39.

²⁹⁴ 'Infernos'.

22.

Acerca de Fáeton

Fáeton, filho de Hélio, estava desejoso de subir ao carro do seu pai e conduzi-lo. Mas quando o fez sem experiência e morreram pessoas com o calor do sol, Zeus fulminou-o com um raio [...] ²⁹⁵

23.

Acerca de Orfeu

Dizia-se que Orfeu ²⁹⁶ movia rochas e árvores, feras e aves. Na verdade, pode afirmar-se que ele trouxe homens que eram selváticos e não sabiam nada de maneiras e leis, a uma apropriada temência aos deuses; que ele reuniu estes homens de pedra, sólidos como árvores, para a piedade; que ele os enfeitiçou com as suas palavras e que assim ganhou a sua reputação.

24.

Acerca de Hele e Frixo

Quando Hele e Frixo ²⁹⁷ estavam a escapar ao esquema maléfico da sua madrasta Ino, o seu servo, cujo nome era Carneiro, viajou com eles numa pequena embarcação, durante uma tempestade. Sucedeu que Hele caiu ao mar (que, por essa razão foi chamado de Helesponto), mas Frixo escapou à destruição e tornou-se objecto da luxúria de Eetes. Carneiro interveio e tentou evitar Frixo de ser contaminado, mas foi esfolado e a sua pele dependurada num prego: chamaram-na dourada porque Carneiro a manteve a seu cuidado.

²⁹⁵ Cf. P 52.

²⁹⁶ Cf. P 33. Vd. Hor. *Ars* 391-393; Cónon 45.3.

²⁹⁷ Vd. Pherecyd. 99; Hecat. 17; A.R 1.257-258; P 30; D.S. 4.47.5-6.

25.

Acerca de Pã e dos Sátiros

<...> Habitando nas montanhas, longe das mulheres, e quando aparecia uma mulher, utilizavam-na em comum. [Pareciam ter pêlo e pernas de cabras, devido à sua indiferença ao banho e aos seu consequente odor forte. Além disso, eram amigos de Díónisos porque eles costumavam cultivar vinhas.] Ainda hoje, no caso de mulheres que estão disponíveis para uma multidão, dizemos: “tratam-nas à maneira de Pã.”²⁹⁸

26.

Acerca de Asclépio

Conta-se que Asclépio foi atingido por um raio²⁹⁹. O seguinte seria mais plausível: Asclépio foi um inovador na arte e na medicina, que as trouxe para novas esferas, mas então morreu de febre elevada. Foi devido ao fegoso calor da febre que as pessoas afirmam que ele foi atingido por um raio.

27.

Acerca do Capacete de Hades

[Diz-se] que todo aquele que colocou o capacete de Hades³⁰⁰, como Perseu, se tornou invisível. Mas o capacete de Hades é o riacho para onde o homem vai depois de morto, onde ele não mais poderá ser visto.

28.

Acerca de Bóreas e Oritia

Diz-se que Bóreas³⁰¹ raptou Oritia: contudo Bóreas era apenas o rei dessas regiões. A mesma suposição e método também se aplica a Zeus e Ganimedes: Zeus era um rei que

²⁹⁸ Cf. alegoria estóica, Corn. 49.8-16.

²⁹⁹ Cf. Pherecyd. *FGrHist* 3F35a; Apollod. 3.10.3.

³⁰⁰ Sobre o capacete de Hades usado por Atena, Hermes e Perseu, *Il.* 5.845; Pherecyd. *FGrHist* 3F11; Apollod. 1.6.2, 2.4.2.

abduziu Ganimedes – diz-se que ele se tornou uma águia, porque a águia também é um animal portentoso. De modo similar para Eos e Títono, e para Anquises e Afrodite³⁰².

29.

Acerca de Proteu

Conta-se que a certa altura Proteu³⁰³ se tornou em água; noutra, em fogo. Por certo ele era como água para os bons, mas vingativo para os perversos, conforme aquilo que mereciam. E assim as pessoas divulgaram esta história acerca dele.

30. Acerca de Cão e da Raposa

Dizem que foi dado ao cão de Cérbero o dom de capturar qualquer animal que visse. Por seu turno, à raposa [teumesia] o dom de nunca ser capturada por nada. E assim, quando o cão estava a perseguir a raposa, Zeus tornou-os a ambos em pedra, de modo a que aquilo que estava destinado não se anulasse. Tal solução seria manter o movimento de ambos na perseguição³⁰⁴.

31.

Acerca das éguas de Diomedes

Diz-se que as éguas³⁰⁵ de Diomedes se alimentavam de homens. Corriam soltas, a devorar o pasto. Ninguém conseguiu domá-las para uma carruagem, até que Hércules o fez.

32.

Acerca de Calipso e Ulisses

³⁰¹ Cf. P 22; Acus. *FGrHist* 2F30, 31; A.R. 1.211-218. Pl. *Phdr.* 229b-e, sobre a racionalização do mito.

³⁰² Cf. exemplo não pederástico.

³⁰³ Cf. Heraclit. *All.* 66. Vd. *Od.* 4.456-458.

³⁰⁴ Cf. P 5; Ant. Lib. 41.10; Tz. *H.* 1.553-572.

³⁰⁵ Cf. P 7. Vd. P 25.

Que Calipso tenha oferecido a imortalidade a Ulisses é contrário à razão.³⁰⁶ Antes, que ele teria uma grande abundância para sustentar e desfrutar a vida. Esta é a razão por que também nós, quando repousamos reclinados para um faustoso festim, dizemos estarmos “entre os deuses”.

33.

Acerca de Cérbero

Isto seria o mesmo caso que o de Hidra. Cérbero³⁰⁷ tinha dois filhotes, que acompanhavam sempre o seu progenitor - assim, ele parecia ter três cabeças.

34.

Acerca de Lâmia

Conta-se que, depois que Zeus dormiu com Lâmia³⁰⁸, Hera metamorfoseou-a numa fera; que quando a loucura se apodera dela, Lâmia retira os seus olhos e coloca-os num vaso; e que come carne e devora pessoas.

Mas eis como foi: Zeus era um rei que dormiu com a bela Lâmia. Hera perseguiu-a, retirou os seus olhos e colocou-a nas montanhas. Aí ela viveu uma vida de sofrimento, sem ninguém a auxiliá-la. <E porque> ela habitava no mundo selvagem e não estava limpa nem cuidada, parecia ser um animal selvagem.

35.

Acerca de Procne, Filomela, <e Tereu>

Diz-se que estes três foram transformados em aves: Procne, numa andorinha; Filomela, num rouxinol; e Tereu, numa poupa.

³⁰⁶ Cf. Ps.-Plu. 136.

³⁰⁷ Cf. P 39 (vd. Gérion, P 24); Hecat. *FGrHist* 1F27; Paus. 3.25.4-5; Plu. *Thes.* 31.4. Cf. Tz. *H.* 2.406-410, 747-754. Cf. H 21.

³⁰⁸ Cf. D.S. 20.41.3-6; Plu. 515f; Ar. *Pax* 758. Cf. H 25.

Mas eis como foi: Procne e Filomela mataram Ítis³⁰⁹ e assolaram a sua casa. Então embarcaram num pequeno barco e empreenderam uma rápida fuga. Tereu perseguiu-as, mas não conseguiu alcançá-las, pelo que se suicidou. Os três desapareceram e, devido ao seu célere desaparecimento³¹⁰, as pessoas disseram que eles se tinham transformado em aves.

36.

Acerca das filhas do Sol

Conta-se que as filhas de Hélio se transformaram de mulheres em álamos. Não foi assim, mas elas atiraram-se ao Rio Erídano, devido ao infortúnio do seu irmão. As pessoas que andavam à sua procura chegaram ao rio, mas não as encontraram. Ao invés, depararam-se com três troncos de álamo e então presumiram que as irmãs se tinham transformado em árvores. [Os seus nomes eram Febe, Lâmpeto e Egle].

37.

Acerca de Panóptico

Porque ele desejava ouvir e ver tudo, as pessoas imaginavam Panóptico³¹¹ com olhos em todo o seu corpo. Eis o motivo por que ainda hoje chamamos a tais pessoas ‘panópticas’.

38.

Acerca de Endímion e Selene

Diz-se que, enquanto Endímion dormia, Selene apaixonou-se por ele, desceu [à Terra] e deitou-se com ele. Endímion, todavia, seria provavelmente um pastor sem

³⁰⁹ Não esclarece quem é, nem quais os motivos.

³¹⁰ Vd. o *topos* do desaparecimento (ἀφανισμός, ἀφανίζεiv). Em termos linguísticos, a terminologia grega refere tanto a 'evanescência' (desaparecimento visual, físico), como o 'esquecimento' (desaparecimento mental). Cf. desaparecimento de Empédocles, D.L. 8.51-75.

³¹¹ Cf. Argos e Hera. Vd. A. *Supp.* 304; E. *Ph.* 1115; Apollod. 2.1.2; Ov. *Met.* 1.722-723.

experiência com mulheres. Então, quando uma mulher desenvolveu uma paixão por ele <... >, e depois, alguém perguntou- lhe quem era ela, e ele disse “a Lua.”³¹²

39.

Acerca do Gado do Sol

Descobri, na *Iliada*³¹³, a seguinte interpretação alegórica do Gado do Sol³¹⁴. Entre os Antigos, não era permitido sacrificar gado que tivesse trabalhado no campo. O poeta Arato confirma isto e também fica claro a partir da *Iliada*, onde Hécabe refere a Atena: “Irei sacrificar-te uma vaca jovem, que nenhum homem colocou sob o jugo”. Depois as pessoas habituaram-se a chamá-las 'gado do sol', porque trabalhavam a terra e nos sustentavam. Então, no caso dos camaradas de Ulisses, não foi porque se haviam banqueteados com o gado do deus Sol, mas porque sacrificaram e se banquetearam com o gado que tinha trabalhado: “devido aos seus feitos imponderados, encontraram sofrimento além do destinado.”³¹⁵

³¹² Cf. A.R. 4.57; Theoc. 3.49; Fulg. 2.16; Luc. *DDeor.* 19 Macleod. Vd. Anonymus, *PA*.

³¹³ Cf. *schol.* Arat.132

³¹⁴ Cf. *Od.* 1.8.

³¹⁵ Cf. H 39. Vd. Heraclit. *All.* 70.12, alegoria a representar o domínio sobre a barriga. Cf. Hes. *Th.* 26. Outrossim, *Od.* 1.6-9.

c. *Anonymus, Περὶ Ἀπίστων, Sobre Contos Inacreditáveis*

O autor desconhecido³¹⁶ da compilação paradoxográfica a partir de diversas fontes que aqui se segue, à semelhança de Heraclito, também consta somente num único manuscrito - *Vaticanus Graecus 305*. O primeiro editor E. Rohde, no seguimento de Susemihl, atribui, tal como o referido antecessor, a obra a Isígono de Niceia. As histórias são curtas; o estilo é directo e assertivo, tornando-se por vezes explícitos conhecimentos filosóficos e de outras ciências. Como tal, o autor parece deter uma base cultural alicerçada por diversas fontes a que alude explicitamente.

O manuscrito miscelâneo e heterogêneo contém excertos de vários escritores, *Rerum mirabilium illa collectio nullo auctoris nomine praefixo legitur inde a folio 211' usque ad folium 215'*. A recolha em causa é Medieval, ainda que não seja possível apresentar uma data exacta³¹⁷. As histórias distribuem-se por três secções distintas: zoologia, hidrografia, etnografia, com alusões de cariz metamórfico, geológico, taumatúrgico, mitológico, linguístico.

A tradução segue a lição de Festa, N. (1902), *Mythographi Graeci*, 3, Munich/Leipzig, Teubner: 88-99.

³¹⁶ Autor quiçá posterior a Proclo (cf. H20, 21), porventura do séc. XV: *Saeculo quinto decimo a diversis manibus scriptus*.

³¹⁷ Considere-se, ainda assim, um limite *a quo* - Proclo, falecido em 485 d.C. Cf. Sanz Morales 1998: 138-139 n.2, a propósito do autor mais tardio contemplado na obra.

SOBRE HISTÓRIAS INACREDITÁVEIS

Excerpta Vaticana (vulgo anonymus)

- 1.
2. As Sete Maravilhas
3. A respeito do Velo de Ouro
4. De que forma se afirma que Apolo e Posídon construíram as muralhas de Tróia
5. A respeito de Cérbero
6. A respeito do confronto entre Hércules e Aqueloo
7. A respeito de Pasífae
8. A respeito de Quimera
9. A respeito de Narciso
10. A respeito de Alexandre
11. A respeito de Pã
12. A respeito de Endímion
13. A respeito de Fáeton
14. A respeito de Belerofonte
15. A respeito de Ícaro
16. A respeito de Io
17. A respeito de Diónisos
18. A respeito das correntes de Homero³¹⁸
19. A respeito de Crono
20. A respeito do fogo das armas de Diomedes
21. A respeito de "o eixo de carvalho rangeu alto"³¹⁹
22. A respeito do Solecismo
23. A respeito de *seisachtheia*

³¹⁸ Zeus dizia-se capaz de puxar todos os deuses (cf. *Il.* 8.18-27; Luc. *DDeor.*).

³¹⁹ Cf. Aristarch. 5.838-839. Vd. Procl. *in R.* 1.112.4-8, 1.111.19-28 Kroll.

1.

Acerca dos Primeiros Homens, deveria saber-se que alguns referem que os Egípcios³²⁰ eram o povo mais antigo; outros apontam os Fenícios, mas que, entre os Gregos, os mais remotos eram os Atenienses e os Pelasgos³²¹, que são agora chamados Arcádios. Das cidades, referem que a Acrópole ateniense³²² foi fundada por Cécrops, o herói autóctone de dupla natureza³²³. A segunda mais antiga foi a cidade fundada por Foroneu³²⁴, filho de Ínaco; e a terceira foi Itono, na Tessália, fundada por Deucalião³²⁵, filho de Prometeu.

2.

As Sete Maravilhas

- 1 – A estátua de Zeus, em Olímpia, 36 cúbitos de altura.
 - 2 – O templo de Ártemis em Éfeso.
 - 3 – O altar de corno, em Delos, que se diz ter sido feito a partir de cornos do lado direito, pertencentes a vítimas sacrificadas à divindade num único dia.
 - 4 – O Mausoléu de Halicarnasso.
 - 5 – As Pirâmides do Egipto, das quais a maior mede quatrocentos cúbitos.
 - 6 – Muralhas da Babilónia.
 - 7 – O Colosso de Rodes, com 70 cúbitos de altura, que Cares Lindius erigiu.
- Há quem enumere ainda outros: Asclépio de Epidauro; a Ara de Pario; os Jardins Suspensos; a estátua de Atena erecta, em Atenas; e o Palácio de Ciro.

³²⁰ Segundo Hdt. 2.2.1, embora os Egípcios inicialmente se julgassem os homens mais antigos ([οἱ δὲ Αἰγύπτιοι] ἐνόμιζον ἑωυτοὺς πρώτους γενέσθαι πάντων ἀνθρώπων, "os Egípcios costumavam pensar que eram o povo mais antigo"), Psamético ordenou novas averiguações que indicavam os Frígios. No mesmo sentido, vd. Paus. 1.14.2, que atesta, por um lado, a maior vetustez ateniense entre os Gregos; por outro, a disputa entre Egípcios e Fenícios pelo título.

³²¹ Cf. Hecat. *FGrH* 1 F 119, onde refere a Grécia inicialmente habitada por 'bárbaros'.

³²² Cf. Cecrópia. Vd. Hyg. *Fab.* 48, 158.

³²³ *Geminus*: homem e serpente. Vd. Ov. *Met.* 2.555.

³²⁴ Tradicionalmente, Argos (vd. Hyg. *Fab.* 225). Cf. Apollod. 2.1.1; Hyg. *Fab.* 143.

³²⁵ Vd. Hes. fr. 6 MW; Hecat. *FGrH* 1 F 14; Hdt. 1.56.3; Hellenic. *FGrH* 4 F 6; Str. 9.5.8; Cónon 27. Cf. A.R. 4.266.

3.

Acerca do Velo de Ouro

É uma criação poética que o objecto guardado na Cólquida era, de facto, um velo de ouro. Tratava-se de um livro escrito sobre couro, com instruções para produzir ouro, através da prática de alquimia. Por conseguinte, nas redondezas, os homens daquela época chamavam-no de ‘dourado’, devido aos poderes que possuía.

4.

De que forma se afirma que Apolo e Posídon construíram as muralhas de Tróia

Dizem que Apolo e Posídon construíram as muralhas de Tróia³²⁶. Mas isso não foi assim. Laomedonte construiu a cidade de uma forma ímpia. Existia, na Acrópole, um templo deveras reverenciado. Ele pilhou-o e gastou o dinheiro na construção de muralhas.

5.

Acerca de Cérbero

O cão Cérbero pertencia a Edoneu, rei dos Tesprotos. Os ladrões capturaram-no de noite e esconderam-no sob o solo, numa caverna escura. Mas Hércules resgatou-o³²⁷ e entregou-o a Euristeu.

6.

Acerca do confronto entre Hércules e Aqueloo

Diz-se que Hércules lutou com Aqueloo num duelo.

Porém, eis como se passou: Aqueloo corria entre os Etólios e os Curetes e cortava grandes extensões de terra, umas vezes favorecendo uma tribo, outras vezes, a outra.

³²⁶ Cf. Laomedonte, que recusou pagar os trabalhos divinos na construção das muralhas troianas, na sequência de um castigo aplicado por Zeus a duas divindades que se haviam revoltado - Posídon e Apolo (*Il.* 7.452-453, 21.441-449). Vd. Fontenrose 1983.

³²⁷ Cf. P 39; H 21, 33. Vd. Hecat. fr. 27a Fowler; Paus. 3.25.5.

Como resultado, gerou-se uma grande contenda. Hércules, vindo ao encontro dos Etólios como um aliado, derrotou os Curetes e, tendo limitado o rio a um único canal e a uma saída, fortaleceu a região, com vantagem para os Etólios e levou Dejanira, filha de Eneu.

7. Acerca de Pasífae

Pasífae, tendo-se apaixonando por um jovem da região, tornou Dédalo seu cúmplice e ajudante no relacionamento. Antes disso, ela tinha o hábito de observar sempre que ele ia trabalhar em algo e assim foi quando ele estava a fazer uma estátua muito bela de uma vaca, que parecia, em grande medida, um exemplar vivo. Ela ia frequentemente a casa de Dédalo para ver a vaca e relacionar-se com o seu amante, até que o caso foi conhecido³²⁸. As histórias contadas a respeito disto são lendas³²⁹.

8.

Acerca de Quimera

Eis o que Plutarco refere acerca de Quimera, na sua obra *Acerca das Virtudes das Mulheres*³³⁰: “Quimera era um monte virado para o sol³³¹ e, no Verão, produzia violentos e ameaçadores reflexos e chamas que, espalhando-se na planície, causavam a seca das colheitas. Belerofonte, reconhecendo isto, cortou a parte mais branda do morro, que era a principal responsável por emitir os reflexos.

9.

Acerca de Narciso

³²⁸ Esta notícia não avança até à génese do Minotauro, figura explicada por P 2; H 7. Acerca do apaixonado de Pasífae, cf. Tz. *H.* 1.523-530; Serv. *A.* 6.14.

³²⁹ Vd. μυθικά: 'mitos', no sentido de estórias ficcionadas.

³³⁰ Vd. Plu. *De Mulierum Virtutes* 248c. Cf. P 28; H 15. Considere-se outrossim Serv. *A.* 6.288.

³³¹ Cf. Este.

Conta-se acerca dele que, após ver o seu próprio reflexo na água e ter-se apaixonado por ele, Narciso³³² atirou-se à água para abraçar o seu reflexo e afogou-se. Isto não é verdade.

Ele afogou-se, não na água, mas da seguinte forma: tendo contemplado a sua imagem na natureza fluida do seu corpo físico, entenda-se, a sua existência corporal, que é a imagem mais distante da verdadeira alma; e desenvolvendo um desejo de abraçar isso como uma parte de si mesmo, isto é, apaixonando-se pela vida; em conformidade com esta imagem, ele afogou-se, submerso, tendo destruído a sua verdadeira alma, o mesmo equivale a dizer, a vida que verdadeiramente lhe pertence - conforme o dito: 'com medo da sua própria sombra'³³³. Isto ensina-nos a ser cautelosos com o entusiasmo pela coisa mais distante, como se fosse a coisa mais importante, pois isto acarreta a morte da alma, ou seja, a destruição do verdadeiro juízo acerca das coisas e da perfeição apropriada nela, de acordo com a realidade.

Assim se refere o autor de *Expressões Proverbiais*, em Platão.

10.

Acerca de Alexandre

Deveria conhecer-se que Alexandre ou Páris não julgou as deusas, mas, sendo astuto, compôs um encômio sobre elas. Isto deu origem ao mito de que ele decidiu uma competição entre Palas, Hera e Afrodite³³⁴.

11.

Acerca de Pã

Polieno, nos seus *Estratagemas*³³⁵ refere que Pã³³⁶ foi o primeiro a inventar uma formação militar e que a denominou como 'falange'³³⁷. Ele organizou as alas³³⁸ da

³³² Versão mais antiga, Ov. *Met.* 3.339-510. Vd. *Oxy.* 4711. Cf. Cónon 24; Paus. 9.31.7-8 (racionalizado). Vd. Parth. Vd. Explicação como alegoria mística.

³³³ Cf. Pl. *Phd.* 101d.

³³⁴ Cf. Fulg. 2.1.

³³⁵ Cf. Polyaen. 1.2.

³³⁶ Cf. Etimologia de Pã, como 'adorado por todos os deuses' (Hom. *Epigr.* 46-47) e como era filho de Penélope e de 'todos' os pretendentes. Vd. H 25. Cf. Eratosth. *Cat.* 1.27.

direita e da esquerda, pelo que o retratam com cornos. Mais ainda, foi o primeiro a infundir medo nas forças inimigas, servindo-se de conhecimento e perícia. Depois de saber, a partir de sentinelas, que uma grande força de soldados inimigos estava a atacá-lo, Díónisos ficou aterrorizado. Pã, todavia, não temeu. De noite, avisou o exército de Díónisos para soltar um portentoso grito de guerra. Fizeram soar a trompeta³³⁹ e gritaram. As rochas e vales devolveram o eco. Assolados pelo medo, os inimigos retiraram-se. Então, honrando o estratagema de Pã, cantamos o seu amado Eco e chamamos o vazio e os medos nocturnos de 'pânicos' dos exércitos³⁴⁰.

12.

Acerca de Endímion

Endímion foi o primeiro a dedicar-se a examinar as estrelas, pelo que se mantinha acordado toda a noite, dormindo maioritariamente durante o dia³⁴¹. Devido a isto, foi chamado de 'amante de Selene', pela sua ligação a ela, com esse fim. Assim refere Platão³⁴².

13.

Acerca de Fáeton

Diz-se, de igual modo, que Fáeton³⁴³ era o filho de Hélio.

Mas eis como era: Fáeton calculou o curso do sol, assim como Endímion o fez com a lua, mas estes cálculos não eram precisos e ele morreu, deixando o seu trabalho incompleto³⁴⁴.

³³⁷ Vd. *φάλαγξ*.

³³⁸ Vd. *κεράς*: 'cornos'.

³³⁹ Vd. *σάλπιγξ*.

³⁴⁰ Vd. *Aen. Tact.* 27.1-3. Cf. Borgeaud 1979.

³⁴¹ *Mnáseas* fr. 1.20 Cappelletto; *Plin. HN* 2.6.41-43; *Artem.* 4.47; *schol. A.R.* 4.57-58, 4.263-264. Cf. *Racionalização*, H 38.

³⁴² Cf. *Pl. Phd.* 72c.

³⁴³ Cf. *Luc. Astr.* 19. Denota-se preservação da ordem das histórias. Vd. H 22; *Fulg.* 1.16.

³⁴⁴ Considere-se a inexistência de alusões a Aristarco, a propósito do heliocentrismo. Vd. *Archim. Aren.* 1; *Plu.* 923a, acerca da teoria heliocêntrica proposta por Aristarco de Samos (III a.C.).

14.

Acerca de Belerofonte

O <cavalo> de Belerofonte³⁴⁵ não era alado, como no mito, mas antes, ao seguir a astronomia, voltando os seus pensamentos para coisas mais altas e divagando por entre as estrelas, ele subiu aos céus, não num cavalo, mas usando a sua mente.

15.

Acerca de Ícaro

Ícaro, no auge da impetuosidade e imprudência juvenis, procurando coisas não razoáveis, e tendo uma mente excitada, perdeu o sentido da realidade³⁴⁶, ficou à margem de toda a razão³⁴⁷ e mergulhou num mar de insondáveis assuntos. Os Gregos contam esta história de outra forma e criam o Golfo Icário a partir daí³⁴⁸.

16.

Acerca de Io

Io, filha de Arestor, era uma sacerdotisa de Hera. Quando o pai dela descobriu que estava grávida, não se tendo ainda casado (porquanto ela já não aparentava ser virgem, mas parecia maior e mais bela do que o habitual, devido à sua maturidade sexual, pelo que os Argivos a apelidaram de 'vaca'), ficou irritado. Colocou-a sob vigia e designou um tio, Argos, para olhar sobre ela. Argos, porque não dormiu, mas se manteve em permanente vigilância e nunca lhe proporcionou oportunidade para escapar, recebeu o nome 'Panóptico'³⁴⁹. Contudo, a pedido de Io, um homem da região chamado Hermaon matou Argos sem ser visto. Io, então livre, fugiu com os seus cúmplices e subiu a bordo

³⁴⁵ Cf. Luc. *Astr.* 13. Vd. P 28.

³⁴⁶ Vd. ἀλήθεια.

³⁴⁷ Vd. λόγος.

³⁴⁸ Cf. Luc. *Astr.* 15.

³⁴⁹ 'Todo olhos'. Cf. P 42; H 37.

de um navio mercante³⁵⁰. Foi levada por uma tempestade pelo mar agora designado 'Iónio', e passou por muitos locais, até chegar a salvo a Éria³⁵¹, onde era julgada uma deusa, em virtude da sua beleza. Assim refere Cárax³⁵², em *Hellenica*.

17.

Acerca de Diónisos

Cárax³⁵³ afirma que se conta que Sémele, a filha de Cadmo, engravidou, não se encontrando ainda casada. Durante o nascimento, caíu um raio. Ela desapareceu, mas a criança sobreviveu. O povo imaginou que ela tivesse obtido honras divinas, como se afirma a propósito dos que são atingidos por um raio, e apelidaram-na de 'Tione'³⁵⁴. Cadmo argumentou que a criança era divina porque tinha sido salva do fogo e atribuíram-lhe o antropónimo de Diónisos Egípcio³⁵⁵.

Alexandre de Afrodísias afirma o seguinte, no seu *Physica*: "não é sem razão que contam estas histórias³⁵⁶: as Bacantes seguem Diónisos porque a dança resulta do vinho; os Sátiros devido à ligeireza do movimento; os Lídios porque alguns encontram libertação através dele; e o leopardo³⁵⁷ devido às alucinações vivamente coloridas sentidas na bebedeira: é que, sob a influência de vinho, cada pessoa tem o seu próprio raciocínio diferente e variegado, e a pele do animal fica, de igual modo, densamente manchada. A Bacante una³⁵⁸, encolerizada, cometeu um homicídio, uma vez que muitas, intoxicadas, também matam. <Diónisos> está nú porque o vinho provoca o despir dos pensamentos dos que bebem. Ele deseja Afrodite e Ariadne porque os que bebem são usualmente acometidos por extremo desejo por mulheres. Ele <tem> uma < careca³⁵⁹ porque grandes quantidades de vinho> esvaziam consideravelmente o cérebro e prejudicam e enfraquecem o corpo. Por este motivo também o chamam 'Máron'³⁶⁰. <...>

³⁵⁰ Vd. Hdt. 1.1, 1.5.

³⁵¹ Egipto. Cf. Io, reverenciada como Isis, Hdt. 2.41; Call. *Epigr.* 58; Hyg. *Fab.* 145.

³⁵² Cf. Cárax de Pérgamo *FrGrH* 103 F13.

³⁵³ Cárax de Pérgamo *FrGrH* 103 F14, acerca do nascimento de Diónisos. Para outras racionalizações, vd. E. *Ba.* 286-297; D.S. 1.23.1-8, 2.38.4, 3.62.5, 10.

³⁵⁴ Θυώνη: 'Oferta'. Designação de Sémele. Cf. Apollod. 3.5.3; Pi. *P.* 3.99; D.S. 4.25; A.R. 1.636.

³⁵⁵ Vd. egípcio Osíris, Hdt. 2.42; D.S. 1.11.3, 1.23.4.

³⁵⁶ Cf., similarmente, Fulg. 2.12; Corn. 30.

³⁵⁷ Vd. Philostr. *Im.* 1.15.

³⁵⁸ Agave.

³⁵⁹ A propósito da iconografia, vd. Sileno.

³⁶⁰ Vd. *Od.* 9.197; Philostr. *Her.* 2.8; Diod. 1.18.

Ele foi atingido por um raio e colocado numa coxa - isto significa que, frequentemente, o vinho que foi posto ao sol chega à perfeição, na sua mistura e força, ao encontrar-se recolhido em jarros. Ele tem quatro mulheres como suas irmãs, porque o vinho progride através de quatro mudanças e transformações.

18.

Acerca das correntes de Homero

Alguns referem que Homero utiliza a palavra 'corrente'³⁶¹ alegoricamente³⁶², para denotar os dias e os raios de sol³⁶³.

19.

Acerca de Crono

Não é verdade que Crono foi amarrado por Zeus. Mas antes, Crono³⁶⁴ viaja numa órbita externa longe de nós, que parece lenta e é difícil para os humanos observarem. Neste sentido, diz-se que ele permanece quieto e, de certo modo, está amarrado com algemas. A parte mais profunda da atmosfera chama-se Tártaro.

20.

Acerca do fogo das armas de Diomedes

O que é aquele fogo incessante que brilharia das armas de Diomedes? Atena é tradicionalmente conhecida como 'portadora da luz' e ela é a patrona de actividade intelectual e da verdadeira sabedoria³⁶⁵. Ela acendeu um fogo na alma de Diomedes e retirou a neblina, o mesmo é dizer, a sua ignorância, em cuja presença a alma está cega. Com efeito, diz-se: "Ora, retirei a neblina dos teus olhos, que anteriormente se

³⁶¹ Vd. *σειρά*.

³⁶² Cf. *Pl. Tht.* 153c-d.

³⁶³ Vd. *Luc. Astr.* 22; *Arist. fr.* 175 Rose.

³⁶⁴ Para a alegoria do planeta Saturno, *Luc. Astr.* 21 (vd. *A. Eu.* 640-666; *Pl. Euthphr.* 6a).

³⁶⁵ Cf. *Procl. H.* 4.5-7; Boécio, *Consolatio* 1.2 - 15-16.

encontrava sobre eles."³⁶⁶ E é isto que deve pensar-se que o fogo é, e é Atena quem o proporciona. Assim em Proclo³⁶⁷.

21.

Acerca de "o eixo de carvalho rangeu alto"³⁶⁸

"O eixo de carvalho rangeu alto sob o peso dela."³⁶⁹ Mas como pode algo sem peso provocar os efeitos de peso? Diz-se que as coisas que participam devem ser vistas como semelhantes àquilo de que participam. Embora a divindade participada seja uma, a alma participa de uma maneira; o intelecto de outra; a imaginação de outra e a percepção de outra: elas participam sem se entrelaçarem, de maneira indivisível, em formas e através de experiências, respectivamente. Aquilo que é participado é uniforme de acordo com a sua existência básica, mas diverso segundo a sua participação, ou seja, de acordo com o que participa. É imaginado pelos participantes, às vezes de uma maneira, às vezes de outra, devido à sua fraqueza e isso não é tudo: até a ausência de peso parece causar peso.

22.

Acerca do Solecismo

Sólon, depois de questionar Creso, estava na Sicília e fundou a cidade de Solos, na qual instalou alguns Atenienses. Ao longo do tempo, ficaram 'barbarizados' e falavam '*solisticamente*', daí advindo o termo 'solecismo'³⁷⁰.

23.

Acerca de *seisachtheia*³⁷¹

³⁶⁶ Cf. *Il.* 5.127, a respeito de um episódio que envolve Atena e Diomedes, na *aristeia* deste herói.

³⁶⁷ Procl. *in R.* 1.18.25

³⁶⁸ Cf. Aristarch. 5.838-839. Vd. Procl. *in R.* 1.112.4-8, 1.111.19-28 Kroll.

³⁶⁹ *Il.* 5.838.

³⁷⁰ Jogo de palavras - σολοικίζω / σολοικισμός. Cf. D.L. 1.51.

³⁷¹ Cf. D.L. 1.45. Vd. Arist. *Ath.* 6.1; D.S.1.79; Plu. *Luc.* 20.

Sólon de Salamina foi o primeiro a introduzir *seisachtheia* aos Atenienses. Isto foi uma redenção dos corpos humanos: afinal, tendo pedido dinheiro emprestado, utilizando os seus corpos como garantia e não tendo meios de pagar, foram escravizados.

Considerações Contrastivas

À distância de séculos, pesa o distanciamento cultural a que se acresce o desaparecimento de testemunhos literários, culminando numa acrescida dificuldade para entender cabalmente o sentido de textos coligidos como os que enformam os três *PA*. Por certo longe do objectivo subjacente às obras, constatam-se algumas dificuldades a que acresce o carácter sucinto de histórias por demais conhecidas.

Permitindo a hodiernidade comparar as três obras, tal não significa que as últimas versões não tivessem partido do conhecimento das anteriores, ainda que não se verifique propriamente um incremento da escrita e apresentação literárias. Pelo contrário, os textos vão diminuindo em dimensão, detalhe e desenvolvimento. Em termos gerais, verifica-se a reflexão transversal sobre alguns mitos iguais (e.g. Pasífae: P2, H7, A7; Centauros: P1, H5; Orfeu: P33, H23; Io: P42, A16; Hidra: P38, H18; Cérbero: P39, H33, A5). Porém, se 19 dos 39 mitos abordados por Heraclito se encontravam já também em Paléfato, apenas 5 reproduzem a mesma racionalização interpretativa. Casos há, outrossim, cujas figuras que se utilizam como título merecem considerações distintas (e. g. P28: Belerofonte, A14: Belerofonte - H15: Quimera, A8: Quimera). Contudo, nem sempre recebem a mesma interpretação/racionalização (e.g. H2 - P20. Por vezes, o tratamento alegórico substitui a racionalização, como em H23- P33). Noutros apontamentos, os mitos não são repetidos, o que poderá denotar, por certo, gostos de época, já que pouco se sabe ao certo a respeito da influência exercida por estes textos, bem como sobre os seus objectivos efectivos e utilização.

A curiosidade da paradoxografia reside mormente em novas leituras (reinvenções) sobre a tradição, com credibilidade por norma assente em fontes consideradas de relevo.

Bibliografia

- Alderink, L. (1981), *Creation and Salvation in Ancient Orphism*, American Classical Studies 8, Chico, Scholars Press.
- Almirall, J. (1996), *Arat. Fenòmens. Text revisat i traducció*, Barcelona, FBM.
- Altizer, T. et al. ed. (1962), *Truth, Myth and Symbol*, Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall.
- Anderson, G. (1984), *Ancient fiction. The novel in the Graeco-Roman world*, London, Croom Helm.
- Anderson, G. (1993), *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman world*, London/New York, Routledge.
- Anderson, G. (2002), *Fairytales in the Ancient World*, New York, Taylor & Francis.
- Ash, R. (2007), "The wonderful world of Mucianus", in Levick, B., Bispham, E., Rowe, G., Matthews, E. (eds.), *Vita Vigilia Est: Essays in Honour of Barbara Levick*, London, Institute of Classical Studies, University of London: 9-18
- Baeten, E. (1996), *The Magic Mirror: Myth's Abiding Power*, Albany, State University of New York Press.
- Bandinelli, R. (1977), *La cultura ellenistica. Filosofia, scienza, letteratura*. Milano, Bompiani.
- Banier, M. (1740), *The mythology and fables of the ancients, explain'd from history*, London, A. Millar.
- Barash, J. (2011), "Myth in History, Philosophy of History as Myth: On the Ambivalence of Hans Blumenberg's Interpretation of Ernst Cassirer's Theory of Myth", *H&T* 50.3:328-340.
- Barnes, T. ed. (1994), *The Sciences in Greco-Roman Society*, Edmonton, Academic Printing and Publishing.
- Battezzato, L. ed. (2003), *Tradizione testuale e ricezione letteraria antica della tragedia greca*, Amsterdam, Hakkert.
- Beagon, M. (1992), *Roman Nature: The Thought of Pliny the Elder*, Oxford, Clarendon Press.
- Bernabé, A. (2002), "La toile de Pénélope : a-t-il existé un mythe orphique sur Dionysos et les Titans ?", *RHR* 219.4: 401-433.
- Betegh, G. (2004), *The Derveni Papyrus: Cosmology, Theology and Interpretation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Bianchi, E. (1981) "Teratologia e geografia. L'homo monstruosus in autori dell'antichità classica", *Acme* 34: 227-249.
- Bianchi, O., Thévenaz, O., Mudry, P. ed. (2004), *Conceptions et représentations de l'extraordinaire dans le monde antique*, Bern/Frankfurt am Main, Lang.
- Bianchi, U. (1966), "Pèché original et pêché 'antecedent'", in *RHR* 170. 2: 117-126).
- Bloch, R. (1963), *Les prodiges dans l'Antiquité classique. « Mythes et Religions »*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Boardman, J. (1978), *Greek Sculpture: The Archaic Period : a Handbook*, London, Thames and Hudson.
- Boissonade, J. (1962), *Anecdota Graeca e cod. Regiis*. Hildesheim, G. Olms.
- Borgeaud, P. (1979), *Recherches sur le dieu pan*, tese, Genève, Droz.
- Bouché-Leclercq, A. (2003), *Histoire de la divination dans l'antiquité: divination hellénique et divination italique*, Grenoble, Editions Jérôme Millon.

- Bremmer, J. (2012), "Greek Demons of the Wilderness", in Feldt, L. (ed.), *Wilderness in Mythology and Religion. Approaching Religious Spatialities, Cosmologies, and Ideas of Wild Nature*, Berlin/New York, De Gruyter: 25-53.
- Brillante, C. (1990), "History and the Historical Interpretation of Myth", in Edmunds, L. (ed.), *Approaches to Greek Myth*, Baltimore, Johns Hopkins University Press: 93-138.
- Brisson, L. (1992), "Le corps 'dionysiaque': l' anthropologie décrite dans le *Commentaire sur le Phédon de Platon* (1, par: 3-6) attribue à Olympiodore est-elle orphique?", *ΣΟΦΙΗΣ ΜΑΙΗΤΟΠΕΣ*: 493-494
- Brisson, L. (1995), *Orphée et l' Orphisme dans l' Antiquité Gréco-Romaine*, Ashgate, Aldershot Variorum.
- Edmonds, R. (1999), "Tearing Apart the Zagreus Myth" in *CLAnt* 18. 1: 36-73.
- Brisson, L. (1998), *Plato the Myth Maker*, Chicago, University of Chicago.
- Brodersen, K. (2002), *Die Wahrheit über die griechischen Mythen: Palaiphatos' Unglaubliche Geschichten*, Stuttgart, P. Reclam.
- Brodersen, K. (2005), "Das aber ist eine Lüge": Zur rationalistischen Mythenkritik des Palaiphatos", in von Haehling, R. (ed.), *Griechische Mythologie und frühes Christentum*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft: 44-57.
- Buffière, F. (1956), *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*, Paris, Les Belles Lettres.
- Burgess, J. (2003), *The Tradition of the Trojan War in Homer and the Epic Cycle*, Baltimore, JHU Press.
- Burkert, W. (1992), *The Orientalizing Revolution*, Cambridge, Harvard University Press.
- Burkert, W. 1979), *Structure and History in Greek Mythology and Ritual*, Berkeley, University of California Press.
- Buxton, R. ed. (1999), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford, Oxford University Press.
- Callebat, L. (1988), "Science et Irrationnel – Les *mirabilia aquarum*", *Euphrosyne* 16: 155-167.
- Campbell, M. (1991), *The witness and the other world: exotic European travel writing, 400-1600*, Ithaca, Cornell University Press.
- Carden, R. (1974), *The Papyrus Fragments of Sophocles: An Edition with Prolegomena and Commentary*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- Cavallo, G. ed. (1975), *Libri, editori e pubblico nel mondo antico. Guida storica e critica*, Roma/Bari, Laterza.
- Charles, A. (2004), *Greek Mythography in the Roman World*, Oxford, Oxford University Press.
- Collobert, C., Destrée, P., Gonzalez, F. ed (2012), *Plato and Myth: Studies on the Use and Status of Platonic Myths*. Leiden/Boston, Brill.
- Comparetti, D. (1873), "Die Strafe des Tantalus bei Pindar", *Philologus* 32, 227-251.
- Creuzer, E. (1836), *Symbolik und Mythologie der alten Völker: besonders der Griechen, Völker*, Leipzig/Darmstadt, C.W. Leske.
- Crönert, G. (1903), "DE PALAEPHATI CODICE HARRISIANO", *RhM* 58: 308-314.
- Csapo, E. (2005), *Theories of Mythology*, Blackwell, Oxford.
- Cuartero, F. (1998), "Héraclès, fundador de sacrificis: l'heroi de les tres funcions", *Faventia* 20/2: 15-25.
- Cunliffe, B. (2002), *The extraordinary voyage of Pytheas the greek. The man who discovered Britain*, Londres, Allen Lane, Penguin Press.

- Cusset, C., Le Meur-Weissman, N., Levin, F. ed. (2012), "Mythe et pouvoir à l'époque hellénistique", Louvain/Paris/Walpole, Peeters: 339-352.
- De Sanctis, G. (1933), "Intorno al razionalismo di Ecateo", *RFIC* 11: 1-15.
- Decharme, P. (1904), *La Critique des Traditions Religieuses chez les Grecs des Origines au Temps de Plutarque*, Paris, A. Picard.
- Detienne, M. (1980), "Le Territoire de la Mythologie", *CPh*. 75.2: 97-111.
- Detienne, M. (1981), *L'invention de la mythologie*, Paris, Gallimard,
- Dihle, A. (1994), *Greek and Latin literature of the Roman empire: from Augustus to Justinian*, London/New York, Routledge.
- Diller, A.(1951), "A source of the Mirabiles auscultationes", *CPh* 46, 4: 239-240.
- Dillon, J. (2004), "Plato's Myths in the Later Platonist Tradition", in Partenie, C. ed. (2009), *Plato. Selected Myths*, Oxford, Oxford University Press.
- Dodds, E. (1951), *The Greeks and the Irrational*, Berkeley, University of California Press/Cambridge University Press.
- Dodds, E. (1973), "Supernatural Phenomena in Classical Antiquity", in *The Ancient Concept of Progress and other Essays on. Greek Literature and Belief*, Oxford, Clarendon Press: 156-210.
- Dominguez Garcia, V. (1994), *Los dioses de la ruta del incienso. Un estudio sobre Evémero de Mesene*, Oviedo, Universidad de Oviedo.
- Douglas, W. (1953), "The Meanings of 'Myth' in Modern Criticism", *Modern Philology* 4: 232-242.
- Dowden, K. (1992), *The Uses of Greek Mythology*, Londres/New York, Routledge.
- Dowden, K. (2006), *Zeus*, London/New York, Routledge.
- Duè, C. ed. (2009), *Recapturing a Homeric Legacy : Images and Insights From the Venetus A Manuscript of the Iliad*, Cambridge, Harvard University Press.
- Easterling, P., Knox, B. (1985), *Greek Literature*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Edelstein, L (1967), *The Idea of Progress in Classical Antiquity*, Baltimore, Johns Hopkins Press.
- Edmonds, R. (2009), "A Curious Concoction: Tradition and Innovation in Olympiodorus' 'Orphic' Creation of Mankind", *AJPh* 130. 4: 511-532.
- Ernesti, J. (1816), *Paläphatus, Von ungläublichen Begebenheiten, griechisch: mit erklärendem Wörterbuche nach den Kapiteln des Paläphatus : sowohl zum Schulgebrauche als zum Selbstunterricht*, Leipzig, Bey Gerhard Fleischer dem Jüngern.
- Ferrini, M. (2003) "Θαῦμα: guarigione e meraviglia nella cultura greca", *Veleia* 20: 361-372.
- Festa, N. (1890), *Intorno all opuscolo di Palefato de incredibilibus. Considerazioni*, Florencia/Roma, tipografia dei fratelli Bencini.
- Festa, N. (1902), *Mythographi Graeci*, 3, Munich/Leipzig, Teubner.
- Flaumenhaft, M. (1994), *The civic spectacle: essays on drama and community*, Lanham, Rowman and Littlefield.
- Fontenrose, J. (1983), "The Building of the City Walls: Troy and Asgard", *The Journal of American Folklore* 96.379: 53-63.
- Forbes, R. (1958), *Studies in Ancient Technology*, Leiden, Brill.
- Fowler, R. (2006), "How to tell a myth: genealogy, mythology, mythography", *Kernos* 19: 35–46.

- Fowler, R. (2009), "Thoughts on myth and religion in early Greek historiography", *Minerva* 22: 21–39. Fowler, R. (2011), "Mythos and logos", *JHS* 131: 45–66.
- Fowler, R. (2013), *Early Greek Mythography*, 2, Oxford, Oxford University Press.
- Freyburger-Galland, M.-L. (1996), "Thalès, astrologue ou astronome?", *Les Astres. Actes du Colloque International de Montpellier, 23-25 Mars 1995, 1*: 263-279.
- Fritsch, C. (1789), *Palaephati de Incredibilibus, Graece sextum edidit, ad fidem Cod. Mosquensis aliorumque, et libri Aldini, denuo recensuit, emendavit, explicavit, indicemque verborum graecorum copiosissimum adjecit* Jo. Frid. Fischerus. Accessere Prolusiones quatuor in Palaephati fabulas una cum orationibus duabus, Lipsiae, Sumtu Caspari Fritchii.
- Frutiger, P. (1976), *Les Mythes de Platon*, New York, Arno Press.
- Gabba, E. (1981), "True History and False History in Classical Antiquity", *JRS* 71: 50-62.
- Gager, J. (1992), *Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*, New York/Oxford, Oxford University Press.
- Gaisford, T. (1836), *Paroemiographi Graeci*, Oxonii, E. Typographeo Academico.
- García Moreno, L. (1994), "Etnografía y paradoxografía en la historiografía latina de la República y época augustea", *Polis* 6:75-92.
- Giannini, A. (1963) "Studi sulla paradossografia greca. I: Da Omero a Callimaco, motivi e forme del meraviglioso", *RIL* 97: 247-266.
- Giannini, A. (1964), "Studi sulla paradossografia greca. II: Da Callimaco all'età imperiale: la letteratura paradossografica", *Acme* 17: 99-138.
- Giannini, A. ed. (1966) *Paradoxographorum Graecorum reliquiae*, Milano, Istituto editoriale italiano.
- Gill, C., Wiseman, T. ed. (1993), *Lies and Fiction in the Ancient World*, Exeter: University Exeter Press.
- Gómez Espelosín, F. (1996), *Paradoxógrafos griegos: rarezas y maravillas*, Madrid, Gredos.
- Gómez Espelosín, F., Pérez Largacha, A., Vallejo Girvés, M. (1994), *Tierras fabulosas de la Antigüedad*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá.
- Gordon, R. ed. (1981), *Myth, Religion, and Society*, New York, Cambridge University Press.
- Grant, M. (1962), *Myths of the Greeks and Romans*, London, Weidenfeld & Nicolson
- Guthrie, W. (1955), "The Religion and Mythology of the Greeks", *Cambridge Ancient History*, 2-2, Cambridge, Cambridge University Press.
- Häg T. (1983), *The novel in antiquity*, Oxford, B. Blackwell.
- Hall, E. (1989), *Inventing the Barbarian. Greek Self-Definition through Tragedy*, Oxford, Clarendon. Press.
- Hammer, D. (2004), "Ideology, the Symposium and Archaic Politics", *AJPh* 125.4: 479-512.
- Hankinson, R. (1988), "Stoicism, science and divination", *Apeiron* 21.2: 123-160.
- Hansen, W. (1998), *Anthology of Ancient Greek Popular Literature*, Bloomington, Indiana University Press.
- Hawes, G. (2014), *Rationalizing Myth in Antiquity*, Oxford, Oxford University Press.
- Heath, M. (2002/2003), "Theon and the History of the *Progymnasmata*", *GRBS* 43: 129-160.
- Hennig, R. (1944), *Terrae incognitae. Eine Zusammenstellung und kritische Bewertung der wichtigsten vorcolumbischen Entdeckungsreisen an Hand der darüber vorliegende Originalberichte*, Leiden, E.J. Brill.

- Hercher, R. (1867), "Zu Libanius und den beiden Schriften de Incredibilibus", *Hermes* 2: 147-152.
- Hocart, A. (1998), "The Life-Giving Myth", in Segal, R. ed., *The Myth and Ritual Theory: An Anthology*, Oxford, Wiley-Blackwell: 143-155.
- Holway, R. (2011), *Becoming Achilles: Child-Sacrifice, War, and Misrule in the Iliad and Beyond*, Lanham/Plymouth, Lexington Books.
- Honigman, S. (2009), "Euhemerus of Messene and Plato's Atlantis", *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 58.1: 1-35.
- Hunter, R. (2012), *Plato and the Traditions of Ancient Literature: The Silent Stream*, Cambridge/New York, Cambridge University Press.
- Hurley, S. (1996), "Myth Upon Myth", *PAS* 96: 253-260.
- Ibáñez Chacón, Á., Martos Montiel, J. (2013), "La Fugaz Vuelta de los Mitógrafos a las Aulas", *Thamyris* 4: 93-125.
- Ippolito, G. d' (1980), "Narrativa fantascientifica nel mondo grecolatino", in Russo, L. (ed.), *La fantascienza e la critica*, Milano, Feltrinelli: 151-165.
- Jackson, S. (1995), *Myrsilus of Methymna: Hellenistic Paradoxographer*, Amsterdam, Hakkert.
- Jacob, C. (1983), "De l'art de compiler a la fabrication du merveilleux. Sur la paradoxographie grecque", *Lalies* 2: 121-140.
- Jamme, C. (2004), "Portraying Myth More Convincingly: Critical Approaches to Myth in the Classical and Romantic Periods", *IJPS* 12.1:29 – 45.
- Janka, M., Schäfer, C. ed. (2002), *Platon als Mythologe. Neue Interpretationen zu den Mythen in Platons Dialogen*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Jensen, M. (1980), *The Homeric Question and the Oral-formulaic Theory*, Copenhagen, Museum Tusulanum Press.
- Johnson, S. (2006), "Greek Wonders: Classical Models for Christian Miracle Collections", in *The Life and Miracles of Thekla: A Literary Study*, Cambridge, Harvard University Center for Hellenic Studies: 172-220.
- Jones, P. (2005), *Reading Rivers in Roman Literature and Culture*, Lanham, Lexington Books.
- Jung, C. et al. (1968), *Man and His Symbols*, New York, Dell.
- Kahler, E. (1946), "The Persistence of Myth", *Chimera* 4.3: 2-11.
- Kamerbeek, J. (1978), *The Plays of Sophocles: Commentaries*, 3, Leiden, Brill.
- Karttunen, K. (1981), "The reliability of the Indika of Ctesias", *SCO* 50: 105-7.
- Karttunen, K. (1985), "A miraculous fountain in India", *Arctos* 19: 55-65.
- Kidd, D. (1997), *Aratus Phaenomena. Edited with introduction, translation and commentary*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Kim, L. (2010), *Homer between History and Fiction in Imperial Greek Literature*, Cambridge/New York, Cambridge University Press.
- Kingsley, P. (1995), *Ancient Philosophy, Mystery, and Magic*, Oxford, Oxford University Press.
- Kirk, G. (1973), *Myth: its meaning and functions in ancient and other cultures*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Konig, J. (2013), *Greek Literature in the Roman Empire*, London, A&C Black.
- Kowalzig, B. (2007), *Singing for the gods: performances of myth and ritual in archaic and classical Greece*, Oxford, Oxford University Press.

- Lang, A. (2007), *Custom and Myth*, Lexington, BiblioBazaar, LLC.
- Langer, C. (1926), “Euhemerus und die Theorie der φύσει und θέσει θεοί”, *Angelos* 2: 53-59.
- Lanza, D., Longo, O. ed. (1989), *Il meraviglioso e il verosimile tra antichità e medioevo*, Firenze, L.S. Olschki.
- Lateiner, D. (1989), *The Historical Method of Herodotus*, Toronto, University of Toronto Press.
- Lenardon, R. (2003), *Classical Mythology*, New York, Oxford University Press.
- Lévi-Strauss, C. (1955). “The Structural study of myth”. *Journal of American Folklore* 68: 428–444.
- Lincoln, B. (1999), *Theorizing Myth: Narrative, Ideology, and Scholarship*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- Linforth, I. (1941), *The Arts of Orpheus*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
- Lloyd, G. (1973), *Greek science after Aristotle*, London, Chatto & Windus.
- Louis, P. (1975), “Monstres et monstruosités dans la biologie d’Aristote ”, in Bingen, J., Cambier, G., Nachtergaeel, G. (ed.), *Le monde grec: pensée, littérature*,
- Lucarini, C. (2003) “Note critiche ai *Paradoxographi Graeci*”, *BollClassici* 3.24: 87-92.
- Luce, J. (1975), *Homer and the Homeric Age*, New York, Harper & Row.
- Lyne, R. (1978), *Ciris: A Poem Attributed to Vergil*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lyne, R. (1978), *Ciris: A Poem Attributed to Vergil*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MacBain, B. (1982), *Prodigy and expiation: a study in religion and politics in Republican Rome*, Bruxelles, Latomus.
- MacLeod, R. ed. (2000), *The Library of Alexandria: centre of learning in the ancient world*, London/New York, I.B. Tauris.
- Magnani, S. (1992-1993), “Una geografia fantastica?: Pitea di Massalia e l’immaginario greco”, *RSA* 22-23: 25-42.
- Marincola, J. (1997), *Authority and Tradition in Ancient Historiography*, New York, Cambridge University Press.
- Martels, Z. von ed. (1994), *Travel Fact and Travel Fiction. Studies on Fiction, Literary Tradition, Scholarly Discovery and Observation in Travel Writing*, Leiden/New York/Koln, Brill.
- Martin, J. (1956), *Histoire du texte des Phénomènes d’Aratos*, Paris, Les Belles Lettres.
- Martin, J. (1968), *Symposion: Die Geschichte einer literarischen Form*, New York, Johnson Reprint Corp.
- Matthäus, H. (1999-2000), “Das griechische Symposion und der Orient”, *Nürnberger Blätter zur Archäologie* 16: 41-64.
- Mattiussi, L. (1988), “La fonction du merveilleux dans l’historiographie de l’empire”, *SSStor* 13: 3-28.
- McCrinkle, J. (1901), *Ancient India as described in classical literature*, Westminster, A. Constable and Co., Ltd.
- Merkelbach, R. (1954), *Die Quellen des griechischen Alexanderromans*, München, Beck.
- Mertz, H. (1964), *The wine dark sea: Homer's heroic epic of the North Atlantic*, Chicago, Mertz.

Meursius, J. (1622), *Historiarum mirabilium auctores Graeci*, Lugduni Bataurorum, Apud Abraham Elzevirium.

Miller, J. (2014), "Ancient Greek Demythologizing", in Callendar Jr., D. (ed.), *Myth and Scripture*, Atlanta, SBL Press: 213-228.

Momigliano, A. (1931), "Il razionalismo di Ecateo di Mileto", *A&R* 12: 133-42.

Morford, M., Bos, A. (2003), *The soul and its instrumental body: a reinterpretation of Aristotle's philosophy of living nature*, Leiden, Brill.

Morgan, K. (2000), *Myth & Philosophy from the Presocratics to Plato*, Cambridge, Cambridge University Press.

Mudry, Philippe (2004) "'Mirabilia" et "magica": essai de définition dans l' *Histoire naturelle* de Pline l'Ancien", in Bianchi *et al* (eds.), *Conceptions et représentations de l'extraordinaire dans le monde antique*, Bern, Frankfurt am Main, Lang: 239-252.

Mueller, K. (1972), *Geschichte der antiken Ethnographie und ethnologischen Theoriebildung, I: Von den Anfängen bis auf die byzantinischen Historiographen*, Wiesbaden, Steiner.

Müller, M. (1881), *Essays*, Leipzig, W. Engelmann.

Munson, R. (2001), *Telling Wonders. Ethnographic and Political Discourse in the Work of Herodotus*, Ann Arbor, University of Michigan Press.

Murdock, D. (2009), *Christ in Egypt: The Horus-Jesus Connection*, Seattle, Stellar House Publishing.

Musso O. (1976), "Sulla struttura del cod. Pal. Gr. 398 e deduzioni storico-letterarie", *Prometheus* II: 1-10.

Myers, K. (1994), *Ovid's Causes: Cosmogony and Aetiology in the Metamorphoses*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Myers, K. (2000), "'Miranda Fides': Poet and Patrons in Paradoxographical Landscapes in Statius' *Silvae*", *MD* 44: 103-138.

Nagy, G. (1996), *Homeric Questions*, Austin, University of Texas Press.

Némethy, G. (2010 [1889]), *Euhemeri Reliquiae*, Whitefish, Kessinger Publishing.

Nestle, W. (1942), *Vom Mythos zum Logos. Die Selbstentfaltung des griechischen Denkens von Homer bis auf die Sophistik*, Stuttgart, Alfred Kröner.

Osmun, G. (1956), "Palaephatus. Pragmatic Mythographer", *CJ* 52.3: 131-137.

Pajón Leyra, I. (2009), *Paradoxografía Griega: Estudio de un Género Literario* (tese Dout.), Madrid, Universidad Complutense de Madrid.

Pajón Leyra, I. (2011), "Extraordinary Orpheus. The Image of Orpheus and Orphism in the Texts of the Paradoxographers", in Herrero de Jáuregui, M. *et al.* (eds) *Tracing Orpheus: Studies of Orphic Fragments*, Berlin / Boston, Walter de Gruyter: 333-338.

Pajón Leyra, I. (2012), *Entre ciencia y maravilla: el género literario de la paradoxografía griega. Monografías de filología griega*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

Palmieri, N. ed. (2003), *Rationnel et irrationnel dans la médecine ancienne et médiévale. Aspects historiques, scientifiques et culturels* Saint-Etienne, Publications de l'Université de Saint-Etienne.

Partenie, C. ed. (2009), *Plato's Myths*, Cambridge, Cambridge University Press.

Pataricza, D. (2010), *Phlegón 'Csodálatos történetek' című műve [Phlegons Marvellous Stories]* (Diss.), Exeter, University of Debrecen.

- Patera, M. (2014), *Figures grecques de l'épouvante de l'antiquité au présent: Peurs enfantines et adultes*, Leiden, BRILL.
- Pecere, O., Stramaglia, A. (ed.), *La letteratura di consumo nel mondo greco-latino. Atti del Convegno Internazionale (Cassino 14-17 settembre 1994)*, Cassino, Università degli studi di Cassino.
- Pépin, J. (1958), *Mythe et allégorie. Les arigines grecques et les contestations judéo-chrétiertnes*, Paris, Aubier.
- Petersson, T. (1963), *Cicero: A Biography*, New York, Biblo & Tannen Publishers.
- Petsalis-Diomidis, A. (2010), *Truly Beyond Wonders: Aelius Aristides and the Cult of Asklepios*, Oxford, Oxford University Press.
- Pinheiro, M., Perkins, J., Pervo, R. (2012), *The Ancient Novel and Early Christian and Jewish Narrative: Fictional Intersections*, Groningen, Barkhuis Publishing/Groningen University Library.
- Platt, P. ed. (1999), *Wonders, marvels, and monsters in early modern culture*, Newark/, London, University of Delaware Press/Associated University Presses.
- Pompanazzi, P. (1929), *Les causes des merveilles de la nature ou les enchantements*, Paris, Rieder.
- Popescu, V. (2009), *Lucian's paradoxa: fiction, aesthetics and identity*, Tese Dout., University of Cincinnati.
- Pörtulas Ambròs, J. (2005), *Corinna de Tànagra. Testimonis i fragments*, Barcelona, Fundació Bernat Metge.
- Poser, H. (1979), *Philosophie und Mythos: ein Kolloquium*, Berlin, Walter de Gruyter.
- Priestley, J. (2014), "Cataloguing the Marvellous: Herodotus and Paradoxography", in *Herodotus and Hellenistic Culture*, Oxford, Oxford University Press: 75–87.
- Pugliara, M. (2002), *Il mirabile e l'artificio: creature animate e semoventi nel mito e nella tecnica degli antichi*, Roma, L'Erma di Bretschneider.
- Ramon Garcia, D. (2009), *Heraclit el Mitògraf: edició crítica, traducció i comentari*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Ramon, D. (2008), "Heraclit el Mitògraf: noves dades per a la datació de la seva obra", *Faventia* 30/1-2: 315-322.
- Rank, O., Richter, G., Lieberman, E. (2004), *The myth of the birth of the hero: a psychological exploration of myth*, Baltimore, JHU Press.
- Reitzenstein, R. (1906), *Hellenistische Wundererzählungen*, Leipzig, B.G. Teubner.
- Renz, U. (2011), "From Philosophy to Criticism of Myth: Cassirer's Concept of Myth", *Synthese* 179.1: 135 - 152.
- Rewiczky, C. (1794), *Bibliotheca graeca et latina, quas usui meo paravi Periergus Deltophilus*, Berolini, typis Joannis Friderici Unger.
- Ricoeur, P. (2004), "Logos, Mythos, Stauros", *Philosophy and Theology* 16.2: 229-238.
- Romm, J. (1992), *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction*, Princeton, Princeton University Press.
- Rose, H. (1936), "The Ancient Grief. A Study of Pindar, fr. 133 (Bergk), 127 (Bowra)", in Bailey, C., Bowra, C., Barber, E., Denniston, J., Page, D. ed. (1956), *Greek Poetry and Life*, Oxford, Clarendon Press: 79-96.

- Rudhardt, J. (2002), «Les deux mères de Dionysos, Perséphone et Sémélé, dans les *Hymnes orphiques*», *RHR* 219.4: 483-501.
- Rudhardt, J. (1992), *Notions fondamentales de la pensée religieuse et actes constitutifs du culte dans la Grèce classique*, Paris, Editions A et J Picard.
- Sambursky, S. (1963), *The Physical World of the Greeks*, London, Routledge & Kegan.
- Samson, J. (1989), *White lies: Melville's Narratives of Facts*, Ithaca, Cornell University Press.
- Santoni, A. (2000), *Palefato storie incredibili*, Pisa, ETS. Chicago.
- Sanz Morales, M. (1999), “Paléfato y la interpretación racionalista del mito: características y antecedentes”, *Anuario de estudios filológicos* 22: 403-424.
- Sanz Morales, M.: 1998, "Las fuentes del opúsculo mitográfico *De Incredilibus* y un posible testimonio desconocido de Helánico de Lesbos", *Myrtia* 13: 137-150.
- Sanz, M. (1999), “Paléfato y la interpretación racionalista del mito: características y antecedentes”, *Anuario de estudios filológicos* 22: 403-424.
- Sanz, M. (2002), *Mitógrafos griegos. Eratóstenes, Partenio, Antonino Liberal, Paléfato, Heráclito, Anónimo Vaticano*, Madrid, Akal.
- Schanz, M., Hosius, C. ed. (1979), *Geschichte der römischen Literatur: bis zum Gesetzgebungswerk des Kaisers Justinian*, München, C.H.Beck.
- Schepens, G., Delcroix, K. (1996), “Ancient paradoxography: origin, evolution, production and reception”, in Pecere, O., Stramaglia, A. (eds.), *La letteratura di 131eprese nel mondo 131epre-latino*, Cassino, Università degli studi di Cassino: 373-460.
- Schlesier, R. (1992), “Ritual und Mythos: Zur Anthropologie der Antike heute” in
- Schneiderman, L. (1981), *The Psychology of Myth, Folklore, and Religion*, Chicago, Nelson-Hall.
- Schrader, J. (1894), *Palaephatea* (Diss.), Berlin.
- Schraeder, J. (1894), *Palaephatea* (Diss.), Berolini, R. Heinrich.
- Scodel, R. ed. (2014), *Between Orality and Literacy: Communication and Adaptation in Antiquity: Orality and Literacy in the Ancient World*, Boston/Leiden, BRILL.
- Segal, R. (1996), *Structuralism in myth: Lévi-Strauss, Barthes, Dumézil, and Propp*, Theories of Myth, 6, New York, Garland Pub.
- Segal, R. (1998), *The Myth and Ritual Theory: An Anthology*, Malden, Massachusetts, Wiley-Blackwell: 143-155.
- Segal, R. (2011), “What is ‘Mythic Reality?’”, *Zygon* 46.3: 588-592.
- Shannon, K. (2013) "Authenticating the Marvellous: Mirabilia in Pliny the Younger, Tacitus and Suetonius", *Working Papers in Nervan, Trajanic and Hadrianic Literature*, 1.9: 1-26.
- Shelburne, W. (1988), *Mythos and Logos in the Thought of Carl Jung: The Theory of the Collective Unconscious in Scientific Perspective*, Albany, SUNY Press.
- Silva Sánchez, T. (1996), *Paradoxógrafos griegos: rarezas y maravillas*, Madrid, Gredos.
- Sordi, M. ed. (1987), *Il confine nel mondo classico*, Milano, Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Spyridakis, S. (1968), "Zeus Is Dead: Euhemerus and Crete", *CJ* 63.8: 337-340.
- Stern, J. (1996), *Palaephatus. On Unbelievable Tales*, Wauconda, Bolchazy-Carducci Publishers.

- Stern, J. (2003), "Heraclitus the Paradoxographer: Περὶ Ἀπίστων, 'On Unbelievable Tales'", *TAPhA* 133.1: 51-97.
- Stieber, M. (2004), *The Poetics of Appearance in the Attic Korai*, Austin, University of Texas Press.
- Stramaglia, A. (1995), "Sul Περὶ θαυμασίων di Flegonte di Tralle: problemi di tradizione, lingua ed esegesi", *SCO* 45: 191-234.
- Stramaglia, A. (1999), *Res inauditae, incredulae: storie di fantasmi nel mondo greco-latino*, Bari, Levante.
- Sulimani, I. (2005), "Myth or Reality? A Geographical Examination of Semiramis' Journey in Diodorus", *SCI* 24: 45-63.
- Susemihl, F. (1891), *Geschichte der griechischen Litteratur in der Alexandrinerzeit. Erster Band*, Leipzig, B. G. Teubner.
- Tarn, W., Griffith, G. (1927), *Hellenistic Civilisation*, London, Edward Arnold & Co,
- Thomas, J. (2004), "'Mirabilia': tropismes de l'imaginaire antique", in Bianchi, O. *Et al.* (ed.), *Conceptions et 132epresentations de l'extraordinaire dans le monde antique*, Bern/Frankfurt am Main, Lang, 1-13.
- Torres, J. (2010), *Modelos de narración breve de la Antigüedad: las Historias increíbles de Paléfato, Heráclito y el Anónimo Vaticano*, *Studia Philologica Valentina* 12.9: 139-157.
- Vaillant, J. (1701), *Historia Ptolemaeorum Aegypti regum, ad fidem numismatum accomodata*, Amstelaedami, apud G. Gallet.
- Vaillant, J. (1701), *Historia Ptolemaeorum Aegypti regum, ad fidem numismatum accomodata*, Amstelaedami, apud G. Gallet.
- Valk, U. (2000), "Ex Ovo Omnia: Where Does the Balto-Finnic Cosmogony Originate? The Etiology of an Etiology", *Oral Tradition* 15: 145-158.
- Vanotti, G. (1981), "Appunti sul De mirabilibus auscultationibus", *GFRS* 4: 83-88.
- Vanotti, G. (2007), *Aristotele. Racconti meravigliosi. Introduzione, traduzione, note e apparati. Testi a fronte*, Milano, Bompiani.
- Vernant, J.-P. (1980), *Myth & Society in Ancient Greece*, Sussex, Harvester Press.
- Vetta, M. ed. (1995), *Poesia e simposio nella Grecia Antica*, Roma/Bari, Laterza.
- Vickers, M. (1978), *Greek Symposia*, Oxford, Joint Association of Classical Teachers.
- Von Blumenthal, A. (1942), "Palaiphatos", *RE* 18.2: cols. 2451-2455.
- Walker, S. (2001), *Jung and the Jungians (Theories of Myth)*, New York, Routledge.
- Wehrli, F. (1892), *Zur Geschichte der allegorischen Deutung Homers im Altertum*, (diss.) Basel,
- Wenskus, O., Daston, L. (2000), "Paradoxographoi", *Der neue Pauly* 9: 309–314.
- West, M. (1990), "Dating Corinna", *CQ* 40.2: 553-557.
- Westermann, A. (1843), *Mythographi Graeci*, Braunschweig, Georg Westermann.
- Westermann, A. ed. (1839), *Paradoxographoi: Scriptores rerum mirabilium graeci. Insunt (Aristotelis) Mirabiles auscultationes; Antigoni, Apollonii, Phlegontis Historiae mirabiles; Michaelis Pselli Lectiones mirabiles; reliquorum eiusdem generis scriptorum deperditorum fragmenta. Accedunt Phlegontis Macrobii et Olympiadum*, Brunsvigae/Londini, Sumptum Fecit G. Westermann/Apud Black et Armstrong.

Whitmarsh, T. (2013), *Beyond the Second Sophistic: Adventures in Greek Postclassicism*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press: 11-34.

Wilamowitz -Moellendorff, U. von (1895), *Euripides Herakles: Kommentar*, 1, Berlin, Weidmann.

Winiarczyk, M. (2013), *The "Sacred History" of Euhemerus of Messene*, Berlin/New York, De Gruyter

Wipprecht, F. (1892), *Quaestiones Palaephataeae*, Bonn, typ. Caroli Georgi Typogr.

Wipprecht, F. (1902), *Zur entwicklung der rationalistischen mythendeutung bei den Griechen*, Tübingen, H. Laupp Jr.

Wittkower R. (1942), "Marvels of the East. A study in the history of monsters", *JWI* 5: 159-197.

Ziegler, K. (1949), "Paradoxographoi", in Pauly, A. *et al.* (ed.), *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaften* Altertumswissenschaft, Stuttgart, J.B. Metzler: 18.3: 1137–1166.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(Inclui: antropónimos; nomes de obras; nomes de figuras mitológicas [mit.]; nomes geográficos [top.]; patronímicos [patr.]; heortónimos [heort.]; nomes de povos / culturas [etn.]

- Academia - 17 n.16
Acasto [mit.] - 81
Acestorides - 20 n. 56
Acôncio [mit.] - 10 n. 20
Acrísio [mit.] - 40 n.113
Acrópole [top.] - 112, 113
Actéon [da Beócia] [mit.] - 21 n. 57, 40, 40 nn.113, 114, 41
Acusilau [de Argos] (Acus.) - 11, 18 n. 48, 25 n. 81
 FGrHist 2F22 - 97 n. 270
 FGrHist 2F29 - 51 n. 139
 FGrHist 2F30 - 106 n. 301
Adéspoto - 20 n. 56
Admeto [mit.] - 71 n. 200, 81
Adónis [mit.] - 89 n. 252
África [top.] - 19 n. 50, 54 n. 149,
Africano
 Κεστοί, *Kestoi* - 16
Afrodite [mit.] - 28 n. 86, 40 n. 113, 89, 89 n. 251-252, 106, 115, 118
 Afrodite - Páfia [mit.] - 28 n. 86
Aftónio (Aphth.)
 De fabula - 27 n. 85
Agamémnon [mit.] - 11 n. 23, 97 n. 265
Agatárquides de Cnido - 15, 17 n. 42
 Τῶν κατὰ τῆν Ἀσίαν, *Acontecimentos da Ásia* -15
 Τῶν κατὰ τῆν Εὐρώπην, *Acontecimentos da Europa* -15
 Περὶ τῆς Ἐρυθρᾶς θαλάσσης, *Sobre o Mar Vermelho* - 15
 Ἐπιτομὴ τῶν συγγραφομένων θαυμασίων, *Compêndio de Escritores de Maravilhas* - 15
 Περὶ ἀνέμων [ἀνθρώπων], *Sobre ventos* - 15
Agatóstenes - 16, 20 n. 56
Agave [mit.] - 118 n. 358
Agenor [mit.] - 51 n. 138
Ájax [mit.] - 40 n. 113, 47, 47 n. 125, 87 n. 245
Alceste [mit.] - 29, 81, 81 n. 226
Alcibiádes - 88 n. 248
Alcínoo [mit.] - 56
Alcíone [mit.] - 40 n. 113, 92
Álcman - 43 n. 118
Alderink - 72 n. 202
Aldo
 Aesopi et Gabriae fabulae, Phurnutus, Palaephatus etc. Gr. Lat. Editio princeps. fol. Venet. apud Aldum. 1505. v. m. Haec quae a plerisque pro prima Aesopi editione habetur, secundum tantum locum obtinet, sed omnino princeps est respectu aliorum auctorum in uno eodemque volumine editorum videlicet: Phurnuti, Palaephati, Heraclidis Pontici, Ori Apollonis. etc. - 27
Alexandre [mit.] cf. Páris [mit.] - 111, 115
Alexandre de Afrodísias
 Physica - 118
Alexandre [de Míndo] - 20 n. 56
 Θαυμασίων συναγωγή, *Colecção de Maravilhas* - 16
Alexandre Magno / Alexandre, o Grande - 17, 21
Allatius
 Excerpta uaria Graeca sophistorum et rhetorum - 95
Altizer - 11 n. 21
Amalteia [mit.] - 29, 86, 86 nn. 238, 239
Amazona(s) [mit.] - 9, 29, 37, 70, 70 n. 198
Amiclas [mit.] - 43 n. 118, 87, 87 n. 241
Amisodaro [top.] - 64
Anaxágoras (Anaxag.)
 fr. 7 Diels - 10 n. 19
Anaxímenes (Anaximén.)
 FGrHist 72F40.5 - 40 n. 115
Andrócion
 FGrHist 324F60a-b - 35 n. 105
Anfiarau [mit.] - 68 n. 197
Anfíon [mit.] - 29, 82
Anfitrite [mit.] - 56 n. 154
Anon, rio [top.] - 68
Anonymus / Anónimo (A) - 1, 5-6, 111
 Περὶ Ἀπίστων, *Peri Apiston, de Incredibilibus, Sobre Contos/Histórias Inacreditáveis* - 101 n. 284, 109 n. 312, 110
 1 - 111-112

2 - 111-112	1.1.6 - 86 n. 239
3 - 111, 113	1.3.2 - 71 n. 200
4 - 111, 113	1.3.3 - 87 n. 240
5 - 111, 113, 122	1.4.2 - 88 n. 248
6 - 111, 113	1.6.2 - 105 n. 300
7 - 111, 114, 122	1.7.2 - 73 n. 203
8 - 111, 114, 122	1.7.3 - 53 n. 143
9 - 111, 114-115	1.9.12 - 48 n. 127
10 - 111, 115	1.9.15 - 81 n. 226
11 - 111, 115-116	1.9.19 - 85 n. 237
12 - 111, 116	1.9.21 - 58 n. 162
13 - 111, 116	1.9.23 - 35 n. 102
14 - 111, 117, 122	1.9.25 - 71 n. 200
15 - 111, 117	1.9.27 - 84 n. 232
16 - 111, 117, 122	2.1.1 - 112 n. 324
17 - 111, 118-119	2.1.2 - 108 n. 311
18 - 111, 119	2.1.3 - 83 n. 230
19 - 111, 119	2.3.1 - 64 n. 178
20 - 111, 119-120	2.3.2 - 70 n. 198
21 - 111, 120	2.4.2 - 97 n. 266, 105 n. 300
22 - 111, 120	2.4.2-3 - 68 n. 188
23 - 111, 120-121	2.4.3 - 68 n. 192
Anquises [mit.] - 40 n. 113, 106	2.4.6-7 - 39 n. 112
Antémio de Trales - 13	2.5.2 - 78 n. 214
Περὶ παραδόξων μηχανημάτων, <i>Sobre máquinas fantásticas</i> - 16 n. 35	2.5.8 - 42 n. 116
Antígona [mit.] - 44 n. 118	2.5.9 - 77 n. 208
Antígono de Caristo (Antig.) - 14 n. 28, 15 n. 30, n. 32, 19, 20 n. 56, 27 n. 84	2.5.10 - 60 n. 172
Θαυμάσια, <i>Maravilhas</i> - 15	2.5.11 - 54 n. 150
Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, <i>Mirabilia (Mir.) / Historiarum Mirabilia Collectanea, Compilação de Histórias Admiráveis</i> - 15, 19 n. 51	2.5.12 - 80 n. 219
26 - 13 n. 25	2.6 sq. - 85 n. 237
60 - 13 n. 25	2.6.1 sq. - 85 n. 236
Antístenes - 17 n. 43	2.6.3 - 57 n. 159
Anto [mit.] - 61 n. 174	2.7.3 - 97 n. 266
Antonino Liberal (Ant. Lib.) - 19 n. 48, 27 n. 84	2.7.5 - 86 n. 238
<i>Transformationum Congeries, Metamorfoses</i> - 19 n. 51	3.1.4 - 33 n. 97
7 - 61 n. 174	3.3.1 - 62 n. 175
17 - 46 n. 122	3.4.1 - 35 n. 104
17.4-5 - 99 n. 274	3.4.4 - 40 n. 113
17.5 - 59 n. 169	3.5.3 - 118 n. 354
20 - 61 n. 174	3.5.5 - 82 n. 228
41.7-10 - 39 n. 112	3.5.6 - 43 n. 118
41.10 - 106 n. 304	3.5.8 - 37 nn. 107, 109
Ápion - 17 n. 40	3.8.2 - 50 n. 136
Apolo [mit.] - 21 n. 61, 40 n. 113, 43 n. 118, 87-88, 90, 111, 113, 133 n. 326	3.9.2 - 49 n. 135
Pítico Apolo [epit.] - 90	3.10.3 - 62 n. 175, 97 n. 266
Apolodoro (Apollod.) - 20 n. 56	3.14.3 - 28 n. 86
1.1.1 - 55 n. 151	3.14.6 - 28 n. 86
	3.15.1 - 33 n. 98
	3.15.8 - 56 n.154, 57 n. 159
	<i>Epitome (Epit.)</i>
	1.20 - 31 n. 95
	1.12-13 - 48 n. 128
	1.16-17 - 70 n. 198
	1.21 - 32 n. 96
	1.22 - 46 n. 122

- 2.3 - 65 n. 183
2.4-9 - 65 n. 182
3.18-19 - 77 n. 213
3.31 - 47 n. 125
5.14-21 - 52 n. 140
7.10-11 - 53 n. 144
7.20-21 - 56 n. 154
Apolónio [*Paradoxographus*] - 27 n. 84
6.7.3-4 - 13 n. 25
Apolónio de Rodes (A.R.) - 15
Ἀργοναυτικά, *Argonautas* - 15 n. 34
1.26-31 - 71 n. 200
1.57-64 - 46 n. 123
1.153-155 - 45 n. 120
1.211-218 - 106 n. 301
1.257-258 - 104 n. 297
1.636 - 118 n. 354
1.736-741 - 82 n. 228
1.752-758 - 65 n. 182
2.178-193 - 58 n. 162
2.180-184 - 58 n. 164
2.966-969 - 70 n. 198
3.1278-1407 - 35 n. 102
4.57 - 109 n. 312
4.266 - 112 n. 325
4.595-611 - 93 n. 261
4.598 - 93 n. 261
4.825-832 - 97 n. 268
4.827-831 - 56 n. 154
4.1396-1449 - 59 n. 167
Γέγραφε Καρικά, *História de Cária* - 15 n. 34
Περὶ Ὀρφέως καὶ τῶν τελετῶν αὐτοῦ, *Sobre Orfeu e os seus ritos* - 15 n. 34
Apostólio, Miguel (Apostol.)
4.19 - 46 n. 123
Apuleio - 89 n. 253
Apuscidamo, Lago [top.] - 77 n. 41
Aqueloo, deus-rio [mit.] - 86 n. 238, 111, 113
Aqueus [etn.] - 52
Aquiles [mit.] - 25 n. 81, 47, 47 n. 125, 70 n. 198
Ara de Pario - 112
Aracne [mit.] - 40 n. 113
Arato (Arat.) - 109
163 - 86 n. 239
634-646 - 92 n. 260
Arcádia [top.] - 7 n. 2
Arcádio(s) [etn.] - 40, 112
Ares [mit.] - 35 n. 102, 103, 65 n. 182
Ares, filho de [mit.] *vd.* Drago - 35
Ares, fonte de [top.] *vd.* Ismene - 35 n. 102
Arestor [mit.] - 117
Argivo(s) [etn.] - 52, 78, 83, 91, 117
Argo [mit.] - 66-67
Argonautas [mit.] - 35 n. 102, 71 n. 200, 77 n. 213, 94
Argos [mit.] - 108 n. 311, 112, 117
Argos [top.] - 25 n. 81, 62, 69, 78, 83, 324, 117
Argos, rei de - 78
Ariadne [mit.] - 34, 48 n. 127, 118
Aristandro - 116 n. 344
Παράδοξα γεωργίας, *Campos Incríveis*
Ἱστορίαι θαυμάσιαι, *Recontos*
Maravilhosos - 15
Aristarco [de Samos] (Aristarch.) - 116 n. 344
5.838-839 - 120 n. 368
Aristeas de Proconeso - 18 n. 44
Aristocles - 16
Aristófanes (Ar.)
Ecclesiazusae (Ec.)
878 - 73 n. 204
929 - 73 n. 204
Pax
758 - 107 n. 308
Plutus (Pl.)
210 - 45 n. 119
Ranae (Ra.)
912-913 - 43 n. 118
1030-1036 - 71 n. 200
Arménia [top.] - 17 n. 40
Arne [mit.] - 53 n. 143
Arnóbio
6.22 - 28 n. 86
Arquíloco (Archil.)
fr. D74 - 13 n. 24
Arquimedes (Archim.)
Ψαμμίτης (Aren.)
1 - 116 n. 344
Aristóteles (Arist.) - 14 n. 25, 17 n. 42, 19 n. 51, 21 nn. 57, 60, 23 n. 69, 25 n. 83
Ἀθηναίων Πολιτεία (Ath.)
6.1 - 120 n. 371
Ethica Nicomachea (EN)
1143b - 25 n. 83
1148a - 43 n. 118
Historia Animalium (HA)
9 - 14 n. 25
Metaphysica (Metaph.)
983a - 9 n. 9
1009a6 - 8
Meteorologica Mir. (Mete.)
339a - 17 n. 42
Poetica (Po.)
1456a - 43 n. 118
Politica (Pol.)

- 8.6.8 (1341b3) - 88 n. 249
Rhetorica (Rh.)
1396b17 - 47 n. 125
Fragmenta
fr. 175 Rose - 119 n. 363
[Ps.-]Arist.
Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων, *De mirabilibus auscultationibus, Sobre os Prodígios Escutados* - 15 n. 31
Περὶ Μελίσσου, Ξενοφάνους καὶ Γοργίου, *Sobre Melisso, Xenófanés e Górgias* - 30 n. 88
Arquelau de Quersoneso
Ἰδιοφυή, *Seres de natureza peculiar*
Περὶ τῶν θαυμασίων, *Epigrammata de mirabilibus* - 15
Artaxerxes - 21, 21 n. 59
Artemidoro (Artem.) - 19 n. 51
4.47 - 19 n. 51
Ártemis [mit.] - 40, 40 nn. 113, 114; 43 n. 118, 68, 92, 112
Asclépio (Asclep.)
FGrHist 12F1 - 61 n. 174
FGrHist 12F7b - 37 n. 107
FGrHist 12F31 - 58 n. 165
Asclépio (de Epidauro) [mit.] - 19, 96, 105, 112
Ash - 16 n. 40
Ásia [top.] - 15 n. 30, 19 n. 50
Ásia Menor [top.] - 14 n. 28, 77
Asmis - 8 n. 7
Atalanta [mit.] - 29, 43 n. 118, 49, 49 n. 133, 95 n. 264, 96, 100, 100 n. 281, 101
Atamante [mit.] - 66, 66 n. 186, 67
Atena [mit.] - 35 n. 102-103, 40 n. 113, 68, 68 n. 192, 88, 106 n. 300, 109, 112, 119-120, 120 n. 366
Atena de Górgona [mit.] - 68
Atenas [top.] - 10 n. 20, 11 n. 23, 25 n. 81, 112
Ateneu [de Naucrácia] (Ath.)
Δειπνοσοφισταί, *Deipnosophistai* - 20
6.88 - 19 n. 50
7.118 - 19 n. 50
11.70 - 86 n. 239
13.55 - 19 n. 50
13.89 - 19 n. 50
14.80 - 21 n. 57
Ateniense(s) [etn.] - 21, 21 n. 57, 39, 88 n. 248, 112, 112 n. 320, 120-121
Ática [top.] - 35, 40 n. 113
Atlas [mit.] - 54 n. 150, 92, 96, 98
Atreu [mit.] - 65 n. 182
Atridas [patr.] - 11 n. 23
Averno, Lago [top.] - 17 n. 40
Bábrio
Fabulae Aesopeae - 27 n. 85
Bacanais [heort.] - 74 n. 205
Bacante una [epit.] *vd.* Agave - 118
Bacantes [mit.] - 22 n. 64, 71, 118
Baco [mit.] - 74 n. 205
Bárbaros [etn.] - 18 n. 44, 19 n. 51, 70
Battezzato - 44 n. 118
Beagon - 16 n. 40
Belerofonte [mit.] - 29, 64, 70 n. 198, 102, 111, 114, 117, 122
Bêndis [mit.] - 68
Beócia [top.] - 37 n. 106, 40 n. 113, 86, 90, 92
Beócio(s) [etn.] - 35 n. 105
Beo
Ornitogonia - 61 n. 174
Bernabé - 72 n. 202
Betegh - 71 n. 200
Bianchi - 72 n. 202
Biblioteca de Alexandria - 17 n. 42
Biblioteca Universidade de Heidelberg - 19 n. 51
Boardman - 57 n. 159
Boas - 10 n. 19
Boécio
Consolatio
1.2 - 15-16 - 119 n. 365
Bolo de Mendes
Χειρόμηκτα, *Remédios Artificiais* - 15
Bóreas [mit.] - 58, 87 n. 242, 96, 105
Borgeaud - 116 n. 340
Bos - 72 n. 202
(O)Briareu [mit.] - 29, 55, 55 n. 151
Brisson - 9 n. 9, 72 n. 202
Broggiato - 8 n. 7
Brundísio [top.] - 18 n. 44
Brunner - 23 n. 67, 27, 76 n. 207
Buffière - 9, 12
Burgess - 9 n. 15
Burkert - 10 n. 19-20, 17 n. 43
Buxton - 9 n. 11
Cádmeo(s) [etn.] - 37-39
Cadmo [mit.] - 22 n. 64, 35, 35 n. 102, n. 104-105, 36-37, 37 n. 107, 38, 39 n. 112, 103, 118
Ceneu [mit.] - 29, 32 n. 96, 46, 46 n. 122, 96-99
Cálais [mit.] - 58
Cálidon [mit.] - 40 n. 113
Calímaco [de Cirene] (Call.) - 15, 15 n. 30, 17 n. 42
Epigrammata (Epigr.)
58 - 118 n. 351
Hymnus in Cererem (Cer.) - 59 n. 168

- Hymnus in Dianam (Dian.)*
3.204 - 68 n. 195
- Hymnus in Jovem (Jov.)*
7 - 86 n. 29
10 - 86 n. 239
49 - 86 n. 239
- Θαυμάτων τῶν εἰς ἅπασαν τὴν γῆν κατὰ
τόπους ὄντων συναγωγή - 15 n. 31
- Παραδόξων ἐκλογὴ/Θαυμάσια, *Seleção
de Estranhos Eventos/Maravilhas (Mir.)*
129 - 15 n. 30
- Fragmenta*
fr. 407-411 Pf. - 15 n. 30
- Calinico (Callin.)
5.107-118 - 40 n. 113
- Calipso [mit.] - 17 n. 43, 96, 106-107
- Calisto [mit.] - 29, 43 n. 118, 50, 50 n. 137
- Cameron - 16 n. 39
- Campbell - 16 n.40
- Cão [mit.] - 39 n. 112, 96, 106
- Caónia [top.] - 55
- Caranguejo [mit.] - 78
- Cárax [de Pérgamo] - 118
- Hellenica* - 118
- Fragmenta*
FGrH 103 F13 - 118 n. 352
FGrH 103 F14 - 118 n. 353
- Carden - 44 n. 118
- Cária [top.] - 54, 64, 78
- Caríbdis [mit.] - 56 n. 154
- Carneiro [mit.] - 66-67, 104
- Caronte - 71 n. 200
- Carroll - 11 n. 21
- Cartago [top.] - 19 n. 51, 68
- Cassiopeia [mit.] - 40 n. 113
- Cassirer - 11 n. 21
- Castor [mit.] - 45 n. 119
- Catulo - 20 n. 55
- Cecrópia [top.] - 112 n. 322
- Cécrops [mit.] - 112
- Céfalo [mit.] - 23 n. 68, 33, 39
- Cείce [mit.] - 40 n. 113
- Célio [mit.] - 17 n. 40
- CemBraços [top.] - 55
- Ceneu [mit.] - 29, 32 n. 96, 46, 46 n. 122,
96-99
- Cénis [mit.] *vd.* Ceneu - 46 n. 122
- Centauro(s) [mit.] - 21 n. 57, 29, 31, 31 nn.
92, 93, 95, 32, 46, 46 n. 122, 96, 98, 122
(Hipo)Centaurus [mit.] - 31 n. 93
- Cérbero [mit.] - 25 n. 81, 29, 80, 80 n. 218,
96, 103, 106-107, 111, 113, 122, 136
- Cerne, ilha de [top.] - 68-69
- Cérneo(s) [etn.] - 68
- Ceto [mit.] - 77
- Cerano [mit.] - 62
- Cercira [top.] - 56
- Chipre [top.] - 28 n. 86
- Cíbele [mit.] - 49 n. 135
- Cícero (Cic.)
Admiranda, A Propósito de Maravilhas -
16 n. 40
De Natura Deorum (N.D.)
1.36-37 - 18 n. 47
3.39-40 - 18 n. 47
Tusculanae Disputationes (Tusc.)
1.47 - 91 n. 257
3.63 - 44 n. 118
- Ciclope(s) [mit.] - 9 n. 13, 32 n. 96, 96,
100, 100 n. 280
- Cicno [de Colona] - 29, 47
- Cicros [top.] - 17 n. 40
- Cidipe [mit.] - 10 n. 20
- Cila [mit.] - 28 n. 86, 29, 56, 56 nn. 154,
156, 157, 96-97, 97 n. 269
- Cimopoleia [mit.] - 55 n. 151
- Circe [mit.] - 17 n. 43, 56 n. 154, 96, 102
Circe, ilha de [top.] - 9 n. 13
- Citeus [etn.] - 72 n. 202
- Clemente de Alexandria (Clem. Al.)
Protrepticus (Protr.)
4.54.3 - 17 n. 43
5.17.2 - 72 n. 202
Stromateis (Strom.)
363P - 84 n. 234
- Clínis [mit.] - 61 n. 174
- Clitarco [mit.] - 14 n. 28
- Clitemnestra [mit.] - 11 n. 23
- Cnosso [top.] - 51
- Colosso de Rodes - 112
- Cólquida [top.] - 35 n. 102, 58 n. 164, 77 n.
213, 113
Cólquida, rei da - 67
- Comatas [mit.] - 40 n. 113
- Comparetti - 72 n. 202
- Cónon - 19 n. 48, 28
24 - 115 n. 332
27 - 112 n. 325
45.3 - 104 n. 296
- Constantinopla [top.] - 95
- Coppola - 12 n. 23
- Corina
PMG 690 - 11 n. 23
- Corinto [top.] - 38, 64
- Cornuto, Lúcio Aneu (Corn.) -
De natura deorum - 27 n. 85
20.18-20 - 100 n. 278
22.3-5 - 100 n. 278
30 - 118 n. 356
49.8-16 - 105 n. 298

- Cornford - 10 n. 18
Coto [mit.] - 29, 55, 55 n. 151
Crannon - 16 n. 40
Crates
fr. 18 Mette - 8 n. 7
Creso - 120
Creta [top.] - 18 n. 43, 48, 51, 86 n. 239
Cretense(s) [etn.] - 51 n. 139, 68
Creuzer - 11 n. 21
Crisaor [mit.] - 60 n. 171
Cristo - 89 n. 253
Cristodoro
AG 2.1.36 - 21 n. 57
Crono [mit.] - 9 n. 8, 111, 119
Csapo - 11 n. 20
Ctésias [de Cnido] - 14 n. 28, 17 n. 40, 28
n. 44, 19 n. 51
Ἰνδικά, [Histórias] *Indianas* - 20 n. 56
Περσικά, [Histórias] *Persas* - 20 n. 56
Ctésila de Ceos [mit.] - 10 n. 20
Ctônio [mit.] - 35 n. 104
Cuba, Ilha de - 9 n. 13
Curetes [etn.] - 113-114
Dafne [mit.] - 90
Damásocio - 16
Acerca de *Acontecimentos Incríveis* - 16
n. 36
Acerca de *Incríveis Recontos de Demónios* - 16 n. 36
Sobre *Inacreditáveis histórias de Almas aparecidas após a Morte* - 16 n. 36
Sobre *Inacreditáveis Aspectos Naturais* - 16 n. 36
Dares da Frígia - 77 n. 213
De Excidio Trojae *Historia* - 18 n. 43, 77
n. 213
2-4 - 77 n. 213
Dario - 14 n. 28
Decharme - 18 n. 43
Dédalo [mit.] - 29, 33, 40 n. 113, 48, 48 n.
127, n. 130, 57, 57 n. 159, 99, 114
Deímaco - 19 n. 50
Dejanira [mit.] - 86 n. 238, 114
Delcroix - 13 n. 25, 17 n. 41
Delos [top.] - 112
Deméter, filha de [mit.] - 71 n. 200
Demócrates - 28
Demófilo - 28
Démon
FGrHist 327F5 - 33 n. 100
Detienne - 8 n. 5, 11 n. 20
Deucalião [mit.] - 112
Dictina [mit.] - 68
Díctis [Cretense / de Creta] - 17-18 n. 43
Ἐφημερίς τοῦ Τρωικοῦ πολέμου,
*Ephemeridos belli Trojani, Efeméride da
Guerra de Tróia*
2.5 - 77 n. 213
4.2-3 - 70 n. 198
4.22 - 77 n. 213
5.9-12 - 52 n. 141
FGrHist 49 - 17 n. 43
Diener - 9 n. 13
Diller - 19 n. 51
Dillon - 9 n.8
Dino [mit.] - 8 n. 196
Dio Crisóstomo (D. Chr.)
11.27 - 8 n.7
30 - 74 - n. 205
Diógenes Laércio (D.L.)
1.45 - 120 n. 371
1.51 - 120 n. 370
3.22 - 30 n. 90
5.2.38 - 21 n. 60
8.51-75 - 108 n. 310
Diodoro (Diod.)
1.18 - 118 n. 360
4.47.3 - 102 n. 288
Diodoro Sículo (D.S.)
1.11.3 - 118 n. 355
1.23.1-8 - 118 n. 353
1.23.4 - 118 n. 355
1.69 - 13
1.79 - 120 n. 371
2.38.4 - 118 n. 353
3.54 - 97 n. 266
3.59.2-5 - 88 n. 249
3.60.4 - 100 n. 278
3.62.5 - 118 n. 353
4.6.1 - 72 n. 202
4.11.5-6 - 78 n. 214
4.15.3 - 42 n. 116
4.25 - 71 n. 200, 118 n. 354
4.25.2 - 71 n. 200
4.26.1 - 80 n. 219
4.26.2-4 - 54 n. 148, 103 n. 291
4.28 - 70 n. 198
4.42.1-7 - 77 n. 208
4.47.5-6 - 66 n. 185, 104 n. 297
4.51.1-5 - 84 n. 233
4.64.3-4 - 37 n. 109
4.67 - 53 n. 143
4.69.4-5 - 31 n. 95
4.70.1 - 31 n. 93, 98 n. 273
4.76.2-3 - 57 n. 161
4.77 - 48 n. 127
4.77.5-9 - 48 n. 129
4.81.4-5 - 40 n. 114
5.7.7 - 53 n. 144

- 5.78.1 - 51 n. 139
6-55 - 97 n. 266
10 - 118 n. 353
19.53.4 - 35 n. 105
20.41.3-6 - 107 n. 308
27.2 - 54 n. 148, 103 n. 291
44.52.1-2 - 84 n. 232
Diófanes - 16
Diomedes [mit.] - 21 n. 57, 23 n. 68, 29, 42,
42 n. 116, 61 n. 174, 81, 96, 106, 111,
119, 120 n. 366
Dionísio Sículo
4.25 - 71 n. 200
Diónisos [mit.] - 17 n. 43, 22 n. 64, 39 n.
112, 71 n. 202, 72, 72 n. 202, 74 n. 205, 84
n. 232, 105, 111, 116, 118, 118 n. 353
Diónisos Egípcio - 118
Dório(s) [etn.] - 11 n. 23
Douglas - 7 n. 2
Dowden - 18 n. 43
Draco [mit.] - 103 n. 292
Drago [mit.] - 35-37, 54, 62, 102-103, 103
n. 292
Dresig - 27
Dúris de Samos - 14 n. 28
Eagro [mit.] - 71 n. 200
Ébalo [mit.] - 87 n. 241
Eco [mit.] - 116
Edelstein - 19 n. 51
Édipo [mit.] - 11 n. 21, 37-38
Edmonds - 72 n. 202
Edoneu [mit.] - 113
Eetes [mit.] - 35 n. 102, 58 n. 164, 66-67,
104
Eetes, filha de [mit.] - 67
Éfeso [top.] - 112
Éforo de Cime
Ἐφίππος, *Ephippos* - 14
Egéon [mit.] - 55 n. 151
Egípcio(s) [etn.] - 17 n. 43, 21 n. 57, 112,
112 n. 320, 118 n. 355
Egipto [top.] - 17 n. 43, 37 n. 107, 83, 112,
118 n. 351
Egisto [mit.] - 11 n. 23
Egle [mit.] - 108
Eliano, Claudio (Ael.) - 15 n. 30
Varia Historia (VH)
12.18 - 89 n. 251
12.36 - 43 n. 118
Περὶ ζῴων ιδιότητος, *De Natura*
Animalium, Acerca de Características
dos Animais - 16, 16 n. 35
Ellis - 28 n. 86
Empédocles - 25 n. 83, 108 n. 310
fr. 375-380 KRS - 25 n. 83
Endímion [mit.] - 96, 108, 111, 116
Eneias Tácito (Aen.Tact.)
27.1-3 - 116 n. 340
Eneu [mit.] - 114
Énio [mit.] - 68 n. 196, 101
Énio, Quinto - 18 n. 44
Énoe [mit.] - 40 n. 113
Enómao [mit.] - 65, 65 n. 182
Enuma Elish - 10 n. 19
Eólias, Ilhas [top.] - 9 n. 13
Éolo [da Tessália] [mit.] - 17 n. 43, 29, 53,
53 n. 143, 66
Eos [mit.] - 106
Epidauro [top.] - 112
Epimélides, ninfas [mit.] - 40 n. 113
Eráseia [mit.] - 58
Eratóstenes (Eratosth.) - 19 n. 48
Καταστερισμοί (*Cat.*)
1 - 50 n. 136
1.27 - 115 n. 336
13 - 86 n. 239
22 - 68 n. 188
24 - 71 n. 200
33 - 39 n. 112
[Ps.-]Eratóstenes - 28
Éria [top.] - 118
Eriale [mit.] - 68
Eriectónio [mit.] - 28 n. 86, 92 n. 259
Eridano, rio [top.] - 93, 108
Erisícton [mit.] - 59, 59 n. 168
Ernesti - 23 n. 67
Escamandro, rio [top.] - 25 n. 81
Escilax de Carianda - 14 n. 28
Περίπλους, *Périplos* - 20 n. 56
Escola Eleática - 30 n. 89
Esfinge [de Cadmeia] [mit.] - 29, 37, 37 n.
107, n. 110, 38
Esfinge de Gizé - 37 n. 107
Esopo - 27 n. 85
Esparta [top.] - 11 n. 23, 87 n. 241
Espartano(s) [etn.] - 11 n. 23, 29, 35, 35 n.
104-105, 96, 103
Esqueneu [mit.] - 96, 100
Ésquilo (A.) - 43 n. 118
**Callisto* - 50 n. 137
**Cares*
fr. 99.1-3 *TrGF* - 51 n.13
**Cressae*
fr. 116-120 *TrGF* - 62 n. 175
**Glaucus Potnieus*
36-42a *TrGF* - 61 n. 173
**Niobe*
Agamemnon (Ag.)
177 - 72 n. 202
870 - 60 n. 170

- Choephoroi (Ch.)*
1 - 20 n. 54
- Eumenides (Eu.)*
640-666 - 119 n. 364
685-690 - 70 n. 198
723-728 - 81 n. 123
- Prometheus Vincetus (Pr.)*
794-797 - 68 n. 188
- Supplices (Supp.)*
291-323 - 83 n. 230
304 - 108 n. 311
538-579 - 83 n. 230
- Fragmenta*
fr. 154a Radt - 43 n. 118
fr. 154a5 Radt - 43 n. 118
fr. 154a6-7 Radt - 43 n. 118
fr. 236 TrGF - 37 n. 107
- Ésquines (Aeschin.)
72.14 - 13
- Estácio (Stat.)
Thebais (Theb.)
4.279-281 - 74 n. 205
- Estáfilo [mit.] - 17 n. 43
Estafilina, casa - 17 n. 43
- Estátua de Atena erecta - 112
- Esténelo - 78
- Esteno [mit.] - 68-69
- Estesícoro (Stesich.) - 10 n. 16, 19 n. 48
fr. 32 Bergk - 10 n. 16
fr. 195 PMGF - 35 n. 103
fr. S7-S87 PMGF - 60 n. 172
- Estêvão de Bizâncio - 15 n. 30
- Estige, fonte [top.] - 17 n. 40
- Estrabão (Str.) - 9, n. 13, 23 n. 69
1.1.9 - 19 n. 51
1.2.9 - 100 n. 280
1.2.15 - 53 n. 144
1.2.15-16 - 56 n. 154, 97 n. 269
3.5.7 - 19 n. 51
8.6.21 - 64 n. 181
9.2.24 - 61 n. 174
9.5.8 - 112 n. 325
10.2.9 - 89 n. 254
13.1.19 - 47 n. 126
13.1.25 - 100 n. 280
13.4.5 - 13
14.1.19 - 48 n. 128, n. 130
14.3.5 - 64 n. 181, 101 n. 284
- Estratão de Lâmpsaco
Περὶ τῶν ἀπορουμένων ζώων, Acerca de animais cuja existência se questiona - 15
Περὶ τῶν μυθολογουμένων ζώων, Sobre animais em mitos - 15
- Etiópios [etn.] - 68
- Éton [mit.] - 59 n. 168
- Eudoxo - 20 n. 56
- Eufóron
FGrHist 70F156 - 83 n. 231
- Euriale [mit.] - 69
- Eurídice [mit.] - 71 n. 200, 103
- Eurípides (E.)
* *Antiope (Antiop.) - 82 n. 228*
* *Phaëthon (Phaeth.)*
fr. 771-786 TGF - 93 n. 261
- Alcestis (Alc.)*
357-362 - 71 n. 200
418-419 - 71 n. 202
494-496 - 42 n. 116
495 - 42 n. 117
1127-1132 - 20 n. 154
- Andromache (Andr.)*
1271-1272 - 71 n. 202
- Bacchae (Ba.)*
242-245 - 22 n. 64
286-297 - 22 n. 64
561-564 - 71 n. 200
- Electra (El.)*
471 - 37 n. 107
- Helena (Hel.)*
375-380 - 50 n. 136
1469-1475 - 87 n. 240
- Heraclidae (Her.)*
252-253 - 35 n. 103
394-399 - 54 n. 150
- Hercules Furens (HF)*
23 - 80 n. 222
23-25 - 80 n. 219
408-418 - 70 n. 198
419-422 - 78 n. 214
423-424 - 60 n. 170
610-615 - 80 n. 219
1188 - 78 n. 214
1274-1275 - 78 n. 214
1277 - 80 n. 219
- Hippolytus (Hipp.)*
146 - 68 n. 194
737 - 93 n. 261
- Iphigenia Aulidensis (IA)*
1211-1214 - 71 n. 200
- Orestes (Or.)*
364 - 63 n. 176
888-892 - 65 n. 183
1000 - 65 n. 182
- Phoenissae (Ph.)*
159-160 - 43 n. 118
657-675 - 35 n. 104
806-811 - 37 n. 109
939-941 - 35 n. 104
1019-1042 - 37 n. 109

- 1115 - 18 n. 311
Fragmenta
fr. 638 Kannicht - 72 n. 202
fr. 833 Kannicht - 72 n. 202
Euristeu [mit.] - 54 n. 150, 78, 80, 113
Êurite [mit.] - 58 n. 165
Êurito de Ecália [mit.] - 40 n. 113
Eurotas [mit.] - 25 n. 81, 29, 51, 51 nn. 138, 139
Eusébio (Eus.)
Chronicon 2 PG 19
397 - 23 n. 65
402 - 23 n. 65
Eustácio (Eust.)
1382.47 Stallbaum - 21 n. 61
1504.55 Stallbaum - 21 n. 58, 94
1859.45 Stallbaum - 21 n. 58
Il. 1.268 - 31 n. 95
Od. 4.450 - 94
Evémero - 17 n. 43, 18 n. 48
Ἐπερὰ ἀναγραφῆ, *Escrito Sagrado* - 17 n. 43
Expressões Proverbiais - 115
Fáeton [mit.] - 9 n. 8, 29, 93, 93 n. 261, 96, 104, 111, 116
Fanodemo (Phanod.)
FGrHist 325F5 bis - 37 n. 110
Fáon [mit.] - 29, 89, 89 n. 251
Fásis, rio [top.] - 67
Febe [mit.] - 108
Fedro - 22 n. 64
Fehling - 19 n. 51
Femónoe [mit.] - 21 n. 57
Fenícia [top.] - 83 n. 231
Fenício(s) [etn.] - 35, 35 n. 105, 112, 112 n. 320
Fénix [mit.] - 35, 51, 51 n. 138, 35, 51, 51 n. 138
Fenn - 10 n. 19
Feras [top.] - 81
Ferecides [de Atenas] (Pherecyd.) - 11, 18 n. 48, 25 n. 81
FGrHist
3F - 68 n. 196
3F11 - 105 n. 300
3F22 - 35 n. 102
3F35a - 105 n. 299
3F38 - 43 n. 118
3F113 - 84 n. 232
3F148 - 48 n. 127
99 - 104 n. 297
schol. S. El. 504 - 65 n. 182
Ferenico - 20 n. 56, 65 n. 182
Festa - 21 n. 60, 23 n. 68, 24 n. 77, 25 n. 78, 70 n. 199
Mythographi Graeci 3.2 - 27, 28, 95, 110
Fícion, Monte [top.] - 37
Filágrio (Philagr.)
ad Verg. Ecl. 3.63 - 87 n. 246
Filarco - 14 n. 28
Filemácio [mit.] - 73 n. 203
Filetes [mit.] - 76
Filo (de Heracleia?) - 21 n. 57
Filo de Bizâncio - 19 n. 51
Filócoro (Philoch.)
FGrHist 328F17a - 33 n. 100
Filomela [mit.] - 96, 107-108
Fílon de Heracleia
Περὶ θαυμασίων, *Sobre Maravilhas* - 15
Filostéfano [Cireneu]
Περὶ παραδόξων ποταμῶν, *A respeito de Rios Maravilhosos* - 15
Filóstrato (Philostr.)
De fabula - 27 n. 85
Heroicus (Her.)
2.8 - 118 n. 360
Philostrati majoris imagines (Im.)
1.15 - 118 n. 357
Vita Apollonii (VA)
1.16 - 90 n. 255
Fineu [mit.] - 29, 58, 59 n. 165, 99
Fischer - 27
Flaumenhaft - 72 n. 202
Flégon de Trales
Ἐκφρασις Σικελίας, *Descrição da Sicília* - 16
Ἐπιτομὴ ὀλυμπιονικῶν, *Catálogo de Vencedores Olímpicos* - 16
Περὶ θαυμασίων, *Fenómenos Assombrosos* - 16
Περὶ μακροβίων, *Acerca de Vidas Longas* - 16
Περὶ τῶν ἐν Ῥώμῃ τόπων, *Topografia Romana* - 16
Περὶ τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ἑορτῶν, *Sobre festividades dos Romanos* - 16
Fócida [top.] - 35
Fócio (Phot.)
Bibliotheca (Bibl.)
130 - 16 n. 36
Fóloe, Monte [top.] - 98
Fontenrose - 113 n. 326
Forbas [mit.] *vd.* Fórcis - 56 n. 154
Forcis [mit.] - 29, 56 n. 154, 68
Fórcis, filhas de [mit.] - 68, 96, 101
Foroneu [mit.] - 112
Freixo [mit.] - 74
Freud - 11 n. 21
Frígia [top.] - 18 n. 43, 77 n. 213, 88
Frígio(s) [etn.] - 88, 112 n. 320

- Fritsch - 23 n. 67
Frixo [mit.] - 29, 58 n. 164, 66 n. 186, 67, 96, 104
Frutiger - 9 n. 9
Ftia, rei de [mit.] - 66
Fulgêncio (Fulg.)
1.16 - 116 n. 343
1.22 - 81 n. 225
2.1 - 115 n. 334
2.12 - 118 n. 356
2.14 - 31 n. 95
2.16 - 109 n. 312
3.3 - 40 n. 115
3.7 - 47 n. 125
3.9 - 88 n. 248
Furnuto - 28
Gabba - 16 n. 40
Gades - 19 n. 51
Gager - 19 n. 53
Gaia - 54 n. 150, 55 n. 151, 87, 90
Gale - 27-28, 95
Galo - 20 n. 55
Ganimedes [mit.] - 105-106
Gantz - 21 n. 61
Ganzenmiiller - 28 n. 86
Gélio, Aulo (Gell.) - 20 n. 56
Noctes Atticae - 20
9.4 - 18 n. 44
15.17 - 8 n. 248
Gérana [mit.] - 40 n. 113
Gérion [mit.] - 29, 60, 80, 108 n. 307
Giannini - 17 n. 41
Gibraltar, Estreito de [top.] - 9 n. 13, 68 n. 191
Gi(g)es [mit.] - 9 n. 8
Gilgamesh - 10 n. 20
Girardot - 9 n. 14, 11 n. 21
Glare - 5
Glaucos [mit.] - 24 n. 76, 29, 56 n. 154, 61, 61 n. 174, 61-63, 100
Glaucos do Mar [mit.] - 29, 63, 95-96, 100
Gonçalves - 5
Gordon - 11 n. 20
Górgias (Gorg.)
DK 82B3 - 25 n. 82
Gorgo [mit.] - 40 n. 113
Górgona [mit.] - 68, 68 n. 192, 69
Gorra - 9 n. 15
Grant - 9 n. 10
Grécia [top.] - 18 n. 44, 58 n. 164, 77 n. 213, 112 n. 321
Grego(s) [etn.] - 7 n.2, 8 n. 7, 10 n. 17, 11, 21-22, 28, 51 n. 139, 52, 72 n. 202, 77, 77 n. 213, 112, 112 n. 320, 117
Guthrie - 10 n. 19, 23 n. 72, 71 n. 200
Hächler - 19 n. 51
Hades [top.] - 25 n. 81, 71 n. 200, 80, 80 n. 222, 81 n. 226, 96, 103, 105, 105 n. 300
Hansen - 16 n. 39
Harmonia [mit.] - 37
Hárpias [mit.] - 58, 58 n. 163, 96, 99
Harpíria [mit.] - 58
Harpocrácion [mit.] - 23 n. 69
Hawes - 17 n. 43, 22 n. 63, 24 n. 75, n. 77
Heródoto (Hdt.) - 14 n. 28, 17 n. 43, 19 n. 48, n. 51, 25 n. 81, 28 n. 86, 43 n. 118, 95
1-60 - 25 n. 81
1-5 - 25 n. 81
1.1 - 118 n. 350
1.1.4 - 3 n. 231
1.2 - 51 n. 139
1.5 - 118 n. 350
1.5.2 - 83 n.231
1.8-12 - 25 n. 81
1.31 - 91 n. 257
1.56.3 - 112 n. 325
1.110 - 25 n. 81
1.114.2 - 68 n.197
1.122 - 25 n. 81
1.170.1 - 48 n. 130
2.2.1 - 112 n. 320
2.41 - 118 n. 351
2.42 - 118 n. 355
2.45 - 17 n. 43
2.46 - 17 n. 43
2.129-132 - 25 n. 81
2.143 - 17 n. 43
2.175 - 37 n. 107
4.79.3 - 72 n. 202
6.5.3 - 71 n. 202
6.43.3 - 11 n. 23
7.26.3 - 88 n. 249
9.27.4 - 70 n. 198
FGrHist 31F13 - 98 n. 272
FGrHist 31F14 - 103 n. 291
FGrHist 31F30 - 25 n. 81
Heath - 25 n. 79
Hécabe [mit.] - 109
Hecateu [de Mileto] (Hecat.) - 17 n. 17, 11, 14 n. 28, 17 n. 43, 25 n. 81
Genealogias - 18 n. 48
17 - 104 n. 297
279 - 25 n. 81
FGrH
1 - 8 n. 7
1F14 - 112 n. 325
1F27 - 80 n. 220, 107 n. 307
1F119 - 112 n. 321
fr. 1a Jacoby - 11

- fr. 27a Fowler - 113 n. 327
Hecatonquiros, irmãos [mit.] - 55 n. 151
Hegésias - 18 n. 44
Hélade [top.] - 15 n. 30, 77 n. 212
Helênico [de Lesbos] (Hellanic.) - 11, 18 n.
48, 25 n. 81
FGrH
4F1b - 35 n. 104
4F6 - 112 n. 325
4F26b - 77 n. 208
4F28 - 25 n. 81
4F103 - 78 n. 216
Hele [mit.] - 29, 66-67, 96, 104
Helena [mit.] - 8 n. 7, 10 n. 16, 25 n. 81, 77
n. 213
Heleno [mit.] - 53 n. 143, 66, 74
Heleno(s) [etn.] - 19 n. 51, 74
Helesponto [top.] - 67, 104
Hélio [mit.] - 58 n. 164, 93, 93 n. 261, 104,
108, 116
Heliodoro de Larissa
Optica - 28
Henrichs - 10 n. 19
Hera [mit.] - 22 n. 64, 29, 31 n. 95, 40 n.
113, 50 n. 137, 54 n. 150, 55 n. 151, 74 n.
205, 83, 91, 107, 109 n. 311, 115, 117
Héracles [mit.] - 17 n. 43, 19 n. 51, 24, 25
n. 81, 29, 42 n. 116-117, 51 n. 139, 54, 54
n. 150, 60, 60 nn. 171, 172, 61 n. 174, 70
n. 198, 76, 76 n. 206, 77, 77 n. 213, 78, 78
nn. 214, 216, 80, 80 n. 219, 81, 81 n. 226,
85, 85 n. 237, 86, 86 n. 238, 94, 103, 106,
111, 113
Heraclides [Lembo] (Heraclid.)
Allegoriae Homericae - 27 n. 85
Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή,
Histórias Admiráveis - 15
Heraclito (Heraclit.) - 9, 28, 94 n. 262
Allegoriae (= *Quaestiones Homericae*),
Alegorias Homéricas (All.) - 95
66 - 106 n. 303
70.4-5 - 100 n. 280
70.12 - 109 n. 315
72.2 - 102 n. 287
73.13 - 102 n. 287
Fragmenta
fr. 2 Diels - 8 n. 5
fr. 55 Diels - 30 n. 91
fr. 115 Diels - 7 n. 4
Heraclito [padaroxographuIs] (Heraclit. /
H) - 1, 3, 5-6, 19 n. 48, 21 n. 58, 28, 94-95
Peri Apiston / Sobre Histórias
Inacreditáveis (Incred.) - 94 n. 263
1 - 94, 96-97
2 - 56 n. 156, 94, 96-97, 122
3 - 46 n. 122, n. 124, 96-98, 100 n. 278
4 - 94, 96, 98, 100 n. 279
5 - 94, 96, 98, 122
6 - 94, 96, 98-99
7 - 33 n. 100, 94, 96, 99, 114 n. 328, 122
8 - 58 n. 163, 94, 96, 99
9 - 94, 96, 99, 99 n. 277, 100, 100 n. 278
10 - 63 n. 176, 94, 96, 99-100
11 - 94, 96, 100
12 - 49 n. 134, 94, 96, 100-101
13 - 68 n. 189, 94, 96, 101
14 - 94, 96, 99 n. 277, 101
15 - 64 n. 180, 94, 96, 101-102, 114 n.
330, 122
16 - 94, 96, 102
17 - 94, 96, 99 n. 277, 102
18 - 94, 96, 102-103, 122
19 - 35 n. 105, 94, 96, 103
20 - 54 n. 148, 94, 96, 103, 110 n. 316
21 - 94, 96, 103, 107 n. 307, 110 n. 316,
113 n. 327
22 - 96, 104, 116 n. 343
23 - 94, 96, 104, 122
24 - 66 n. 185, 94, 96, 104
25 - 96, 105, 107 n. 308, 115 n. 336
26 - 94, 96, 105
27 - 94, 96, 105
28 - 94, 96, 105-106
29 - 94, 96, 106
30 - 96, 106
31 - 42 n. 116, 94, 96, 106
32 - 94, 96, 106-107
33 - 94, 96, 107, 113 n. 327, 122
34 - 94, 96, 107
35 - 96, 99 n. 277, 107-108
36 - 94, 96, 108
37 - 96, 108, 117 n. 349
38 - 96, 108-109, 116 n. 341
39 - 94, 96, 109, 109 n. 315
Hércules [mit.] cf. Héracles - 77 n. 213
Hermaon [mit.] - 117
Hermes [mit.] - 29, 44, 92, 100, 100 n. 278,
105 n. 300
Hermócares de Atenas - 10 n. 20
Hermogenes (Hermog.)
De fabula - 27 n. 85
Herodoro - 19 n. 48
Heródoto [de Halicarnasso] - 14 n. 28, 19 n.
48, n. 51, 28 n. 86, 43 n. 118, 95
2.45 - 17 n. 43
2.143 - 17 n. 43
Heródoto de Heracleia - 25 n. 81
[Ps.-]Heródoto
de Vita Homeri - 95

- Hesíodo (Hes.) - 8 n. 7, 9, 10 n. 19, 14, 21 n. 57, 25 n. 83, 32 n. 96, 43 n. 118, 71 n. 200, 82
- Certamen*
313-318 - 71 n. 200
- Opera et Dies (Op.)*
106-201 - 25 n. 83
109-201 - 11 n. 22
109-201e - 74 n. 205
145 - 74 n. 205
- Scutum Herculis (Sc.)*
33 - 37 n. 106
61-105 - 73 n. 203
178-190 - 32 n. 96
- Theogonia (Th.)*
26 - 109 n. 315
26-28 - 9 n. 16
144-145 - 18 n. 47
147-153 - 55 n. 152
197-199 - 18 n. 47
215-216 - 54 n. 147
267-269 - 58 n. 162
273 - 68 n. 196
278-280 - 97 n. 265
280 - 60 n. 171
280-285 - 64 n. 181
287-294 - 60 n. 172
310-312 - 80 n. 219
312 - 80 n. 217
313-318 - 78 n. 214
319-325 - 64 n. 177
323-324 - 64 n. 179
571-562 - 73 n. 203
617-819 - 55 n. 152
769-773 - 80 n. 219
817-819 - 55 n. 151
820 - 74 n. 205
982-983 - 60 n. 172
- Fragmenta*
fr. 6 MW - 112 n. 325
fr. 43a 2-69 MW - 59 n. 167
fr. 43a 81-87 MW - 64 n. 177
fr. 87 MW - 46 n. 122
fr. 124 MW - 83 n. 230
fr. 148a MW - 92 n. 260
fr. 157 MW - 58 n. 164
fr. 163 MW - 50 n. 136
fr. 171 MW - 87 n. 240
fr. 182 MW - 82 n. 227
fr. 254 MW - 58 n. 164
fr. 262 MW - 56 n. 154
- Hesíone [mit.] - 77 n. 213
Hespérides [mit.] - 29, 54, 103
Hespérides, Jardim das [top.] - 54 n. 149
Héspero [mit.] - 54
- Hidra [mit.] - 29, 78-79, 96, 102, 102 n. 289, 107, 122
Hierão [de Siracusa] - 11 n. 23, 16, 65 n. 182
Hiérocles - 20 n. 56
Higino (Hyg.) - 19 n. 48
Astronomica (Astr.)
2.13 - 86 n. 239
Fabulae (Fab.)
9 - 44 n. 118
14 - 46 n. 123
14.4 - 46 n. 122, n. 124
14.13 - 45 n. 121
19 - 58 n. 164
24.3 - 84 n. 232
30 - 42 n. 116, 54 n. 150, 78 n. 214
40 - 33 n. 97, 48 n. 128
48 - 112 n. 322
57 - 64 n. 181
67 - 37 n. 109
89 - 77 n. 210
108 - 52 n. 140
125 - 56 n. 154
125.6 - 53 n. 144
136 - 52 n. 175
139 - 86 n. 239
142 - 73 n. 203
143 - 112 n. 324
145 - 118 n. 351
151 - 60 n. 171
152 - 93 n. 261
152a - 93 n. 261
154 - 93 n. 261
158 - 112 n. 322
165 - 88 n. 248
176 - 50 n. 136
177 - 50 n. 136
178 - 35 n. 104, 51 n. 138
180 - 40 n. 113
181 - 40 n. 113
185 - 49 n. 135
189 - 33 n. 99
195 - 92 n. 258
199 - 56 n. 154
203 - 90 n. 255
225 - 112 n. 324
254 - 91 n. 257
271 - 87 n. 241
- Hilotas [etn.] - 11 n. 23
Hindu(s) [etn.] - 7 n. 2
Hiperenor [mit.] - 35 n. 104
Hipermnestra [mit.] - 46 n. 122
Hipodamia [mit.] - 65, 65 n. 182
Hipómenes [mit.] - 49 n. 131, 96, 100, 100 n. 281, 101

- Hipónax (Hippon.)
127 W - 68 n. 193
Hipóstrato - 20 n. 56
Hípotes [mit.] - 53 n. 143
Hirieu [mit.] - 92
Hispaniola, Ilha [top.] - 9 n. 13
Hocart - 18 n. 43
Holway - 21 n. 61
Homero (Hom.) - 8 n. 7, 9, 9 nn. 12, 15, 10
n. 16, 32 n. 96, 71 n. 200, 101, 111, 119
Epigrammata (Epigr.)
46-47 - 115 n. 336
*Homeri Batrachomyomachia et Odyssea
cum scholiis* - 95 n. 264
Horácio (Hor.)
Ars
391-393 - 71 n. 201, 104 n. 296
Horapólon (Horapo.)
Hieroglyphica - 27 n. 85
Hunter - 9 n. 12
Iâmbulo - 20 n. 56
Iárdano [mit.] - 85
Icário, Golfo [top.] - 147
Icário, Mar [top.] - 48, 48 n. 130
Ícaro [mit.] - 29, 40 n. 113, 48, 48 n. 130,
111, 117
Íficles [mit.] - 78
Ífigénia [mit.] - 10 n. 20, 11 n. 23
Íliada (Il.) - 43 n. 118, 109
1.225 - 40 n. 115
1.264 - 97 n. 270
1.267-268 - 32 n. 96
1.399-406 - 55 n. 151
1.403-404 - 55 n. 151
2.730 - 85 n. 236
2.742-744 - 32 n. 96
5.127 - 120 n. 366
5.330-342 - 46 n. 124
5.638-651 - 77 n. 208
5.738-742 - 97 n. 265
5.741 - 68 n. 192
5.838 - 120 n. 369
5.845 - 105 n. 300
6.178-183 - 64 n. 177
6.181-182 - 64 n. 179
6.186 - 70 n. 198
7.452-453 - 113 n. 326
8.18-27 - 111 n. 318
8.366-368 - 80 n. 219
11.36-46 - 97 n. 265
14.321 - 51 n. 138
16.328-329 - 64 n. 178
18.486 - 92 n. 258
20.144-148 - 77 n. 208
20.147 - 77 n. 209
21.211-382 - 25 n. 81
21.435-460 - 21 n. 61
21.441-449 - 113 n. 326
21.441-457 - 77 n. 208
23.64 - 20 n. 54
24.602-620 - 43 n. 118
24.603 - 43 n. 118
24.611 - 43 n. 118
24.617 - 43 n. 118
24.765-766 - 77 n. 213
Ílio [top.] - 52, 58, 65 n. 182
Ínaco [mit.] - 112
Índia [top.] - 14 n. 28, 17 n. 40
Ino [mit.] - 104
Io [mit.] - 25 n. 81, 29, 74, 83, 111, 117,
118 n. 351, 122
Iolau [mit.] - 78, 78 n. 216, 86
Iónico, Golfo [top.] - 56
Iseu (Is.)
5.109 - 8 n. 7
11.38 - 8 n. 7
Isidoro (Isid.)
Etymologiae (Etymol.)
11.3.28 - 60 n. 171
Isígono [de Niceia] - 14 n. 27, 18 n. 44, 20
n. 56, 110
Ἄπιστα, Coisas Inacreditáveis - 15
Isis [mit.] - 118 n. 351
Ismene [mit.] - 35 n. 102
Isócrates
5.109 - 10 n. 17
Itália [top.] - 15 n. 30, 18 n. 44
Ítis [mit.] - 108
Itono [mit.] - 112
Ixíon [mit.] - 31, 31 n. 93, n. 95, 32
(J)Iónio(s) [etn.] - 14, 74
Jacinto [mit.] - 29, 87
Jacob - 13 n. 25, 17 n. 41
Janka - 9 n. 9
Janto da Lídia - 14 n. 28
Jápeto [mit.] - 74 n. 205
Jardins Suspensos - 112
Jasão [mit.] - 35 n. 102, n. 104, 66-67, 71 n.
200, 77 n. 213, 84 n. 232
Jasão, pai de [mit.] - 84 n. 232
Jensen - 9 n. 15
Jerónimo (Hieronym.)
Interpretatio Chronicae Eusebii PL 27:
274 - 23 n. 65
Jones - 16 n. 39
Jung - 11 n. 21
Juvenal (Juv.)
6.12 - 74 n. 205
Kahler - 7 n. 2
Kamerbeek - 44 n. 118

- Ketos* [mit.] - 77
Kidd - 19 n. 51
Kim - 23 n. 70
Kirk - 10 n. 19, 23 n. 72
Kore-Perséfone - 81 n. 226
Kowalzig - 10 n. 19
Lacedemónio(s) [etn.] - 11 n. 23, 68,
Lacónia [top.] - 80
Lactânncio (Lact.)
Div. Inst.
1.22.19 - 86 n. 239
Ládon [mit.] - 29, 54 n. 150, 90
Ládon, Rio [mit.] - 90
Lâmia [mit.] - 95-96, 107
Lamisco [de Samos] - 21 n. 57, 30
Lâmpeto [mit.] - 108
Lang - 7 n. 2
Langer - 18 n. 43
L'Année Philologique - 5
Laomedonte [mit.] - 21 n. 61, 77, 77 n. 213,
113, 113 n. 326
Lápitás [etn.] - 32, 46
Larissa [top.] - 28, 32
Leão de Nemeia [mit.] - 47 n. 125
Lenardon - 72 n. 202
Leo [mit.] - 102
Leôncio [top.] - 17 n. 40
Leónidas [top.] - 11 n. 23
Lerna [top.] - 78
Lerna, Hidra [mit.] - 78
Lerno [mit.] - 78
Lesbos [top.] - 25 n. 81, 89
Leto [mit.] - 40 n. 113, 43-44 n. 118
Leucipo [mit.] - 46 n. 122, 90 n. 255
Lévi-Strauss - 10-11 n. 20
Líbia [top.] - 15 n. 30
Líbio(s) [etn.] - 68
Licáon [mit.] - 40 n. 113
Liceu, Escola - 17 n. 42, 19 n. 51
Liceu, Monte - 86 n. 239
Lico - 17 n. 40
Lícofron (Lyc.)
6 - 90 n. 255
33-37 - 77 n. 208
470-478 - 77 n. 208
1358 sq. - 74 n. 205
1393-1396 - 59 n. 167
Liddell - 5
Lídia [top.] - 14 n. 28, 17 n. 40, 85
Lídio(s) [etn.] - 43 n. 118, 118
Lieberman - 11 n. 21
Linceu [mit.] - 29, 45, 45 n. 119
Lincoln - 24 n. 75
Linforth - 72 n. 202
Lindius, Cares - 112
Lísias (Lys.)
1.24 - 73 n. 204
Lisímaco
Θηβαικὰ παράδοξα, *Maravilhas Tebanas*
- 15
Lócríde [top.] - 35
Lua [mit.] - 109, 116
Lucano Ocelo - 28
Luciano (Luc.)
Ἀληθῆ διηγήματα, *Histórias Verdadeiras de Astrologia (Astr.)* - 16
13 - 117 n. 345
15 - 117 n. 348
19 - 116 n. 343
21 - 119 n. 364
22 - 119 n. 363
de Saltatione (Salt.)
57 - 46 n. 123
Dialogi Deorum (DDeor.) - 31 n. 95, 111
n. 318
14 Macleod - 87 n. 241
16 (14) Macleod - 87 n. 243
19 Macleod - 109 n. 312
19.2 Macleod - 89 n. 251
23 Macleod - 85 n. 237
24 Macleod - 93 n. 261
25 Macleod - 93 n. 261
Dialogi Mortuorum (DMort.)
19.2
Luce - 9 n. 15
Lucrécio (Lucr.) - 16
5.878-891 - 31 n. 92
Lyne - 28 n. 86
Macária [mit.] - 10 n. 20
Macróbio
Saturnalia
7 - 20
Madeira, Ilha da [top.] - 9 n. 13
Manuscritos
Codex Laurentianus Graecus LVI - 14 n.
27
Codex Meibomii - 27
Códice Marcianus Graecus 613 (M) - 14
n. 27
Códices de Paléfato (A, B, Σ, E)
Codices Sylburgii (Codices Gruteri) - 27
Codicum archetipum: B (k, l, x), Ψ
(dividido em S: y – do qual h, n; m, d; e
A: p, v, i, a', [Φ - a partir do qual, u, E)
Palatinus Tollii - 27
Paradoxographus Florentinus 218 - 14 n.
27
Paradoxographus Palatinus 220 - 14 n.
27

- Paradoxographus Vaticanus* 219 - 14 n. 27
Paris. Gr. 3076 - 27
Paris. Gr. 3078 - 27
S. Gottingens. Ms. philol. 93a - 27
Tollianus-Arundelianus - 27
Vat. Pal. Gr.
93 - 14 n. 27
96 - 14 n. 27
134 - 14 n. 27
305 (*Ms. Vat.* 305) - 21 n. 58, 94 n. 263, 95, 110
360 - 26
398 (*Palatinus Graecus* 398) - 19 n. 51
Anónimo, *Periplus Ponti Euxini* - 19 n. 51
Antígono Carístio, *Historiarum mirabilium collectanea* - 19 n. 51
Antonino Liberal, *Transformationum congeries* - 19 n. 51
Apolónio, *Historiae mirabiles* - 19 n. 51
Arriano, *Kynegetikos* - 19 n. 51
Bruto, *Epistulae* - 19 n. 51
Chrestomathia ex libris geographicis Strabonis - 19 n. 51
Diógenes, *Epistulae* - 19 n. 51
Filo de Bizâncio, *De septem orbis spectaculis* - 19 n. 51
Flávio Arriano, *Periplus Ponti Euxini* - 19 n. 51
Flégon Traliano, *Mirabilia* - 19 n. 51
Hanão de Cartago, *Periplus* - 19 n. 51
Hesíquio Milésio, *Res patriae Constandinopoleos* - 19 n. 51
Hipócrates, *Epistulae* - 19 n. 51
Parténio, *Narrationes amatoriae* - 19 n. 51
Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris Erythraei* - 19 n. 51
Ps. Plutarco, *De fluviorum et montium nominibus* - 19 n. 51
Temístocles, *Epistulae* - 19 n. 51
Vat. Pal. Lat.
578 - 14 n. 27
Vaticanus 305 (V) - 95
Voss. Misc. 22 - 27
Παλαιφάτου περί ἀπίστων ιστοριῶν) - 22, 26-27
(A)
p – *Parisinus Gr.* 2557 - 26
V – *Vratislaviensis Rehdigeranus* 22 - 26
i – *Barberinianus I* 97 (*olim* 374) - 26
J – *Matritensis* 66 - 26
Q – *Vaticanus-Palatinus Gr.* 360 - 26
t – *Musei Harleianus* 5629 - 26
(B)
L – *Laurentianus* 60, 19 - 26
R – *Ravianus bibliothecae Berolinens.* - 26
Reg. ms. Graec. Quart. n° 9 (K. *Bobsen. Philol.* XLII (1884| 285-308) - 26
o – *Venetus-Marcianus class. IX cod.* 6 - 26
O^a – *Baroccianus* 125 - 26
O^b – *Baroccianus* 72 - 26
K – *Neapolitanus* 139 - 26
N – *Vaticanus Gr.* 1385 - 26
S – *Venetus-Marcianus* 490 - 26
X – *Vaticanus Gr.* 942 - 26
n – *Montepessulanus* 422 - 26
q – *Parisinus Gr.* 2720 - 26
h – *Angelicanus* 54 - 26
(Σ)
D – *Dresdensis Gr.* D a35 (*olim mosquensis bibl. S. Synodi* n. 239) - 26
M – *Mosquensis biblioth. S. Synodi* - 26
H – *Venetus-Marcianus* 513 - 26
n – *Parisinus Gr.* 854 - 26
m – *Berolinensis-Phillipsianus* 1611 - 26
(E)
P – *Vatican.-Palatinus Gr.* 143 - 26
l – *Parisinus Gr.* 2551 - 26
C – *Cartabrigiensis Collegii S. Trinitatis* 442: ἐκ τῶν τοῦ Παλαιφάτου περί ἀπίστων ιστοριῶν - 26
O^c – *Oxoniensis Bodleianus Misc.* 104. *Auct. F.* 4. 5 (*olim* 2290), ἐκ τῶν τοῦ Παλαιφάτου περί ἀπίστων ιστοριῶν / τέλος, θεοῦ χαριτι - 26-27
r – *Parisinus Gr.* 2860 - 27
Z – *Vem.-Marcianus* 509: Ἐκ τῶν τοῦ Παλαιφάτου περί ἀπίστων ιστοριῶν ἃς οἱ παλαιοὶ ἀλληγορισθὶ ἐδόξαζον - 27
F – *Laurentianus* 56, 20 - 27
e – *Augustan. Monacens.* 490 - 27
Mardónio [mit.] - 11 n. 23
Marduk - 10 n. 19
Máron [mit.] - 17 n. 43, 118
Maronesa, casa - 17 n. 43
Mársias [mit.] - 29, 40 n. 113, 88
Mausoléu de Halicarnasso - 112
Máximo, Valério

- Facta et dicta memorabilia* - 19 n. 51
Medeia [mit.] - 21 n. 57, 25 n. 81, 29, 35 n. 104, 84
Média, Lago em [top.] - 17 n. 40
Mediterrâneo, Mar [top.] - 14, 66
Medusa [mit.] - 68-69, 96-97, 97 n. 265
Mégara [mit.] - 56 n. 154
Megástenes [mit.] - 19 n. 50
Melaneu [mit.] - 40 n. 113
Melânion [mit.] - 29, 49, 100 n. 281
Melanipe [mit.] - 53 n. 143
Melibeia [mit.] - 43 n. 118
Melissa, irmã de [mit.] - 86 n. 239
Melisseu, filha de [mit.] - 86 n. 239
Melisso - 21 n. 57, 30
DK 30B1-2 - 25 n. 83
Ménades [mit.] - 71 n. 200, 72 n. 202
Mendésios [etn.] - 17 n. 43
Menécrates - 17 n. 43
Mérops, mãe de [mit.] - 66
Mertz - 9 n. 13, n. 15
Messápia [top.] - 40 n. 113
Messénia [top.] - 11 n. 23
Messénica, Guerra - 11 n. 23
Messina, Estreito de [top.] - 97 n. 269
Messina, Promontório de [top.] - 56 n. 154
Mestra [mit.] - 29, 59
Meursius - 14 n. 27
Mezger - 11 n. 23
Micenas [top.] - 78
Mícenense(s) [etn.] - 80
Mileto [top.] - 14 n. 28, 25 n. 81, 54
Minerva [mit.] - 52 n. 141
Minos [mit.] - 29, 33-34, 48, 56 n. 154, 62, 99
Minotauro [mit.] - 34, 34 n. 101, 99, 114 n. 328
Mirsilo
Λεσβιακά, *Lesbiaka* - 15
Mírtilo [mit.] - 65 n. 182
Miseno [mit.] - 40 n. 113
Mnáseas
fr. 1.20 Cappelletto - 116 n. 341
Molosso [mit.] - 80
Mólpis de Élide - 10 n. 20
Mónimo
Θαυμασιών συναγωγή, *Colecção de Contos Fantásticos* - 15
Monstro do Mar [mit.] - 10 n. 19, 29, 37, 77
Morford - 72 n. 202
Morgan - 91 n. 11
Muciano (Muc.)
Mirabilia - 16 n. 40
Müller - 9 n. 14
Muralhas da Babilónia - 112
Murdock - 100 n. 278
Musa(s) [mit.] - 25 n. 83, 71 n. 200, 88
Musas do Hélicon [mit.] - 9 n. 16, 25 n. 83
Nagy - 9 n. 15
Narciso [mit.] - 111, 114-115
Nearco - 14 n. 28
Néfele [mit.] - 31 n. 93, 32
Negro, Mar [top.] - 17 n. 40, 60, 66
Némethy - 18 n. 43
Nereides [mit.] - 40 n. 113
Nestle - 8 n. 7, 24 n. 77, 25 n. 81
Nicandro (Nic.)
Theriaca (Th.) - 95
13-20 - 92 n. 260
902-906 - 87 n. 240
Nicolau Damasceno [/de Damasco] - 15, 17 n. 42
Παραδόξων ἑθῶν συναγωγή, *Recolha de usos e costumes admiráveis* - 16
Ἱστορία καθολική, *História Universal* - 16
Ἐθῶν συναγωγή, *Compilação de Costumes* - 16
Ninfas [mit.] - 31 n. 93
Ninfas, Lago das [top.] - 17 n. 40
Ninfodoro de Siracusa
Περὶ τῶν ἐν Σικελία θαυμαζομένων, *Sobre as Maravilhas na Sicília* - 15, 19 n. 50
Περίπλοι, *Périplos* - 15, 19 n. 50
Níobe [mit.] - 29, 40 n. 113, 43, 43-44 n. 118, 44
Niso [mit.] - 56 n. 154
Nono (Nonn.)
Dionysiaca (D.)
10.253-255 - 87 n. 243
12.87-89 - 49 n. 133
13.96-103 - 92 n. 258
38.105-434 - 93 n. 261
43.425 - 44 n. 118
Nuvem [mit.] - 31 n. 95
(O)Briareu [mit.] - 29, 55, 55 n. 151
Odyssea (Od.)
1.241 - 58 n. 162
1.6-9 - 109 n. 315
1.8 - 109 n. 314
4.271-289 - 52 n. 140
4.456-458 - 106 n. 303
8.492-515 - 52 n. 140
9.197 - 118 n. 360
10.1-76 - 53 n. 144
10.3-4 - 53 n. 145
11.219-222 - 20 n. 54
11.260-265 - 82 n. 228

- 11.623-626 - 80 n. 219
12.73 - 56 n. 154
12.85-126 - 56 n. 154
12.86 - 56 n. 158
12.222-259 - 56 n. 154
14.371 - 58 n. 162
19.163 - 74 n. 205
20.77 - 58 n. 162
21.22 - 85 n. 236
21.295-394 - 32 n. 96
Ônfale [mit.] - 29, 85, 85 n. 237
Olho [mit.] - 68, 68 n. 197, 69
Olímpia [top.] - 112
Olímpicos [mit.] - 13 n. 24, 55
Olimpodoro (Olymp.) - 72 n. 202
OF 220 - 71 n. 202
Vita Platonis (Vit. Pl.)
29-30 - 9 n. 12
Olimpo, Monte [top.] - 22 n. 64, 55, 55 n. 151
Onesícrito - 14 n. 28, 18 n. 44
Onomácrita - 71 n. 202
Opiano
Halieutica (H.)
5.4-7 - 74 n. 205
Orestes [mit.] - 11-12 n. 23
Oréstida [top.] - 55
Orfeu (orph.) [mit.] - 29, 71, 71 n. 200, 72, 72 n. 202, 82 n. 229, 96, 103-104, 122
Hymni (H.)
37 - 74 n. 205
Oríon [mit.] - 29, 40 n. 113, 92
Oritia [mit.] - 96, 105
Orósio
Historiae 1.13 - 23 n. 65
Orphica (OF)
OF 320.xi B - 74 n. 205
OF 463 - 72 n. 202
Órquis [mit.] - 28 n. 86
Orseis, ninfa - 53 n. 143
Orto [mit.] - 80
Osíris [mit.] - 72 n. 202, 118 n. 355
Osmun - 23 n. 65, 24 n. 76
Ovídio (Ov.) - 16, 16 n. 48, 35 n. 104
Amores (Am.)
2.1.12 - 55 n. 151
Ars Amatoria (Ars)
1.331-332 - 56 n. 154
2.21-96 - 48 n. 128
3.420-432 - 56 n. 154
Fasti (Fast.)
2.155-192 - 50 n. 136
5.115 - 86 n. 239
5.493-544 - 92 n. 258
Ibis (Ib.)
555 - 61 n. 173
Metamorphoses (Met.)
1.89-150 - 74 n. 205
1.452-567 - 90 n.255
1.568-746 - 83 n. 230
1.722-723 - 108 n. 311
1.750-2.400 - 93 n. 261
2.401-530 - 50 n. 136
2.555 - 112 n. 323
3.99-130 - 35 n. 104
3.131 sq. - 40 n. 113
3.138-252 - 40 n. 113
3.192-193 - 40 n. 113
3.339-510 - 115 n. 332
4.774-777 - 68 n. 188
6.146-312 - 44 n. 118
6.382-400 - 88 n. 249
7.297-349 - 84 n. 232
7.303 - 84 n. 232
7.408-415 - 80 n. 219
7.759-793 - 39 n. 112
8.183-235 - 48 n. 128
8.738-878 - 59 n. 167
9.184-185 - 60 n. 170
9.194-196 - 42 n. 116
9.69-74 - 78 n. 214
9.85-88 - 86 n. 238
10.83-85 - 71 n. 200
10.162-219 - 87 n. 240
10.243 sq. - 28 n. 86
10.560-707 - 49 n. 135
11.194-217 - 77 n. 208
11.41-46 - 71 n. 200
12.70-145 - 47 n. 125
12.189-209 - 46 n. 122
12.459-532 - 46 n. 123
13.732 - 56 n. 154
13.395 sq. - 87 n. 245
13.904-14.74 - 56 n. 154
13.904-965 - 63 n. 176
14.73-74 - 56 n. 154, 97 n. 269
14.223-232 - 53 n. 144
15 - 16
Tristia (Tr.)
4.7.18 - 55 n. 151
Papyrus Oxy. (Papyrus Oxyrhynchus)
4711 - 115 n. 2
Phasianinus, P. - 27
Pã [mit.] - 17 n. 43, 40 n. 113, 96, 105, 111, 115, 115 n. 336, 116
Pafos [top.] - 28 n. 86
Pajón Leyra - 17 n. 41, 19 n. 51
Palácio de Ciro - 112
Palaepaphiae - 28 n. 86
Palas [mit.] *vd.* Atena - 115

- Paléfato [de Abidos] (Palaeph. / P) - 1, 3, 5-6, 19 n. 48, 21, 21 n. 57, 22-23, 23 nn. 68, 69, 73, 25, 25 nn. 81, 83, 26-28, 28 n. 86, 29, 31 n. 93, 37 nn. 107, 109, 111, 39 n. 112, 44 n. 118, 51 n. 139, 56 n. 155, 89 n. 253, 94, 122
- Peri Apiston / De incredibilibus* - 5, 27 n. 85
- Pref. - 21 n. 57, 29-30
- 1 - 18 n. 47, 24, 29, 31-32, 98 n. 273, 122
- 2 - 24, 29, 33-34, 48 n. 127, 99 n. 275
- 3 - 23 n. 74, 24, 29, 35-36
- 4 - 23 n. 74, 24, 29, 37-38
- 5 - 23 n. 74, 24, 29, 39, 106 n. 304
- 6 - 23 n. 74, 24, 29, 40-41
- 7 - 18 n. 47, 23 n. 74, 24, 29, 37 n. 107, 42, 106 n. 305
- 8 - 24, 29, 43-44, 44 n. 118
- 9 - 18 n. 47, 24, 29, 45
- 10 - 24, 29, 46, 98 n. 271
- 11 - 24, 29, 46 n. 123, 47
- 12 - 29, 33 n. 97, 48
- 13 - 24, 29, 49, 100 n. 281
- 14 - 24, 29, 50
- 15 - 18 n. 47, 23 n. 74, 24, 29, 33 n. 100, 51, 99 n. 275
- 16 - 24, 29, 52
- 17 - 29, 53, 100 n. 279
- 18 - 18 n. 47, 23 n. 74, 24, 29, 54, 103 n. 291
- 19 - 18 n. 47, 24, 29, 55
- 20 - 24, 18 n. 47, 23 n. 74, 29, 56, 64 n. 181, 97 n. 269, 122
- 21 - 24, 29, 57
- 22 - 24, 29, 58, 99 n. 277, 106 n. 301
- 23 - 24, 29, 59
- 24 - 24, 18 n. 47, 29, 60, 107 n. 307
- 25 - 29, 61, 106 n. 305
- 26 - 24, 23 n. 74, 29, 62
- 27 - 24, 29, 63, 100 n. 279
- 28 - 23 n. 74, 24, 29, 64, 64 n. 181, 101 n. 284, 102 n. 288, 114 n. 330, 117 n. 345, 122
- 29 - 23 n. 74, 29, 64 n. 181, 65
- 30 - 24, 29, 66-67, 104 n. 297
- 31 - 24, 29, 68-69, 97 n. 267, 101 n. 282
- 32 - 29, 24, 70
- 33 - 23 n. 74, 24, 29, 71-72, 74 n. 205, 82 n. 229, 104 n. 296, 122
- 34 - 29, 24, 73
- 35 - 29, 74-75
- 36 - 29, 24, 76
- 37 - 24, 29, 77
- 38 - 24, 29, 78-79, 102 n. 289, 103 n. 290, 122
- 39 - 24, 29, 80, 103 n. 293, 107 n. 307, 113 n. 327, 122
- 40 - 23 n. 74, 24, 29, 81
- 41 - 24, 29, 82
- 42 - 23 n. 74, 24, 29, 83, 117 n. 349, 122
- 43 - 23 n. 74, 24, 29, 84
- 44 - 24, 29, 85
- 45 - 24, 29, 86
- Troica* - 21, 23 n. 69
- Pseudo-Paléfato - 23 n. 68, 29
- Peri Apiston*
- 46 - 24, 29, 87
- 47 - 24, 29, 88
- 48 - 24, 29, 89
- 49 - 24, 89 n. 254, 90
- 50 - 24, 29, 91
- 51 - 24, 29, 92
- 52 - 24, 29, 93, 104 n. 295
- Pandion [mit.] - 33
- Pandora [mit.] - 29, 73, 73 n. 203
- Panóptico [mit.] *vd.* Argos - 96, 108, 117
- Paphiae* - 28 n. 82
- Papiro de Derveni* (documento BM 74329, col. 7.4.5) - 71 n. 200
- Paquino - 28 n. 86
- Páris [mit.] - 77 n. 213, 115
- Parménides (Parm.) - 9, 18 n. 45
- Sobre a Natureza* - 25
- fr. 1.15Diels - 7 n. 3
- Paros [top.] - 21
- Parrásio, Monte [top.] - 86 n. 239
- Partenie - 9 n. 9
- Parténio / Niceno (Parth.) - 19 n. 48, 20 n. 55
- Ἐρωτικὰ Παθήματα, *Narrationes Amatoriae, Sofrimentos de Amor* - 19 n. 51
- 2 - 53 n. 144
- 15 - 90 n. 255
- 33 - 43 n. 118
- Pasífae [mit.] - 29, 33, 48 n. 127, 96, 99, 111, 114, 114 n. 328, 122
- Pater - 27
- Patéria [top.] - 70 n. 199
- Pausânias (Paus.) - 11 n. 23
- 1.14.2 - 112 n. 320
- 1.17.2 - 70 n. 198
- 1.21.3 - 43 n. 118
- 1.22.7 - 71 n. 202
- 1.23.8 - 52 n. 141
- 1.24.1 - 88 n. 249
- 1.25.1 - 50 n. 136-137
- 1.32.4 - 20 n. 54

- 1.44.8 - 40 n. 113
2.18.6 - 11 n. 23
2.20.3 - 91 n. 257
2.21.5 - 68 n. 189, 97 n. 267
2.31.10 - 76 n. 206
2.37.4 - 78 n. 214-215
3.1.3 - 87 n. 241
3.1.4-5 - 11 n. 23
3.2.6 - 11 n. 23
3.3.1-5 - 11 n. 23
3.7.4-6 - 11 n. 23
3.11.8 - 11 n. 23
3.13.1-2 - 11 n. 23
3.18.13 - 83 n. 230
3.19.4-5 - 87 n. 243
3.25.4-5 - 80 n. 222, 107 n. 307
3.25.5 - 25 n. 81, 113 n. 327
4.2.7 - 45 n. 119
5.17.7 - 65 n. 183
5.18.4 - 54 n. 150
5.19.1 - 60 n. 170
5.25.10 - 74 n. 205
6.6.11 - 20 n. 54
6.19.8 - 54 n. 150
6.20.19 - 61 n. 174
8.2.7 - 43 n. 118
8.3.6 - 50 n. 136
8.11.2 - 84 n. 232
8.14.11 - 65 n. 183
8.20.2-4 - 90 n. 255
8.31.3 - 64 n. 181, 71 n. 202
8.38.1 - 86 n. 239
9.2.3 - 40 n. 113
9.5.1 - 35 n. 104
9.5.8 - 82 n. 228
9.19.1 - 39 n. 112
9.10.1 - 35 n. 104
9.11.4-5 - 48 n. 129
9.22.7 - 63 n. 176
9.26.2 - 37 n. 110
9.31.3 - 64 n. 181
9.31.7-8 - 115 n. 332
9.35.5 - 71 n. 202
10.1 - 35 n. 104
19.4 - 87 n. 241
25.7 - 51 n. 138
Pausânias - 11 n. 23
2.37.4 - 78 n. 215
Pecere-Stramaglia - 16 n. 40
Pefredo [mit.] - 101
Pégaso [mit.] - 64-65
Pelagos [etn.] - 112
Pélias [mit.] - 81, 84
Pélion, Monte [top.] - 31, 31 n. 93, 98
Peloponeso [top.] - 15 n. 30, 35, 80
Péllops - 29, 65, 65 n. 182-183
Peloro - 35 n. 104
Penélope - 115 n. 336
Pe(n)fredo - 101
Pentesileia - 70 n. 198
Penteu - 22 n. 64
Peónia, rei de [top. mit.] - 58
Peri Apiston - 5
Periecos [etn.] - 11 n. 23
Pérfas [mit.] - 40 n. 113
Persa(s) [etn.] - 51 n. 139, 83 n. 231
Perseu [mit.] - 68-69, 78, 94
Pérsia [top.] - 14 n. 28
Pérsia, rei da [mit.] - 21 n. 59, 68 n. 197
Perso [mit.] - 101
Petersson - 16 n. 40
Petrônio (Petron.)
61 - 20
62 - 19 n. 54
Petsalis-Diomidis - 19 n. 52
Phasianinus - 27
Píndaro (Pi.) - 11-12 n. 23, 43 n. 118
Odes Ístmicas (I.)
5.39 - 47 n. 125
6.42-49 - 47 n. 125
7.44-48 - 64 n. 181
Odes Nemeias (N.)
10.61-63 - 45 n. 119
Odes Olímpicas (O.)
1.41 - 65 n. 182
1.87 - 65 n. 182
2.82 - 47 n. 125
6.16 - 68 n. 197
13.63-92 - 64 n. 177
13.87-89 - 70 n. 198
Odes Píticas (P.)
2.21-48 - 31 n. 95
3.99 - 118 n. 354
11 - 11 n. 23
12.1-17 - 68 n. 188
12.6-8 - 88 n. 247
19-24 - 88 n. 247
Fragmenta
fr.133 Bergk - 72 n. 202
fr. 240a SM - 86 n. 238
fr. 249b SM - 80 n. 217
fr. 263 SM - 63 n. 176
Piéria, Monte [top.] - 71
Piero [mit.] - 87 n. 241
Pílates [mit.] - 11 n. 23
Pilares de Hércules [top.] - 68
Pinheiro - 16 n. 38
Perkins - 16 n. 38
Pervo - 16 n. 38
Pirâmides do Egípto - 112

- Pirene [top.] - 21
Pisa [top.] - 65
Pisandro de Camiro
fr. 2EGF - 78 n. 215
Pitágoras - 13 n. 25
Pitagórico, Sextio - 28
Píteas de Messala - 19 n. 50
Platão (Pl.) - 8, 8 n. 7, 115-116
Apologia (Ap.)
34d - 74 n. 205
Epistulae (Ep.)
7.350b - 28 n. 86
Euthydemus (Euthd.)
297c - 102 n. 289
Euthyphro (Euthphr.)
6a - 119 n. 364
11c - 57 n. 160
15b - 57 n. 160
Gorgias (Grg.)
493a - 72 n. 202
523a - 8 n. 6
523a-527a - 9 n. 8
Leges (Leg.)
680b - 100 n. 280
701b - 74 n. 205
701c - 71 n. 202
713c - 9 n. 8
804e - 9 n. 8
903b-905b - 9 n. 8
Men. (Meno)
81b - 71 n. 202
81b-c - 72 n. 202
97d - 57 n. 160
Phaedo (Phd.)
61b - 9 n. 9
72c - 116 n. 342
89c - 78 n. 216
101d - 115 n. 333
107c-115a - 9 n. 8
Phaedrus (Phdr.)
229b-e - 106 n. 301
229c-230a - 22 n. 64
237a9 - 9 n. 8
241e8 - 9 n. 8
243a - 10 n. 16
246a-249d - 9 n. 8
274c-275e - 9 n. 8
Protagoras (Prt.)
320c - 7 n. 3
320c-d - 74 n. 205
Respublica (R.)
359d-360b - 9 n. 8
377a - 9 n. 16
377d - 8 n. 7
377e-383c - 8, 9 n. 9
378d - 9 n. 12, 18
378e-379a - 8 n. 5
380a - 43 n. 118
414b-415d - 9 n. 8
420c2 - 9 n. 8
472a - 13
514a-517a - 9 n. 8
529d - 30 n. 91
544d - 74 n. 205
614a-621d - 9 n. 8
Symposium (Smp.)
179b - 81 n. 226
189d-193d - 9 n. 8
189d-193e - 11 n. 22
219e - 47 n. 125
Theaetetus (Tht.)
153c-d - 119 n. 362
Timaeus (Ti.)
20e-21e - 25 n. 83
21e-26d - 9 n. 8
22c - 93 n. 261
22c7 - 9 n. 8
Plauto (Pl.) - 9 n. 10
Mostellaria (Most.) - 73 n. 203
Plínio (Plin.) - 15 n. 30, 16, 16-17 n. 40
Historia Naturalis (HN) - 16 n. 37, 22 n. 62
2.100 - 19 n. 51
2.6.41-43 - 116 n. 341
3.94 - 53 n. 144
6.198-199 - 68 n. 190
7.202 (7.81) - 31 n. 93, 52 n. 141
7.203 - 53 n. 144
22.20 - 89 n. 254
31.12 - 16 n. 40
31.17 - 16 n. 40
31.18 - 17 n. 40
31.19 - 17 n. 40
Plíntia, fonte de - 17 n. 40
Plutão, cão de - 71 n. 200
Plutarco (Plu.) - 15 n. 32, 16, 19 n. 51,
Alcibiades (Alc.)
2.4-6 - 88 n. 248
Consolatio ad Vxorem
608c - 74 n. 205
De Curiositate
515f - 107 n. 308
De faciae quae in orbe lunae apparet
923a - 116 n. 344
De fluviiis / De fluviorum et montium nominibus, Περὶ ποταμῶν καὶ ὄρων ἐπωνυμίας καὶ τῶν ἐν αὐτοῖς εὐρισκομένων - 19 n. 51
De gloria Atheniensium
348a-b - 8 n. 7

- De Mulierum Virtutes, Acerca das Virtudes das Mulheres* - 114
247f-248d - 64 n. 181
248c - 101 n. 284114 n. 330
- De Musica*
15 - 43 n. 118
- Lucullus (Luc.)*
20 - 120 n. 371
- Quaestionum Conuiuiales* - 20
8.8.3 (729c) - 7 n. 2
- Theseus (Thes.)*
16.1 - 33 n. 100, 99 n. 275
19.3-7 - 33 n. 100, 99 n. 275
26-27 - 70 n. 198
31.4 - 80 n. 220, 107 n. 307
- [Ps.-]Plutarco
De tuenda sanitate praecepta
126 - 100 n. 278, 102 n. 287
136 - 107 n. 306
147 - 101 n. 283
- Poço de Saturno - 17 n. 40
- Poemas do *Ciclo Épico*
Cypria
fr. 11 Allen - 45 n. 119
- Nostoi*
fr. 6 EGF - 84 n. 232
- Pólemon
Περὶ ποταμῶν, Sobre os Rios - 15
Περὶ τῶν ἐν Σικελίᾳ θαυμαζομένων ποταμῶν, Acerca de Rios Fantásticos na Sicília - 15
- Políbio (Plb.) - 19 n. 51, 23 n. 69
3.47 - 13
12.25 - 25 n. 80
- Polidectes [mit.] - 68
- Polideuces [mit.] - 45 n. 119
- Poliemo (Polyaen.) - 115
Estratagemas
1.2 - 115 n. 335
- Poliido de Argos [mit.] - 62
- Políxena [mit.] - 10 n. 20
- Popescu - 16 n. 38
- Porfirio
Quaestionum Homericarum ad Iliadem pertinentium reliquiae de Antro nympharum - 95
- Pòrtulas Ambròs - 12 n. 23
- Poser - 9 n. 11
- Posidipo - 20 n. 56
- Posídon [mit.] - 21 n. 61, 29, 46 n. 122, 53 n. 143, 55 n. 151, 56 n. 154, 58 n. 164, 65 n. 182, 92, 97-98, 111, 113, 113 n. 326
- Posidónio - 19 n. 51
- Príamo [mit.] - 77 n. 213
- Probo
In Vergillii Georgica Commentarius (G.)
3.113 - 28 n. 86
- Proclo (Procl.) - 110 n. 316-317, 120
- Hymni (H.)*
4.5-7 - 119 n. 365
- in Platonis Rempublicam commentarii (in R.)*
1.18.25 - 120 n. 367
1.111.19-28 - 120 n. 368
1.112.4-8 - 120 n. 368
2.338 - 71 n. 202
- Procne [mit.] - 96, 107-108
- Prócris [mit.] - 33
- Pródico de Ceos - 19 n. 48
- Profetisa de Delfos - 21 n. 57
- Prometeu [mit.] - 11 n. 22, 25 n. 81, 74 n. 205, 112
- Propércio (Prop.)
3.2.3-4 - 71 n. 200
- Propp - 10 n. 20
- Protágoras - 8, 19 n. 48, 20 n. 56
Γεωγραφία τῆς οἰκουμένης, Geografia
esp. 1.6 - 16
- Proteu [mit.] - 95 n. 264, 96, 106
- Psamético - 112 n. 320
- Pselo
Περὶ παραδόξων ἀκουσμάτων, Sobre maravilhas escutadas - 16 n. 35
72-74 - 19 n. 53
- Ptolomeu - 20
Ptolomeu, dinastia de - 17 n. 43
- Quinto de Esmirna (Q.S.)
1.18-61 - 70 n. 198
1.538-564 - 70 n. 198
12.25-13.59 - 52 n. 140
- Quimera [mit.] - 64, 96, 101, 111, 114, 122
- Quimera, Montanha [top.] - 64, 114
- Quíon [mit.] - 35 n. 104
- Quíone [mit.] - 40 n. 113
- Quíron [mit.] - 71 n. 200
- Ramon - 95 n. 264
- Rank - 11 n. 21
- Richter - 11 n. 21
- Raposa [mit.] - 39, 96, 106
- Raposa Teumesia [mit.] - 29, 39, 106
- Regino - 20 n. 56
- Rewiczky - 27 n. 84
- Rohde - 110
- Roma - 20 n. 55, 95
- Romm - 16 n. 40
- Rose - 72 n. 202
- Rudhardt - 72 n. 202
- Sófocles (S.) - 11 n. 21, 43 n. 118
Ajax (Aj.) - 47 n. 125
646-648 - 2

- Antigone (Ant.)*
831 - 44 n. 118
- Electra (El.)*
509-511 - 65 n. 182
- Oedipus Tyrannus / Rei Édipo (OT)*
130-131 - 37 n. 108
391-394 - 37 n. 108
391 - 37 n. 107
- Philoctetes (Ph.)*
649 - 76 n. 207
698 - 76 n. 207
- Trachiniae (Tr.)*
253 - 85 n. 237
273 - 85 n. 236
1098 - 80 n. 217
- Fragmenta*
[*Poemenes*] fr. 500 TrGF - 47 n. 125
fr. 705 TrGF - 58 n. 164-165
- Safo (Sapph.) - 43 n. 118, 89, 89 n. 154
fr. 211 LP - 89 n. 250
- Salústio (Sal.) - 28
- Historiae (Hist.)*
4.27 - 56 n. 154
- Salmoneu de Salmone [mit.] - 40 n. 113
- Samos - 14 n. 28, 30, 30 n. 89, 116 n. 344
- Samson - 7 n. 2
- Santoni - 25 n. 78
- Sanz Morales - 21 n. 60, 23 n. 73, 24 n. 76,
110 n. 317
- Saponopoulos, Theophylactus - 95
- Sarpedónia [top.] - 69
- Sátiros [mit.] - 96, 105, 118
- Saturno, planeta - 119 n. 364
- Schäfer - 9 n. 9
- Schanz-Hosius - 16 n. 40
- Schepens - 13 n. 25, 17 n. 41
- Schlesier - 10 n. 19
- Schneiderman - 11 n. 21
- Scholia*
schol. A.R. 1.23-25a - 71 n. 200
schol. A.R. 2.178 - 71 n. 138
schol. A.R. 2.178-182b - 58 n. 164
schol. A.R. 3.1185 - 71 n. 138
schol. A.R. 4.57-58 - 116 n. 341
schol. A.R. 4.263-264 - 116 n. 341
schol. Ar. Ra. 1287 - 37 n. 107
schol. Arat. 132 - 109 n. 313
schol. E. Or. 364 - 63 n. 176
schol. E. Ph. 5 - 51 n. 138
schol. E. Ph. 159 - 43 n. 118
schol. Hes. Th. 326 - 37 n. 106
schol. Il. 1.264 - 46 n. 123
schol. Il. 14.406a - 47 n. 125
schol. Il. 22.126 - 74 n. 205
schol. Il. 23.822 - 47 n. 125
schol. Lyc. 344 - 52 n. 142
schol. Od. 12.301 - 19 n. 50
schol. Od. 12.85 - 56 n. 154
schol. Od. 17.208 - 93 n. 261
schol. Pi. P. 4.190) - 53 n. 143
schol. Theocr. 3.40 - 49 n. 132
schol. Theoc. 10.28 - 87 n. 245
schol. Verg. Ecl. 3.62 - 90 n. 255
- Schrader - 24 n. 77, 27, 28 n. 86
- Scodel - 23 n. 66, 70
- Scott - 5
- Segal - 10 n. 19, 11 n. 20
- Segundo - 28
- Selene [mit.] *vd.* Lua - 96, 108
- Segundo Mitógrafo do Vaticano (2º Mit.
Wat.) 181
- Sémele [mit.] - 96, 108, 116
- Sêneca - 16
- Serifos, Ilha de [top.] - 68-69
- Sérvio (Serv.)
In Vergilium Commentarius:
Aeneis (A.) 1.535
1.535 - 92 n. 258
3.113 - 49 n. 135
3.209 - 58 n. 164
3.279 - 89 n. 251
3.420 - 56 n. 154, 97 n. 269
4.484 - 103 n. 291
6.14 - 99 n. 275, 114 n. 328
6.286 - 31 n. 95
6.288 - 101 n. 284, 114 n. 330
6.395 - 80 n. 220
6.448 - 46 n. 123
7.662 - 60 n. 171
- Eclogae (Ecl.)*
3.63 - 87 n. 242
- Georgica (G.)*
1.138 - 50 n. 136
3.268 - 61 n. 174
- Shannon - 19 n. 51
- Sicília [top.] - 17 n. 40, 28 n. 86, 48 n. 130,
56, 120
- Side [mit.] - 40 n. 113
- Silano - 19 n. 51
- Simias - 20 n. 56
- Sinon [mit.] - 52
- Sípilo, Monte [top.] - 43 n. 118
- Sípretes - 46 n. 122
- Siqueu [mit.] - 20 n. 54
- Sirenes [mit.] - 9 n. 13, 71 n. 200, 96, 101,
- Sísifo [de Cós] [mit.] - 17 n. 43, 29, 61
- Sócrates - 22 n. 64
Sócrates-personagem - 9 n. 8
- Sol [mit.] *cf.* Hélio [mit.] - 109
- Sol, filha do [mit.] - 66

- Sol, filhas do [mit.] - 96, 108
Sol, gado do [mit.] - 96, 109
Sólon [mit.] - 120-121
Sólon [de Salamina] (Sol.)
fr. 21 Diehl - 9-10
fr. 29 W - 9 n. 9
Solos [top.] - 120
Soracte, Monte [top.] - 17 n. 40
Sotion - 16
Spyridakis - 17-18 n. 43, 100 n. 278
Stern - 21 n. 58, 24 n. 76, 66 n. 186
Stieber - 57 n. 159
Stone - 9 n. 13
Suda, Enciclopédia Bizantina - 21, 21 n. 60,
23 n. 65
ε3930 - 14 n. 29
π69 - 21 n. 57
π71 - 21 n. 57
π72 - 21 n. 57
Susemihl - 110
Talmisiss [top.] - 64
Tânagra [top.] - 92
Tânato [mit.] - 81
Tantálidas [patr.] - 17 n. 43
Tântalo [mit.] - 17 n. 43, 40 n. 113, 43 n.
118
Tarêncio [mit.] - 20
Tártaro [top.] - 119
Tauro [mit.] - 33, 51, 99
Teumesia [etn.] - 29, 39, 106
Teumeso, Cume [top.] - 39
Tauro [mit.] - 33, 51, 99
Teágenes [de Régio] - 11, 18 n. 48
Tebano(s) [etn.] - 11-12 n. 23, 35, 39, 39 n.
112, 43 n. 118
Tebas [top.] - 11 n. 23, 12 n. 23, 17 n. 43,
35, 35 n. 102, n. 104, 37, 43 n. 118, 78, 82
Tebas, rei de - 35, 39
Techert - 7 n. 4
Tégeto, Monte [top.] - 45 n. 119
Télamon [mit.] - 47
Télefo [mit.] - 77 n. 213
Ténaro [top.] - 80
Teócrito (Theoc.)
3.40 - 49 n. 132
3.49 - 109 n. 312
10.28 - 87 n. 245
Teofrasto (Thphr.) - 17 n. 42, 19 n. 51, 21
n. 60
Áticas e Arábia - 21 n. 60
Characteres (Char.) - 28
16.1-2 - 20 n. 54
Ciprias - 21 n. 60
Delias - 21 n. 60
Troianas - 21 n. 60
Περὶ τῶν ἀθρώως φαινόμενων ζώων,
Sobre animais que aparecem em grupos
- 14
Teógnis (Thgn.)
253-254 - 7 n. 3
Téon, [o Sofista] - 23 n. 69
Progymnasmata - 21 n. 57
6.12 - 28 n. 86
95.3-96.14 - 25 n. 79
Teopompo [de Quios] - 17 n. 40
Θαυμάσια, *Thaumasia* - 14
Terambo [mit.] - 40 n. 113
Tereu [mit.] - 96, 107-108
Teseu [mit.] - 34, 48 n. 127, 70 n. 198
Téspias [top.] - 86
Tesprotos [etn.] - 113
Tessália [top.] - 16 n. 40, 31, 53 n. 143, 112
Tessάλιος [etn.] - 59
Tiamat - 10 n. 19
Tibulo (Tib.)
3.4.89 - 56 n. 154
Timeu - 14 n. 28
Timeu Locro - 28
Tione [mit.] cf. Sémele - 118
Tirene [top.] - 78
Tirene, rei de - 78
Tirésias [mit.] - 22 n. 64, 46 n. 122, 96, 98-
99
Tiro [top.] - 51
Tirrénia [top.] - 56
Tirrenos [etn.] - 56
Tirtamo - 21 n. 60
Titãs [mit.] - 55, 71-72 n. 202, 74 n. 205
Títono [mit.] - 106
Toante [epit.] - 17 n. 43
Toas [mit.] - 17 n. 43
Tollius - 27
Trácia [top.] - 15 n. 30, 17 n. 40, 42 n. 116,
71 n. 200
Trácio(s) [etn.] - 58, 68, 70, 71 n. 200
Tricânio [top.] - 60, 80
Tricarenia [top.] - 80
Trimalquião [mit.] - 20
Troca Pereira
A Ditadura de Eros - 1, 7 n. 1
Trófilo - 16
Tróia [top.] - 8 n. 7, 10 n. 16, 52, 77, 77 n.
213, 111, 113
Troiano(s) [etn.] - 14 n. 29, 21 n. 61, 52, 77,
77 n. 213, 113 n. 326
Trifiodoro (Tryph.)
57-541 - 52 n. 140
Tucídides (Th.) - 14 n. 28
1.22.4 - 7 n. 3
3.62.3 - 11 n. 23

- 4.24.5 - 97 n. 268
Tzetzes (Tz.)
ad Lycophronem (ad Lyc.)
7 - 37 n. 107
17 - 64 n. 180, 101 n. 284
22 - 66 n. 184
34 - 77 n. 208
45-46 - 56 n. 154
46 - 97 n. 269
166 - 58 n. 166
232 - 47 n. 125
481 - 50 n. 136
553 - 45 n. 121
650 - 56 n. 154
811 - 62 n. 175
1393 - 59 n. 169
Historiarum variarum chiliades (H.)
1.19.536-541 - 57 n. 159
1.220 - 58 n. 166
1.219-223 - 58 n. 163, 99 n. 277
1.523-530 - 114 n. 328
1.532-533 - 48 n. 129
1.553-572 - 39 n. 112, 106 n. 304
2.151 - 13
2.299-308 - 42 n. 116
2.376-378 - 54 n. 148, 103 n. 291
2.406-410 - 80 n. 220, 107 n. 307
2.747-754 - 80 n. 220, 107 n. 307
2.785-842 - 81 n. 225
4.416-466 - 44 n. 118
7.10.48 - 31 n. 93, 98 n. 273
7.621-760 - 20 n. 56
9.273 - 28 n. 86
10.20 - 28 n. 86
Udeu [mit.] - 35 n. 104
Ulisses [mit.] - 9 n. 13, 10 n. 20, 17 n. 43,
53, 56, 56 n. 156, 94, 96-97, 100, 102,
106-107, 109
Úpis [epit.] - 68
Úrano [mit.] - 55 n. 151
Úrio [mit.] - 92
Vaillant - 18 n. 43
Valk - 9 n. 14
Vanotti - 14 n. 27
Varrão - 17 n. 40
*Logistorici: Gallus Fundanius de
Admirandis vel De Imaginibus de Forma
Philosophiae* - 16 n. 40
Velo - 66-67
Veneza - 27
Vénus [mit.] - 28 n. 86, 61 n. 174
Virgílio (Verg.)
Aeneis (A.)
1.355 - 20 n. 54
2.13-267 - 52 n. 140
2.270-279 - 20 n. 54
3.279 - 89 n. 254
5.114-123 - 64 n. 181
5.122 - 56 n. 157
6.14-33 - 48 n. 128
6.28-30 - 48 n. 127
6.289 - 60 n. 170
6.417-423 - 80 n. 217
6.448 sq. - 46 n. 123
8.315 - 74 n. 205
10.190 - 93 n. 261
10.565-568 - 55 n. 151
Ciris
70-76 - 56 n. 154
88 - 28 n. 86
Eclogae (Ecl.)
6.62 - 90 n. 255, 93 n. 261
6.74-77 - 56 n. 154
Georgica (G.)
3.267-268 - 61 n. 173
Vitrúvio
8.3.4 - 16
8.3.12 - 16
8.3.14 - 16
8.3.17 - 16
Vóssio
3.395 - 28 n. 86
Walker - 11 n. 21
West - 12 n. 23
Westerman, G. - 27 n. 84
*Paradoxographoi: Scriptores rerum
mirabilium graeci. Insunt
(Aristotelis) Mirabiles auscultationes;
Antigoni, Apollonii, Phlegontis
Historiae mirabiles* - 27 n. 84, 28
Westermann, A. - 95
Mythographoi / Mythographi Graeci - 27,
28
Wilamowitz-Moellendorff - 23 n. 69
Winiarczyk - 11 n. 22, 17-18 n. 43
Wipprecht - 23 n. 69, 24 n. 77, 25 n. 81, 27
Woodbury - 8 n. 7
Xenofonte (X.)
Anabasis (An.)
1.2.8 - 8 n. 249
Institutio Cyri (Cyropaedia) (Cyr.)
4.3.19-20 - 98 n. 273
Memorabilia (Mem.)
4.2.33 - 48 n. 127
Xanto [top.] - 64
Xanto, Rio - 64
Xenófanes - 9, 11, 18-19 n. 48, 74 n. 205
B 11 DK - 8, 9 n. 9
DK B 23-24
frs. 8-10 Diels - 74 n. 205

fr.11 Diels - 9
frs. 14-16 Diels - 11
frs. 23-26 Diels - 11
Xylander, Guilielmus - 27 n. 84
Zagreu [mit.] *vd.* Diónisos - 71-72 n. 202,
74 n. 205
Zéfiro [mit.] - 87
Zenão - 17 n. 43
Zenótemis - 20 n. 56
Zetes [mit.] - 58
Zeto [mit.] - 29, 82
Zeus [mit.] - 11 n. 22, 13 n. 24, 22 n. 64,
29, 31 n. 95, 40 n. 113, 43-44 n. 118, 49
n. 135, 50 n. 137, 51, 51 n. 139, 54 n. 150,
55 n. 151, 58 n. 164, 74 n. 205, 86 n. 239,
92, 93 n. 261, 104-107, 111 n. 318, 112,
113 n. 326, 119
Zeus, filhas de [mit.] - 10 n. 16

Índice Temático

- acasalar / relacionamento sexual - 31 n. 93, n. 95, 33, 89 nn. 252, 254, 114
aço - 46
afogar - 93, 115
água - 16-17 n. 40, 19 n. 51, 51, 56, 74 n. 205, 106, 115
álamo - 108
alimentação / alimento / comida- 31, 42, 61 n. 174, 64, 66, 80, 83, 99
altar - 43 n. 118, 49 n. 135, 112
alucinação (-ões) - 118
anca(s) - 60, 92
andar - 18 n. 44, 57, 98
andorinha - 107
animal (-ais) - 11 n. 21, 13 n. 24, 14-15, 15 n. 30, 16-17, 17 n. 43, 33, 39, 49, 51 n. 139, 59, 62-64, 66, 71, 106-107, 118
animais de carga - 31
antílope - 33
apaixonar / paixão / tomar de amores / amor(es) - 10 n. 20, 20 n. 55, 33, 56 n. 154, 65 n. 182, 71 n. 200, 85, 85 n. 237, 87, 89-90, 97, 99, 102-103, 108-109, 114, 114 n. 328, 115
armada - 52
armado(s) - 35 n. 104, 35, 35 n. 104, 36, 53, 103
armas - 111, 119
árvore(s) - 25 n. 81, 50, 54, 71-72, 90, 103-104, 108
asas - 37, 37 n. 107, 48, 64, 100
assombro - 13, 19
astrónomo - 53
atar - 48
auto-infligir - 47
ave(s) - 57 n. 107, 59, 71, 104, 107-108
aveia - 42
banho - 84, 105
barbas - 70
beleza - 33, 40 n. 113, 54 n. 148, 59, 87-89, 118
bílis - 62
boca - 7 n. 2, 31
boi(s) - 31-33, 51, 92, 96, 102
boieiro - 88
bolsa de cabedal - 53
bosque(s) - 13 n. 24, 50, 64
botânica - 19
braços - 55
bronze / brônzeo - 44, 47 n. 125, 53, 74 n. 205, 75, 97-98
cabeça - 31-33, 37, 47 n. 125, 56, 56 n. 154, 60, 64, 68, 68 n. 192, 69, 78, 78 n. 215, 80, 80 n. 217, 90, 94, 97, 102, 107
cabelo - 70
cabelo cinzento - 84
cabelo dourado - 56 n. 154
cabelo preto - 84
cabelo ruivo - 84
cabelos brancos - 84
cabra(s) - 17 n. 43, 34, 64, 80, 86 n. 239, 101, 105
caça / arte venatória / caçada / caçar - 40, 40 n. 113, 49-50, 92
caçador - 40 n. 113, 41, 63
calor - 90, 104-105
cão / cachorro - 25 n. 81, 33, 37, 37 n. 107, 38, 39 n. 112, 40, 59, 71 n. 200, 80, 96, 106, 113
capacete - 68 n. 192, 96, 105, 105 n. 300
carne - 42, 74 n. 205, 107
carneiro - 66-67, 84 n. 232, 104
carroças - 31
carruagem - 65, 65 n. 183, 91, 93, 93 n.261, 106
carvalho - 111, 120
casar - 37, 40 n. 113, 43 n. 118, 54 n. 150, 59, 65 n. 182, 67-68, 86 n. 238
cauda - 37 n. 107
cavalo(s) - 21 n. 57, 23 n. 68, 29, 31-32, 38, 42, 42 n. 116, 51-52, 57, 59, 61, 61 n. 174, 64-65, 65 n. 182, 77, 93, 98, 117
cavalo alado - 64, 97
cavalo de madeira - 29, 52, 52 n. 141
caverna - 9 n. 8, 80, 113
cervo - 40
céu - 10 n. 19, 22 n. 64, 54 n. 150, 74 n. 205, 98, 100 n. 278, 117
cevada - 42
chifres - 60, 86 n. 238 *vd.* corno(s)
cidade - 9 n. 8, n. 12, 14 n. 28, 32-33, 39, 49, 52-53, 55, 58, 60, 64-65, 72, 77-78, 80-83, 91, 100 n. 278, 112-113, 120
ciência - 9, 17
cítara - 71-72
cobra / serpente - 25 n. 81, 35, 37 n. 107, 54 n. 147, 56, 62, 64, 78-79, 112 n. 323
cobre - 45
colheitas - 31, 114
corante - 84
corante vegetal - 84
corno(s) - 29, 33, 86, 86 n. 238, 112, 116

- corpo - 10 n. 19, 33, 37, 37 n. 107, 42 n. 116, 46-47, 47 n. 125, 48, 56, 60, 64, 68, 71 n. 202, 72 n. 202, 76, 78, 87, 90, 98, 101, 108, 115, 118, 121
- correntes - 111, 119
- corrida a pé - 100
- cosmético - 73, 73 n. 203
- costa - 54, 60
- credo judaico-cristão - 19, 71 n. 200, 89 n. 253
- criatura - 31, 31 n. 92-93, 37, 37 n. 107, 39 n. 112, 56, 56 n. 154, 58, 63-64, 74 n. 205, 98, 102-103
- dardo - 33
- delapidar - 58, 73 n. 205
- dentes - 35, 35 n. 102, 36, 103
- desmembramento - 71, 72 n. 202
- desperdiçar - 42, 59
- devorar - 39, 56 n. 156, 71 n. 202, 77, 99-100, 106
- dia - 13 n. 24, 32, 44 n. 118, 78, 100, 112, 116
- dinheiro - 31-32, 37-38, 58-59, 62, 66, 69, 77, 82, 86, 113, 121
- doenças - 72 n. 202, 94, 103
- dores - 33, 43 n. 118, 72 n. 202, 87 n. 245
- dormir - 33, 49, 107-108, 116-117
- dorso - 32, 51, 66
- dourado - 54, 56 n. 154, 66-67, 101, 104, 113
- dragão - 35 n. 102, 54, 54 n. 150, 101, 103
- éguas - 31 n. 93, 81, 96, 106
- ejacular - 92, 92 n. 259
- embarcação / barco / navio - 10 n. 16, 48, 54, 56, 56 n. 157, 57, 64-67, 69, 77, 89, 104, 108, 118
- engravidar - 33, 90, 99, 118
- enigma - 7, 7 n.2, 37-38, 71 n. 200
- entranhas - 62
- erva - 62-63
- escorpião - 92
- escravo / servo - 85, 103-104
- escultores - 57, 57 n. 159
- espada - 34, 47, 47 n. 125
- estátua(s) - 44, 47, 57, 57 n. 159, 66-68, 91 n. 257, 112, 114
- estrelas - 92, 98, 116-117
- etnografia - 17, 19, 24, 110
- exército - 39, 70, 77-78, 81, 116
- expedição - 54, 71 n. 200
- falso - 7, 24, 40, 53, 71
- febre - 105
- feras / bestas - 31, 64, 81, 100, 102-104, 107
- ferir - 46, 46 n. 122, 47, 97
- ferro - 47 n. 125, 75, 97-98
- festim - 32, 107
- festival - 91
- feto - 33
- ficção - 17-18, 89 n. 253
- filha - 33, 51, 51 n. 138, 55 n. 151, 56 n. 154, 59, 65, 65 n. 182, 66-67, 71 n. 200, 83, 86 n. 239, 92, 96, 100, 114, 117-118
- filhas - 10 n. 16, 29, 43 n. 118, 54, 58, 68, 72, 81, 96, 101, 108
- filho - 29, 33, 35, 40 n. 113, 47-48, 53 n. 143, 61-62, 66, 71 n. 200, 74 n. 205, 78, 81, 85, 87 n. 241, 92-93, 93 n. 261, 99, 104, 112, 115 n. 336, 116
- filhos - 31 n. 93, n. 95, 33, 35, 40 n. 113, 43, 43 n. 118, 44, 58, 58 n. 164, 60 n. 171, 66, 91
- filhotes - 107
- filosofia - 9, 18 n. 48, 19, 30, 71 n. 200
- flor(es) - 28 n. 86, 87
- floresta - 72
- focinho - 60
- fogo - 15 n. 30, 64, 74 n. 205, 78, 81, 84, 93, 96, 102, 106, 111, 118-120
- folhas - 76
- forte - 42 n. 116, 48, 56, 78, 105
- freixos - 29, 74
- fugir - 32, 48, 51, 83, 108, 117
- funcho - 72
- gado - 34, 60, 77, 80, 96, 109
- galhos - 72
- garganta - 31
- genitais - 33
- geografia - 16, 18 n. 46, 19, 19 n. 51
- glutões - 97
- gruta - 49, 100
- guardar / guardador - 53-54, 80, 103
- guerra / luta / batalha - 9 n. 12, 11 n. 23, 25 n. 81, 32, 35, 35 n. 104-105, 36-37, 46, 46 n. 122, 55, 65 n. 182, 70, 70 n. 198, 77 n. 213, 78, 86 n. 238, 113, 116
- hidrografia - 19, 110
- hiena - 33
- historiografia - 14, 18 n. 48, 19, 19 n. 51
- homem - 31-32, 32 n. 96, 33, 37, 37 n. 107, 38-41, 46 n. 122, 51, 53-54, 58-59, 65 n. 182, 66, 68-69, 71 n. 202, 74, 74 n. 205, 89, 92, 97-99, 101, 103, 105, 109, 112 n. 323, 117
- hoplitas - 53
- hospitaleiro - 92
- ilha(s) - 9 n. 13, 60 n. 171, 68-69, 97, 100, 100 n. 280
- imagem - 8 n. 7, 11 n. 22, 32, 56, 57 n. 159, 74 n. 205, 115

- inveja - 87
inventor - 14 n. 29, 57 n. 159, 100
invulnerável - 46, 46 n. 122, 47, 47 n. 125
irmã(s) - 37, 66, 69, 74, 81, 86 n. 239, 93 n. 261, 108, 119
irmão(s) - 33, 35, 55 n. 151, 60 n. 171, 102, 108
janela - 48
jantar - 58, 99
jardim - 54 n. 149, 103
jovem - 33, 43 n. 118, 46 n. 122, 49-51, 51 n. 139, 86-87, 90, 109, 114
ladrões - 113
lançar - 35 n. 104, 42 n. 116, 48, 64, 78, 87, 96, 102
lanças - 31
leão / leoa / leões - 37 n. 107, 49, 100
leopardo - 118
letra - 87
lira - 82
literatura periégica - 19, 19 n. 50, n. 51
lobo - 33
loucura - 61 n. 174, 72 n. 202, 75, 107
macaco - 33
maçãs - 54, 54 n. 150, 96, 101, 103
macieira - 54
madeira - 29, 33, 52, 72, 74
mãe - 22 n. 64, 43 n. 118, 66, 90-91, 102
mãos - 42, 57, 69, 90, 94
mar - 13 n. 24, 15, 29, 48 48 n. 130, 51, 60, 63, 66, 77, 83, 89, 95-96, 100, 104, 117-118
marinheiros - 97
mármore - 44
matar - 17 n. 43, 31, 33-38, 40, 42 n. 116, 43 n. 118, 46 n. 122, 49, 54, 54 n. 150, 60, 64, 66, 69, 74 n. 205, 80-81, 84, 87, 92, 102-103, 108, 117-118
matilha - 40
medicina - 15
médico(s) - 62, 76, 84, 94
medo(s) - 20 n. 54, 115-116
mel - 62, 86 n. 239
mesa - 58
metal (-is) - 45, 54
metamorfose / transformação - 16, 19 n. 51, 24, 32 n. 96, 34, 40, 40 n. 113, 43-44 n. 118, 46 n. 122, 49, 49 n. 132, n. 133, n. 135, 50, 50 n. 137, 51 n. 139, 56 n. 154, 69, 86 n. 238, 89, 89 n. 253, 93 n. 261, 100-102, 107-108, 119
meteorologia - 17, 19
mirabilia / adynata - 13, 14 n. 27, 16, 16 n. 40, 18, 19 n. 51
mistérios - 72 n. 202
mito - 3, 6-7, 7 nn. 2, 3, 8 nn. 5, 6, 7, 9, 9 nn. 8, 10, 12, 14, 15, 16, 10 nn. 16, 17, 19, 20, 11, 11 nn. 21, 23, 12 n. 23, 13, 15, 17-18, 18-19 n. 48, 19 n. 51, 21 n. 57, n. 61, 23, 23 nn. 71, 72, 73, 24-25, 25 n. 83, 28 n. 86, 31 n. 93, 32-34, 34 n. 101, 35 n. 102, 36, 38-40, 42, 43 n. 118, 48 n. 128, 51-52, 54, 56, 59, 62-65, 71, 71 n. 200, n. 202, 72, 72 n. 202, 76-77, 79-81, 81 n. 225, 83-84, 86, 89 n. 252, 94, 94 n. 263, 95, 98-99, 102, 106 n. 301, 115, 117, 122
monstro - 10 n. 19, 29, 37, 77
montanha / monte - 13 n. 24, 31-34, 37, 40, 43 n. 118, 45 n. 119, 46, 55, 63-64, 71-72, 86 n. 239, 98, 100, 105, 107, 114
morrer - 46-48, 58, 62-63, 66-68, 72 n. 202, 74, 81, 84, 87, 104-105, 116
moscardo - 83
mulher(es) - 17 nn. 40, 42, 18 n. 44, 28 n. 86, 31, 31 n. 93, 32-33, 37, 37 n. 107, 43, 46 n. 122, 54, 56, 66, 66 n. 186, 69, 70, 71 n. 200, 72-73, 83, 89 n. 251, 97, 101, 103, 105, 109, 118-119
mulheres aladas - 99
mulheres cegas - 101
mulher grega rica - 73
mulheres guerreiras - 70
mulheres trácias - 70
mulher velha - 89
muralha(s) - 10 n. 16, 21 n. 61, 52-53, 82, 111-113, 113 n. 326
natureza - 15, 16 n. 40, 19, 19 n. 51, 25 n. 82, 30-31, 64, 94 n. 263, 99, 112, 115
noite - 13 n. 24, 32, 38, 44 n. 118, 65 n. 182, 78, 81, 113, 116
novelística - 19
oboé - 88
odor - 105
olhar - 7 n. 3, 30 n. 91, 63, 68
olho(s) - 7 n. 2, 20 n. 54, 35 n. 105, 54, 68, 68 n. 197, 69, 94, 101, 107-108, 119
ombros - 98
ondas - 13 n. 24, 28 n. 86, 48
orfismo - 10 n. 19, 20 n. 54, 71 n. 200, n. 202
orologia - 19
ossos - 60
ouro - 35 n. 102, 54, 65 n. 182, 66, 68-69, 96, 98, 103, 111, 113 *vd.* dourado
ovelha(s) - 34, 54, 54 n. 146, n. 148, 59, 71
pai - 40 n. 113, 43 n. 118, 48, 56 n. 154, 59, 65 n. 182, 66, 68, 81, 83, 84 n. 232, 93, 93 n. 261, 104, 117
paradoxografia / paradoxógrafo(s) - 3, 6, 13-14, 14 nn. 26, 29, 15, 16 n. 40, 17, 17

- n. 42, 18 n. 44, 19, 19 nn. 49, 21 n. 58, 51, 22, 25 n. 83, 27 n. 84, 37 n. 110, 89 n. 253, 94
- pássaro(s) *vd.* ave - 37, 101
- pasto - 33, 106
- pastor(es) - 9 n. 16, 33, 40 n. 113, 54, 54 n. 148, 64, 108
- pedra(s) / rocha - 17, 35 n. 104, 43, 43-44 n. 118, 44, 47, 68-69, 82, 97, 104, 106, 116
- peixe(s) - 17 n. 40, 63, 77
- Período Alexandrino - 15 n. 33
- Período Arcaico - 57 n. 159
- Período Helenístico - 14-15, 19 n. 48, 89 n. 253
- Período Imperial - 14, 16, 22
- pés - 57, 84, 100
- pescador(es) - 63
- pescar - 63
- pétalas da flor - 87
- pilhar - 32, 39, 78, 113
- pitagorismo - 71 n. 200, 89 n. 253
- planta(s) - 15 n. 30, 17, 90
- platonismo - 89 n. 253
- pobre - 59, 97
- poção - 102
- poeta(s) - 8, 8 n. 5-7, 9, 9 n. 9, 10 n. 16-17, 11 n. 25, 21 n. 57, 30, 34, 40, 71 n. 200, 109
- pomares - 31
- poupa - 107
- prata - 45, 98
- preto - 84
- primo - 81
- princesa - 66, 83
- príncipes - 52
- prisão - 34, 48
- proa - 56
- profeta - 100
- prostituta / meretriz - 41, 56 n. 156, 58 n. 163, 97, 99, 101-102
- quadrúpedes - 33, 71
- queimar - 32
- rainha - 99
- raio - 104-105, 118-119
- raios de sol - 119
- rapariga(s) - 43 n. 118, 51, 56 n. 154, 59, 77
- rapaz - 33-34, 43 n. 118, 98
- raposa - 39, 106
- raptar - 32, 65, 65 n. 182, 105
- razão - 7, 9, 13, 17, 24, 30 n. 91, 37, 54, 82, 91, 100, 100 n. 280, 104, 107, 117-118
- rédeas - 93
- reflexo - 88, 114, 115
- rei / monarca - 11 n. 21, n. 23, 17 n. 43, 21 n. 61, 25 n. 81, 35, 39, 51, 58, 60 n. 171, 64, 66-68, 77, 77 n. 213, 78, 83, 85, 87 n. 241, 105, 107, 113
- reino - 13 n. 24, 35, 37, 66, 69
- rejuvenescer - 84, 84 n. 232
- riacho - 105
- rio - 25 n. 81, 63-64, 67, 68, 86 n. 238, 88, 90, 93, 108, 114
- riqueza - 32, 60, 66, 101
- rouxinol - 107
- sacerdotisa - 28 n. 86, 91, 117
- saquear - 52, 98
- sementes - 35
- sepultar - 43 n. 118, 48, 62
- serpente - 35, 37 n. 107, 54 n. 147, 64, 78-79, 112 n. 323
- sete maravilhas - 111-112
- sobrinho - 78, 86
- solecismo - 111, 120
- solo / terra - 10 n. 19, 13 n. 24, 22 n. 64, 28 n. 86, 35, 35 n. 102, nn. 104, 105, 39, 42, 45-46, 46 n. 122, 48, 64, 73, 74 n. 205, 77, 92-93, 108-109, 113
- talos de funcho - 72
- taxa - 77
- templo(s) - 19 n. 51, 21 n. 61, 35, 40 n. 113, 68, 91, 112-113
- testa - 68
- torre - 78
- touro - 33, 48 n. 127, 51, 51 n. 139, 86 n. 238, 99, 102
- tricéfalo - 80
- trípode - 90
- trirreme - 56, 69
- túmulo - 43, 43 n. 118, 44, 62, 72 n. 202
- túnicas - 70
- umbigo - 56
- urso - 50
- vaca(s) - 59-60, 80, 83, 91, 109, 114
- vaca de madeira - 33
- vacas brancas - 91
- vagina - 33
- vapor - 84, 88
- vaso - 107
- veado - 33, 40
- velho(s) - 66, 84, 89
- velo - 66
- velo de ouro - 35 n. 102, 66, 111, 113
- vento - 48, 53, 56, 58, 87
- vento sul - 48
- verdade(s) / realidade(s) - 7 n. 3, 8, 8 nn. 6, 7, 9-10 n. 16, 10 nn. 19, 20, 16 n. 36, 17-18, 20 n. 54, 23 n. 72, 24, 25 n. 83, 30-31, 33, 35, 40, 42, 44-47, 49, 51-52, 54-58, 63-65, 65 n. 182, 66, 72 n. 202, 74, 78 n.

216, 82-83, 86, 94, 98-99, 101-104, 115,
117, 119
vermelho - 15, 84
vida(s) - 16, 34, 40, 42, 43 n. 118, 46, 58 n.
164, 61-63, 65 n. 182, 71 n. 200, 72 n.
202, 81, 89, 89 n. 253, 97, 107, 115
vinho - 118-119
vítimas sacrificadas - 112
vizinhos - 58
voar - 48
voz - 28 n. 86, 37, 49, 101
zoologia - 19, 110

Reina Marisol Troca Pereira
Universidade da Beira Interior